

Xico Nóbrega

REINO DO BAIÃO





Universidade Estadual da Paraíba

Prof^a. Célia Regina Diniz | *Reitora*

Prof^a. Ivonildes da Silva Fonseca | *Vice-Reitora*



Latus é um selo da Universidade Estadual da Paraíba

Cidoval Morais de Sousa | *Diretor*

Antonio de Brito Freire | *Editor Técnico*

Conselho Editorial

Alessandra Ximenes da Silva (UEPB)

Alberto Soares de Melo (UEPB)

Antonio Roberto Faustino da Costa (UEPB)

José Etham de Lucena Barbosa (UEPB)

José Luciano Albino Barbosa (UEPB)

Melânia Nóbrega Pereira de Farias (UEPB)

Patrícia Cristina de Aragão (UEPB)



Editora indexada no SciELO desde 2012



Editora filiada a ABEU

EDITORA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

Rua Baraúnas, 351 - Bairro Universitário - Campina Grande-PB - CEP 58429-500

Fone: (83) 3315-3381 - <http://eduepb.uepb.edu.br> - email: eduepb@uepb.edu.br

Xico Nóbrega

Reino do Baião



Campina Grande-PB
2023

Expediente EDUEPB***Design Gráfico e Editoração***

Erick Ferreira Cabral
Jefferson Ricardo Lima A. Nunes
Leonardo Ramos Araujo

Revisão Linguística e Normalização

Antonio de Brito Freire
Elizete Amaral de Medeiros

Assessoria Técnica

Carlos Alberto de Araujo Nacre
Thaise Cabral Arruda
Walter Vasconcelos

Divulgação

Danielle Correia Gomes

Comunicação

Efigênio Moura

N754r Nóbrega, Xico.
Reino do baião / Xico Nóbrega. – Campina Grande :
EDUEPB, 2022.
407 p. : il. ; 15 x 21 cm ; 6,0 MB.

ISBN: 978-85-7879-712-6 (Impresso)

ISBN: 978-85-7879-713-3 (E-book)

1. Biografia – Luiz Gonzaga. 2. Rei do baião. 3. Cultura
nordestina. I. Título.

21. ed. CDD 920

Ficha catalográfica elaborada por Ana Patrícia Silva Moura – CRB-15/945

Copyright © EDUEPB

A reprodução não-autorizada desta publicação, por qualquer meio, seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.

Aos meus fães primordiais do Rei do Baião:

Meu Pai, Francisco Almeida Nóbrega

(Xiquito de Maneco do Canto Fino)

Minha Mãe, Rita Vieira (Régis) da Nóbrega.

AGRADECIMENTOS

Às memórias de tio Adrião Honório de Azevedo, tia Lucília Nóbrega de Azevedo e à prima Vitória Maria que me acolheram com tanto amor quando desembarquei na encantadora Campina Grande, Paraíba, em 1979.

Ao extinto Museu Fonográfico Luiz Gonzaga de Campina Grande, fundado por José Nobre de Medeiros, pela generosa disponibilidade dos acervos, local de encontros entre pesquisadores, colecionadores e admiradores do astro.

Ao decano pesquisador e colecionador recifense, José Batista Alves, autoridade brasileira em discografia do frevo e na gonzagueana, pela inspiração e a amizade perene e os longos e prazerosos telefonemas dialogando sobre o assunto que mais nos interessa.

À extinta Empresa Estadual de Pesquisa Agropecuária da Paraíba, EMEPA, da qual sou técnico agrícola, através dos seus diretores, de todos os tempos, por terem me cedido (1989-2014) para exercer a minha verdadeira vocação no jornal estatal A União, na sucursal de Campina Grande.

À UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA onde me habilitei em Jornalismo, matriz perene de saber e ética.

Ao diretor da Editora da Universidade Estadual da Paraíba-EDUEPB, prof. dr. Cidoval Morais de Sousa por acreditar no projeto do presente livro.

Ao revisor, normalizador e prefaciador, prof. dr. Antônio

de Brito Freire pela competência e paciência ao suprimir e organizar conteúdos ora dispensáveis, ora indispensáveis, e, sobretudo, pelo seu minucioso cuidado com o texto final.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS,	6
PREFÁCIO 1,	11
DO SÍTIO CANTO FINO AO REINO DO BAIÃO,	11
PREFÁCIO 2,	20
UMA FESTA PARA GONZAGA!,	20
INTRODUÇÃO,	22
LUIZ GONZAGA VIDA E OBRA (1912-1989),	29
70 ANOS DE SANFONA E SIMPATIA, SIM SINHÔ!,	48
O SOLISTA DE SANFONA,	58
HUMBERTO TEIXEIRA, O COMPOSITOR FUNDAMENTAL,	66
ZÉDANTAS, O COMPOSITOR GENIAL,	94
CANTANDO FAMILIARES,	106
ANOS DE OURO DO BAIÃO,	118
ASA BRANCA, O CLÁSSICO ,	123
PARAÍBA, UM JINGLE POLÍTICO,	133
COAUTORIAS NÃO GRAVADAS,	144
OLHA PRO CÉU: REPERTÓRIO JUNINO,	154
DOMINGUINHOS, O SEGUIDOR MAIOR,	164
MARINÊS, A LUIZ GONZAGA DE SAIA,	183
ZÉ MARCOLINO NUMA SALA DE REBOCO,	202
PATATIVA E GONZAGA: EMBATES,	215
ZÉ CLEMENTINO E A SÁTIRA À JOVEM GUARDA,	222
LUIZ E JACKSON: ANDROGINIA E TRANSEXUALIDADE,	236

PERNAMBUCO MINHA VIDA, NOVO-EXU MINHA
RAZÃO, 245
CANTANDO O CEARÁ , 276
PARAÍBA, UM ABRAÇO PRA TI PEQUENINA, 302
PIAUI, TERRA ONDE O SOL BRILHA MAIS, 316
ALAGOAS, TODA GENTE DEIXA O CORAÇÃO EM
MACEIÓ, 325
RIO GRANDE DO NORTE: DO PRIMEIRO
BIÓGRAFO A CASCUDO, 335
SERGIPE, MINHA VIDA TÁ TODINHA EM
PROPRÍA, 346
LER E CONHECER LUIZ GONZAGA , 355
REFERÊNCIAS, 384

PREFÁCIO 1

DO SÍTIO CANTO FINO AO REINO DO BAIÃO

Antônio de Brito Freire

FALAR DO AUTOR DO LIVRO, REINO DO BAIÃO, DO JORNALISTA Xico Nóbrega, (Francisco Antônio Vieira da Nóbrega) nascido em 1959, no sítio Canto Fino, Município do Assu-RN, parece uma tarefa acadêmica simples devido sua simplicidade na forma de abordar Luiz Gonzaga em seus ditos e feitos artísticos memoráveis. A sua grandeza de sertanejo que chegou até Campina Grande, Paraíba, está na força de vontade do jovem de 20 anos que migrou para esta cidade após passar sete anos (1971-1978) estudando em internatos no Rio Grande do Norte. Esteve como interno no *Ginásio Agrícola de Currais Novos* e no *Colégio Agrícola de Junduai*, em Macaíba, nos quais formou-se técnico de nível médio.

Distinto do narrador do maracatu, *Pau de arara* (1952), na voz de Gonzagão, que chegou ao Sul com a cara e a coragem, o norte-rio-grandense desembarcou na pujante cidade paraibana como técnico agrícola para estagiar no *Centro Nacional de Pesquisa de Algodão da EMBRAPA*. Depois ingressou no serviço público na extinta *Empresa Estadual de Pesquisa Agropecuária*.

Finalmente ancorou em sua grande paixão, o Jornalismo

Cultural, após formar-se em Comunicação Social pela *Universidade Estadual da Paraíba, UEPB*. Em seguida, Xico Nóbrega transferiu-se para o jornal estatal paraibano, *A União*, à disposição da sucursal de Campina Grande onde iniciou a sua trajetória de repórter e pesquisador da vida e da obra do Rei do Baião que resultou no presente livro.

O jornalista reconhece a importância de Campina Grande, a Rainha da Borborema, ao adotá-lo, já que como ele mesmo diz: “Ela me deu tudo na vida”. Acredito que foi esta civilidade, esta vivência cultural, este senso de regionalidade e até de universalidade que o faz concluir que Campina foi o campo que definiu sua principal influência no seu crescimento no Jornalismo Cultural que o transformou num pesquisador de ponta do cantador da *Asa branca*.

De fato, Campina Grande viveu um surto de progresso inimaginável, a partir de 1907, com a inauguração da Estação da *Great Western* que acabou por ligá-la aos portos do litoral. Por estar situada a meio caminho desses portos exportadores, passou a atrair os tropeiros com as suas tropas de burros carregadas com algodão, o *ouro branco*, e, com peles de animais curtidas. Os tropeiros e boiadeiros retornavam para os seus rincões levando para seus lugares peças do artesanato local, tais como, faca de ponta, sela, arreio, além dos produtos históricos do Brejo Paraibano, a exemplo de rapadura, açúcar preto, aguardente e farinha. Esses produtos fortaleciam o comércio da Feira Central campinense, desenvolvendo a economia da cidade no século XX.

Por isso, o ilustre compositor baiano, Gilberto Gil, ao brincar em uma entrevista, indicava a universalidade “nova-iorquina” de Campina Grande. Esses aspectos do comércio e da indústria regional fizeram com que o avô de Gil viesse fazer negócios por aqui. Campina Grande foi também berço

da iniciação artística de grandes nomes da Música Popular Brasileira, a exemplo de Jackson do Pandeiro, Marinês, Genival Lacerda, José Calixto, Elba Ramalho, João Gonçalves, dentre outros.

Em 1979, quando Xico Nóbrega chegou para viver em Campina Grande, a pujança do *ouro branco* era coisa do passado, porém imortalizada na toada, *Tropeiros da Borborema*, de Rosil Cavalvanti e Raymundo Asfora, cantada na voz do Rei do Baião. A cidade hoje se desenvolve como polo universitário com algumas instituições públicas importantes: Universidade Federal de Campina Grande, UFCG, antiga UFPB e a Universidade Estadual da Paraíba, UEPB, antiga FURNE entre outras faculdades particulares que atraem estudantes de todas as partes do Brasil e do mundo.

Foi nesse ambiente acadêmico campinense de efervescência política em confronto com a ditadura militar (1964-1985), agonizante, que Xico Nóbrega abriu os olhos para o mundo político. Esteve presente na periferia dos movimentos constituídos para a redemocratização do Brasil que resultou no “Diretas Já”, acirrando a ascensão da classe trabalhadora a partir da emergência de partidos comprometidos com as questões sociais, a exemplo do Partido dos Trabalhadores, Partido Comunista do Brasil e do Partido Verde, junto ao qual, o referido jornalista e ativista cultural desenvolveu discreta militância política.

O estudante de jornalismo da UEPB, Xico Nóbrega, viveu de perto as transformações sociais propostas pelas citadas agremiações partidárias, porém, se resguardou, dentro de sua ética jornalística e optou por não levantar bandeira de partido algum, embora, sempre tenha mantido inúmeros diálogos, em seu convívio público, com petistas, ecologistas, comunistas e estudantes universitários no período rico da

vida cultural de Campina Grande.

Por aqui, havia, o Festival de Inverno, o qual, reunia naquele tempo, rica programação com teatro, música, poesia, mostras de cinema, exposições de artes Plásticas, embora este festival ainda persista, mas com uma dimensão cultural bem menor. Havia também os congressos de Crítica Literária que fizeram história reunindo as maiores autoridades do meio literário nacional e internacional.

Os bares culturais da Rainha da Borborema: Buracão, o qual Elba Ramalho frequentou, Refavela, Clube de Estudantes Universitários (CEU), o Visual, entre outros, movimentavam as noites campinenses. Esses eventos eram propícios para a propagação da arte em sua magnitude, com saraus, apresentações teatrais e exposições diversas. Esse ambiente cultural era ideal para o desenvolvimento cultural do jovem norte-rio-grandense que estava pleno de vontade de conhecer pessoas e aprender coisas novas.

Desde o final da década de 1980, Xico Nóbrega passou a atuar na sucursal do jornal *A União*, Campina Grande, escrevendo sobre Luiz Gonzaga e dando entrevistas em emissoras de rádio e de televisão em âmbito local, estadual e até regional sobre o sanfoneiro de Exu-PE. Xico destacou-se como jornalista a partir das reportagens e falas que revelaram não apenas a sua competência, mas, sobretudo, a sua paixão pelo tema, o qual, com labor incansável, domina como poucos.

Destarte, parece-nos que o objetivo maior do jornalista-escritor é deixar um legado no cerne daquilo que ele mesmo denomina como uma verdadeira ciência da gonzagueologia. Um legado que seja capaz de discernir o fenômeno artístico em sentido pleno, histórico, estético, social, sentimental, telúrico e lúdico. Com esse ideal, a desenvoltura

de sua pesquisa excede toda a possibilidade de se ter uma leitura simples até porque é preciso ter fôlego para acompanhar todos os labirintos gonzagueanos que o pesquisador nos apresenta.

Xico Nóbrega nos convida a conhecer e descobrir nuances inimagináveis da grande obra poética, melódica e rítmica do Rei do Baião, a qual está aberta a tantos campos do saber, inclusive, para a Literatura, o que o caracteriza como um artista intercultural. Se nos determos nesse debate literário e evidenciarmos a grande obra de Luiz Gonzaga com seus parceiros, teremos que dialogar com o campo teórico da Literatura Comparada, o que de certa forma, aproximaria o cantor brasileiro de grandes vultos da Literatura universal, tendo em vista que a sua obra cantada apresenta nítidas características de cantigas trovadorescas medievais de escárnio, mal dizer, de amigo e de amor.

Nesse contexto do veio das cantigas de amor, orientei um trabalho acadêmico no Curso de Especialização em *Língua, Linguística e Literatura* das Faculdades Integradas de Patos-FIP. O título do trabalho acadêmico é *Trovadorismo em foco: a cantiga de amor em Gonzagão* da pesquisadora Yanna Medeiros. A pesquisa remonta e estuda exatamente essas características das cantigas de amor, o que atribui ao Rei do Baião essa aproximação e comparação com os trovadores medievais.

Por este caminho da literatura medieva podemos apontar um gancho interessante nas composições de Gonzaga e seus parceiros com as referidas cantigas trovadorescas. Podemos vislumbrar este debate dentro dos meandros da Literatura da comparação a partir do livro *O Rei e o Baião* organizado por Bené Fonteles (2010). Neste livro detectamos esta aproximação da criação de Gonzaga e seus parceiros com

a Literatura erudita escrita versus Literatura cantada conforme os menestréis medievais.

Neste sentido, encarando o viés literário da musicografia do Rei do Baião, nos perguntamos para que serve a sua literatura cantada, senão para travestir-se de uma musicalidade cuja finalidade é decantar e encantar a nação brasileira, sobretudo, a civilização nordestina ou os habitantes dos mais recôntidos lugares do Brasil?

Não foi por acaso que o renomado antropólogo, político e escritor brasileiro, o memorável antropólogo, Darcy Ribeiro reconheceu em Luiz Gonzaga, o Homero do Brasil, o que, de certa forma, estabelece uma aproximação cultural entre o poeta grego e o renomado poeta-cantador-sertanejo. As poesias de ambos foram cantadas. As de Homero pelos homéridas e a obra musical do intérprete da *Asa branca* pelos conterrâneos sertanejos contemplados como personagens com suas alegrias ou tristezas.

Xico Nóbrega travestiu-se ora de um crítico literário, que não de Letras, mas, indiscutivelmente das letras, porque sua verve de jornalista cultural juntamente com sua veia poética se entrelaçam numa perspectiva Semiótica uma vez que pesquisador e pesquisado parecem unos sendo extremamente diversos. O seu conhecimento empírico transborda para o conhecimento científico e revela a dedicação de um estudioso que deseja mostrar o resultado de sua labuta ou os dados de sua pesquisa de uma vida inteira.

Arte e ciência, muitas vezes, encenam atos fantásticos, atos compostos de amor e paixão, de dor e alegria que acabam se transformando em música, em poesia, em cantoria. Talvez, tenha sido o encontro destas tantas vias gonzaqueanas que encantaram o jornalista Xico Nóbrega como pesquisador e que o levava a dedicar “toda” a sua vida ao

deixar transbordar a sua paixão e o seu saber no imprescindível livro REINO DO BAIÃO.

O pertinente estudioso Xico Nóbrega, embevecido da sanfona, da voz e da poética do cantador de Exu, apresenta em seu livro as duas fases fundamentais da sua carreira: primeiro como solista de sanfona, depois como cantador. Os gêneros que gravou, na aliança cultural, com os compositores que são fundamentais nas diversas fases da sua discografia, o caracteriza como um fenômeno cultural.

A formatação da pesquisa do jornalista e ativista cultural, Xico Nóbrega, acabou por montar um arquivo com várias passagens sobre o pensar gonzagueano, o qual nos faz viajar pelo universo brasileiro e nos propõe uma viagem por terras que integram a visão poético-geográfica do ilustre pernambucano.

A presente pesquisa, nota-se, demanda uma vida inteira. E esta vida inteira cruzou as fronteiras com um diálogo acima de tudo intercultural. Xico Nóbrega imbricou-se nessa literatura cantada a ponto de arrebatado todo o seu tempo de pesquisador que não mediu esforços nem passos de ir nos mais longínquos campos, em cada cantinho de personagens ou personalidades, os quais se tornaram integrantes do corpus de sua pesquisa, diga-se, uma coletânea de livros e artigos montados e remontados como que num quebra-cabeças pelo próprio autor.

O livro que ora encena seus primeiros passos nas mãos dos leitores paraibanos, nordestinos e quiça nacionais é fruto da longa pesquisa do jornalista que fez várias viagens aos mais recôntidos lugares para buscar os minimalismos gonzagueanos com a finalidade de confrontar ou acrescentar ao buscar dados corretos ou incorretos sobre a música e a vida de Gonzaga. Por isso, em sua empreitada jornalística,

teve até que corrigir, em críticas pertinentes, a biografia mais conceituada do astro: *Vida do Viajante: A Saga de Luiz Gonzaga* de Dominique Dreyfus (1996), a qual versa contraditoriamente a respeito da origem do baião *Paraíba*.

Nota-se, que o deslumbramento do jornalista potiguar pelo seu objeto de pesquisa, embeleza ainda mais, com várias curiosidades, a obra do Rei do Baião. Essa admiração perpassa, acima de tudo, o âmbito fonológico, lógico, o qual foi sua porta de entrada no mundo da música brasileira. Xico considera que esta porta de entrada revela a arte em sua magnitude na poética de Gonzaga que além de tocar um instrumento, raro e típico de determinada região, elevou a admiração de seu público às composições aferidas com tantos parceiros. Quando encontramos em Luiz Gonzaga o perfil de um personagem típico de uma determinada região, é para lembrar que em suas canções, vários estilos dançam e tocam com harmonia num salão chamado Brasil. Neste sentido, vislumbramos a obra de Luiz Gonzaga como de uma determinação e originalidade artística sem precedentes a partir deste olhar aguçado do jornalista Xico Nóbrega.

Assim, com o livro, REINO DO BAIÃO, Xico Nóbrega nos deixa fartos ao promover um banquete de conhecimentos sobre os baiões, as toadas, os xotes, as polcas e as mazurcas de Gonzagão com seus imortais parceiros.

Este livro, a princípio, é oriundo da admiração musical do autor e perpassa a via literária para ancorar, com paixão, na via pessoal do Rei do Baião e somente a partir daí interpretar e analisar poemas e canções com significantes pertinentes frente aos significados que a criação gonzagueana nos fornece para a vida inteira.

Portanto, Xico Nóbrega, além de admirável e apaixonante pesquisador da obra de Gonzagão, é um marco paraibano na

admiração e análise da bela expressão artística que foi, que é e que continuará sendo o nosso Rei do Baião, Luiz Gonzaga do Nascimento, o nosso “Lua” que continua brilhando e iluminando a Música Popular Brasileira.

PREFÁCIO 2

UMA FESTA PARA GONZAGA!

Thélio Queiroz Farias¹

LI ENCANTADO COM O TEXTO E SURPREENDIDO COM A PROFUNDA pesquisa, o livro REINO DO BAIÃO, do jornalista Xico Nóbrega. Xico dedicou parte de sua vida a seguir os rastros do Rei do Baião, o pernambucano Luiz Gonzaga do Nascimento (1912-1989), e nos presenteia com um livro magnífico, explorando nuances inéditas da vida e da obra do maior artista nordestino de todos os tempos.

O livro começa com a iniciação de Gonzaga, como tocador de fole de 8 baixos desde os 8 anos de idade, acompanhando o pai Januário pelos “sambas” do sertão de Pernambuco, sob o olhar crítico da mãe, Dona Santana. A partir daí, são mostradas as relações das músicas que fez, com vários parceiros, evocativas de sua infância e da região em que nasceu, talvez confirmando o verso da poetisa norte-americana Louise Glück, prêmio Nobel de Literatura 2020:

*Nós olhamos para o mundo uma vez,
quando crianças.
O resto é memória.*

¹ Advogado, escritor, bibliófilo e presidente da Academia de Letras de Campina Grande-PB

Xico Nóbrega mergulha na história da existência de Gonzaga, demonstrando que, da vida nasceu a inspiração para a música. O autor vai mais além, apresenta peculiaridades biográficas inéditas ou pouco divulgadas, como a carreira militar do “Soldado Nascimento”, reprovado num teste de acordeon de 80 baixos, e de compositor de músicas instrumentais.

No entanto, o livro não é só biografia, na acepção etimológica do termo, originário do grego antigo: *βιογραφία*, de *βίος* - *bíos*, “vida” e *γράφειν* - *gráphein*, “escrever”. Ou seja, a obra de Nóbrega, não é apenas o estudo da vida de Gonzaga. A pesquisa se aprofunda na carreira e, o que é um aspecto único da obra de Xico, joga luzes nas parcerias com mais de 240 compositores, desde nomes consagrados como o cearense Humberto Teixeira e o pernambucano Zé Dantas, até nomes pouco conhecidos como Luiz Guimarães, Severino Ramos, passando por José Marcolino, Rosil Cavalcanti, José Clementino, Antonio Barros, Cecéu, Onildo Almeida. Também estão no livro, os parceiros como Dominginhos, seu herdeiro musical, Marinês, Elba Ramalho, Fagner, Alcymar Monteiro, dentre outros.

Se Gonzaga conquistou o Nordeste e, por consequência, o Brasil, já que *“o Nordeste é germinal: no Nordeste começou, realmente, uma civilização brasileira. O Nordeste é raiz, o Nordeste é gérmen”*, como diria Gilberto Freyre, Xico Nóbrega presta inegável serviço à história nordestina, colocando seu nome num local de honra de bibliografia gonzagueana, ao lado de estudiosos como Dominique Dreyfus, Gildson de Oliveira e Sinval Sá. Da mesma forma que Câmara Cascudo se referiu a Gonzaga, posso dizer que este livro não pode ser comparado a nenhum outro: Uma obra única!

INTRODUÇÃO

NO ANO DE 2012, DO CENTENÁRIO DE NASCIMENTO DE LUIZ Gonzaga, consagrou-se o fenômeno artístico do Rei do Baião, tal a imensa repercussão da magna data na mídia, no meio estudantil, na produção bibliográfica, especialmente de Literatura de Cordel, e no âmbito artístico-cultural, nacional e internacional.

O desfile da Escola de Samba Unidos da Tijuca do Rio de Janeiro, daquele ano, apresentou o enredo *O dia em que toda a realeza desembarcou na avenida para coroar o Rei do Sertão*, do carnavalesco Paulo Barros, inspirado na vida e na obra do imortal cantador da *Asa branca* e no complexo cultural que o envolve. O grande desfile na Marquês de Sapucaí carioca foi assistido por milhões de telespectadores no mundo inteiro.

Já o filme *Gonzaga de Pai pra Filho*, também de 2012, com direção de Breno Silveira, entrou para a história do cinema nacional na lista dos mais premiados e de maior público de todos os tempos.

Desde a década de 1930, com o advento do rádio e da indústria multinacional do entretenimento, além de outras motivações históricas, políticas e socioculturais no Brasil, a exemplo da decretação do Estado Novo (1937-1945) pelo presidente Getúlio Vargas, Luiz Gonzaga ascendeu na Música Popular, nos legando uma grande obra literária cantada, poética, melódica e rítmica, de caráter etnográfico,

antropológico, sociológico e folclórico, sobretudo, tratando da Região Nordeste, o berço da Civilização Brasileira.

Valsas, choros, xamegos, instrumentais; e os baiões, toadas, xotes foram cantados e consagrados na boca do povo. Isto há em várias gerações, especialmente na alma e no sentimento do nordestino-sertanejo, quer vivendo na terra natal, quer como imigrante por todo Brasil, no fluxo migratório secular para o Norte, Sudeste e Centro-Oeste: Amazônia, Rio de Janeiro, São Paulo e Brasília.

Estamos assistindo, nos primeiros decênios deste século XXI, o renascer de um novo fenômeno gonzagueano manifestado nas novas gerações de seguidores, artistas nacionais e estrangeiros, sobretudo, cantores e sanfoneiros nordestinos. Quanto ao seu crescente prestígio mundial, o Rei do Baião já o prenuncia no seu ciclo de obras de autoexaltação. Citemos apenas o baião *Três e trezentos* com Miguel Lima, de elogio do solista de sanfona espetacular e da primazia universal do seu gênero mais famoso:

Quem é que puxa nos baixos
Quanto mais puxa mais dá
Quem é que dá um gritinho
Quando começa a cantar
Oi!
Quem foi que fez o baião
Pro mundo inteiro dançar
(VICTOR, 1958).

A vida e a vasta obra fonográfica do Rei do Baião, já motivaram dezenas de livros publicados sobre a sua presença monumental na MPB. Ele é uma personalidade artística nacional, por excelência, nos estudos acadêmicos, inclusive

fora do Brasil, como tema de trabalhos de conclusão de curso, TCCs, monografias, dissertações e teses.

Além do seu incomparável mérito artístico, há a permanência afetiva, telúrica e sentimental do imortal sanfoneiro e cantador na memória de tantos brasileiros, cujos filhos, sobrinhos, netos, bisnetos, especialmente nordestinos, não raro, recordam emocionados algum baião ou toada ou xote gonzagueano o remetendo à lembrança do ente querido, vivo ou morto. Já ouvi muitas vezes expressões enternecidas dos tipos: *Mamãe adorava esse baião! Esse xote é a cara de papai! Ah! essa toada é mesmo que ver o meu avô!*

O livro REINO DO BAIÃO é fruto do meu exercício no jornalismo cultural em *A União* (um dos veículos impressos mais antigos do Brasil, desde 1893), na sua sucursal de Campina Grande, na Paraíba, no período de 1989 a 2014. Assim que iniciei na reportagem cultural, realizei a matéria jornalística mais importante da minha vida: A cobertura do sepultamento de Luiz Gonzaga, na cidade do Exu, em Pernambuco, no dia 4 de agosto de 1989. Desde então, dediquei-me ao estudo e a publicação de reportagens sobre jubileus de obras, personagens, instituições, fatos e datas afins da vida e da obra do Rei do Baião. As matérias jornalísticas aqui incluídas foram devidamente reescritas, ampliadas, melhoradas no estilo e enriquecidas no conteúdo dos temas abordados.

O presente livro deve muito ao extinto *Museu Fonográfico Luiz Gonzaga de Campina Grande*, na Paraíba, fundado pelo colecionador e pesquisador José Nobre de Medeiros, de origem norte-rio-grandense, onde tive acesso às obras fundamentais, além de dispor do seu acervo documental de áudio, vídeo, bibliográfico e iconográfico. Lá conheci e entrevistei colecionadores e pesquisadores gonzagueanos. Durante um ano e meio editei o sítio eletrônico do referido

museu, vivendo rica experiência de convívio e partilha com seguidores do Rei do Baião de todo o Brasil.

O seu legado artístico monumental desafia a todos nós, pesquisadores, colecionadores e autores de tantos livros, tendo em vista o múltiplo significado da biografia artística, o temário múltiplo, a participação de centenas de autores, e o considerado número de gravações lançadas em meio século de carreira: São mais de 650 músicas originais de aproximadamente 240 compositores. Luiz Gonzaga regravou mais de trezentas delas, portanto, entrando mais de mil vezes em estúdio.

O livro REINO DO BAIÃO demonstra no seu artigo inaugural que o célebre filho de Januário e Santana foi artista desde a sua infância, como menino prodígio, tocador de fole de 8 baixos nos sambas ou bailes, acompanhando o pai ou sendo requisitado para isto.

Elencamos no segundo item suas músicas com parceiros cantando familiares: pai, mãe, irmãos, cunhado, esposa, filhos, sobrinho, neta; destacando-se as homenagens à esposa Helena Gonzaga, a Madame Baião, ao filho Gonzaguinha, à filha Rosinha, à neta Mariana. Muitos deles são citados de passagem nos baiões, toadas, forrós e obras de outros gêneros.

O livro compreende ainda a sua fase exclusiva (1941-1944) gravando somente música instrumental quando lançou dezenas de discos, 78 rotações por minuto, com vasto repertório de solos de sanfona de diversos gêneros: valsa, choro, polca, marcha e etc. Em sua fase vocal posterior como cantor, desde 1945, lançou obras-primas instrumentais: os choros *Caxangá* e *13 de dezembro*.

Abordamos em REINO DO BAIÃO alguns anos de ouro de Luiz Gonzaga, especialmente, 1949, 1950 e 1953; isto em

quantidade e na qualidade da obra lançada, hoje considerados como verdadeiros clássicos da Música Popular Brasileira, sobretudo, os baiões, as toadas e os xotes dos parceiros primordiais Humberto Teixeira e Zédantas, que são as matrizes temáticas inspiradoras das gerações posteriores dos seus compositores, conscientes ou não.

Reunimos conteúdos históricos e curiosidades desconhecidas do grande público sobre três clássicos gonzagueanos: *Asa branca*, *Paraíba*, *A triste partida*. A célebre toada, por incrível que pareça, motivou um folheto de cordel arrasador contra o seu intérprete, *Horrores que a Asa Branca Traz Profetizado pelo Frade Frei Damião*, alertando aos cristãos sertanejos para não ouvirem a *moda*, sob pena de serem mais castigados com seca e desgraça no sertão.

O seu famoso baião *Paraíba*, originalmente jingle do candidato a senador paraibano, José Pereira Lira, no dia em que foi lançado, em comício na cidade de Campina Grande, na Paraíba, em 1950, contou com a presença de Luiz Gonzaga, Emilinha Borba e outros astros da Rádio Nacional. Naquele dia, aconteceu um tiroteio entre os adversários políticos das coligações da UDN e do PSD, resultando em mortes e feridos. Na época, os seguidores do candidato a governador, José Américo de Almeida, adversários de Pereira Lira, tiraram proveito do sentido dúbio dos versos do refrão do baião: *Paraíba masculina, muié macho, sim, sinhô*, alegando que o tal jingle era humilhante à mulher paraibana. Os tais versos até hoje provocam curiosidade e troçam a respeito da virilidade da paraibana por causa da dubiedade do refrão, o qual, como veremos, não tem nada a ver com a mulher dessa terra.

A obra dedica um item ao seu maravilhoso segmento de baiões, marchas e polquinhas juninas ou joaninas, contendo

subsídios ideais para o professor trabalhar em sala de aula; o programador de rádio; o produtor de reportagem de televisão; para não falar dos artistas e fãs que vivenciam a grande festa popular brasileira – o São João – que traz a identidade genuína do próprio Luiz Gonzaga.

Mais de cinquenta composições dele com parceiros jamais foram gravadas em sua discografia de carreira, lançadas nas vozes de dezenas de intérpretes e instrumentistas. Entre eles estão Carmem Costa, *Quatro Ases e um Coringa*, Augusto Calheiros, Marlene, Dircinha Batista, Carmélia Alves, Sivuca, Ciro Monteiro entre tantos outros. Embora o assunto já tenha sido tratado em livro, aqui ampliamos com estrofes das obras.

Reunimos conteúdos gerais contextualizados no gonzagueanismo sobre os seus dois maiores seguidores: Dominginhos e Marinês. Em três outros artigos destacamos alguns compositores importantes surgidos na fase intermediária da sua carreira, na década de 1960. São coautores e autores de grandes sucessos: José Marcolino, Patativa do Assaré (o intérprete alterou a letra d' *A triste partida*), José Clementino, o autor de *O Jumento é nosso irmão* e *Xote dos cabeludos*, este satirizando Roberto Carlos e a moda unissex do *iê-iê-iê*.

Há um artigo tratando de algumas músicas, na voz de Luiz Gonzaga, que galhofam dos costumes da juventude, da moda andrógina, do cabelo grande e também desprezam homem preguiçoso, afeminado, homossexual; diríamos hoje de teor homofóbico.

A obra REINO DO BAIÃO ainda apresenta Luiz Gonzaga cantando lugares, personagens, costumes e coisas de sete estados do Nordeste: Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará e Piauí. Os tais

conteúdos não esgotam o assunto.

Finalmente apresentamos uma bibliografia gonzagueana básica, em ordem cronológica, considerando a importância da obra. Entre os livros resenhados destacamos a biografia pioneira do poeta popular, José Praxedes, a autobiografia *O Sanfoneiro do Riacho da Brígida: Vida e andanças de Luiz Gonzaga – O Rei do Baião*, ditada a Sinval Sá e a principal biografia *Vida do Viajante: A Saga de Luiz Gonzaga* da jornalista francesa Dominique Dreyfus (1996).

Campina Grande, Paraíba, agosto de 2022.

LUIZ GONZAGA VIDA E

OBRA (1912-1989)

1912 EM 13 DE DEZEMBRO, NASCE O SEGUNDO FILHO DO casal José Januário dos Santos e Ana Batista de Jesus (Santana), em casa de taipa na Fazenda da Caiçara, no município de Exu, Pernambuco. Foi batizado, LUIZ GONZAGA DO NASCIMENTO, meses depois na Igreja do Bom Jesus dos Aflitos. A origem do nome é por causa da tradição católica do santo do dia no calendário. No caso, Santa Luzia, daí o prenome Luiz. O padre celebrante, devoto do padroeiro da juventude, São Luiz Gonzaga, sugere o nome desse santo. O sobrenome Nascimento é por ter vindo ao mundo no mês de dezembro, mês do Natal. Os nove filhos e filhas do casal nasceram no período de 1910 a 1934: João (Joca), Luiz Gonzaga, Maria Efigênia (Geni), Severino Januário, José (Zé Gonzaga), Maria (Muniz), Francisca (Chiquinha Gonzaga), Maria do Socorro, Aloísio.

1917 Nasce a irmã Maria Efigênia (Geni). O menino Luiz Gonzaga, aos 5 anos, já se aventura à oficina do pai Januário que era consertador de sanfona de 8 baixos. Mexendo nos instrumentos, deu os primeiros passos no universo da música. Tocava para irmãos e primos *pinotarem* no terreiro. Como poucos, já era capaz de ritmar no tambor de um velho rabequeiro.

1918 Nasce Severino, o quarto filho do casal Januário e

Santana que se projetaria na música instrumental brasileira como exímio sanfoneiro de 8 baixos.

1920 Aos 8 anos, o menino Luiz Gonzaga já toca zabumba na bandinha de pife nos festejos na Igreja de São João Batista da Fazenda Araripe, no novenário de Nossa Senhora e na festa junina do Santo do Carneirinho com a participação ativa de sua mãe, Santana, cantadeira de benditos. Nessa época, o filho Luiz estreia tocando fole em samba (fórró), substituindo um sanfoneiro.

1921 Nasce o quinto filho do casal Januário e Santana, batizado José, o futuro sanfoneiro e cantor Zé Gonzaga.

1923 Nasce a segunda filha mulher do casal, batizada Maria (Muniz), a futura mãe do sanfoneiro e cantor Joquinha Gonzaga.

1924 A família de Januário e Santana de então, com idade variando entre 4 e 14 anos de idade se muda da casa de taipa na Fazenda Caiçara para outra casinha na fazenda Araripe, também pertencente aos herdeiros do Barão de Exu (Guálter Martiniano de Alencar Araripe), situada ao lado da Igreja de São João Batista do Araripe.

1925 Nasce a terceira filha mulher de Januário e Santana, Francisca (Chiquinha Gonzaga).

1926 Aos 14 anos de idade, Luiz Gonzaga compra o primeiro instrumento da vida, uma sanfona de 8 baixos da marca *Veado*, na cidade de Ouricuri-PE.

1927 Permanece meses em um grupo de escoteiros de Exu. Recebe alguma instrução escolar; mas o seu chefe morre afogado. O filho de Januário e Santana volta para casa para ajudar à família no trabalho da lavoura. Nasce mais uma filha do casal, Maria do Socorro.

1930 O jovem sanfoneiro, filho de lavradores e artesãos pobres, moradores da Fazenda Araripe, afronta o padrasto

da namorada, em Exu, porque este proibira o seu namoro com a enteada. O jovem toma uma lapada de cachaça, cria coragem, arma-se de uma faquinha e vai tomar satisfação com padraço de Nazinha. Por isso, a mãe Santana castiga o filho valentão. Esse foi o motivo de sua famosa fuga de casa com 18 anos incompletos, entre junho e julho desse ano.

O filho de Januário vende o seu fole de 8 baixos no Crato, no Ceará, embarcando em trem cargueiro para Fortaleza, onde ingressou no 23º Batalhão de Caçadores do Exército Brasileiro, semanas antes do assassinato do presidente (governador) da Paraíba, João Pessoa, o chamado estopim da Revolução de 1930. O soldado Luiz Gonzaga cumpre sua vida militar por nove anos em pleno regime do presidente Getúlio Vargas quando aconteceram grandes mudanças na vida política, social e cultural do Brasil.

1931 Pouco antes e após a morte de João Pessoa, e no período de implantação do governo revolucionário pós-outubro de 1930, o batalhão do soldado Luiz Gonzaga participa de diligências militares na Paraíba, no Ceará, no Pará e no Piauí, ocupando cidades, desarmando coronéis, impondo ordem aos militares rebelados nos quartéis e na polícia. Engajado no Exército em Teresina-PI, aceita transferência para Minas Gerais.

1932 Em agosto, o soldado Luiz Gonzaga viaja para Belo Horizonte-MG, para integrar o 12º Regimento de Infantaria, esfacelado, resistindo às mudanças da Revolução de 1930. Em novembro é transferido para o quartel de Juiz de Fora-MG. Faz amizade com um acordeonista, Domingos Ambrósio, com quem se inicia no instrumento (antes tocara sanfona de 8 baixos). O acordeonista é o elo para a aquisição da sua primeira sanfona de 80 baixos.

1933 Na guerra do Chaco, entre a Bolívia e o Paraguai, o

batalhão do soldado Luiz Gonzaga viaja de trem para Mato Grosso com a finalidade de garantir segurança da fronteira brasileira. Em seguida aprende a tocar a polca paraguaia. Em abril é descontado no seu soldo o valor da bota que extraviara nessa viagem. O soldado almeja progredir na vida, estudar, fazer concursos. Pedes transferência para o 11º Batalhão de Caçadores, em São João del Rei-MG.

1935 Em janeiro, o soldado Luiz Gonzaga é elevado à categoria tambor-corneteiro e é apelidado de o *bico de aço*, devido à potência do seu sopro. Estraga as baquetas do tambor e é novamente obrigado a pagar o prejuízo ao erário público.

1936 É reprovado em concurso para acordeonista da Banda do Quartel. Devido o safoneiro de Exu tocar somente de ouvido, não reconheceu a nota mi-bemol que o regente o mandara executar.

1937 É transferido para o quartel de Ouro Fino-MG, onde estreia em palco, no Clube Éden dessa cidade, no Programa de Calouros de Raul Apocalipse. O jovem acordeonista toca e canta os sucessos dos ídolos: Carlos Galhardo, Augusto Calheiros, Anténógenes Silva, Almirante, os quais aprendeu ouvindo os programas das emissoras de rádio do Rio de Janeiro.

1938 Estuda violão, mas perde o interesse pelo instrumento de cordas por achá-lo de pouco recurso sonoro. Ouve com interesse o Programa do paraibano Zé do Norte, na Rádio Tupi, Rio de Janeiro. Compra, através de catálogo, com pagamento em prestações, uma linda sanfona branca. Quando viaja para São Paulo para resgatar o instrumento descobre que fora vítima de golpe. Compra então a sanfona de 80 baixos do filho do dono do hotel onde tinha se hospedado.

1939 É dispensado do Exército Brasileiro. O ex-soldado acordeonista começa a segunda fase da sua vida artística (a primeira fora em sua infância, conforme já discutido). Como músico de rua, toca valsa, tango, choro, mazurca. Depois, trabalha nos cabarés da zona portuária do Rio de Janeiro como atração dos fregueses das prostitutas, marinheiros nacionais e estrangeiros, boêmios, malandros, os quais contribuem com as gorjetas dos pedidos musicais.

1940 É estimulado por estudantes cearenses, no Rio de Janeiro, liderados pelo jovem Armando Falcão (futuro ministro), a tocar as coisas do seu *pé de serra* do Araripe. Uma semana depois Gonzaga apresenta duas peças. Uma delas, o xamego *Vira e mexe* que causou o maior rebuliço nos frequentadores do cabaré. Na semana seguinte, apresenta o tal xamego no temido *Programa Calouros em Desfile* apresentado por Ary Barroso, na Rádio Tupi, Rio de Janeiro, dessa vez tirando nota máxima.

1941 Em março, grava pela primeira vez, os acompanhamentos de sanfona da cena cômica, *A viagem do Genésio e Olhar e gostar*, ambas interpretadas pela dupla de humoristas Genésio Arruda e Januário França. A personalidade, a maturidade e a técnica do sanfoneiro chamam a atenção do chefe de vendas da gravadora RCA. Dias depois é convidado para gravar repertório para os seus dois primeiros discos, 78 rotações por minuto, com obras instrumentais dos gêneros mazurca, valsa e xamego: *Numa serenata*, *Vira e mexe*, *Véspera de São João*, *Saudades de São João del Rei*. A gravadora lança mais dois discos dele ainda nesse ano trazendo valsas, choro, polca: *Arrancando Caroá*, *Nós queremos uma valsa*, *Farolito*, *Segura a polca*.

1942 Lança sete discos nesse ano com repertórios instrumentais de valsa, xamego, mazurca e choro. A maioria das

composições é de sua autoria: *Saudades de Ouro Preto*, *Pé de serra*, *Apitando na curva*, *Sanfonando*, *Verônica*, *Calangotango*, *Pisa de mansinho*, *Aquele chorinho*, *Lygia*, *Seu Januário*, *Santana* (estas duas homenageiam seus pais), *Minha Guanabara*, *Saudades de Areal* e *Saudade*.

1943 Luiz Gonzaga continua a lançar discos com repertórios de valsas: *Meu Passado*, *Yvone*, *Manolita*, *Destino*. É o primeiro sanfoneiro do Brasil a gravar choro com o instrumento: *Araponga*, *Galo Garnizé*, *Apanhei-te cavaquinho*, *O xamego da Guiomar*.

1944 É mais um ano de lançamentos de valsas do sanfoneiro: *Luar do Nordeste*, *Passeando em Paris*, *Wanda*, *Madrilena*, *Subindo ao céu*, *Caprichos do destino*, *Despedida*, os choros: *Pingo namorando*, *Bilu bilu*, *Xodó*, *Escorregando*, *Recordações de alguém* e outras obras dos gêneros xamego e polca: *Fazendo intriga*, *Aperreado*, *Catimbó*, *Fuga da África*.

1945 Luiz Gonzaga grava, pela primeira vez como cantor, a mazorca *Dança Mariquinha* com um parceiro de origem fluminense, Miguel Lima. Luiz Gonzaga Júnior (Gonzaguinha) nasce nesse ano.

1946 Lança com Humberto Teixeira o gênero baião, com a gravação original de *Baião* na voz do conjunto *Quatro Ases e um Coringa*. Grava o xote *No meu pé de serra*. Primeira parceria com o compositor cearense de inspiração genuinamente nordestina.

1947 Conhece um jovem acadêmico de medicina, José de Souza Dantas Filho, Zédantas, em Recife-PE. É o maior compositor de Luiz Gonzaga em quantidade e qualidade. Lança nesse ano a sua obra mais famosa, a toada *Asa branca* com Humberto Teixeira.

1948 Em junho, Luiz Gonzaga casa-se com a contadora pernambucana Helena Neves Cavalcanti.

1949 Lança nesse ano uma série de obras clássicas com Humberto Teixeira e Zédantas, dos gêneros polca, xote, baião, valsa-toada: *Lorota boa, Mangaratiba, Juazeiro, Baião, Légua tirana, Vem morena, Forró de Mané Vito.*

1950 Estreia o famoso trio instrumental com sanfona, triângulo e zabumba. É lançada uma série de clássicos com Zédantas, Humberto Teixeira e outros parceiros: *A dança da moda, Respeita Januário, Assum preto, Cintura fina, Estrada de Canindé, Qui nem jiló, Chofér de praça, Boiadeiro, No Ceará não tem disso não.*

Foi criado na Rádio Nacional do Rio de Janeiro o programa o *Cancioneiro Royal* com a série *No mundo do Baião*, produção de Humberto Teixeira e Zédantas, com a participação de Luiz Gonzaga. O casal Luiz e Helena Gonzaga adota Rosa Maria (Rosinha).

1951 Lança *Propriá, Olha pro céu, Sabiá, Cigarro de paia, Baião da Penha*, pagando promessa no santuário de Nossa Senhora da Penha, Rio de Janeiro, por ter sobrevivido a um grave acidente de carro juntamente com os músicos Zequinha e Catamilho.

Começam as grandes excursões pelo Brasil sob patrocínio do *Laboratório Moura Brasil*. A sua popularidade é enorme no Nordeste. Milhares de fãs vão às praças, coretos, mercados, auditórios de rádios ou em outros lugares públicos para assistirem ao Rei do Baião.

1952 A atração desse ano é o conjunto *Os Sete Gonzaga*, formado por Luiz Gonzaga, o pai Januário e seus irmãos e irmãs. É um ano de lançamentos de grandes sucessos: *São João do Carneirinho, Imbalança, São João na roça, Acauã, Baião na garoa, Algodão, ABC do sertão, O casamento de Rosa.*

1953 Lança grandes sucessos com o compositor Zédantas:

Vozes da seca, Algodão, O xote das meninas. E A vida do viajante com Hervê Cordovil.

1954 Lança catorze músicas nesse ano. A maioria delas são baiões. *Noites brasileiras* se consagra como um clássico do seu repertório junino. Conhece o adolescente Nenen (Dominginhos), na cidade de Garanhuns-PE. Volta a reunir o pai Januário e filhos para gravar *O balaio de Vere-mundo* e *Pronde tu vai Lui* da temporada de *Os Sete Gonzaga* na *Rádio Tupi*.

1955 Há no repertório desse ano três baiões e um xote que se consagram como grandes sucessos: *Baião granfino*, *Paulo Afonso* e *Riacho do Navio*. Luiz Gonzaga toma conhecimento da *Patrulha de Choque do Rei do Baião* formada por Marinês, Abdias e Chiquinho. Ele conheceu o trio em Propriá-SE e elege Marinês como a Rainha do Xaxado.

1956 A partir da segunda metade dessa década, sua carreira artística começa a declinar. Surge o ideal de um Brasil novo e urbano com a ascensão do presidente Juscelino Kubitschek na construção de Brasília e o advento de novas estéticas, como Cinema Novo, Bossa Nova, a Televisão, Elvis Presley, The Beatles e a revolução da música jovem e do rock mundial.

Lança em 1956 obras marcantes do seu repertório: *Siri jogando bola*, *Buraco de tatu*, *Açucena cheirosa*, *O chêro de Carolina*, *Derramaro o gai*, *Tesouro e meio*, *Lenda de São João*, *Vassouras*, *Mané e Zabé*, este baião em dueto com a cantora Marinês. O astro cria o conjunto *Luiz Gonzaga e seus Cabras da Peste*, inclusive, com essa cantora e os seus músicos; logo desfeito, sem nunca ter se apresentado no Nordeste.

1957 Lança os baiões *A feira de Caruaru* e *Capital do Agreste* (*Caruaru*), em homenagem ao centenário da famosa cidade pernambucana. São lançadas, nesse ano, obras de

Zédantas e outros compositores: *O Passo da rancheira*, *São João antigo*, *O delegado no coco*, *Linda brejeira*, *Meu Pageú*, *Malhada dos Bois*, *Quarquê dia*, *Comício do mato*, esta com a participação do compositor Zédantas satirizando um coronel hilário e corrupto.

1958 O rádio como veículo de difusão de música popular, entretenimento e notícias, passa por grave crise, desde então, com o advento da Televisão. Após a sua fase em disco 78 rotações por minuto, o rpm, contendo apenas duas músicas, Luiz Gonzaga grava o seu primeiro disco long play, o álbum *XAMEGO* com doze faixas. O repertório é quase todo de regravações do compositor fluminense, Miguel Lima e parceiros. Nesse ano são lançados cinco discos rpm com: *Forró no escuro* e *Moça de feira*, *Que modelo são os seu* e *Festa no céu*, *Moda da mula preta* e *Xote das moças* e *Chorei, chorão* e *Balance eu*, *Sertão sofredor* e *Gibão de couro*.

1959 Lança o álbum *LUIZ GONZAGA CANTA SEUS SUCESSOS COM ZÉDANTAS*, selando a participação do genial compositor pernambucano na sua discografia, exceto os lançamentos de algumas obras tardias nas décadas seguintes, inclusive a narrativa *Samarica parteira*.

A família Gonzaga celebra as Bodas de Ouro do casamento dos pais, Januário e Santana, em reunião artística e familiar com muito forró, claro.

Lança diversos discos rpm com repertórios menos conhecidos, exceto a regravação de *Calango da lacraia* e mais: *Marcha da Petrobras*, *Dia dos pais*, *Fogueira de São João*, *Sertanejo do Norte*, *Estrela de ouro*, *Casamento atrapaído*, *Xote do veio*.

1960 Morre a sua mãe, Ana Batista de Jesus (Santana), aos 66 anos de idade. Sepultada no Rio de Janeiro. Anos depois os seus restos mortais são trasladados para o cemitério do

Sítio do Araripe (hoje repousam no mausoléu da família ao lado do filho do Rei do Baião, no *Parque Aza Branca*). O viúvo Januário casa-se com Maria Raimunda de Jesus, filha de uma prima dele. O pai famoso, por causa do baião *Respeita Januário*, fixa-se definitivamente em Exu, em um Sítio perto da cidade. Morre em 1978 aos 90 anos de idade.

As vendas dos discos de Luiz Gonzaga não decolam nos anos 1960 por causa da pobreza do povo. É também a sua fase de ostracismo, fora da mídia do Rio de Janeiro e de São Paulo, então dominada pela música jovem, embora ele continuasse reunindo milhares de pessoas pelo interior do Brasil, sobretudo, do Nordeste. Não aparecia mais na imprensa, no rádio e na televisão carioca e na paulistana. Grava apenas três discos rpm nesse ano com o repertório: *São João no arraiaí* e *Testamento de caboclo*, *Amor da minha vida* e *Meu Padrim, Vida de vaqueiro* e *Maceió*.

1961 Conhece o compositor paraibano, José Marcolino, na cidade de Sumé-PB, o parceiro de grandes sucessos dessa década: *Sala de reboco*, *Cantiga de vem vem*, *Serrote agudo*, *Cacimba nova*, *Caboclo nordestino* entre outras.

O filho Gonzaguinha, aos 16 anos de idade, vem morar com o pai em sua nova residência na Ilha do Governador, no Rio de Janeiro.

Lança apenas dois discos 78 rpm nesse ano. Um deles com um sucesso da década: *Faz força Zé*, na estreia do compositor Rosil Cavalcanti. Ele é autor de *Ô veio macho*, *A festa do milho*, *Tropeiros da Borborema* (com Rymundo Asfora), *Aquarela nordestina*. As outras músicas lançadas em rpm neste ano: *Cabana do Rei*, *Pisa no pilão*, *Alvorada da paz*. Luiz Gonzaga conhece o compositor João Silva, parceiro dos seus grandes sucessos de público da segunda metade da década de 1980.

1962 O álbum *Ô VEIO MACHO* traz seis composições do novo parceiro paraibano, José Marcolino, dos gêneros baião, xote, toada: *Sertão de aço*, *Serrote agudo*, *Pássaro carão*, *Matuto aperriado*, *A dança de Nicodemos*, *No Piancó*.

Morre o genial parceiro, José de Souza Dantas Filho, aos 41 anos, autor de dezenas de sucessos. Entre eles, *Vem morena*, *Forró de Mané Vito*, *A Dança da moda*, *Cintura fina*, *A volta da asa branca*, *Sabiá*, *Imbalança*, *São João na roça*, *Acauã*, *O casamento de Rosa*, *A letra I*, *Algodão*, *ABC do sertão*, *Vozes da seca*, *O xote das meninas*, *Noites brasileiras*, *Paulo Afonso*, *Riacho do Navio*, *Siri jogando bola*, *Samarica parteira*.

1963 Lança o álbum *PISA NO PILÃO (FESTA DO MILHO)* que traz outros grandes sucessos da década: *A Festa do milho*, *A morte do vaqueiro*, *Liforme instravagante*, *Eu vou pro Crato*, *Faz força Zé*, *Pra onde tu vai Baião*. Neste baião, Luiz Gonzaga canta em desabafo por não mais lhe deixarem tocar e cantar nos Clubes e nas Boates dominadas pelos gêneros estrangeiros: Twist, Bolero, Rock e Tchá-tchá-tchá. Por isso retira-se para o seu pé de serra, onde era o rei do sertão.

São lançados nesse ano os derradeiros discos da fase rpm de Luiz Gonzaga que traz obras dos gêneros baião, toada, xote: *Pedido a São João*, *A morte do vaqueiro*, *Liforme instravagante*, *Desse jeito sim*.

1964 Lança dois álbuns, *SANFONA DO POVO* e *A TRISTE PARTIDA*, duas verdadeiras maravilhas da discografia gonzagueana dos anos de 1960. A maioria das faixas desses discos se consagrou como grandes sucessos. O repertório do derradeiro inclui três grandes parcerias com José Marcolino: *Numa sala de reboco*, *Cantiga de vem vem*, *Cacimba nova*.

Luiz Gonzaga Júnior, aos 19 anos de idade, estreia nesse

disco com a valsa *Lembrança de Primavera*.

1965 Luiz Gonzaga lança outro álbum grandioso da década, o QUADRILHAS E MARCHINHAS JUNINAS. Todo o lado A é uma sequência de solos de sanfonas de baiões, marchas e polcas juninas: *Fim de festa, Pagode russo, Polca fogueteira, Lascando o cano, Fogueira de São João, Olha pro céu, São João na roça*. No lado B do disco, se consagraram dois sucessos juninos de José Marcolino: *Fogo sem fuzil e Quero chá*. O sanfoneiro ainda presta uma linda homenagem ao pai Januário nesse disco: *O Maior tocador*.

Roberto Carlos, Erasmo Carlos e Wanderleia estreiam o programa *Jovem Guarda* na TV Record de São Paulo. A música *Quero que vá tudo pro inferno* inaugura, desde então, a presença marcante de Roberto na Música Popular Brasileira.

1966 Ano crítico da discografia gonzagueana. A gravadora RCA VICTOR não lança nenhum álbum de carreira dele nesse ano, exceto a coletânea LUIZ GONZAGA, SUA SANFONA E SUA SIMPATIA, cujo repertório foi extraído dos discos anteriores.

Lança nesse ano, em Fortaleza, Ceará, a sua autobiografia *O Sanfoneiro do Riacho da Brígida: Vida e Andanças de Luiz Gonzaga - O Rei do Baião*, ditada ao escritor paraibano Sinval Sá.

1967 O álbum ÓIA EU AQUI DE NOVO sinaliza o seu retorno às paradas de sucesso. Além da música título, traz duas faixas que também se consagram na década de 1960: *Hora do adeus* e *o Xote dos cabeludos*.

Lança o álbum O SANFONEIRO DO POVO DE DEUS, cujo repertório religioso de inspiração católico-popular, inclui músicas de louvação à Nossa Senhora, ao jumento, ao padre e à beata Mocinha (governanta de Padre Cícero).

O Rei da Juventude lança um disco emblemático, ROBERTO CARLOS EM RITMO DE AVENTURA com uma “penca” de sucessos: *Eu sou terrível, Como é grande o meu amor por você, Por isso corro demais, De que vale tudo isso, Quando*.

1968 O ano do álbum SÃO JOÃO DO ARARIPE, em homenagem ao centenário da Igreja de São João do Araripe, no sítio natal de Luiz Gonzaga, cujo repertório é festivo, dançante e dramático celebrando personalidades e lugares: *Madruceu o milho, Vitória de Santo Antão, Mazurca, A cheia de 24, De Juazeiro a Crato, O andarilho, Lenha verde, Coco xeêm, Manduquinha, Meu Araripe, Rosa de Mearim e Anita do Cipó*.

Lança o álbum CANAÃ sinalizando o retorno do compositor Humberto Teixeira. O cearense é o autor da música título *Canaã* e de *Baião Polinário*. O compositor Gonzaga Júnior participa com músicas de conteúdos libertários: *Pobreza por pobreza, Festa, Erva rasteira, Diz que vai virar*, lançadas em 1968, ano de grandes transformações políticas no Brasil, sob o regime de governo militar com a implantação do Ato Institucional nº 5, o AI-5, que afetou diretamente a liberdade política, de imprensa e as manifestações artísticas.

Um produtor cultural e jornalista do meio carioca, Carlos Imperial, espalha o boato da gravação d’*Asa branca* pelos Beatles. Por causa da notícia falsa, o Rei do Baião volta aos meios de comunicação. A partir de então foi convidado para Programas de Rádio e de Televisão.

A gravadora RCA VICTOR lança duas coletâneas que trazem repertórios clássicos gonzagueanos: MEUS SUCESSOS COM HUMBERTO TEIXEIRA e OS GRANDES SUCESSOS DE LUIZ GONZAGA.

1969 Mais um ano crítico da discografia gonzagueana quando a sua gravadora RCA VICTOR não lançou nenhum álbum de carreira, muito menos da coletânea dos seus sucessos.

1970 Lança o álbum SERTÃO 70. Sem música de sucesso este lp saúda os novos hábitos que chegaram ao sertão, graças ao advento da Televisão com novelas, atores, apresentadores e desportistas. A faixa *Raparam tudo* com o parceiro Severino Ramos é o ponto alto do repertório do disco.

1971 O repertório do álbum LUIZ GONZAGA SÃO JOÃO QUENTE, deste ano, tem apenas uma música de sucesso: *Ovo de codorna* de Severino Ramos.

Lança o álbum O CANTO JOVEM DE LUIZ GONZAGA, no qual interpreta os compositores jovens da MPB. Entre eles, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Geraldo Vandré, Luiz Gonzaga Júnior, Edu Lobo, Tom Jobim e Vinícius de Moraes.

É criada a Missa do Vaqueiro, no município de Serrita-PE, inspirada na toada *A morte do vaqueiro*, em memória do primo assassinado de Luiz Gonzaga, Raimundo Jacó.

1972 O álbum Luiz Gonzaga AQUILLO BOM! não emplaca música alguma de sucesso. A faixa *Bandeira 2* compõe trilha sonora de novela homônima da música, na TV Globo. Há composições que são narrativas de baile, paixão amorosa e sátira de costumes: *Forró de Zé Buchudo*, *Ana Rosa* e *From United States of Piauí*.

É o ano do show *Luiz Gonzaga volta pra curtir*, no teatro Tereza Raquel, do Rio de Janeiro, sendo a primeira vez que o Rei do Baião se apresenta em casa de espetáculo, da zona sul carioca e para os públicos juvenil e estudantil.

1973 É lançado o seu primeiro álbum pela gravadora ODEON, o LUIZ GONZAGA, com destaque para as

seguintes faixas com vários parceiros: *O Fole roncou*, *O Bom improvisador*, *Juvina*, *Fogo-pagou*, *Só xote*, *A Nova Jerusalém*, *Baião de São Sebastião*, *Facilita* e o texto do folclorista norte-rio-grandense, Luís da Câmara Cascudo (1973), na contracapa do disco.

1974 O álbum *DAQUELE JEITO...*, de 1974, pela ODEON, traz faixas marcantes da discografia gonzagueana da década de 1970, abordando vários temas: a religiosidade popular, a narrativa de samba ou baile, a exaltação da origem nordestina, o elogio ao pai Januário e o tema onipresente do amor. Parceiros: Janduhy Finizola, *Frei Damião*, *Cavalo Crioulo*; Luiz Ramalho, *Retrato de um forró*; Nelson Valença, *Fole danado*; Luiz Guimarães, *Sangue de nordestino*.

1975 Luiz Gonzaga sexagenário conhece a jovem Edelzuita Rabelo na casa dos 30 anos; é o seu derradeiro amor. Curiosamente, não lança disco de carreira nesse ano, exceto o *ASA BRANCA*, uma coletânea de sucessos.

1976 De volta à gravadora RCA-VICTOR, lança mais um álbum, *CAPIM NOVO*, cuja música título prosa sobre a virilidade masculina. Há duas faixas verdadeiramente imortais nesse lp: *Sanfona sentida* com acompanhamento do sanfoneiro Dominginhos e *Apologia ao Jumento (O Jumento é nosso irmão)*. A *Rede Globo de Televisão* exhibe, em duas partes, o Programa *Especial Luiz Gonzaga*.

1977 O álbum *CHÁ CUTUBA*, igualmente o *CAPIM NOVO*, exaltam a virilidade do homem maduro. Luiz Gonzaga vive o auge do seu romance com Edelzuita Rabelo. Pelo menos três obras desse lp se destacam no seu repertório da década de 1970: *Jesus sertanejo*, *Menestrel do sol* e *Karolina com K*. O Rei do Baião e a Rainha do Baião, Carmélia Alves se apresentam juntos no *Projeto Seis e Meia*, no *Teatro João Caetano*, no Rio de Janeiro.

1978 O álbum desse ano, DENGO MAIOR, não consagra música alguma de sucesso, mas apresenta curiosidades, como a participação do famoso sanfoneiro paraibano, Sivuca e da mulher dele, compositora e cantora Glorinha Gadelha e a prosa ou narrativa *Qui ri qui qui* consagrando uma maravilhosa interpretação de Luiz Gonzaga. São desse ciclo de obras, além da narrativa, *Samarica parteira*, *Apo-logia ao jumento (O Jumento é nosso irmão)* e *Karolina com K*, todas lançadas na década de 1970.

Em 18 de junho morre Januário José dos Santos aos 90 anos de idade, imortalizado no baião *Respeita Januário* em 1950.

1979 Lança o álbum, EU E MEU PAI, homenageando o genitor recém-falecido. O repertório traz o grande sucesso *Orelia* com Humberto Teixeira. O compositor Luiz Ramalho participa com *O Mangangá*; Luiz Bandeira, com o *Romance matuto*; Luiz Gonzaga e Helena Gonzaga, com *Manoelito cidadão*; José Clementino e Hildelito Parente com *Sou do banco*. O disco traz *Súplica cearense* e as regravações de *A vida do viajante* e *Respeita Januário*, esta enriquecida por uma narrativa magistral, parte fictícia, tratando do retorno do filho fujão à casa paterna, dezesseis anos depois.

Morre neste ano o compositor cearense, Humberto Teixeira, aos 64 anos de idade, o Doutor do Baião, parceiro de *No meu pé de serra*, *Asa branca*, *Baião*, *Respeita Januário*, *Assum preto* entre outros clássicos.

1980 Lança mais um álbum, O HOMEM DA TERRA, cantando o Nordeste inteiro: teatro popular de bonecos, cantador de viola, futebol, engenho de cana-de-açúcar: *Mamulengo*, *Lá vai pitomba*, *O mote (Maquinista e Sacristão)*, *Cego Aderaldo*, *Cananá*. Existem algumas regravações nesse lp que são grandes êxitos: *A triste partida*, *Siri jogando bola*,

Estrada de Canindé, Tropeiros da Borborema. Há uma homenagem ao compositor Humberto Teixeira, recém-falecido: O adeus da asa branca (Tributo a Humberto Teixeira).

1981 O lp A FESTA, deste ano, é especial na sua discografia, na qualidade do repertório e nas participações especiais: Milton Nascimento, *Luar do sertão*; Emilinha Borba, *O resto a gente ajeita*; Luiz Gonzaga Júnior, *Não vendo, nem troco*; José Marcolino, *Cacimba nova*; Nelson Valença, *Pesqueira centenária (A festa que vamos dar)*.

1982 As novidades do álbum ETERNO CANTADOR são as gravações de *Farinhada*, com participação da jovem cantora paraibana em ascensão Elba Ramalho, assim como a faixa *Acácia amarela* que revela a filiação de Luiz Gonzaga à Maçonaria.

É lançado o disco, O REI VOLTA PRA CASA, uma coletânea dos sucessos intercalados com os seus depoimentos tratando das origens, dos familiares e da sua biografia artística.

1983 Lança o lp 70 ANOS DE SANFONA E SIMPATIA sem música de sucesso. O repertório celebra festas populares: *Canto do povo, Tamborete de forró, Forró de Ouricuri*; lamenta a desilusão amorosa, *Sequei os olhos, Casa de caboclo, Umbuzeiro da saudade*; se refere ao folclore, *O papa e o jegue*; homenageia Brasília, *Plano piloto*, com a participação especial de Alceu Valença; trata de desafio de cantadores, *A peleja do Gonzagão x Téo Azevedo* menciona o cangaço, *Lampião (era besta não)*; de obra governamental, *Projeto Asa Branca*.

1984 O álbum DANADO DE BOM é o primeiro de maior sucesso da segunda metade da década de 1980, final da sua carreira. Tem as participações de vários jovens artistas em evidência na época: Fagner, Gonzaguinha, Elba Ramalho,

Dominguinhos. Quase a metade do repertório é de regravações dos grandes clássicos, inclusive *Pagode russo* (com letra). As músicas inéditas: *Danado de bom*, o maior sucesso do lp, *Pense nêu*, *Nessa estrada da vida*, *Retorno do Rei*, *Aproveita gente*, *São João sem futrica*, *Terra, vida e esperança*, *Lula, meu filho*.

É lançado o primeiro álbum, LUIZ GONZAGA & FAGNER, produção de Fagner e Oséas Lopes. Mais da metade do repertório é de regravações dos grandes sucessos, exceto *Vaca Estrela e Boi Fubá* de Patativa do Assaré gravado originalmente pelo cearense. Luiz Gonzaga recebe dois Discos de Ouro e o Prêmio Shell da MPB, devido à alta vendagem do disco.

1985 O álbum, SANFONEIRO MACHO, traz o repertório maciço dos parceiros João Silva e Onildo Almeida. Com as participações especiais dos jovens artistas: Dominguinhos, Gonzaguinha, Elba Ramalho, Gal Costa, Sivuca e Glorinha Gadelha. Apenas duas músicas são grandes sucessos da década de 1980: *Deixa a tanga voar* e *Forró nº 1*.

1986 O repertório do álbum, FORRÓ DE CABO A RABO, é todo de obras inéditas. O maior sucesso é a faixa que o intitula. O sanfoneiro canta *Viva meu Padim*, com Benito di Paula; em *Forrónerão* homenageia o Rio Grande do Sul com acompanhamento de sanfona do gaúcho Renato Borghetti; dialoga com o humorista Chico Anysio na faixa *Quadrilha chorona*.

Luiz Gonzaga integra a comitiva de artistas brasileiros no Festival *Couleurs Brésil* na França. É diagnosticado com câncer de próstata.

1987 Sai o álbum, DE FIÁ PAVI, sem música alguma de sucesso, exceto *Nem se despediu de mim*. Gonzaguinha faz dueto com o pai na faixa *Mariana* em homenagem à filha

(de Gonzaguinha). Luiz Gonzaga faz linda homenagem ao pai Januário em *Toca pai*.

1988 O álbum, *AÍ TEM*, também sem música de sucesso, se destaca pelas participações especiais de Luiz Gonzaga cantando com Geraldo Azevedo, *Táqui pa tu*; com a Rainha do Baião, Carmélia Alves, *Vamos ajuntar os troços*; com o sobrinho Joquinha Gonzaga, *Dá licença pra mais um*.

O Rei do Baião recebe o *Nipper de Ouro*, o Prêmio Internacional da gravadora RCA VICTOR. Ganha mais dois Discos de Ouro no Brasil.

Realiza o show *50 anos de chão*. Doente, cadeirante, se apresenta com os seus seguidores em Campina Grande-PB, no mês de outubro de 1988 e no ano seguinte em Caruaru e no Recife-PE.

1989 Lança o álbum, *VOU TE MATAR DE CHEIRO*, no qual reflete a paixão pela amante Edelzuita Rabelo. A música título do disco fez bastante sucesso; assim como *Uma pra mim, uma pra tu* com a participação do compositor João Silva; e o *Xote ecológico* protestando contra a destruição ambiental e o assassinato do líder sindicalista acreano, Chico Mendes.

Em junho Luiz Gonzaga faz a última aparição pública em Recife numa homenagem dos seus seguidores artistas.

Em 2 de agosto de 1989, morre no Hospital Santa Joana recifense. O seu corpo é velado na *Assembleia Legislativa de Pernambuco*. Sepultado dois dias depois no cemitério de Exu após o cortejo passar pela cidade do Crato-CE. Posteriormente, os seus restos mortais foram trasladados do cemitério para o mausoléu, no *Parque Aza Branca*, em Exu, onde hoje repousam ao lado dos seus familiares: os pais Januário e Santana, a mulher Helena Gonzaga e o irmão Severino Januário.

70 ANOS DE SANFONA E SIMPATIA, SIM SINHÔ!

O MENINO DE JANUÁRIO E SANTANA JÁ TERIA NA INFÂNCIA o prenúncio do magnífico cantador? Quem sabe já imitasse a mãe cantadeira de benditos, “remedando” o latim, na Igreja de São João do Araripe? Sabemos que desde cedo o garoto aprendeu as motivações folclóricas, tocadas e cantadas, matrizes dos futuros baiões, toadas, xotes em parceria com Humberto Teixeira e Zédantas.

Por certo, Luiz Gonzaga, foi um menino prodígio tocador de fole de 8 baixos desde os 8 anos de idade, inspirado no pai Januário, um exímio consertador do instrumento e animador de sambas na região de Exu em Pernambuco. Ele se lembra dessa fase de iniciação artística no disco, DE FIÁ PAVI, na faixa, *Toca pai*, com João Silva, de teor biográfico que trata desse aprendizado paterno:

*Que alegria qu'eu sentia
Quando eu via pai tocar
Nas festanças na fazenda
Nos forrós do arraiá
Era tanto que eu pedia
Pra meu velho me alegrar
Toca pai, toca pai
Toca pai, pra eu dançar
(RCA, 1987).*

O primeiro livro publicado sobre a sua vida e a sua obra, é uma biografia em versos matutos, *Zépraxédi (o Poeta-vaqueiro)* apresenta *Luiz Gonzaga e Outras Poesias*, de José Praxedes Barreto, poeta popular norte-rio-grandense, lamenta do analfabetismo e do trabalho infantil no tempo de criança do futuro Rei do Baião:

*Cum os sete ano de idade
Im vez da carta de ABC
Me deram um inxadinha
Pr'a cumpri meu devê;
É o istudo do fi do póbi
No lugá qui fui nacê
(ZÉPRAXÉDI, 1952, p.18).*

Em compensação, o menino músico sensacional, tocador de fole de 8 baixos, causava admiração no meio do povo; muita gente ia aos bailes só para vê-lo tocar:

*E munta gente hia as festa
Mêrmo sem sabê dançá
Só pra vê o Mulequim
De Januário tocá
(IDEM).*

A iniciação artística de Luiz Gonzaga é mencionada na sua autobiografia, *O Sanfoneiro do Riacho da Brígida:...*, escrita por Sinval Sá. Relembra o ambiente de trabalho do pai Januário: *Dei por mim já crescido, vendo meu pai mexer em velhas sanfonas, endireitando-as pra ganhar dinheiro, nas horas que lhe sobravam das limpas e dos plantios de milho e feijão e das farinhadas na Serra do Munduri* (SÁ, 1978, p.20).

O garoto realizava incursões, ao mundo sonoro da oficina paterna, descobrindo melodias no fole e criando melodias de autoria própria. A mãe, dona Santana, não olhava com simpatia o envolvimento precoce do filho com a arte do marido que não ganhava bem tocando fole. Sinval Sá (1978) registra um episódio da popularidade do filho de Januário que envolveu um grupo de “meninotas” de Exu. Elas tinham ido pedir à mãe de Luiz, dona Santana, artesã e vendedora de cordas de caroá na feira da cidade, que permitisse que seu filho fosse animar a festinha das bonecas delas. As meninas viram o menino tocar numa bodega, melhor que os sanfoneiros de fora, e, por isso, estavam ali convidando-o para a festa.

Santana encarou o filho, com ar severo, que se defendeu dizendo que tivera vontade de pegar no instrumento enquanto um tocador sarava do porre. Depois o povo não o deixara mais parar de tocar. A justificativa não demoveu quem não queria ver o filho envolvido com toque de harmônica de fole, muito menos, para fazer o gosto das meninas ricas da rua. As pequenas exuenses voltaram para casa sem o sanfoneirozinho.

O menino Luiz Gonzaga sentia que levava jeito para a música. Vendo o pai tocar começou a estudar os movimentos dos seus dedos. A partir daí fazia suas tentativas, repetia, errava, acertava. É assim que relembra essa fase primordial da sua formação artística na mesma autobiografia:

Eu já estava ficando sambudo e ia fazendo as minhas tentativas no fole, escondidas de mamãe. No começo aproveitando os dias em que ela ia lavar roupa no rio, ou nas horas em que ia fazer um caminho d'água. E me aproveitava das velhas harmônicas

que meu pai consertava. E com pouco o instrumento não tinha mais mistério para mim (SÁ, 1978, p.31).

Ouviam-se comentários e elogios do povo admirado com a genialidade do menino de Januário e Santana que tocava quase que sumido por trás do fole. Certo dia, no Baixio dos Doidos (Timorante), alguém desafiou o adolescente a tocar um tango *agentino* (argentino). O músico adolescente perspicaz entendeu a segunda intenção do cavalheiro e executou a música pedida, pondo o dançarino em apuros, sem saber dar os passos da coreografia de origem ibérica (o maxixe) que passou pelo Brasil até se consagrar como a dança nacional do país vizinho.

A fama do músico adolescente sensacional só fazia crescer na região de Exu na década de 1920:

Meu nome ia sendo falado nas bibocas do sertão, como o menino tocador de fole. E mais: diziam que eu tocava melhor que velhos tocadores. E eu gostava daquela vida. Das festas de São Bento, dos sambas na Chapada do Jirome ou do São João do Araripe, onde aprendi a tocar zabumba, caixa e pife. As festas do Bom Jesus no Exu, da padroeira de Granito. As feiras do Baixio dos Doidos, Rancharia, havia samba no pé da Serra, na Cajazeira do Faria, pra onde eu ia a pé torando doze léguas de ida e vinda, a pé, de alpercata de rabicho (SÁ, 1978, p.38).

A pesquisadora Dominique Dreyfus, do mesmo modo, trata da iniciação artística de Gonzaga. A influência do pai sanfoneiro e da mãe cantadeira do novenário mariano e

são-joanino da igreja de São João do Araripe, na Fazenda Araripe, onde a sua família residia, a 12 km de Exu. Além de Januário e de Santana, a biógrafa metaforiza a genuinidade do imortal cantor da *Asa branca* às sonoridades telúricas da caatinga, da mata nativa do semiárido nordestino, do gemido do carro de boi, do chocalho do gado tocando no pasto, do vento soprando, dos arrulhos da asa-branca e da rolinha, dos coros dos sapos e jias nas noites de inverno.

Conta-se dele, como já dissemos, que desde menino, já mexia na oficina de consertar fole de 8 baixos do seu pai. Pegava um desses instrumentos, escondido dele, para tocar e animar irmãos e primos. A sua prima Maria das Dores lembra uma passagem curiosa:

Com cinco ou seis anos, Luiz Gonzaga ainda nuzinho já começava a bulir nas sanfonas que o pai consertava. Ele pegava o fole e escondido tocava pra nós pinotar no terreiro. Um dia apareceu um velhinho tocador de rabeca, e ele o acompanhou com o tambor. O menino Gonzaga tocava tambor na novena do Araripe (DREYFUS, 1996, p.38).

Gonzaga adquiriu instrumento próprio na década de 1920. Tinha 14 anos de idade. O coronel Manuel Ayres de Alencar, fazendeiro, farmacêutico, advogado rábula (prático), político, exerceu todos os cargos da administração municipal de Exu-PE, desde deputado estadual a chefe político de maior destaque no Alto Sertão de Pernambuco do seu tempo. Seu Ayres tinha a maior admiração pelo menino Luiz, filho de dona Santana, sua parenta. O garoto simpático, esperto, voluntarioso, por certo, o entreteria nas viagens às

idades e fazendas ao redor para tratar de questões de partilha de terra em Salgueiro, Taboca, Granito, Rancharia, Serrita, Ouricuri.

Em Ouricuri, o adolescente se engraçou por um fole de 8 baixos, marca *Veado*, à venda em uma loja da cidade ao preço de 120 mil réis. Como comprar o instrumento? Ele economizou metade desta quantia em mãos do coronel Ayres e pediu emprestado mais 60 mil réis e comprou o fole desejado, idêntico ao do seu pai. Desse modo iniciou a vida artística com instrumento próprio.

Ingressou no 23º Batalhão de Caçadores do Exército, com sede em Fortaleza, no Ceará, porém, cumprindo quase toda a vida militar (1930-1939) nos quartéis de Minas Gerais. Nesse período, continuou envolvido com a música como veremos. O soldado Nascimento (nome de guerra) foi promovido a corneteiro-mor do quartel, o *bico de aço*, por ser potente e preciso no sopra.

O baião *Toque de rancho*, dele e de Jota Ferreira, do disco A TRISTE PARTIDA, evoca o chamado do dever cívico e a sua função de corneteiro no Quartel:

O batalhão está lhe chamando

Estou aqui seu coroné

Tatatá, tatá, tatá

Olha a boia

Tatatá, tatá, tatá

Pororoca

Recruta tá tocando rancho

É o primeiro toque

Que se aprende no quarté

(VICTOR, 1964).

Para se ter ideia da permanência da música em Luiz Gonzaga no Quartel, além de corneteiro-mor, chegou a se submeter a um teste de acordeom de 80 baixos visando compor a Banda Militar, mas foi reprovado. O maestro pedira para ele executar a nota si bemol. *Que diacho é isso?* se espantou o instrumentista que só tocava de ouvido. As biografias revelam o episódio curioso e decepcionante do músico-militar, embora haja dois retratos dele na Banda posando com o tal acordeom. Estaria apenas posando com o instrumento antes do teste fracassado?

Nesse tempo, Gonzaga começou a se interessar pelo violão. Talvez influenciado pelo cantor Francisco Alves e outros astros dos programas de rádio do Rio de Janeiro, os quais também se apresentavam com o referido instrumento. Ainda aprendeu um pouco de harmonia, mas começou a achar o instrumento de cordas problemático; desafinando sempre e sem o volume de som almejado, conforme revela em sua biografia, se penitenciando por ter abandonado a sanfona: *Subestimei o instrumento do Sertão e fiquei no Exército na maior vagabundagem, só dando guarda, recebendo instrução* (DREYFUS, 1996, p.67).

Nas horas vagas, para passar o tempo no Quartel em Minas Gerais, ouvia os programas de rádio das emissoras do Rio de Janeiro, os quais apresentavam os seus ídolos: Almirante, Augusto Calheiros, Zé do Norte, Dorival Caymmi, Antenógenes Silva. Em 1936, fez amizade com um soldado de polícia, Domingos Ambrósio, um tocador de sanfona conhecido na região de Juiz de Fora-MG com quem teve as lições iniciais e também encomendou a primeira sanfona de 80 baixos.

Em 1938, no final da sua carreira militar, se apresentou em palco, pela primeira vez, num programa de calouros, na

cidade de Ouro Fino-MG, tocando e cantando os sucessos dos seus ídolos, Antenógenes Silva e Augusto Calheiros. Nesse tempo, apareceu um caixeiro-viajante pela cidade mineira, vendendo louça, pano e outras miudezas. Mais produtos foram apresentados em catálogo, inclusive uma linda sanfona branca, marca *Honner*, de origem alemã.

Alguém disse que havia um soldado tocador de sanfona no Quartel, o vendedor foi bater lá. Quando Luiz Gonzaga viu a imagem da linda sanfona estampada no catálogo, enlouqueceu desejando possuí-la. Custava 1 conto e 200, uma fortuna, à época. O vendedor, porém, o tranquilizou. Disse que ele podia comprar o instrumento em prestações mensais. Negócio feito. Os recibos das parcelas preenchidos, o caixeiro-viajante recebeu uma quantia de entrada e forneceu o endereço da loja em São Paulo, capital. Desde então ficou mandando o dinheiro certinho, vivendo a maior expectativa de liquidar tudo e ter no colo e entre os braços aquela formosura.

O soldado, feliz da vida, prestes a deixar o Exército Brasileiro, tomou uma decisão importante: fez uma rifa da sanfona de Juiz de Fora, decidiu rifá-la; ele próprio tirou-a - não me pergunte a lisura da rifa -, juntou a quantia suficiente para liquidar as prestações que restavam da *Honner*, pediu autorização para viajar ao comandante, que foi negada. Assim mesmo foi a São Paulo. Dizem que trocou de roupa no trem; trocou a farda militar pelo traje civil.

Quando chegou à metrópole paulistana se hospedou no *Hotel Toscana*, perto da Estação Ferroviária, por indicação do caixeiro-viajante. Assim que se instalou no apartamento, o soldado ouviu um solo de acordeom. Seguindo-o chegou à cozinha. Era o proprietário italiano anunciando o jantar aos hóspedes. Luiz Gonzaga se identificou como soldado e

músico e revelou o intuito de sua vinda para São Paulo.

No dia seguinte, quando chegou ao endereço para resgatar a sanfona, o exuense descobriu que tinha sido lesado. Voltou desconsoladíssimo para o hotel; contou o que tinha lhe ocorrido. O dono solidarizou-se vendendo-lhe o acordeom do seu filho que tinha sido aconselhado pelo médico a não tocar o instrumento por questão de saúde. Era uma *Honner* igual a do catálogo do falso vendedor. Quando retornou para Ouro Fino, Gonzaga cumpriu quatro dias de detenção no Quartel por indisciplina. Em março de 1939 foi dispensado do Exército Brasileiro. Um Decreto Federal proibira soldado engajado de permanecer por mais de dez anos na corporação militar.

De posse da *Honner*, Gonzaga viajou de trem para São Paulo e de lá para o Rio de Janeiro, onde ficou em um quartel aguardando um navio para retornar para o Norte (Nordeste) e para o seu sítio Araripe quase dez anos depois da fuga de casa. Um soldado percebeu um jovem à paisana limpando uma sanfona quando o abordou. Inteirou-se da sua vida e do seu destino e acabou por animá-lo a permanecer na Cidade Maravilhosa vivendo daquele instrumento. Assim foi feito. Luiz Gonzaga começou tocando numa calçada do Bairro Cidade Nova, zona portuária, onde se concentravam os bares e cabarés (na área do atual Porto Maravilha). Apresentou repertórios de tangos, valsas e outros gêneros para marinheiros nacionais e estrangeiros, para boêmios, malandros e outros habituais clientes das prostitutas.

Desde 1940 começou a realizar os sonhos de qualquer artista iniciante do seu tempo: deixar de tocar em calçada exposto ao sol, vento e chuva. Foi convidado para tocar num ambiente mais decente, num dancing, por exemplo. Depois passou a se apresentar em rádio, concorrer em programa de

calouros, gravar discos e fazer sucesso. Luiz Gonzaga conseguiu tudo isso. Em 1941 começou a gravar discos instrumentais; em 1945 grava pela primeira vez como cantor. É a partir dessa segunda fase da sua vida artística, a primeira foi na infância, na adolescência, até início da juventude quando se deu o seu ingresso oficial na Música Popular Brasileira.

O SOLISTA DE SANFONA

QUANDO O EX-SOLDADO LUIZ GONZAGA DESEMBARCOU NO Rio de Janeiro, no começo de 1939, a capital federal tinha passado pela reforma urbana nos governos do presidente Rodrigues Alves e do prefeito Pereira Passos no início do século XX. Os cabarés e os bares populares tinham sido transferidos para o Bairro Cidade Nova (no atual Porto Maravilha), passando a concentrar as prostitutas, marinheiros brasileiros e estrangeiros, boêmios, bêbados, imigrantes baianos, nortistas, mineiros, músicos marginais. Todos expulsos com violência das áreas centrais da nova capital. Décadas depois, o futuro Rei do Baião começou a sua vida artística nesse ambiente, tocando solos de acordeom, de valsas, tangos, polcas e outros gêneros para essa clientela heterogênea.

Estava prestes a eclodir a Segunda Guerra Mundial (1939-1945).

Como artista de rua em iniciação, o acordeonista situou-se em uma movimentada calçada do Cidade Nova, depois passando a tocar em um bar de cabaré. Humilde e simpático, conquistou a amizade dos colegas do meio artístico carioca. Entre eles, um xará do seu pai, Januário França, que o convidou para gravar um acompanhamento de sanfona com um parceiro dele, Genésio Arruda, o maior astro-humorista do cinema mudo da década de 1920, ídolo de Mazzaropi, que influenciou Renato Aragão.

A participação do solista de sanfona na gravação no acompanhamento de duas peças cômicas de Genésio Arruda, *A*

viagem do Genésio e de Olhar e gostar, chamou a atenção do diretor artístico da gravadora VICTOR. No dia 14 de março de 1941, uma semana depois daquela participação, Luiz Gonzaga assinou contrato como acordeonista exclusivo com a gravadora. Foi a partir daí que gravou repertórios para os dois primeiros discos 78 rotações por minuto: foram quatro músicas instrumentais dos gêneros valsa, mazurca e xamego: *Numa serenata*, *Saudades de São João del Rei*, *Véspera de São João* e *Vira e mexe* (o seu maior clássico como solista).

A constituição do conjunto musical regional que gravava com os astros do rádio nesse tempo é remanescente do Grupo de Choro de Antônio Joaquim da Silva Calado, pioneiro no tipo de formação instrumental desde a década de 1880: flauta, violão e cavaquinho. A flauta como instrumento solo seria, por vezes, substituída pelo clarinete, o saxofone ou o bandolim.

Na década de 1930, com o samba batucado, os violonistas dos conjuntos regionais, *Os chorões*, adotaram o acompanhamento rítmico de percussão que foi responsável pelo aparecimento do samba-choro. Depois veio a variante mais sincopada, o samba de breque. Os conjuntos aprimoraram a formação instrumental e rítmica do choro e do samba e passaram a acompanhar as gravações dos artistas dessa época: Francisco Alves, Carmen Miranda, Sílvio Caldas, Orlando Silva e outros intérpretes.

Os maestros mais conhecidos desses conjuntos regionais cariocas foram: Benedito Lacerda, Rogério Guimarães, Claudionor Cruz, Canhoto, Dante Santoro. E os grandes instrumentistas violonistas, flautistas chorões foram: Armandinho Neves, Garoto, Dilermando Reis, Nicolino Cópia (Copinha), Luperce Miranda e Jacó do Bandolim. Muitos deles gravaram com Luiz Gonzaga.



Fig. 1 - Selo do disco 78 rotações da VICTOR do instrumental mais famoso de Luiz Gonzaga, *Vira e mexe*, lançado em 1941.

Fonte: MLG-CG.

Aqueles dois discos rpm de Luiz Gonzaga, com solos de sanfona, iniciaram a sua fase exclusiva de gravar apenas música instrumental. Este segmento foi consolidado e findado na primeira metade da década de 1940. Em sua fase posterior vocal, o cantador lançou obras solas raras, inclusive as famosas *Caxangá* e *13 de dezembro* cujas execuções desafiavam os sanfoneiros até hoje.

Luiz Gonzaga gravou no período de 1941 a 1944, dezenas de discos 78 rotações com repertórios de diversos gêneros: valsa, marcha, choro, xamego, mazurca, polca, etc. Em 11 de abril de 1945 gravou, pela primeira vez como cantor, a mazurca *Dança Mariquinha* dele e do fluminense Miguel Lima:

Dança, dança Mariquinha
Para o povo apreciar
Esta boa mazurquinha
Que pra você vou cantar
Ouçã meu bem
A sanfona tocar
Fifirim-fom! fifirim-fom!
(VICTOR, 1945).

O exuense é autor exclusivo de muita coisa da sua obra instrumental, mas também gravou com parceiros e com outros compositores: Francisco Reis, Simão P. E. Jandi, A. Nássara e E. Frazão, Carlos Dias Carneiro, Mário Magalhães, Ernesto Nazareth, Henrique Xavier Pinheiro, Léo Daniderff, Carneiro Filho e Vasco Gomes, Aristides Borges, Bisoga, Antônio Almeida, Odete Duprat Fiuza, Luiz Bittencourt, José Miranda Pinto e Coruja, Agustin Lara, Peterpan.

Predomina no gênero valsa, os títulos com nomes de

mulheres e lugares: *Numa serenata, Saudades de São João del Rei, Nós queremos uma valsa, Saudades de Ouro Preto, Saudade, Verônica, Minha Guanabara, Saudades de Areal, Ivone, Manolita, Destino, Subindo ao céu, Madrilena, Luar do Nordeste, Farolito, Lygia, Destino, Caprichos do destino, Despedida, Passeando em Paris, Wanda, Última inspiração.*

A valsa *Luar do Nordeste* (1944) é a primeira música a se referir ao topônimo Nordeste (naquele tempo dizia-se: o Norte e *nortista* ao nordestino). Outras obras instrumentais têm títulos de inspiração nordestina: *Pé de serra* (não tem nada a ver com o xote *No meu pé de serra*), *Arrancando caroá, Seu Januário, Santana, Luar do Nordeste.*

Depois do gênero valsa, predomina o choro. Aliás, Luiz Gonzaga é o primeiro sanfoneiro brasileiro a gravar o gênero com esse instrumento, o que acaba por constituir um repertório considerado: *Arrancando caroá, Aquele chorinho, Sanfonando, Apanhei-te cavaquinho, Araponga, Galo Garnizé, Bilu bilu, Escorregando, Pingo namorando, Recordações de alguém, Xodó.*

Quanto ao gênero xamego, Dominique Dreyfus (1996) diz que este jamais existiu como tal. Segundo ela, *Vira e mexe* é um misto de chorinho e polca. Luiz Gonzaga o tocara, em primeira mão, para o irmão Zé Gonzaga, o qual, deslumbrado com sua execução ferosa e sensual à peça, teria exclamado: *Mas que xamego!*

Deste modo, o xamego figura como gênero musical no selo do disco 78 rpm. O substantivo feminino, porém, é dicionarizado com *ch*: chamego, com conotação de amizade íntima, aproximação estreita, apego, inclusive, excitação a atos libidinosos. O sanfoneiro solista gravaria diversos outros xamegos: *Pé de serra, Pisa de mansinho, Seu Januário, O Xamego da Guiomar, Aperreado, Catimbó, Fazendo*

intriga.

Gravou três solos de sanfona do gênero polca, uma versão brasileira da dança rural de origem polonesa que a França exportou para o mundo no século XIX. No Brasil, mesclou-se com os ritmos e as matrizes da música nacional. Nos impressiona até hoje a destreza do instrumentista pernambucano executando *Segura a polca*, *Fuga da África* e *Apitando na curva*.

Constam apenas duas mazurcas no repertório instrumental gonzagueano: *Véspera de São João* e *Santana* em homenagem à mãe. No lado A do disco o xamego *Seu Januário* dedicado ao pai, inaugura o importante segmento das suas obras em homenagem ao genitor.

Luiz Gonzaga gravou um picadinho mineiro, *Calangotango* (1942), adaptação do gênero que conheceu em Minas Gerais, onde morou como militar, entre 1931 e 1939. Consta duas valsas solos de sanfona do seu repertório geral que se referem às cidades mineiras: *Saudades de São João del Rei* e *Saudades de Ouro Preto*.

Em 1945, estreou como cantor. Nesse ano lançou onze músicas instrumentais de diversos gêneros: choro, valsa, polca, quadrilha: *Provocando as cordas*, *Última inspiração*, *Impertinente*, *Na hora H*, *Mara*, *Sanfona dourada*, *Bolo mimoso*, *Dança do macaco*, *Queixumes*, *Zinha*, *Caxangá*. O repertório restante é vocal, seis músicas cantadas: *Dança Mariquinha*, *Penerô xerém*, *Cortando pano*, *Festa napolitana*, *Ovo azul* e *Perpétua*. Nessa segunda fase da carreira o solista de sanfona exclusivo é substituído pelo magnífico cantador de baião, de toada, de xote que foram imortalizados na Música Popular Brasileira.

Para se ter ideia da guinada na carreira artística do exuense desde aquele ano de 1945, quando começou a fase gloriosa

do cantador, no ano seguinte o sanfoneiro lançou dez obras solos de sanfona. Em 1947, ano do lançamento da toada *Asa branca*, praticamente parece findar o seu ciclo exclusivo de obras instrumentais onde lançou uma única valsa, *Coração de mulher*. Contudo, gravaria solos de sanfona na década de 1950: o chorinho *Catamilho na festa*, o choro *13 de dezembro* e o baião *Chorão* são considerados por todos os sanfoneiros nordestinos.

Em 1965, lançou o álbum QUADRILHAS E MARCHINHAS JUNINAS, cujo lado A é todo instrumental, uma sequência dos seus grandes sucessos juninos lançados desde a segunda metade dos anos de 1940, com exceção da polca, *Fim de festa* de Zito Borborema, inédita. A sequência se consagrou nas festas juninas e animações de quadrilhas no Nordeste e Sudeste.

O álbum de Luiz Gonzaga, SÃO JOÃO DO ARARIPE, de 1968, traz no repertório o solo de sanfona *Anita do Cipó* que é uma homenagem à personagem real de origem baiana. Dona Anita da cidade de Cipó. Quatro anos depois, lançou mais uma música instrumental, no disco AQUILO BOM, de 1972, *Meu pequeno Cachoeiro* de Raul Sampaio. Isto dois anos depois da versão cantada por Roberto Carlos. A gravadora RCA VICTOR lançou nesse ano a coletânea SÃO JOÃO QUENTE, cujo repertório reúne quatro antigos sucessos do gênero: *Fuga da África*, *De Juazeiro a Pirapora*, *Impertinente* e *Vira e mexe*.

O álbum, DANADO DE BOM, por sua vez, traz a antiga polca *Pagode russo* com letra de João Silva, em ritmo de forró. Isto ocorre, trinta e oito anos depois da gravação original instrumental de 1946:

*Ontem eu sonhei
Que estava em Moscou
Dançando pagode russo
Na boate Cossacô
Parecia até um frevo
Naquele cai e não cai
Parecia até um frevo
Naquele vai e num vai
(RCA, 1984).*

O gaúcho Renato Borghetti participa do disco FORRÓ DE CABO A RABO, acompanhando Luiz Gonzaga em *Forronerão* com a sua famosa gaita (sanfona à gaúcha), enquanto o sanfoneiro declama enaltecendo as belezas do Rio Grande do Sul. Neste disco, a marcha junina instrumental, *Quadrilha chorona*, tem a participação especial do personagem professor Raimundo (Chico Anysio) marcando uma hilariante quadrilha.

Em 1989 saiu o álbum AQUARELA NORDESTINA, o primeiro lançamento póstumo, incluindo no repertório, o frevo instrumental *Bia no frevo (Dança do cacetinho)*. Há outro disco de solos de sanfona lançado nesse ano, o FORROBODÓ CIGANO, com repertório de quadrilha, forró, frevo, arrasta-pé, xaxado; sendo dez delas da dupla Luiz Gonzaga e João Silva. O disco LUIZ GONZAGA E SUA SANFONA - VOL. 2, também desse ano, do mesmo modo incluiu obras instrumentais. Todos os discos com arranjos de sanfona são do maestro Chiquinho do Acordeom.

HUMBERTO TEIXEIRA, O COMPOSITOR FUNDAMENTAL

O COMPOSITOR FUNDAMENTAL DE LUIZ GONZAGA, Humberto Teixeira, o Doutor do Baião, nasceu no dia 5 de janeiro de 1915, na cidade de Iguatu, Ceará. Morreu no Rio de Janeiro, aos 64 anos de idade, em 3 de outubro de 1979. É primogênito de uma família de catorze filhos e filhas do casal João Euclides Teixeira e Lucíola Cavalcanti de Albuquerque.

A sua iniciação musical, na infância, se deu a partir de uma escalêta, um instrumento de sopro e teclado.

O cearense se lembrou desse período em depoimento ao pesquisador e colecionador conterrâneo (NIREZ, 1977):

Eu devia ter de cinco pra seis anos, quando meu pai me levou de presente um instrumento estranho que ele comprou em Fortaleza. Era uma espécie de gaita com bocal, mas tinha um teclado de acordeom. Um instrumento que depois procurei muito e nunca mais vi. Não sei como aquilo veio bater no Ceará e numa casa de música de Fortaleza.

A mãe do menino Humberto Teixeira percebendo o interesse do filho pela música, o encaminhou aos cuidados de um tio paterno, o maestro Lafaiete Teixeira, para estudar flauta.

Ele preferira estudar piano, mas o pai vetara sua preferência. Piano não. É coisa de mulher. Podia ser flauta, qualquer instrumento, menos piano. O garoto se dedicou ao bandolim. Chegou a fazer uma apresentação precoce na cidade natal.

A sua família o transferiu para Fortaleza para continuar os estudos em regime de internato no prestigiado Colégio São Luiz. Posteriormente, estudou no Liceu do Ceará. Ao mesmo tempo, estava matriculado no curso de flauta do famoso maestro cearense, Antônio Moreira, cuja orquestra fez história no Clube Iracema, no Cinema Majestic de Fortaleza na época do cinema mudo, o qual prescindia de música ao vivo para acompanhar os filmes. O maestro costumava levar os alunos para tocar nesse cinema.

Aos 15 anos, o adolescente teve a primeira música editada por intermédio do seu professor. É uma valsa dedicada à jovem Hermengarda, eleita Miss Ceará, num dos primeiros concursos de beleza realizados em Fortaleza na década de 1920.

Em 1932, Humberto Teixeira desembarcou na cidade do Rio de Janeiro com 17 anos de idade. A intenção dos seus pais era torná-lo médico, mas o filho mudou de ideia e ingressou na Faculdade Nacional de Direito. Desde então, passou a conciliar a vida acadêmica com seu enorme interesse pela música e pela composição. O jovem cearense teve várias ocupações nesse tempo: vendeu óculos ray-ban, trabalhou em restaurante, atuou como telefonista, mas sempre perseguindo o ideal de entrar no admirado mundo artístico carioca.

Em 1934, a revista *O Malho* abriu o concurso anual de músicas carnavalescas oferecendo bons prêmios, variando de 5 contos de réis, para o 1º colocado, e outros valores decrescentes aos outros quatro classificados. O concurso

sacudiu o meio artístico do Rio de Janeiro com centenas de inscritos, alguns relativamente conhecidos e hoje consideradas como grandes figuras da Música Popular Brasileira: Ary Barroso, José Maria de Abreu (Zequinha de Abreu) e um jovem estudante cearense completamente desconhecido que chegara à metrópole havia dois anos.

Em 1976, Humberto Teixeira disse em depoimento ao *Museu da Imagem e do Som*, do Rio de Janeiro, que a princípio não acreditara que a sua composição, *Meu pedacinho*, tivesse sido classificada entre as cinco finalistas do concurso. Depois veio a confirmação em jornal. O jovem foi até a redação da Revista onde conheceu uma personalidade que o marcou para sempre: Oswaldo Santiago, advogado pioneiro em questões de direito autoral no Brasil. Depois deste, dizia o compositor cearense, a música popular passou a ser encarada como trabalho profissional, mercadoria e rendimento de ganho.

A final do concurso da revista *O Malho* em espetáculo público, ocorreu no Teatro João Caetano, no Rio de Janeiro. O jovem neófito passou por dificuldades, conforme revelou em seu valioso depoimento ao pesquisador e colecionador de discos Miguel Ângelo (NIREZ, 1977):

Aconteceu que, por falta de prática nesses eventos, me descuidei inteiramente, e só fui ter ciência disso no dia do espetáculo. Então, quando cheguei no João Caetano, me bar-raram. Até provar que eu era um dos autores premiados e que precisava entrar para acompanhar a minha música, foi uma guerra.

Quando, enfim, consegui chegar aos bastidores do teatro, o espetáculo estava prestes a começar. Todos os

classificados estavam ensaiando suas composições, menos o cearense. *Meu pedacinho* estava sem ensaio nem intérprete, pelo menos até o autor conhecer *uma figura formidável*, Araci de Almeida. A jovem cantora anotou a letra em papel de embrulho e a defendeu cheia de boa vontade, mas ficando em último lugar. Humberto Teixeira queria muito mais. Imaginava as suas composições gravadas em disco, tocadas no rádio, queria ganhar dinheiro, ser admirado pelo ouvinte de todo Brasil.

Em seu período de estudante de Direito, chegou a compor valsa, toada, moda, samba, mas nada de intérprete para gravá-las. As suas pretensões lhe abundavam, conforme revelou Nirez (1977):

Eu procurava os grandes cantores da época, como Orlando Silva, Sílvio Caldas, Elisinha Coelho e Carmen Miranda, mas eles não davam a menor confiança para minha música. Havia dias que dentro de uma complexação incrível eu dizia pra mim: Ô diabo, eu tenho que abandonar isso porque eu devo ser muito ruim porque ninguém aceita a minha música.

Apesar das preterições, o jovem cearense compunha e editava suas obras na *Editora Guitarra de Prata*, no centro do Rio de Janeiro, ganhando um certo percentual por partitura vendida. Chegou a vender dezenas delas. O autor caprichava nos títulos das obras que tratavam de desilusão: *A mentira da felicidade*, *Teu coração é pão duro*, etc., como estratégia de venda. Finalmente chegaram-lhe os intérpretes e parceiros desejados.

Em 1942, Lauro Borges e Ademilde Fonseca gravaram o seu samba *Altiva América*, com Esdras Falcão (Pijuca), do

Quatro Ases e um Coringa, seus conterrâneos. A cantora norte-rio-grandense canta o samba *Racionamento* de Humberto Teixeira e Caio Lemos. Jaime Brito gravou nesse ano uma marchinha dele, *Dona Santa não é santa*, com Caio Lemos. O conjunto de cearenses gravou dois sambas da sua coautoria.

Em 1944, um colega, da Faculdade de Direito, o convidou a participar de um espetáculo beneficente, *Muiraquitã*, no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, com músicas de Ary Barroso sob regência do maestro Eleazar de Carvalho, seu conterrâneo iguatense, para o qual Humberto Teixeira compôs *Sinfonia do café*, posteriormente gravada pelo cantor Déo & *Coro dos Apiacás*.

O advogado recém-formado, reúne-se com alguns colegas de profissão e montam um escritório na Avenida Calógeras, no centro do Rio de Janeiro, em 1943. Deu os primeiros passos na advocacia, mas perseguindo o ideal do autor de música popular. Compôs a canção *Terra da luz*, inspirada em *Aquarela do Brasil*, de Ary Barroso, lançada pelo cantor Déo, com arranjo de Lauro Maia. O interessante é que essa canção antecipa os temas da futura parceria com Luiz Gonzaga: o sol do sertão, o inverno, a seca, as tradições culturais nordestinas, vaquejada, desafio, embolada e violeiro.

Humberto Teixeira e Lauro Maia, ambos cunhados, são autores de sambas e marchas na voz do cantor Orlando Silva, lançados no período de 1944 a 1947: *Só uma louca não vê*, *samba de roça*, *Mariposa*, *Seu erro não tem perdão*, *Poema imortal*. Outros intérpretes gravaram músicas desses compositores entre 1946 e 1950: *Ciro Monteiro*, *Deus me perdoe*, grande sucesso, e *Tenha dó de mim*, sem repetir o êxito; *Os Trovadores* gravaram *Bati na porta*; Déo, a marcha *Xô peru*; *Quatro Ases e um Coringa*, *O coco tá quente*, *Sabina*;

Carmélia Alves, o *Trem ô-lá-lá*.

No mês de agosto de 1945, Luiz Gonzaga chegou ao escritório de advocacia do cearense, encaminhado pelo cunhado Lauro Maia. O pernambucano estava em busca de um parceiro que pudesse colocar letras nos motes: melodias e temas vocais, os quais trazia na memória desde a sua infância em Exu. Achava que aquilo podia gerar um produto cultural genuíno nordestino. Humberto Teixeira continua revelando, no seu depoimento a Miguel Ângelo, da estratégia de publicidade que imaginavam para o novo gênero musical e como a dupla selou a parceria naquela noite:

Nós queríamos empreender uma verdadeira campanha para o seu lançamento. Primeiramente o Lua procurou o meu cunhado Lauro Maia. Mas o Lauro não estava com disposição para a empreitada de longo prazo, que era a proposta de Luiz (NIREZ, 1977).

Eles conversaram a noite toda. Concluíram, a respeito do gênero baião, como o mais genuíno e palatável ao gosto urbano. As ideias iniciais e os primeiros versos da toada *Asa branca* também saíram naquela noite. O compositor cearense, advogado principiante em direito autoral, tinha ciência da origem folclórica do baião. Em razão disto, contestava e desautorizava jornais e revistas da época a lhe atribuírem a invenção do gênero musical. Dizia que somente tinha adaptado (NIREZ, 1977):

Jamais tive essa pretensão [de inventor do baião]. Apenas estimulado pela presença forte de Luiz, urbanizei e depois adaptei ao

estilo citadino esse antigo ritmo já conhecido e tradicional nas veredas de boa parte do Nordeste, tão velho como sertão que lhe deu berço. O baião sempre existiu nas quebradas do sertão, sempre foi música do povo.

Depois do encontro histórico, na Avenida Calógeras, as ideias continuaram a pulular, a fluir em ambos os nortistas. Dias depois, Humberto Teixeira telefonou para Luiz Gonzaga convidando-o para vir ao seu escritório. Adiantou-lhe que já compusera as bases do primeiro baião, de título *Baião*. Combinaram dia e horário do novo encontro. Despediram-se. Quando se reencontraram, concluíram a letra, melodia e sanfonização deste primeiro baião do mundo.

O coautor cearense conceituou a obra primordial, como baião *pedagógico*, *o máster*, *o pai*, o baião *Senhor* de todos os outros que comporiam juntos, mas sem lançar na voz de Luiz Gonzaga. Já era um artista respeitado, porém, como solista de sanfona. Já havia lançado dezenas de discos 78 rotações com vasto repertório de: valsa, choro, polca, marcha, xamego, mas não tinha sucesso como cantor.

Em 1945 quando se conheceram, Luiz Gonzaga desponhava com os primeiros sucessos cantando: *Penerô xerém* e *Cortando pano*, mas isto não lhe dava peso de intérprete para lançar o novo gênero. Deram o *Baião* para o conjunto de irmãos cearenses, *Quatro Ases e um Coringa*, gravado em 1946.

A obra-manifesto do novo gênero, com acompanhamento de sanfona do próprio Luiz Gonzaga, fez relativo sucesso nas vozes do conjunto de cearenses, mas foi insuficiente para demarcar o baião em âmbito nacional. Isto somente foi possível a partir de 1949, com a versão definitiva de *Baião* na

voz do magnífico cantador. Naquele ano vieram a público outros discos históricos de sucessos com Humberto Teixeira e Zédantas.

Façamos uma pausa: Doze anos depois daquele concurso da revista *O Malho*, quando Humberto Teixeira ficou em quinto lugar, socorrido pela cantora Araci de Almeida, ele e Lauro Maia são os autores campeões do carnaval do Rio de Janeiro de 1946 com *Deus me perdoe* e a *Marcha do balanceio*.

Os discos rpm do xote *No meu pé de serra* e o da toada *Asa branca*, lançados em 1947, com as primeiras parcerias com Humberto Teixeira, logo se consagraram. Em 1948, foi lançado apenas o rpm da *Moda da mula preta* e *Firim, firim, firim*. A gravadora RCA VICTOR construiu a fábrica própria de prensagem de disco. Por isso os seus artistas contratados não gravaram naquele ano. Daí o acúmulo de obras inéditas de Humberto Teixeira e de Zédantas, que foram lançadas em 1949: *Baião, Juazeiro, Léguas tirana, 17 léguas meia, Lorota boa, Mangaratiba, Vem morena, Forró de Mané Vito*. São baiões, polca e xote que se consagrariam na Música Popular Brasileira.

A civilização do Nordeste brasileiro, marcada pelo drama da seca, o misticismo, o banditismo, o coronelismo, agora, está imensamente dimensionada nos baiões e toadas do cantador de Exu. Sobretudo, a marca da tragédia da seca (determinante dos fluxos migratórios dos sertanejos e matriz da literatura regional), mas também o cotidiano do sertanejo, seus costumes, sentimentos, tristezas, esperanças, folguedos, danças e vestes de personagens populares.

Artistas famosos, nacionais e internacionais aderiram ao baionismo. Desse modo, gravaram o novo gênero e o cantaram em filmes com números musicais desde a segunda metade da década de 1940: Carmen Miranda interpreta

Baião, em *Nancy goes to Rio*; a atriz italiana Silvana Mangano, o *Baião de Ana*, no filme *Ana*; o próprio Luiz Gonzaga também participa de filmes brasileiros cantando os seus sucessos, inclusive com Humberto Teixeira: *Lorota boa*, no filme *Este mundo é um pandeiro* em 1946; e a toada *Asa branca*, no filme *É com este que eu vou* de 1948.

Dominique Dreyfus afirma que o sanfoneiro e cantador participa com o xote *Mangaratiba*, coautor Humberto Teixeira, na comédia *Estou aí?* O seu nome, porém, não consta na ficha técnica do filme do livro *Este mundo é um pandeiro* de Sérgio Augusto. Consta apenas os nomes dos seguintes astros: Emilinha Borba, Ciro Monteiro, Isaurinha Garcia, Bob Nelson, Nelson Gonçalves, João de Barro, Capiba, Guerra Peixe.

Com os sucessos repentinos do xote *No meu pé de serra*, sobretudo, da toada *Asa branca*, desde 1947, a dupla de autores se consagrou imediatamente em todo Brasil. Em 1949 e 1950 seria lançada uma série de clássicos imortais, inclusive com o parceiro fundamental cearense: *Lorota boa*, *Mangaratiba*, *Juazeiro*, *Baião*, *Légua tirana*, *17 légua e meia*, *Respeita Januário*, *Assum preto*, *Xanduzinha*, *Estrada de Canindé*.

Em 1949, Humberto Teixeira, o Doutor do Baião, publicou um artigo no boletim da União Brasileira de Compositores, UBC, traduzindo o gênero baião como expressão máxima do nosso sentimento histórico, telúrico, em comum acordo com o ritmo cadenciado, uniforme, de passo miúdo e recatado. Segundo ele, o novo gênero musical que sacudiu o Brasil, é oriundo das poesias popular e erudita sertanejas, do sentimento da seca, da saga do vaqueiro nordestino e de outras motivações primordiais. A seguir transcrevemos um trecho do documento representativo do seu enunciado (Boletim da UBC, 1949):

[O baião é] A sextilha dolente de Juvenal Galeno, a trova matuta de Leonardo Mota (...) *O Quinze* de Rachel de Queiroz (...) um romance de Zé Lins do Rego (...) A viola do cego Aderaldo (...) O ouro do sol (...) O fogo do sol (...) A ira do sol (...) O canto-chão do boiadeiro consolando o boi magro e sedento no seu êxodo através da terra calcinada de onde desapareceu o último xique-xique, e a asa branca fugindo da fornalha crepitante da seca (...).

O compositor cearense prossegue conceituando o baião como sendo o drama real do nordestino, do retirante de seca vivendo em terra distante, sobrevivendo com *duzentos réis de caçaça para mil quilos de coração e de saudade*. Espera a primeira chuva que é prenunciadora da fortuna, do cheiro da terra molhada, da lavoura, da colheita, da diversão e do encanto da cabocla. Enfim, o gênero poético, melódico e rítmico é encarnado na figura emblemática do seu intérprete maior e da sua genuína sonoridade sertaneja (Boletim da UBC, 1949):

[O baião é] A sanfona mágica de Luiz Gonzaga, a sua musicalidade e a sua voz mil por cento nordestina (...). A contribuição rítmica e melódica das terras ensolaradas ao grande concerto orquestral da pátria comum (...). A sonoridade triste da minha lira canhestra.

A sonoridade *triste e canhestra* da lira de Humberto Teixeira o elegeu, no início dos anos 1950, como o Compositor do Ano no Brasil, mais de uma vez, em concurso promovido pela *Revista do Rádio*. Premiação justíssima. Após o

ciclo dos baiões, toadas, lançadas no período de 1946 a 1950, consagradas na boca do povo, Luiz Gonzaga lançou uma obra tardia do parceiro, o baião *Paraíba*, em 1952. Isto dois anos após a gravação original da cantora Emilinha Borba. O baião, foi originalmente jingle de um paraibano candidato a senador, enaltece a participação heroica da pequena Paraíba nos episódios que levaram à Revolução de 1930, o que mudou a história do Brasil.

O compositor cearense contou, no depoimento ao pesquisador e colecionador conterrâneo, sobre as motivações legais e autorais que o levaram ao término da sua primeira fase na discografia do Rei do Baião logo no início dos anos 1950. Haveria uma segunda a partir de 1968 como veremos. Vejamos a sua memória daquele período (NIREZ, 1977):

Luiz Gonzaga recebeu uma proposta dos Irmãos Vitale que eram os diretores e praticamente os donos de uma recém Sociedade, a SBACEM (...). Eu disse: Não, Luiz, eu fico! [na UBC] e tal. Eu insistia para que ele ficasse, e ele insistia para que eu fosse! Mas falou mais alto o interesse [financeiro] dele muito louvável, muito humano, muito justo, e ele foi. Havia dispositivo de ordem estatutárias que não permitiam autores de uma Sociedade gravarem ou fazerem parceria com autores de outras. E daí houve essa interseção na nossa parceria.

Anos depois, quando findou a tal proibição, Humberto Teixeira trouxe o parceiro e compadre querido de volta para a União Brasileira de Compositores, a UBC, mas os anseios daquele eram outros. Após a fase sensacional de 1947 a 1950, o cearense continuou sendo assediado por tudo que era

intérprete. Todos queriam um baião novo para gravar. Basta dizer que a sua primeira composição exclusiva, o baião *Kalu*, na voz de Dalva de Oliveira, em 1952, lhe trouxe fortuna e prestígio do mesmo modo que à cantora. Curiosamente, o tornaria mais famoso do que como coautor da *Asa branca*. Isto nas suas futuras viagens pelo mundo, como deputado federal, liderando caravanas de artistas brasileiros.

O compositor continuou produzindo e lançando obras com outros intérpretes, cantoras, cantores, músicos que foram convertidos ao gênero baião: Emilinha Borba gravou *Paraíba* e *Baião de dois*; Marlene, *Eu vou pro Ceará*; Os Cariocas, *Qui nem jiló*; Lana Bittencourt, *Zezé e Baião internacional*; Carmélia Alves, *Ajuda teu irmão, Voando pra Paris, Eu sou o Baião, O voo do mangangá*; Helena de Lima, *Baião do Salvador*; Rogéria, *Benzim*; Sivuca, *Maria Fulô*; Jair Alves, *Dono dos teus olhos*; Dalva de Oliveira, *Kalu, Baião de São Sebastião*.

O baião *Kalu* é um caso à parte: Dalva de Oliveira estava iniciando a carreira solo após as tumultuadas separações do conjunto *Trio de Ouro* e da vida conjugal com Herivelto Martins. Estava gravando em Londres quando encomendou a Humberto Teixeira um baião inédito para o seu novo disco. Quando foi lançado no Brasil, a cantora só acumulou recordes. Vendeu mais de 63 mil cópias na primeira semana do lançamento. O baião foi eleito a canção mais popular de 1952 e o seu autor, foi eleito como O Compositor do Ano.

A *Revista do Rádio*, edição de fevereiro de 1953, publicou uma reportagem especial com Dalva de Oliveira destacando a estrondosa vendagem de 400 mil cópias do disco de *Kalu*. A matéria também aborda a fortuna de 200 mil cruzeiros da cantora que fora acumulada em apenas dois meses. Destaca o autor do baião como prova de que já se vivia de música no

Brasil. Humberto Teixeira abandona a banca de advogado para seguir a carreira de autor de música popular. Possuía um lindo automóvel, marca *Triumph Sport*, seu cartão de visita na Zona Sul carioca. Comprara uma casa de campo em Mangaratiba no litoral Sul fluminense, onde passava os fins de semana compondo grande parte da bagagem musical. O cearense posa para a reportagem, elegantíssimo, ao lado do seu automóvel badalado com a seguinte legenda: *O autor de Kalu recebe uma fortuna pelas suas melodias. Por isso vive luxuosamente. Eis o seu carro: 100 cruzeiros!*

Em suas andanças pelo mundo, como dissemos, liderando caravanas de artistas brasileiros, como deputado federal, Humberto Teixeira foi mais prestigiado como autor do baião *Kalu* do que como o coautor da *Asa branca*. Contava que tinha uma coleção de 68 gravações diferentes do baião, em dezenas de línguas do mundo, uma proeza espetacular como autor (onde está esse acervo?), conforme revela no seu depoimento a Nirez (1977):

Quando eu corri a Europa [liderando caravanas e divulgando a música brasileira sob patrocínio da Lei Humberto Teixeira], foi muito mais importante eu ser o autor de *Kalu*, que ser deputado ou qualquer outra prerrogativa que por ventura eu pudesse exibir na ocasião. O autor de *Kalu* é que era importante, tal o sucesso! Uma música gravada por Jacqueline François, por Yves Montand, por Edith Piaf, por outros grandes cantores da Terra (...). Nos Estados Unidos (...). Foi uma coisa extraordinária *Kalu*. Aqui no Brasil Dalva de Oliveira fez um sucesso fora de série. De maneira que o Luiz chorou muito a mágoa desse primeiro

sucesso que eu fiz logo depois da nossa separação (NIREZ, 1977).

De novo o cearense é destaque na *Revista do Rádio*, edição de 1953. Dessa vez sendo o Personagem da Semana da coluna *Buraco de Fechadura: Revelações de um repórter indiscreto*. Notívago, tinha por hábito adormecer pelas 4 horas da manhã. Gostava de trajar blusão esporte de cores vivas, paletó xadrez (o xodó), terno escuro listrado. Conservava o bigode à Clark Gable, a moda no meio radiofônico e musical carioca. Usava cabelos curtos com alguns fios grisalhos. Fumante inveterado, consumidor voraz da marca *Hollywood*. Seu peso, 65 kg, número de sorte, 13, sabonete preferido, *Pinho da Sibéria*, loção, *Lavander Atkinson*. Fazia a barba com o mesmo barbeiro há muitos anos. Solteiro aos 38 anos de idade. Usava um bonito relógio-pulseira de ouro, o anel de advogado nunca lhe saía do dedo e possuía aquele carrão importado. Conquistara amores dispersos. Possuía uma linda discoteca de música clássica. Considerava o Rio de Janeiro o melhor lugar do mundo. Ia sempre à praia, principalmente quando estava na casa de campo em Mangaratiba. Gostava de viajar pela Europa.

Humberto Teixeira revela ainda na *Buraco de fechadura* que adorava comer graviola, uma fruta do Norte [Nordeste]. Tinha dois grandes amigos, Manoel Barcelos e José Amádio. Fazia o ponto noturno geralmente no *Bar Alcazar* em Copacabana. Exercia até aquele momento - e até o final da vida - a profissão de advogado. Socialmente, membro do *Fluminense Futebol Clube*. Sobre o seu método de criação, compunha letra e melodia ao mesmo tempo. Não se aborrecia facilmente, o seu bom humor era permanente.

A *Revista do Rádio* torna a destacá-lo, na edição de julho

de 1953, na página *Pelo Telefone*. Dessa vez o famoso compositor de Luiz Gonzaga e de Dalva de Oliveira é destaque por causa do *Clube da Chave*, fundado por ele, situado na Avenida Atlântica, no Rio de Janeiro, para reunir personalidades ilustres do rádio, do cinema, do teatro, da imprensa, da literatura. Seria a vitrine para jovens músicos, compositores e cantores, inclusive da futura Bossa Nova. Os seus sócios, limitados ao número de 50, cada um tinha a sua própria chave - daí a denominação do clube - para entrar e sair a hora que quisesse. Ali encontravam-se sempre com boas conversas e companhias para beber, ouvir música e compor. Acolhia os convidados, os intrusos, dos sócios. Havia promoção de festas do tipo *venha como estiver*. Humberto Teixeira explicita sobre a filosofia e os serviços prestados pela entidade:

Foi esse um dos objetivos visados quando da sua fundação, ter um lugar sossegado onde se pudesse conversar à vontade, trocar ideias, filosofar ou simplesmente matar o tempo sem ser importunado (...) Ora, se cada sócio tem a sua chave - não havia necessidade de a porta da sede ficar aberta (*Revista do Rádio*, 1953, nº 201).

A ideia da fundação da agremiação cultural e recreativa carioca partiu do próprio compositor cearense que foi apoiada por amigos sócios fundadores que imediatamente o elegeram como presidente da entidade. A sua diretoria era assim constituída em 1953: diretor presidente e fundador, Humberto Teixeira; diretor secretário Leony Machado; diretor tesoureiro, Manoel Barcellos; diretor artístico, Millôr Fernandes; diretor social, Carlinhos Guinle.

A Imprensa do Rio de Janeiro logo descobriu o refúgio de famosos e passou a noticiar os encontros no *Clube da Chave*, a decoração, as festas, as presenças dos astros do rádio, do cinema, do teatro, da imprensa, da literatura: Orlando Silva, Francisco Carlos, Ivon Curi, Cyll Farney, Paulo Gracindo, Fernando Lobo, Procópio Ferreira, Oscarito, Anselmo Duarte, José Lewgoy, Jardel Filho, Pascoal Carlos Magno, Jorge Dória, Oscar Niemeyer, Fernando Chateaubriand, Jardel Filho, Anselmo Domingos, Garoto, Johnny Alf entre outros.

Um futuro pianista, Luiz Eça, se apresentou pela primeira vez na noite carioca nesse local, porém, como acordeonista. Silvinha Teles cantou lá, antes de gravar o primeiro disco. Antônio Carlos Jobim viu, pela primeira vez, o parceiro Vinícius de Moraes nesse local. O fundador da agremiação não abria mão das atrações artísticas nordestinas, promovendo apresentações de Jararaca, Luiz Gonzaga, Carmélia Alves, Catulo de Paula e outros.

As mulheres, claro, eram admitidas ao *Clube da Chave*, em especial, as artistas: Ângela Maria, Maysa, Dolores Duran, Elizeth Cardoso, Carmélia Alves entre outras. Uma dessas frequentadoras, era a pianista e atriz, Margarida Pollice, que seria sua esposa e mãe da única filha de Humberto Teixeira, a atriz Denise Dummont, mesmo contra a vontade paterna. Mesmo assim, a filha envolveu-se com o teatro e a televisão desde a segunda metade dos anos de 1970, inclusive com novelas na Rede Globo. Depois da morte do pai, chegou a posar nua para a Revista masculina *Playboy*. É a produtora de um documentário sobre ele, *O homem que engarrafava nuvens*, de 2009, com direção de Lívio Ferreira, no qual revela o fascínio paterno por mulheres de olhos verdes; duas delas foram os seus grandes amores: Mafalda e a mãe

de Denise Dummont.

Em 1932, o estudante Humberto Teixeira, de apenas 17 anos, viveu um romance com a dona da pensão onde se hospedara com um irmão no Rio de Janeiro. O seu nome: Mafalda Bianch. Bonita, madura, olhos verdes. O namoro do jovem com uma mulher mais velha, além de separada do marido, só podia gerar curiosidade e bisbilhotice. O caso inspirou, décadas depois, a musa do baião *Kalu*, também formosa, de olhos verdes encantadores. Os olhos da intérprete do baião, Dalva de Oliveira, também eram esverdeados.

Margarida Pollice, o maior amor da vida de Humberto Teixeira, atua de mocinha no filme *O comprador de fazendas*, com participação de Luiz Gonzaga, cantando *Tô sobrando* e *Morena, moreninha*. Ela diz, no citado documentário produzido pela filha, que o ex-marido, embora, romântico, educado, solteiro convicto. Ela o deixou para viver com um jornalista e locutor, Luiz Jatobá. Em seguida, o casal foi morar nos Estados Unidos, em Nova Iorque. O ex-marido, dizem, nunca mais se curou dessa separação. Neste sentido, a sua linda canção *Ana Rosa*, com Luiz Gonzaga, pode ter cunho autobiográfico.

Em meados da década de 1950, Humberto Teixeira além de perder o grande amor para Luiz Jatobá, também assistiu a derrocada do *Clube da Chave*. Saiu uma nota na imprensa dando conta da agonia financeira da agremiação, alarmando sobre a luta dos sócios pela sua sobrevivência, expondo as dívidas exorbitantes e apelando para o seu prestígio como ponto de encontro da vida artística carioca que não podia morrer. Havia de superar a crise, voltar aos melhores tempos, se renovar, oferecer melhores serviços aos associados, sobretudo, no restaurante e no bar. Só que mais da metade dos associados jamais o frequentavam. Apenas em ocasiões

especiais. A importante agremiação cultural carioca foi extinta.

O fundador do *Clube da Chave* agora era história. O seu presente era o ideal da carreira política, apadrinhado pelo líder Ademar de Barros. Humberto Teixeira candidatou-se a deputado federal pelo Ceará em 1954, com o apoio irrestrito do parceiro e compadre Luiz Gonzaga, com dinheiro e com a sua presença física no palanque do candidato, cantando e posando em retratos. Isto teve influência decisiva na sua eleição para a Câmara Federal.

O advogado expert em direito autoral, agora parlamentar, cria uma lei - com o seu nome -, delegando ao governo federal a obrigação de divulgar e exportar a música brasileira. A Lei Humberto Teixeira patrocinou caravanas de artistas em apresentações na Europa, nos Estados Unidos, na Ásia e na África.

Os seus pronunciamentos, como dirigente da União Brasileira de Compositores, UBC, abordando as lutas pela dignidade do compositor profissional, eram aguardados com expectativa nos eventos internacionais dos dirigentes das sociedades arrecadadoras e distribuidoras de direitos autorais. Chegou a lutar, em causa própria, num processo de plágio do baião *Juazeiro*.

Lançado pelo conjunto *Os Cariocas*, o baião *Juazeiro* seria regravado nos EUA com outra letra e outro nome. Os técnicos de lá simplesmente copiaram o arranjo musical brasileiro. Fizeram nova letra e puseram a cantora Peggy Lee para gravar a versão em inglês. A mesma coisa sucedeu ao baião na França, também com novo título: *Le voyageur* (O Viajante). Apesar dos processos judiciais impetrados envolvendo advogados estrangeiros, os autores dos baiões plagiados jamais foram ressarcidos dos prejuízos.

As convicções do advogado Humberto Teixeira, sobre direito autoral, o levaria às últimas consequências. Em 1972, comprou briga com as poderosas empresas de comunicação, de rádio e de televisão, contra a resolução aprovada em convenção dos diretores dessas emissoras, de que seriam *asfixiantes* as tabelas de cobranças de direito autoral no Brasil.

O cearense respondeu à altura, na *Revista do Direito Autoral*, denunciando a ridícula participação dessas emissoras se comparadas às emissoras de outros países: EUA, Suécia, Inglaterra e Noruega. Brigas à parte do advogado e dirigente da UBC, em defesa do autor nacional, felizmente nesse tempo estava vigorando a segunda fase da sua participação na discografia de Luiz Gonzaga.



Fig. 2 - O compositor Humberto Teixeira foi eleito deputado federal, em meados dos anos 1950, graças ao apoio do compadre e parceiro Luiz Gonzaga. Fonte: FONTELES, 2010.

Em 1968, a gravadora RCA VICTOR havia lançado dois álbuns de Luiz Gonzaga: A coletânea MEUS SUCESSOS COM HUMBERTO TEIXEIRA: *Asa branca, Lorota boa, Mangaratiba, Juazeiro, Baião, Respeita Januário, Assum preto, Xanduzinha, Estrada de Canindé, Macapá, Paraíba*, em cuja contracapa há o valioso manifesto-estético do Doutor do Baião que fora publicado no Boletim da UBC em 1949.

Outro álbum de carreira, o CANAÃ, também lançado em 1968, demarca a nova fase do compositor Humberto Teixeira na discografia de Luiz Gonzaga. O cearense escreve na contracapa tratando da fatalidade da vida e do destino que pusera ambos em caminhos diferentes, cada um cumprindo *os desígnios de um fadário quase comum*. E anuncia o seu retorno:

Voltei, entretanto, a cantar o Nordeste (o Luiz não parou jamais) através da mesma voz do “Lua”, parceiros de tantos e tantos sucessos (centenas) que o Brasil inteiro consagrou e que à sua época e à sua maneira (nossa forma lírica de ‘protesto’) se constituíram no grito e lamento de todo um povo esquecido e espoliado (LP CANAÃ, 1968).

Humberto Teixeira escreve para anunciar que o Nordeste tinha mudado, e, conseqüentemente, a sua poesia. Evoca o protesto melódico e lírico da dupla, *Vozes da seca* de 1953. É um brado em favor dos contrterrâneos desvalidos aos do Centro-Sul, mas que os sertanejos agora esboçavam o milagre do pouco que os patrícios do passado reclamavam: água, milho, trabalho condigno e liberdade para amar a cabocla e tocar viola.

Luiz Gonzaga, cantor dos enredos imortais sobre os

retirantes de secas saudosos da terra e da amada e que viviam a expectativa de voltar ao *pé de serra* assim que caíssem as primeiras chuvas. Agora estes retirantes tinham muito mais para mostrar, segundo a composição *Canaã* que intitula o disco expondo a nova estética do gênio humberto-teixeirense:

*Asa branca, assum preto, acauã
Me ajudem de novo a cantar
E dizer que num é só tristeza
O que tem o sertão pra mostrar
Que o caboclo que tanto sofreu
E caído, viveu pra sonhar
Amanhecer dentro de Canaã
Sem sair de seu próprio lugar
(VICTOR, 1968).*

O álbum, CANAÃ, é singular pelo conjunto do repertório, com teor libertário do povo, devido às composições de Gonzaga Júnior: *Pobreza por pobreza, Festa, Erva rasteira, Diz que vai virar*, além das participações de Humberto Teixeira: *Canaã* e *Baião Polinário*. Contudo, em *Canto sem protesto*, com o seu xará Luiz Queiroga, atenua esse sutil caráter político-ideológico das obras do filho:

*Podem dizer que eu não presto
Que não presta o meu cantar
Meu canto não tem protesto
Meu canto é pra alegrar
(VICTOR, 1968).*

Já o *Baião Polinário* é uma sátira em defesa da pureza

rítmica do seu gênero mais famoso, ridicularizando os *baiões polinários* - pós-música jovem da década de 1960 -, tocados em ternário e quaternário, estranhos à sua origem que é binária:

Colagem de som e verso
Modismo ao reverso
Sim, sinhô
Pode agradar não discuto
Se tem balanço eu escuto
Mas foge ao meu inventário
(VICTOR, 1968).

Luiz Gonzaga continua cantando impiedoso contra os *baiões polinários*: pilantras, xibungos (sinônimo pejorativo de homossexual no Nordeste). Pede mais respeito ao sertão mostrando suas credenciais de realeza:

Fala minha autoridade
Num acorde de saudade
De quem sabe o que é baião
(VICTOR, 1968).

Três anos depois das críticas de *Baião Polinário*, o autor cearense parece desejar querer se redimir da severidade com os falsos baiões. Retomou o assunto em uma participação falada na música *Bicho, eu vou voltar*, de sua autoria, no disco, O CANTO JOVEM DE LUIZ GONZAGA, de 1971. Neste caso, homenageia a nova geração de cantores e compositores dos *baiões polinários bons toda vida*: Caetano, Gil, Edu Lobo, Capinam, Macalé, Milton Nascimento, Gonzaguinha, Tom Jobim, Vinícius entre outros, considerando a importância

do Rei do Baião para a Música Popular Brasileira.

O álbum *AQUILO BOM!* não tem uma música de sucesso, embora inclua duas composições de Humberto Teixeira. A desconhecida *3x4 (Marilu)* dele e *Maria Terezinha* e *Ana Rosa* com letra e melodia grandiosas e interpretação esplêndida do Rei do Baião:

*Em dezembro faz um ano
Que amargo o meu sofrer
E nas contas de saudade
Um ano é dez, a dor é mil
E eu sem você
(RCA, 1972).*

No seu primeiro álbum lançado pela gravadora ODEON, LUIZ GONZAGA, o repertório inclui a sua versão do *Baião de São Sebastião*, de Humberto Teixeira (gravação original de Dalva de Oliveira), na qual evoca a chegada do migrante nordestino ao Rio de Janeiro se extasiando com a beleza da metrópole:

*Vim do Norte
O quengo em brasa
Fogo e sonho do sertão
E entrei na Guanabara
Com tremor e emoção
(ODEON, 1973).*

De volta à gravadora RCA, o exuense lançou o álbum *CAPIM NOVO*, em 1976, com mais uma obra do cearense, *Saudade dói*, mas sem sucesso. Já o repertório do *CHÁ CUTUBA* (1977), inclui mais três músicas de Humberto

Teixeira. A que intitula o lp, *Chá cutuba*, a regravação de *Baião de dois* (gravação original de Emilinha Borba) e *Menestrel do Sol* evocando o Rei do Baião:

*Ai! ai! que curta vida
Pra quem tanto viveu
Os sonhos de outras vidas
Que ajudei com o canto meu
Povo e terra e eu cantando
Sem me aperceber
Dos momentos que eram meus
Não voltam mais, eu sei
(RCA, 1977).*

Luiz Gonzaga lançou outras composições do parceiro fundamental, no álbum DENGÓ MAIOR, inclusive a *música* que dá *título ao lp* dele com o sanfoneiro Julinho e a súplica *Salmo dos aflitos* invocando Nossa Senhora da Serra da Raiz (padroeira de uma paróquia fluminense) para abrandar os corações dos homens:

*Em nome dos céus eu reclamo
As graças que devem pra mim
As graças que eu reclamo
Em nome dos irmãos aflitos
São já conhecidas de todos
(RCA, 1978).*

O disco, EU E MEU PAI, em homenagem ao genitor Januário, traz mais uma composição de Humberto Teixeira, *Orelia*, tematizando a paixão que se consagraria como um grande sucesso desde o ano do lançamento:

Orelia, ai, ai, Orelia
Só de olhar
Teu olhar magnéto
Vi logo o meu fim
(VICTOR, 1979).

O Rei do Baião presta homenagem ao Doutor do Baião recém-falecido, em *O adeus da asa branca (Tributo a Humberto Teixeira)*, de Dalton Vogeler do disco O HOMEM DA TERRA:

Foi se embora a asa-branca
Lá pro céu ela levou
O poeta de alma franca
Que todo mundo cantou
(VICTOR, 1980).

Em 1982, Luiz Gonzaga lançou a *Dança do Capilé*, de Rildo Hora e Humberto Teixeira no disco ETERNO CANTADOR:

A regra nessa dança
Se evitar qualquer chamego com a pança
Não pega bem no capilé certos fricotes
Exemplo a dama rejeitar
Cheiro em cangote
(RCA, 1982).

A derradeira participação do compositor cearense em disco gonzagueano é com *Xengo* no disco, 70 ANOS DE SANFONA E SIMPATIA, telúrica, decantando o sertão, o inverno, a lavoura:

*Xengo te ajoelha
Filho, beija o pó
Afaga esta nesga de terra
Que é nossa
D'eu e tu e mãezinha
(RCA, 1983).*

A propósito dos dois maiores compositores de Luiz Gonzaga - Humberto Teixeira e Zédantas (José de Souza Dantas Filho) -, o intérprete foi inquirido a respeito das singularidades dos geniais coautores. Nas ocasiões, sempre dava uma resposta simples, porém, significativa para entendermos as características de cada um deles. Afirmava que o cearense tinha *vindo do asfalto*, quer dizer, mais urbano, nascido em Iguatu, no Ceará, vivendo até início da juventude em Fortaleza. Por esta razão, idealizava o sertão nordestino nas composições. Já sobre Zédantas, dizia ter sentido *cheiro de bode* nele no primeiro encontro em Recife, no ano de 1947, devido sua autenticidade e vivência rural sertaneja que inspirariam baiões, xotes e toadas imortais.

O cearense e o pernambucano chegaram a produzir um quadro, *No mundo do Baião*, no programa *Cancioneiro Royal*, na Rádio Nacional, do Rio de Janeiro em 1951. Um advogado, o outro médico, cada qual querendo fazer o programa por si. Luiz Gonzaga, estava neste momento, entre os parceiros geniais, conforme revela a Dominique Dreyfus:

Houve discussão feia entre eles, por causa da ciúmeira. Eles se intrigaram, e entendi que não era fácil ficar com os dois. Eles não dependiam um do outro, mas aquilo me incomodava. Que diabos! Acabei brigando com Humberto Teixeira (DREYFUS, 1996, p.165).

Iolanda Dantas, viúva de Zédantas, no entanto, dizia que os dois compositores se davam muito bem e que jamais brigaram. Chegaram até a compor uma música juntos, *Piririm*. A biógrafa Dreyfus (1996) confirma que de fato não houve contenda entre os dois e que o afastamento se deu por questões de primazia autoral. O cearense achava que sua participação nas parcerias era muito mais decisiva que a do sanfoneiro e cantador do Exu e que por isso deveria ganhar mais.

Desde o final da década de 1950, surgiram os compositores da fase intermediária da discografia de Luiz Gonzaga, autores de obras que também se consagraram na boca do povo, sem dúvida inspiradas nas composições matrizes de Humberto Teixeira e Zédantas. Os principais, Antônio Barros, Onildo Almeida, José Marcolino, Zé Clementino, Patativa do Assaré, Severino Ramos. Mais parceiros importantes se projetaram nas décadas de 1970: Nelson Valença, Luiz Ramalho, Jandhuy Finizola e João Silva.

ZÉDANTAS, O COMPOSITOR GENIAL

JOSÉ DE SOUZA DANTAS FILHO. NASCEU EM 27 DE FEVEREIRO de 1921, em Carnaíba, Pernambuco. Aos 28 anos de idade é formado médico-obstetra em 1949. Nesse ano, foram lançadas as suas primeiras composições na voz de Luiz Gonzaga: o baião *Vem morena* e o *Forró de Mané Vito*. Zédantas ainda participaria com dezenas de baiões, toadas, xotes e etc. Muitas dessas obras se consagraram como grandes sucessos da Música Popular Brasileira: *A dança da moda*, *Cintura fina*, *A volta da asa branca*, *Sabiá*, *Imbalança*, *São João na roça*, *Acauã*, *O casamento de Rosa*, *A Letra I*, *Algodão*, *ABC do sertão*, *Vozes da seca*, *O xote das meninas*, *Noites brasileiras*, *Paulo Afonso*, *Riacho do navio*, *Siri jogando bola* e *Samarica parteira*.

A produção da dupla pernambucana, Luiz Gonzaga e Zédantas, engloba a paisagem ecológica, humana, cultural, sentimental e telúrica do Nordeste. Aborda a tristeza da seca, a saga do retirante, a nostalgia do pé de serra, a alegria do inverno, o retorno ao sertão, o reencontro com a amada, o deleite da fartura e a festa. Esta abordagem temática constitui uma verdadeira enciclopédia nordestina que vai do sertão ao litoral: o seu modo de vida, o hábito, a alimentação,

o amor, a lavoura, o criatório, a comida, o folguedo, o religioso, a superstição, o tipo popular, o anedotário, a exaltação do progresso da pátria, a denúncia social.

O álbum antológico LUIZ GONZAGA CANTA SEUS SUCESSOS COM ZÉDANTAS, de 1959, de tributo ao genial parceiro, apresentou às novas gerações de brasileiros contemporâneos do disco long play (com 12 faixas; o 78 rpm tinha apenas duas) o melhor repertório do gênio zé-danteano todo regravado.

Em 1960 e 1961, o cantador da *Asa branca* lançou dois discos com obras tardias de Zédantas: um rpm com uma marcha junina, *São João no arraiá* e outro com um baião, *Pisa no pilão*. Nesse tempo, o compositor já lutava contra a enfermidade (não sabemos precisamente qual) que o vitimaria em 1962. O álbum desse ano, *Ô VÉIO MACHO*, inclui obras dos gêneros baião, xote e toada, da autoria do compositor pernambucano: *Balança a rede*, *Forró de Zé Antão* e *Adeus Iracema*.

Em 1963, a gravadora RCA VICTOR lançou um disco compacto duplo de Luiz Gonzaga, *HOMENAGEM A ZÉ DANTAS*, com duas obras inéditas do celebrado compositor dos gêneros toada e baião: *Xô pavão* e *A profecia*. Os baiões *Homenagem a Zé Dantas* e *Zédantas*, complementares do repertório do compacto, são autorias de Antônio Barros e de Onildo Almeida:

O Nordeste inteirinho tá chorando
Sertanejo também entristeceu
Foi embora o poeta nordestino
Foi cumprir o seu destino
Traçado por nosso Deus
(VICTOR, 1963).

A letra de *Zédantas* continua exaltando os versos musicados do poeta e melodista imortalizados na boca do povo. O povo sertanejo que o tinha enaltecido nas suas composições, agora pranteava o poeta imortal que foi embora para nunca mais voltar deixando o seu nome na história:

*Sertanejo não esquece um filho seu
Foi Zédantas quem deu nome ao matuto
Que agora está de luto
Porque o poeta morreu
(VICTOR, 1963).*

O poeta matuto e declamador, norte-rio-grandense, Zépraxédi (José Praxedes Barreto), biógrafo primitivo do Rei do Baião, do mesmo modo, dedicou versos póstumos ao ilustre falecido no seu livro *Meu Siridó* no poema *A morte de Zé Dantas*, do qual transcrevemos uma estrofe:

*Nasceu em Serra Taiada,
lá no centro do sertão.
Foi dotô in midicina
na capitá da nação.
Um grande pernambucano!
Viveu quarenta e dois ano
sirvindo a população
(ZÉPRAXÉDI, 1979, p.92).*

Luiz Gonzaga conheceu o jovem poeta e acadêmico de medicina em sua primeira viagem ao Recife em 1947. Naquela ocasião, foi alvo das admirações e hospitalidades dos colegas do meio artístico recifense: Nelson Ferreira, Guerra Peixe Capiba, Sivuca, paraibano, recém-chegado à

metrópole nordestina e outros tletes do astro. Todos deslumbrados, conhecendo, pessoalmente, o sanfoneiro e cantador de *Penerô xerém*, *Cortando pano*, *Calango da lacraia*, *No meu pé de serra*, *Asa branca*, seus sucessos de então.

Além do grande público, nas apresentações na capital de Pernambuco, o astro da *Rádio Nacional* conheceu aquele jovem de 26 anos de idade com capacidade autoral impressionante, José de Souza Dantas Filho. O jovem não se contentou somente em assisti-lo e ficou encantado com o desempenho do sanfoneiro e cantador. Driblou a segurança do hotel e foi ao quarto do ídolo. Luiz Gonzaga contava que ficou assustado com a invasão do estudante, mas logo sentiu *cheiro de bode* nele, em sua autenticidade, na pureza dos seus versos, na sua vivacidade declamando as coisas sertanejas.

Ele usava essa expressão associada ao odor caprino – criatório autêntico do semiárido nordestino – para compará-lo a Humberto Teixeira que como grande poeta idealizava o sertão nordestino nos seus baiões, por isso tinha *cheiro de asfalto* por causa da sua exclusiva vivência urbana. Ao contrário de Zédantas que, embora desde adolescente estudando em Recife, nunca perdeu o vínculo com a querida Fazenda Brejinho paterna, vivenciando os invernos e as secas no sertão, convivendo com os tipos populares sertanejos, andando a cavalo, participando das festas do povo, ouvindo os cantadores de viola e se deliciando com os contadores de causos e anedotas.



Fig. 3 - Zédantas e Luiz Gonzaga assinando contrato de parceria - 1949.

Fonte: FONTELES, 2010.

Dois anos após aquele encontro histórico de 1947, a dupla Luiz Gonzaga e Zédantas lançou as primeiras composições: *Vem morena* e *Forró de Mané Vito*, logo se consagrando como grandes sucessos. O compositor inaugurou, nesse forró, as suas participações humorísticas e satíricas na discografia do Rei do Baião, representando papéis hilários de delegado, de coronel e de político corrupto.

O *forró de Mané Vito* enreda um ambiente de samba envolvendo diversos personagens: Músicos na sanfona, ganzá e no reco-reco, cavalheiro e uma dama dançando no salão, importunação ao casal e a consecução do crime. O autor do delito pega no punhal, sopra no candeeiro, expulsando todos para o terreiro, findando o baile. É quando Zédantas entra em cena no papel do delegado, interrogando o acusado do homicídio (Luiz Gonzaga) que se defende prosaicamente dizendo ser um *home dereito de boa famia* que não tinha matado o indivíduo. Apenas dera um *risquinho* de punhal nele. O *home é que era morredô, doutô*. O delegado impacienta-se esbravejando: *Táis brincano, sujeito!* O interrogado implora: *Faça isso não doutô!*

Os sucessos iniciais de Zédantas trouxeram fama e prestígio ao compositor no tocante à renda dos direitos autorais. O suficiente para refrear o rigor paterno que não queria ver o filho envolvido com poesia, boemia, mesa de bar, declamação, roda de cantador de viola, mas tão somente dedicado aos estudos. Diz-se que por tal razão, o filho teria pedido a Luiz Gonzaga para preservar o seu anonimato nas composições. Será? O certo é que há uma fotografia deles, felizes da vida, assinando o contrato de parceria. Por certo, nesse tempo, seu genitor já estava ciente do ato contratual implicando sucesso, fama e dinheiro.

Em 1950, doutor José de Souza Dantas Filho,

recém-formado médico, desembarcou na capital federal, Rio de Janeiro, destinado a fazer residência no Hospital dos Servidores do Estado, IPASE. Naquele ano, Luiz Gonzaga lançou mais baiões e xotes com o novo parceiro, alguns se consagrando como grandes êxitos de público: *A dança da moda, A volta da asa branca, Cintura fina*.

O prestígio autoral do pernambucano subiu às alturas no meio artístico carioca e nacional. As inspirações às novas composições vinham a todo o momento. Nos plantões no hospital, nos intervalos dos partos, o médico-obstetra anotava motes, aprimorava estrofes, concluía um baião, refazia os versos de um xote, conforme refere a biógrafa gonzaqueana (DREYFUS, 1996, p.149): *Zédantas regressava para casa com os bolsos cheios de rascunhos, anotações e monstros das músicas, baiões, xotes, toadas, que se tornaram enormes clássicos*.

Apesar da iniciação profissional profícua e do seu prestígio como compositor, Zédantas mantinha o seu coração partido. Tinha deixado o grande amor da sua vida – Iolanda - em Recife, Pernambuco. A musa inspiradora de um baião, *A Letra I*. Casaram-se em 1954, nascendo três filhas e um filho: Sandra (a mãe da cantora Marina Elali), Mônica e José de Souza Dantas Filho. A sua esposa, musicista e pianista, colaborava escrevendo as partituras das novas composições, gravadas em fita de rolo e apresentadas a Luiz Gonzaga.

Em 1951, com a criação do Departamento de Música Brasileira, da Rádio Nacional, no Rio de Janeiro. Sob a direção de Humberto Teixeira, surgiu o programa *Cancioneiro Royal* com produção de Zédantas. Ambos criaram a série *No Mundo do Baião* para o qual o Rei do Baião foi sempre convidado.

Em meados da década de 1950, o casal Zédantas e Iolanda

recebia os amigos artistas em sua residência, em frente à Baía da Guanabara, sobretudo os nordestinos. Palestravam, jantavam, ouviam, em primeira mão, as novas composições do pernambucano. O casal Jackson do Pandeiro e Almira Castilho (o paraibano gravou uma única música dele, *Forró em Caruaru*), Ivon Curi (lançou as gravações originais de *Farinhada* e *O xote das meninas*), Zito Borborema, Marinês e Abdias, eventualmente, o casal Luiz Gonzaga e Helena Gonzaga.

Dreyfus é quem melhor define a originalidade zé-danteana na discografia do célebre filho de Januário e Santana:

É notável que as músicas da dupla Luiz Gonzaga e Zédantas raramente utilizavam a primeira pessoa do singular (eu). Como dois geniais repórteres, relatavam com agudo senso de observação e com imenso amor, todos os aspectos da vida no Nordeste (...). Os temas, variadíssimos, tanto podiam ser graves, quando tratavam dos problemas da seca ou da condição do sertanejo, por exemplo, como podiam ser leves, humorísticos pragmáticos, quando tratavam dos detalhes do dia a dia. Esses relatos impessoais na aparência, eram, no entanto, profundamente autobiográficos (DREYFUS, 1996, p.149).

Além do *Forró de Mané Vito*, Zédantas participa com prosas em mais quatro músicas com Luiz Gonzaga, no período de 1953 a 1957, como dissemos, representando e caricaturando, satirizando e expondo os coronéis ao ridículo. Em rancheira, *O casamento de Rosa*; em polca, *Lascando o cano*; em baião-xote, *O balaio de Veremundo*; e em

um baião-coco, *Comício no mato*.

O personagem d' *O casamento de Rosa* lidera comitiva em viagem a cavalo para o casamento da filha do coronel Zeca (o pai de Zédantas). De fato, o genitor oferecera, na sua Fazenda Brejinho, uma grande festa para celebrar a formatura do filho homônimo em medicina. O qual, por discrição, compôs a rancheira narrando o casamento fictício de Rosa, com muita comida e dança e com a presença da família Gonzaga:

*Coroné Zeca
Matô três zebu
Muita galinha
E muito peru
E vai ter dança
Isso nem se indaga
Que os sete Gonzaga
Já foram pra lá
(VICTOR, 1953).*

Zédantas participa de *Lascando o cano* caricaturando um simpático coronel dando um tiro para cima para comemorar a fartura do inverno, satirizando os descrentes no sertão e animando uma quadrilha. A polca faz parte do repertório junino gonzagueano:

*Vamo, vamo Joana
Vamo na carreira
Vamo pra fogueira
Festejá meu São João
Vamo, vamo Joana
Findou-se o inferno*

*Houve bom inverno
Há fartura no sertão
(VICTOR, 1954).*

O compositor pernambucano participa de um baião-xote, *O balaio de Veremundo*, no qual prosa e galhofa da extravagância do modo de dançar do coronel Veremundo de Salgueiro, Pernambuco:

*O coroné Veremundo
Dança ruim, mas inventô
Uma dança que o Salgueiro
Com seu nome batizô
O balaio do Veremundo, oi!
Tem as manha do autô
(VICTOR, 1954).*

Veremundo dançando o seu balaio, sacudindo o corpo para frente, se jogando para trás como quem vai se deitando, novamente embicando para frente, gineteando os quadris, se esticando, se encolhendo, se abaixando e dançando grudado à morena, igual a carrapato em vaca. O dançar estrambótico e o coronel, dois ramos do mesmo galho, duas almas num só corpo, duas cartas num só baralho. Na estrofe final, o sanfoneiro canta anunciando as presenças de famílias ilustres da região de Exu: os Gonzaga, os Alencar, os Sampaio e os Dantas, do autor do baião-xote:

*Pr'essa festa vão os Danta
Os Gonzaga e os Carvái
Alencá num vai fartar
Vai Romão e vai Sampái*

*Pra dá viva a Veremundo
O inventô desse balaio
Balaio! balaio! balaio!
Oi! me pegue senão eu caio
(VICTOR, 1954).*

A fala de Zédantas, no meio d'O *balaio de Veremundo* é de pura mangação do personagem dançarino ao dizer que tinha ido ver o dançarino sensacional de Salgueiro. Era verdade que o coronel dançava muito, mas dançava *ruim como o diabo!*

A verve humorística do compositor parodiando Getúlio Vargas aparece novamente em *Comício no mato*, de Joaquim Augusto e Nelson Barbalho. Zédantas faz o papel de um candidato político corrupto, João Cotó, discursando aos seguidores do curral eleitoral, saudando-os (parodiando Getúlio Vargas que assim começava o discurso: *Trabalhadores do Brasil!*): *Trabalhadores do sertão!* Em seguida, Luiz Gonzaga começa a cantar ironizando a plataforma do candidato fazendo todas as promessas ao eleitorado abestalhado: roupa, calçado, baião e um lugar no céu. Só que havia *um quê* na lei *eleitorá*: analfabeto não podia votar. Mesmo assim, o povo aplaude festivamente o seu chefe político indigno.

A obra gonzagueana é rica de referências aos tipos populares e aos ofícios em geral da vida rural e urbana do Brasil no século XX. A parteira é uma delas. Imortalizada na narrativa *Samarica parteira* de Zédantas gravada em 1973, descrevendo a busca apressada de uma dessas figuras memoráveis para atender a dona Juvita, a mulher do capitão Barbino, *com dor de menino*. Em 1951, o autor já a tinha apresentado, com o título *Piririco ticotico*, no quadro *Mundo do Baião* do programa *Cancioneiro Royal*, na Rádio Nacional do Rio de

Janeiro (para o qual o compositor produzia peças de teor sertanejo e humorístico) em versão original muito distante da magnífica interpretação do Rei do Baião, o qual, por certo, a enriqueceu com outros elementos, sobretudo, com as onomatopeias.

A derradeira participação do genial compositor pernambucano é no álbum, ETERNO CANTADOR, de 1982, com *Farinhada* (lançada originalmente na voz do cantor Ivon Curi que também realizou a gravação original de *O xote das meninas*). O repertório traz a regravação de um baião clássico, *A volta da asa branca*, um dos seus maiores sucessos na voz de Luiz Gonzaga.

A grandiosa musicografia de Zédantas, na voz do Rei do Baião, impregnou o imaginário brasileiro, especialmente, o do sertanejo-nordestino, influenciando, para sempre, consciente ou inconscientemente, as gerações de compositores do sanfoneiro e cantador de Exu. Neste sentido, o paraibano José Marcolino, revelado na década de 1960, deve muito em inspiração e estética às obras matriciais de Zédantas, o autor genial.

CANTANDO FAMILIARES

LUIZ GONZAGA CANTA EM HOMENAGEM A FAMILIARES OU apenas os cita de passagem, em dezenas de baiões, xotes, toadas, forrós, etc., lançados no período de 1942 a 1989. O pai Januário aparece em quase vinte obras. O filho famoso canta a mãe, Ana Batista de Jesus (Santana); a mulher, Helena Gonzaga (Madame Baião); os irmãos, Zé Gonzaga, Chiquinha, Muniz; duas tias maternas, Nova (Josefa) e Baía (Maria); os primos, Raimundo Jacó, Maria das Dores; os filhos, Rosa Maria (Rosinha) e Luiz Gonzaga Júnior; uma neta, Mariana, filha de Gonzaguinha.

A sua discografia ainda refere a dezenas de outros personagens reais, fictícios, anônimos, famosos, brasileiros e estrangeiros presentes em centenas de composições: Antônio Conselheiro, Padre Cícero, Delmiro Gouveia, Getúlio Vargas, Lampião, Assis Chateaubriand, João Paulo II, Clodovil, Paulo Rossi, Arnaldo Coelho, Chico Mendes entre tantos outros. Agora a musa primordial do Reino do Baião, Rosa ou Rosinha, personagem fictícia que figura em dezenas de obras, desde *Asa branca* lançada em 1947. Na década seguinte, Rosinha, a filha Rosa Maria, tornou-se personagem real da vida familiar do casal Luiz Gonzaga e Helena Gonzaga.

A primeira música de Luiz Gonzaga em homenagem a entes queridos saiu em um disco 78 rotações, de 1942, dedicado aos pais, trazendo o xamego *Seu Januário* e a mazurca

Santana. A sua fase exclusiva lançando solos de sanfona perdurou de 1941 a 1944.

Em sua segunda fase vocal, como cantor, desde 1945, a primeira vez que cita um familiar é no ritmo novo *Siridó*, com Humberto Teixeira, de 1949. Uma estrofe louva, mais uma vez, a Januário:

*Seu Januário
Garra o fole e dê o dó
E vá se preparando
Pra tocar o siridó
Seu Januário
Jogue fora o paletó
E mostre pr'essa gente
Quanto vale o siridó
(VICTOR, 1949).*

Luiz Gonzaga canta ensinando a dançar o novo ritmo, melhor que baião, xote e samba, citando outras pessoas da família, uma irmã e o seu namorado:

*Zé Rufino toma jeito
Mais respeito cum a Chiquinha
Ninguém resiste o siridó
(...)
Dois atrás, uma vortinha
Guenta firme, Januário
Vamo inté de manhãzinha
(VICTOR, 1949).*

A mãe, Ana Batista de Jesus, Santana, é citada mais uma vez em obra do filho cantador, evocada em valsa-toada,

Légua tirana, com Humberto Teixeira:

*Ô que estrada mais comprida
Ô que légua tão tirana
Ai! se eu tivesse asa
Inda hoje eu via Ana
(VICTOR, 1949).*

Os versos finais da valsa-toada dão graças a Deus, por intermédio de Padre Cícero, por ter intercedido por chuva no sertão. O romeiro traz lembranças para os entes queridos. É quando Luiz Gonzaga cita dois primos: Maria das Dores e Raimundo Jacó:

*Trago um terço pra Dasdores
Pra Reimundo um violão
E pra ela, e pra ela
Trago eu e o coração
(VICTOR, 1949).*

Em 1950, o pai de Luiz Gonzaga ficou famoso em todo Brasil, por causa do tremendo sucesso do baião *Respeita Januário*, com Humberto Teixeira, de autogozação do Rei do Baião em exaltação à figura humilde do genitor:

*Quando eu voltei lá no sertão
Eu quis mangar de Januário
Com meu fole prateado
Só de baixo 120
Botão preto bem juntinho
Como nêgo empareado
(VICTOR, 1950).*

As regravações seguintes do baião seriam gradativamente enriquecidas com uma narrativa real e fictícia aludindo ao retorno do filho à casa paterna, dezesseis anos depois da fuga. O seu disco, *EU E MEU PAI*, de 1979, traz a versão definitiva de *Respeita Januário*, popularizando enormemente o episódio dessa volta ao Araripe ao amanhecer (na verdade foi ao meio dia). O baião contrapõe a sanfona de 120 baixos do filho famoso, artista da *Rádio Nacional*, ao fole de 8 baixos do pai. Quem dá o chiste do episódio é Antônio Jacó, marido de uma tia materna, Josefa (Nova):

*De Taboca a Rancharia
De Salgueiro a Bodocó
Januário é o maior
E foi aí que me falou
Mêi zangado o véi Jacó
Luí, respeita Januário
(VICTOR, 1950).*

Em 1952, o Rei do Baião criou um conjunto familiar, *Os Sete Gonzaga*, para uma temporada na *Rádio Tupi-Tamoio* do Rio de Janeiro. O conjunto era formado por Gonzaga, o pai, os irmãos e irmãs: Severino, Zé Januário, Chiquinha, Socorro e Aloísio. As apresentações do grupo tão singular atraíram grande público ao auditório da emissora com enorme audiência em todo Brasil. Todos curiosos em ver e ouvir o famoso personagem de *Respeita Januário*, com seu fole de 8 baixos e os seus filhos e as filhas tocando sanfona, triângulo e zabumba, cantando e xaxando.



Fig. 4 - Gonzaga e Januário: *Lui, respeite os 8 baixos do seu pai!*

Fonte: FONTELES, 2010.

Naquela ocasião, apresentaram o xote *Januário vai tocar*, no qual o filho cantador alude, mais uma vez, ao pai querido, assim como cita lugares onde o sanfoneiro espetacular tocava, findando feira, jogo, fazendo até o mais carrancudo dos homens cair na dança:

*Lá na Taboca
No Baixio, no Granito
Quando um caba dá um grito
Januário vai tocááá!!!
Acaba feira
Acaba jogo
Acaba tudo
Zé Carvalho carrancudo
Tira cota pra dançá
(VICTOR, 1955).*

Além das já referidas, *Siridó, Respeita Januário, Januário vai tocar*, Luiz Gonzaga celebra o pai em dezenas de outras obras lançadas no período de 1955 a 1989: *Fogueira de São João, O maior tocador, Meu Araripe, O vovô do baião, Chapéu de couro e Gratidão, Forró fungado, Adeus a Januário, Rio Brígida, Prece por Novo Exu, A peleja de Gonzagão x Téo Azevedo, Lula, meu filho, Eu e meu fole, Toca pai, Dá licença pra mais um, Recado do velho, Um pra mim, um pra tu.*

O álbum *EU E MEU PAI*, de 1979, é um tributo ao genitor inesquecível, recém-falecido (em 18 de junho de 1978). O repertório engloba a vida nordestina: O vaqueiro, o cangaceiro, o baile, a procissão. Três músicas se consagraram grandes sucessos: *Orelia*, de Humberto Teixeira, a regravação de *A vida do viajante* cantando com Gonzaguinha e

a derradeira regravação de *Respeita Januário*, acrescida de uma narrativa magistral, real e fictícia do seu retorno à casa paterna. O filho saudoso canta a memória do velho pai na derradeira faixa do lp, *Adeus a Januário*, rogando a Deus para iluminar os passos de quem lutara com ele na batalha do amor:

*Tão guerreiro
Companheiro
Conselheiro Januário
Seu Januário
Deus que ilumine
O seu novo itinerário
(VICTOR, 1979).*

Além do pai e dos familiares diretos, Luiz Gonzaga decanta a esposa, Helena Neves Cavalcanti (Helena Gonzaga) no baião *Madame Baião*, de David Nasser (famoso cronista da revista *O Cruzeiro*). Ela desempenharia papel fundamental na carreira artística do marido, como dona de casa, empresária, secretária, contadora e procuradora do artista na gravadora:

*Madame limpa a sanfona
Com toda satisfação
Madame não tem ciúmes
Da minha sanfona, não
Helena e minha sanfona
Controlam o meu coração
Se eu ganho o pão pra uma
A outra é meu ganha pão
(VICTOR, 1951).*

No baião *Gibão de couro*, ele canta comparando a proteção da esposa à armadura do soldado romano e ao traje do vaqueiro nordestino (metáfora de Euclides da Cunha de *Os sertões*). Helena Gonzaga para ele era mais valiosa do que ouro em pó, uma verdadeira guerreira defensora do lar:

Minha velha tão querida
Proteção da minha vida
Vale muito mais que ouro
Porque ela é meu gibão de couro
(VICTOR, 1958).

Em *Saudades de Helena*, composição de Antônio Barros do repertório do álbum CANAÃ, o marido homenageia novamente a esposa. Dessa vez canta em tom de nostalgia da companheira:

Sem Helena a minha vida
É tristeza é solidão
É seca braba no Norte
É morrer na inundação
(VICTOR, 1968).

A mulher de Luiz Gonzaga é bastante destacada nos principais livros sobre o marido, lançados nas décadas de 1950, 1960 e 1990, dos autores José Praxedes, Sinval Sá e Dominique Dreyfus.

O pai dedicou músicas aos filhos Gonzaguinha e Rosa Maria (Rosinha). Antes da filha, com esse nome, a musa Rosinha já aparece em três composições: *Asa branca*, *17 Léguas e meia* e *Forró de Mané Vito*. Daí em diante, Rosa ou Rosinha domina a sua musicografia: *A volta da asa branca*,

Boiadeiro, Adeus Rio de Janeiro, Propriá, Amanhã eu vou, O casamento de Rosa, O passo da rancheira, Casamento atrapaído, Rosa de Mearim, Boca de forno, Ana Rosa.

O Rei do Baião dedicou um baião à filha Rosinha, lançado no álbum LUIZ “LUA” GONZAGA:

*Rosinha, Rosinha
Eu sou o teu vassalo
Rosinha, Rosinha
Tu és minha rainha
(VICTOR, 1961).*

A própria filha Rosinha, moça, posa trajada à junina, na capa do disco do pai, SÃO JOÃO DO ARARIPE de 1968, em homenagem ao centenário da Igreja de São João do Araripe (da Fazenda onde o sanfoneiro viveu dos 12 aos 18 anos incompletos). Inclui ainda no repertório a faixa *Meu Araripe*, na qual figuram diversas personalidades benfeitoras do templo secular, inclusive os seus familiares: Os pais Januário e Santana e as tias maternas Nova (Josefa) e Baía (Maria). Eis a estrofe referente:

*Cadê seu Aires
Cadê madrinha Neném
Dona Danona, Nova
Santana e Baía
Cadê seu Sete
Sinharinha dos Canário
Pra cantar com Januário
São João com alegria
(VICTOR, 1968).*

Depois do pai e da esposa, o parente mais famoso homenageado na sua discografia é o primo Raimundo Jacó, vaqueiro e aboiador afamado, filho de Antônio Jacó (o velho Jacó, citado em *Respeita Januário*) e Josefa (Nova), tia materna. O filho do casal foi assassinado em 1954 por um colega vaqueiro, dizem que por inveja, na caatinga da fazenda onde trabalhava, no município de Serrita em Pernambuco. O episódio inspirou uma linda toada, *A morte do vaqueiro* lançada por Luiz Gonzaga no álbum PISA NO PILÃO (FESTA DO MILHO), um dos seus maiores sucessos da década de 1960:

*Numa tarde bem tristonha
Gado muge sem parar
Lamentando seu vaqueiro
Que não vem mais aboiar
Não vem mais aboiar
Tão dolente a cantar
Tengo! lengo! tengo!
Lengo! tengo! lengo! tengo!*
(VICTOR, 1963).

Um dos discos mais importantes da segunda metade da década de 1980, o DANADO DE BOM, que premiou Luiz Gonzaga com Disco de Ouro, traz no seu repertório a música *Lula, meu filho*, dedicada a Gonzaguinha, na qual roga ao filho - então um dos autores requisitados pelos intérpretes da MPB - que não se esquecesse do baião e do legado artístico do avô Januário:

*Lula, meu filho
Num perca o coração*

*Lembre sempre do baião
Cante sempre pro povão
Lula, meu filho
Minha voz quer ficar rouca
Tá certo, você tá noutra
Mas se lembre do baião
(VICTOR, 1984).*

Já no álbum, DE FIÁ PAVI, tem uma faixa, *Mariana*, em homenagem à sua neta filha de Gonzaguinha. O avô e pai cantam-na em dueto:

*Chegue aqui minha bichinha
Chegue mais, amor
Dê um cheiro bem cheiroso
Aqui no seu vovô
(VICTOR, 1987).*

Um sobrinho dele, Joquinha Gonzaga, filho da irmã Maria Januário dos Santos (Muniz), também participa da obra do tio famoso no disco AÍ TEM. Ambos cantando uma música em dueto, *Dá licença pra mais um* com acompanhamento de sanfona do próprio Joquinha, fazendo evocação do legado artístico familiar do vovô Januário:

*Se é de pai pra filho
De filho para pai
De sobrinho pra tio
Alguma coisa sai
Então vou por aí
Por esse mundo vou
Gozando essa herança*

Do meu tio e do vovô
(VICTOR, 1988).

Há breve diálogo, em *Dá licença pra mais um*, entre os intérpretes (VICTOR, 1988). Joquinha Gonzaga: *Sou eu tio Gonzaga, é a puxada do vovô Januário!* Luiz Gonzaga responde, confirmando: *Ah!...tá igualzinha!* No final, o tio continua animando o sobrinho a seguir adiante sob as bênçãos do avô no céu, assim como da mãe dele na terra, Muniz, católica, que estava rezando pelo filho e que não se esquecesse do povão. Fez o mesmo apelo a Dominginhos.

ANOS DE OURO DO BAIÃO

DE 1941 A 1989, DURANTE CINCO DÉCADAS, SOBRESSAÍRAM-se alguns anos de ouro da carreira artística de Luiz Gonzaga. Isto em quantidade e na qualidade das obras lançadas de diversos gêneros: baião, toada, xote, forró e etc. As quais se consagraram verdadeiros clássicos da Música Popular Brasileira.

O primeiro ano de ouro é 1947, quando ele gravou quatro discos 78 rotações, somando oito músicas dos seguintes gêneros: marcha-frevo, samba, calango. Dois desses rpm entraram para a história da sua discografia. O primeiro deles, trazendo um xote clássico, *No meu pé de serra*, e uma polca instrumental, *Pagode russo*. O outro rpm célebre é o da toada *Asa branca*. Ambos os discos trouxeram os primeiros grandes sucessos com Humberto Teixeira inaugurando o segmento das obras inspiradas no drama da seca no Nordeste. Vejamos os principais sucessos desse importante ciclo luiz-gonzagueano, além de *No meu pé de serra* e *Asa branca*: *Juazeiro*, *A volta da asa branca*, *Paraíba*, *Légua tirana* e *Vozes da seca*.

No segundo ano de ouro da carreira de Luiz Gonzaga, em 1949, a gravadora RCA VICTOR lançou uma série de discos rpm com baiões, toadas, xotes, polcas, xamego e forró com os parceiros Humberto Teixeira e Zédantas. Logo se consagraram os grandes sucessos, *Lorota boa*, *Mangaratiba*, *Juazeiro*, *Baião*, *Juazeiro*, *Vem morena*, *Forró de Mané Vito*.

Em 1950, o terceiro ano de ouro, começou a consagração do Rei do Baião quando criou o trio instrumental com sanfona, triângulo e zabumba e adotou o primeiro elemento da indumentária artística, o chapéu de couro inspirado no chapéu de Lampião. Um diretor artístico da emissora *Rádio Nacional* barrou Luiz à entrada do palco por estar trajado com chapéu de cangaceiro.

Acrescentaria o gibão do vaqueiro nordestino à indumentária artística. O astro tinha pensado na vestimenta completa deste célebre personagem da civilização nordestina, inclusive peitoral e perneira, mas desistiu por questão de mobilidade no palco. De todo modo, trocou o terno de casimira pelo tal gibão de couro ornamentado, a gravata por uma cartucheira, o sapato de verniz por alpercatas de rabicho.

Os três outros grandes sucessos de 1950, *Chofer de praça*, *No Ceará não tem disso não*, *Boiadeiro* são dos compositores Ewaldo Ruy e Fernando Lobo, Guio de Moraes, Klécio Caldas e Armando Cavalcanti. Todos são estreantes na discografia gonzagueana. Também veio a público neste ano, as gravações originais dos baiões *Paraíba* e *Baião de Dois* na voz da cantora Emilinha Borba. As versões definitivas do exuense são de 1952 e de 1977.

1953, o quarto ano de ouro de Luiz Gonzaga. Após uma série de grandes sucessos de 1947, 1949 e 1950, despontou com outras obras imortais com o genial Zédantas: *O casamento de Rosa*, *A letra I*, *Algodão*, *ABC do sertão*, *Vozes da seca*. A toada *A vida do viajante*, outro grande sucesso do ano, é feita com o compositor Hervê Cordovil.

Nas décadas seguintes de 1960, 1970, 1980, Luiz Gonzaga continuou lançando obras marcantes em sua nova fase em disco long play com os compositores intermediários da sua

carreira. Emplacou grandes sucessos, mas nada comparável à pujança autoral e a explosão das matrizes de Humberto Teixeira e Zédantas desde a segunda metade da década de 1940.

O álbum PISA NO PILÃO (FESTA DO MILHO), traz no seu repertório uma linda toada, *A morte do vaqueiro*, em parceria com Nelson Barbalho, a qual ainda comove todas as gerações de fãs do Rei do Baião:

*Bom vaqueiro nordestino
Morre sem deixar tostão
O seu nome é esquecido
Nas quebradas do sertão
(VICTOR, 1963).*

Em 1964, mais um ano de ouro, Luiz Gonzaga lançou um disco maravilhoso, A TRISTE PARTIDA que trouxe no repertório a toada homônima do poeta cearense Patativa do Assaré. A composição logo se consagrou como uma das suas interpretações mais célebres:

*Setembro passou
Com outubro e novembro
Já t'amo em dezembro
Meu Deus que é de nós
Meu Deus! Meu Deus!
Assim fala o pobre
Do seco Nordeste
Com medo da peste
Da fome feroz
Ai! Ai! Ai! Ai
(VICTOR, 1964).*

O disco d' *A triste partida* contém três pérolas com o parceiro paraibano, José Marcolino: um xote, *Numa sala de reboco*; uma toada, *Cacimba nova* e o lindo baião, *Cantiga de vem vem* com Panta (Pedro Cruz), configurando uma narrativa de desilusão amorosa:

*Vivo sempre escutando
A cantiga de vem-vem
Quando ouço ele cantando
Penso que é você que vem
Fico de ôio no caminho
Por fim não chega ninguém
Ai! Ai! Ai!
Por fim não chega ninguém
(VICTOR, 1964).*

O disco de *A triste partida* traz o maior sucesso do seu segmento de músicas inspiradas na religiosidade popular do Nordeste do Brasil, a toada *Ave-Maria sertaneja* de Júlio Ricardo e O. de Oliveira:

*Quando batem as seis horas
De joelho sobre o chão
O sertanejo reza
A sua oração
Ave Maria!
Mãe de Deus Jesus!
Nos dê força e coragem
Pra carregar a nossa cruz
(VICTOR, 1964).*

Em 1967, Luiz Gonzaga lançou um disco, *ÓIA EU AQUI*

DE NOVO, com outros três grandes sucessos da década. Além da música título do lp, de Antônio Barros, *Hora do adeus* de Onildo Almeida e Luiz Queiroga e o *Xote dos cabeludos* com José Clementino satirizando o traje unissex da moda juvenil liderada pelo cantor Roberto Carlos:

Cabra do cabelo grande
Cinturinha de pilão
Calça justa bem cintada
Costeleta bem fechada
Salto alto fivelão
(VICTOR, 1967).

Em 1973, a sua nova gravadora, ODEON, lançou o álbum LUIZ GONZAGA com um repertório espetacular, destacando-se os seguintes autores e obras: Luiz Guimarães, *Sangue nordestino*; Rivaldo Serrano de Andrade, *Fogo-pagou*; Luiz Ramalho, *Retrato de um forró*, *Facilita*; Nelson Valença, *O bom improvisador*, *Juvina*, *Cantarino* e *O fole roncou*:

O fole roncou no alto da serra
Cabroeira da minha terra
Subiu a ladeira e foi brincar
(ODEON, 1973).

Naquele ano, saiu o disco compacto simples com *Samarica Parteira* de Zédantas. É a obra mais famosa do seu ciclo das narrativas consolidado na década de 1970: *Apologia ao Jumento* (*O Jumento é nosso irmão*), *Karolina com K*, *Quiri qui qui* e a narrativa da gravação de *Respeita Janeiro*.

ASA BRANCA, O CLÁSSICO

A *ASA BRANCA* É UMA NARRATIVA DRAMÁTICA DE ESTRUTURA poética, melódica e rítmica bastante elementar que possui três notas em ritmo binário. Por isso, o clássico de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira é básico em iniciação instrumental de criança, adolescente, adulto e idoso. Existem muitas reportagens de televisão sobre o ensino de música no Brasil que envolve a célebre toada.

A sua letra comovente descreve o sol abrasando a caatinga, extinguindo as lavouras, os rebanhos, atingindo até mesmo o cavalo alazão, provocando a retirada do sertanejo, feito a ave migratória, asa-branca, partindo e deixando para trás a calamidade e o seu coração com Rosinha (a primeira vez que a personagem-musa aparece):

Inté mesmo a asa-branca

Bateu asas do sertão

Entonce eu disse

Adeus, Rosinha

Guarda contigo

Meu coração

(VICTOR, 1947).

Os autores de *Asa branca* fazem parte da galeria dos gênios da humanidade, inventores, literatos, compositores, músicos e cantores cujas obras foram desprezadas a

princípio, mas que depois se consagraram: na literatura, na ciência e tecnologia, na música instrumental e no canto popular. O mesmo desprestígio se deu com a toada de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira que foi caçoada no estúdio de gravação e foi considerada blasfema em folheto de cordel. Posteriormente, se consagrou como uma obra-prima da Música Popular Brasileira.

No dia 3 de março de 1947, ele entrou no estúdio da gravadora RCA VICTOR, no Rio de Janeiro, pela primeira vez no ano, para gravar repertório para mais um disco 78 rotações: a marchinha *Vou pra roça*, no lado A, e no lado B, a toada *Asa branca*. Parece que nem o intérprete nem a gravadora RCA VICTOR alimentavam qualquer expectativa de sucesso da peça, a ponto de figurar no lado B do rpm. Sabemos que após a gravação, com o conjunto regional de Benedito Lacerda, o violonista Canhoto zombando da dolência e da lentidão da toada, passou o chapéu imitando esmoler na roda de músicos, debochando de Luiz Gonzaga.

Desde meados da década de 1940, após a fase exclusiva (1941-1944) gravando somente música instrumental, Luiz Gonzaga vinha despontando como cantor com *Penerô xerém*, *Cortando pano*, *Calango da lacraia*. Nesse tempo, já havia milhares de imigrantes nordestinos vivendo na Amazônia. Foram convocados para a extração de seringa em plena Segunda Guerra Mundial. Posteriormente, levas de sertanejos foram convocados pelo presidente Getúlio Vargas para servirem de mão de obra às indústrias, aos comércios e serviços em expansões nas metrópoles Rio de Janeiro e São Paulo e nos seus municípios vizinhos. O sanfoneiro cantador dirigiu muito dos seus baiões para essas populações nostálgicas do *pé de serra*, conforme se expressa na *Asa branca*:

*Quando o verde dos teus óio
Se espaiá na prantação
Eu te asseguro
Não chore não, viu
Que eu vortarei, viu
Meu coração
(RCA, 1947).*

A toada descrevendo a paisagem catastrófica da seca e denunciando o drama dos retirantes, motivou a publicação de um folheto de cordel, *O exemplo da Aza Branca profetizado por Frei Damião*, alerta os sertanejos para não escutarem a tal *moda*, senão viriam mais secas e desgraças para o sertão, conforme veremos com mais detalhes.

A biógrafa de Gonzaga, Dominique Dreyfus, nos conta sobre a origem da *Asa branca*. O sanfoneiro tinha apresentado o tema aprendido com o pai ao letrista Humberto Teixeira, porém, sem expectativa de sucesso. Achavam-na lenta demais, parecida com cantiga de eito, do trabalho coletivo. O cearense aproveitou o mote original de domínio público para fazer uma composição grandiosa sobre retirante de seca, de teor dramático, telúrico, pitoresco. Depois convenceu o sanfoneiro e cantador a gravá-la. A toada se consagrou imediatamente.

Após a gravação da *Asa branca*, conforme já discutido, o violonista Canhoto zombou da música que achou parecida com cantilena de cego de feira. O coautor Humberto Teixeira, ainda no estúdio de gravação, encantado com a interpretação marcante do pernambucano, renunciou o futuro glorioso da toada assim se expressando: *Tome nota, isso vai ser um clássico da música brasileira* (DREYFUS, 1996, p.120). Ele estava certo.

Com o estouro do sucesso, surgiu a questão autoral da toada na própria família do intérprete. O seu irmão, Zé Gonzaga, também sanfoneiro e cantor, chegou a dizer que Luiz Gonzaga tinha roubado a toada do pai. Ele se defendeu na ocasião dizendo que aproveitara o assunto do folclore aprendido com o genitor, mas que o mote fora engrandecido na letra grandiosa de Humberto Teixeira: *A pessoa não deve matar o tema, deve melhorá-lo. Asa branca era folclore. Eu toquei isso quando era menino com meu pai. Mas aí chega Humberto Teixeira e coloca: Quando olhei a terra ardendo/Qual fogueira de São João... Aí se conclui um trabalho sobre a toada* (DREYFUS, 1996, p.121).

O fenômeno artístico do Rei do Baião também inspirou a Literatura Popular do Nordeste do Brasil, o chamado folheto de cordel. O *Dicionário Bio-bibliográfico de Repentistas e Poetas de Bancadas*, de Átila de Almeida e José Alves Sobrinho, encerra milhares de biografias e títulos de romances tradicionais sobre heróis, heroínas, vilões e a civilização do couro, com vaqueiro, cavalo, gado, além do ciclo dos cordéis noticiosos sobre o arrocho da carestia, política, corrupção, calamidades, secas, enchentes, assassinatos de inocentes, mortes de famosos e o cangaço.

Padre Cícero e Frei Damião, um morto, o outro vivo, reinaram na preferência dos poetas populares nordestinos, no século XX, inclusive no gênero peculiar dos folhetos de Avisos, *Profecias do fim do mundo*, admoestando e aconselhando contra os escândalos da moda. Dois títulos desse segmento têm a ver com Luiz Gonzaga: um tratando da toada *Asa branca* e o outro sobre um xote escandaloso, *O chêro de Carolina*. Fixemos o nosso estudo no primeiro título.

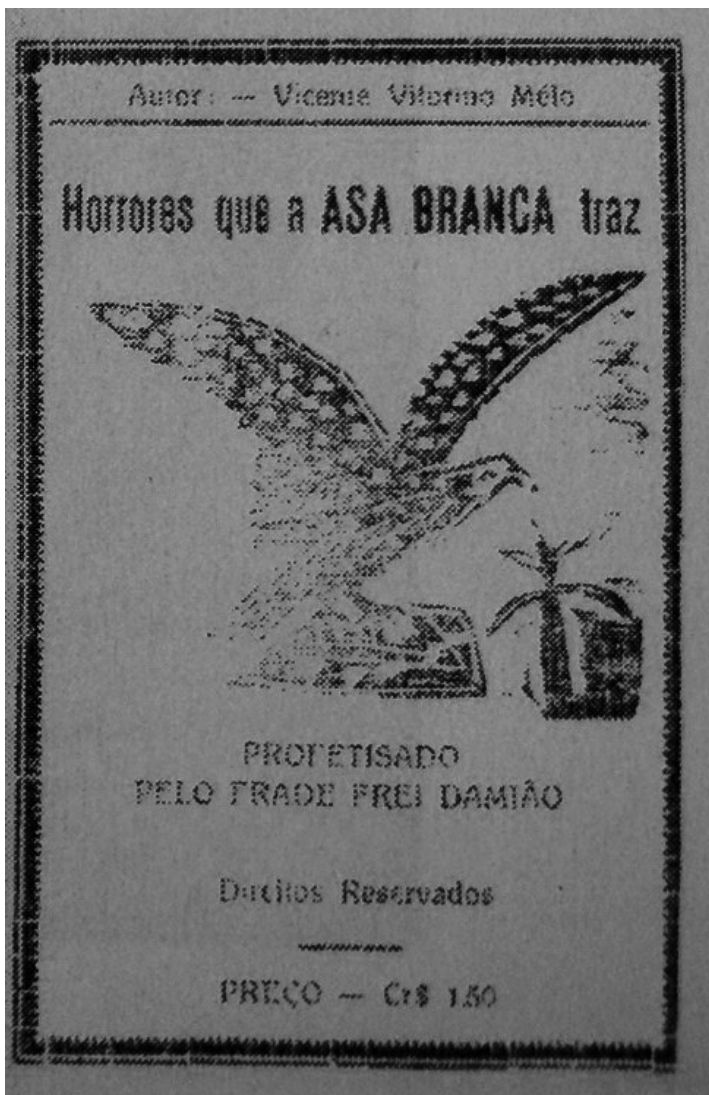


Fig. 5 - Folheto de cordel de Vicente Vitorino de Melo contra a toada *Asa Branca* que profana a fogueira de São João.

Fonte: CAKD.

O folheto *Exemplo da Aza Branca Profetizado por Frei Damião*, de Vicente Vitorino Melo, foi editado em Caruaru, Pernambuco em 1948. Posteriormente reeditado com um título mais abominável: *Horrores que a Asa Branca traz profetizado pelo Frade Frei Damião*. O poeta popular começa noticiando os feitos do missionário capuchinho no Cariri Cearense, em Missão Velha e Sobral, pregando contra os ditos, as orgias, as modas. Inclusive contra a moda da *Asa Branca* amaldiçoando-a à danação perpétua.

O cordelista alerta que a asa-branca tinha voado do sertão, sim, mas ferida pelos *escândalos da moda e da orgia, que estava profanando a terra santa e a sagrada fogueira de São João*. Quando dizia esperar cair chuva no sertão, zombava do Autor da Criação. Daí o seu apelo aos cristãos para não ouvirem a *moda* cantando a falta d'água e o gado morrendo de sede porque se assim o fizessem, o Criador mandava chuva de pedra, vento, relâmpago, tempestade e cheias nos açudes para *matar a sede do cavalo alazão*. Os versos *na fornalha, um pé de plantação* se referiam à maldita árvore do fruto da perdição.

Leiamos uma estrofe de alerta do folheto:

*Aviso a todos os cristãos
Em nome de Deus amado
Que não cante a Aza Branca
Deixe as modas e o ditado
Quem não ouvir meus conselhos
De Deus será castigado
(MELO, 1948, p.3).*

A publicação do cordel adverso à toada *Asa branca*, curiosamente se deu no ano da primeira apresentação de Luiz

Gonzaga em Campina Grande, na Paraíba, em um cinema popular local (o cine São José) em 1948. O astro tocou os seus solos de acordeom mais populares: *Vira e mexe*, *Pé de serra*, *Pagode russo* entre outros menos conhecidos. Também apresentou os primeiros sucessos cantados: *Penerô xerém*, *Cortando o pano*, *Calango da lacraia* e *Asa branca* recém-lançada. Apresentou-se sozinho com sanfona, sem o trio instrumental (sanfona, triângulo e zabumba). Ainda não usava a indumentária artística de Rei do Baião com chapéu de couro e gibão estilizados.

Naquele ano da sua primeira vinda à cidade Rainha da Borborema, o sanfoneiro e cantador teria sido proibido de se apresentar no pavilhão da festa de Nossa Senhora da Conceição, padroeira campinense, pelo motivo de suas músicas serem *um tanto pesadas*. Assim registra um panfleto do PSD contra a UDN, na campanha eleitoral na Paraíba, em 1950, da qual o astro da *Rádio Nacional* participou compondo um jingle (o futuro baião *Paraíba*) para o candidato a senador, o udenista José Pereira Lira, apresentado no comício inaugural da campanha do candidato.

Naquela ocasião, um panfleto atacou diretamente Luiz Gonzaga e indiretamente os demais artistas da caravana da *Rádio Nacional*, da emissora oficial do governo federal, da turma *cutuca por baixo*, pagos com o dinheiro da Nação para virem a Campina Grande fazer *palhaçadas* para o candidato Pereira Lira (ministro do governo de Dutra, licenciado para a campanha eleitoral). Como não temia os padres, havia trazido o sanfoneiro que tinha sido proibido de se apresentar na festa da padroeira em 1948 por causa do teor das suas músicas.

Quais seriam as tais músicas *pesadas* de Luiz Gonzaga? Seria o *Calango da lacraia* de 1946 (da sua fase primitiva de

pré-compositores nordestinos) cuja estrofe abaixo escandalizou uma moça, Helena Cavalcanti, que terminou sendo a sua esposa, a Madame Baião:

*Eu vou te contar um caso
Você ri que se escangáia
A muié do Zé Maria
Foi dançá, caiu a saia...
(VICTOR, 1946).*

Ou a interdição ao artista no pavilhão da festa em Campina Grande teria a ver com o folheto abominador de Vicente Vitorino, conforme vimos atrás por causa dos versos da toada *Asa branca: Quando oiêi a terra ardeno/ Quá fogueira de São João/ Eu perguntei a Deus do céu/ Por que tamanha judiação*, que foram considerados profanos aos símbolos sagrados católicos?

Nada sabemos se Gonzagão tomou conhecimento do cordel *Horrores que a Asa Branca traz profetizado pelo Frade Frei Damião*, que, aliás, não trouxe nenhuma má reputação à carreira ascendente do Rei do Baião. Pelo contrário, a toada blasfema se consagrou como a sua obra-prima, a mais célebre e com o maior número de regravações na Música Popular Brasileira. Chegou a superar, em prestígio, o famoso samba-exaltação, *Aquarela do Brasil*, de Ary Barroso.

Em 1949, Gonzaga participou de uma comédia musical, *É com este que eu vou*, da Atlântida, dublando a *Asa branca*, sentado, tocando uma sanfona de 8 baixos. Diversos outros astros participam do elenco do filme: Emilinha Borba, Ruy Rei, Ciro Monteiro, Adelaide Chiozzo, Bob Nelson, Alvarenga e Ranchinho, entre outros.

Centenas de instrumentistas e intérpretes, conjuntos,

orquestras, trios, já regravaram a toada nas últimas décadas: Jorge Goulart, Waldir Azevedo, Hermeto Pascoal, Orlando Silveira, Sérgio Mendes, Caetano Veloso, Teixeira, Paulo Diniz, Quinteto Violado, Raul Seixas, Sivuca, Eduardo Araújo, Toquinho e Fagner. Entre os estrangeiros, o cantor grego Demis Roussos gravou *White Wings (Asa branca)*.

O primeiro artista jovem da MPB, revelado na década de 1960, a gravar o clássico gonzagueano é o paraibano Geraldo Vandré, no álbum BENVIRÁ, lançado em 1965. O homenageado retribuiu a gentileza do jovem cantor e compositor gravando *Caminhando ou Pra não dizer que não falei das flores* lançada em compacto simples em 1968.

Naquele ano, Carlos Imperial, jornalista e radialista propalou aos quatro ventos que a *pop music* dos Beatles tinha raízes no baião. Inclusive divulgou o boato falso da gravação da *Asa branca* pela banda inglesa. Na época, foi lançado um álbum duplo com uma faixa, *Blackbird*, metaforizando pássaro preto que não tem nada a ver com a toada (nem com *Assum preto*). Trata de pássaro dessa cor, de asas quebradas cantando no silêncio da noite, aprendendo a enxergar na escuridão, esperando o momento de voar para a liberdade: *Blackbird fly, Blackbird fly! Into the light of the dark black night*.

A biógrafa do Rei do Baião, Dominique Dreyfus (1996), supõe que Carlos Imperial possa ter confundido o preto e o branco; a asa-branca sertaneja com a graúna anglo-saxônica. Felizmente o boato favoreceu a Gonzagão, no sentido de voltar a ser procurado pelas emissoras de rádio e de televisão do Rio e de São Paulo já dominadas pela música jovem da segunda metade da década de 1960.

Em 1971, Caetano Veloso gravou a toada no seu disco no exílio em Londres (Ele diz que a *Asa branca* é a única coisa

significativa do lp). Gonzaga ouviu a versão do baiano, em tom de lamento, em uma loja de disco em Fortaleza e chorou comovido.

Na capital cearense, ele cantou em homenagem ao papa João Paulo II, no *Estádio Castelão*, na primeira visita do papa ao Brasil em 1980. Antes, porém, houvera a apresentação de um coral de crianças cantando e encenado um dos seus primeiros sucessos, *Penerô xerém*, aludindo à riqueza da terra e à cultura do milho:

Dona Chiquinha
Bota o milho pra pilar
Pro angu, pra canjiquinha
Pro xerém, pro munguzá
(VICTOR, 1945).

Depois foi a vez de Luiz Gonzaga tocar e cantar para Sua Santidade, *Obrigado, João Paulo*, composta com padre Gothardo Lemos, especialmente para a ocasião, lançada em disco compacto simples com a toada *Asa branca*. A multidão ovacionou o ídolo. João Paulo II o agradeceu (DREYFUS, 1996, p.288): *Obrigado, cantor!* O Rei do Baião dizia que fora a maior saudação que recebera em toda a sua vida artística.

PARAÍBA, UM JINGLE POLÍTICO

LUIZ GONZAGA ENTROU AO ESTÚDIO DA GRAVADORA RCA VICTOR no Rio de Janeiro, em 6 de março de 1952, para gravar o repertório do primeiro disco 78 rotações do ano com as derradeiras participações do compositor fundamental, Humberto Teixeira – em sua primeira fase na discografia do astro: O baião *Paraíba*, dois anos após a gravação original da cantora Emilinha Borba em 1950, e a *Asa branca*, a primeira regravação da toada desde 1947.

Apesar da toada já famosa, o carro-chefe da sua discografia, regravada em melhores condições técnicas de estúdio e no auge da carreira do cantador, a novidade do disco rpm é o baião *Paraíba*. Isto em letra, melodia, sanfonização e na interpretação magnífica do Rei do Baião. A primeira estrofe resume o seu enredo saudosista:

*Quando a lama virou pedra
E mandacaru secou
Quando ribaçã de sede
Bateu asa e voou
Foi aí que eu vim èmbora
Carregando a minha dor
(VICTOR, 1952).*

O baião foi composto, originalmente, como jingle para o candidato a senador, José Pereira Lira, da coligação da

União Democrática Nacional, UDN, para a sua campanha eleitoral na Paraíba em 1950. Convém introduzir – mais na frente detalharemos - que o candidato citado não tem nada a ver com o seu homônimo, o coronel José Pereira Lima, mencionado no *Paraíba*: Êita! pau Pereira/ Que em Princesa já roncou, metaforizando a bravura de Zé Pereira proclamador do Território Livre de Princesa. Foi o motivo do presidente (governador) da Paraíba, João Pessoa (ex-candidato a vice-presidente do Brasil, na chapa de Getúlio Vargas), decretar guerra civil ao coronel ocasionando dezenas de mortes.

O advogado João Dantas, da facção política de Zé Pereira, assassinou o governador paraibano, o estopim da Revolução de 1930, que mudou a história do Brasil com a ascensão de Getúlio Vargas. O soldado Luiz Gonzaga participou desses acontecimentos como soldado do 23º Batalhão de Caçadores do Exército Brasileiro, sede em Fortaleza, no Ceará. O seu Batalhão realizou diligências militares pelo Nordeste e no Norte apaziguando quartéis e polícias rebeladas, inclusive ocupando a cidade de Sousa, Paraíba, entre julho e agosto de 1930.

Os acontecimentos mencionados foram significativos para o Brasil em geral e para a Paraíba em particular. Deste modo, houve a mudança do nome da capital – de cidade da Paraíba para João Pessoa – e a instituição de uma nova bandeira em preto e vermelho, evocando o luto e o sangue derramado do governador mártir assassinado, com o dígito NEGRO em branco na parte rubra, aludindo à insubordinação política do pequeno estado do Nordeste ao governo federal do presidente Washington Luiz.

Vinte anos depois dos acontecimentos da Revolução de 1930, liderada pelo Rio Grande do Sul, Minas Gerais e a Paraíba, com sua heroica participação, é evocada num jingle

político (o futuro baião *Paraíba*), composto por Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira para a campanha eleitoral de José Pereira Lira. Um paraibano ilustre na vida pública nacional, advogado, deputado federal, professor universitário, chefe de polícia do Rio de Janeiro e ministro chefe do gabinete civil do presidente Eurico Gaspar Dutra (1946-1951), quando se licenciou do cargo para se candidatar a senador pela terra natal pela coligação da União Democrática Nacional, UDN, liderada pelo candidato a governador, Argemiro de Figueiredo.

Luiz Gonzaga veio pessoalmente a Campina Grande em julho de 1950 para o lançamento da campanha de Pereira Lira integrando uma caravana de artistas da *Rádio Nacional*, Emilinha Borba (quem primeiro gravou o baião *Paraíba*) quando o jingle foi apresentado ao grande público no comício udenista. Lamentavelmente ocorreu no dia mais trágico da história das campanhas eleitorais paraibanas do século XX. Na ocasião, houve confronto e tiroteio entre os seguidores da UDN e do PSD (Partido Social Democrático) resultando em três mortes de inocentes com vários feridos no tumulto.

O astro sanfoneiro e cantor da *Rádio Nacional*, recém-consagrado como o Rei do Baião, estava vindo à cidade Rainha da Borborema pela segunda vez, (a primeira fora em 1948). Nesse dia houve a inauguração do novo prédio dos Correios e Telégrafos da cidade, em seguida, aconteceu o grande comício da UDN paraibana quando foi lançado o jingle do candidato a senador.

A coligação adversária de Pereira Lira, do PSD, liderada pelo candidato a governador José Américo de Almeida, um paraibano eminente da vida pública estadual e nacional. Ex-ministro de viação e obras do governo do presidente Getúlio

Vargas, no começo da década de 1930, quando ficou famoso pelo Nordeste inaugurando obras de infraestrutura contra a seca: açudes, estradas e pontes. O candidato Zé Américo, embora muito prestigiado, tinha um adversário da coligação de Pereira Lira, também muito poderoso, o candidato a governador Argemiro de Figueiredo que tinha sido interventor e parlamentar pelo estado natal.

O embate dos titãs paraibanos gerou uma campanha eleitoral acirrada. Uma guerra de correligionários pessedistas e udenistas. Ataques pessoais, discursos, boletins (panfletos), insultos, agressões e mortes. Um desses boletins ataca o candidato a senador do baião *Paraíba* enquanto enaltece os feitos extraordinários do ex-ministro: *José Américo, em 1932, salvou os pobres que estavam morrendo de fome. O ímpoluto Pereira Lira na época moderna manda matá-los em praça pública, para arranjar cartaz com Dutra* (SILVESTRE, 1982, p.195). O panfleto o acusa de metralhar um comício de comunistas no Largo da Carioca, em 1946, quando fora chefe de polícia da capital federal.

O panfleto do PSD deplora a caravana de artistas da *Rádio Nacional*, a emissora oficial do governo federal, com Luiz Gonzaga, Emilinha Borba, Blackout - Sivuca veio do Recife -, vindos para Campina Grande com dinheiro público, trazidos pelo candidato Pereira Lira, enquanto o povo continuava faminto e humilhado. O panfleto reproduzido no livro do historiador Josué Sylvestre (1982, p.196) faz a seguinte alusão aos tais artistas: *O povo não quer circo, quer pão. O povo quer José Américo, sem discos, sem artistas de rádio, sem alto-falantes.*

Em outro boletim, *Humilhação à Mulher Paraibana*, de grande valor documental, há uma referência direta a Luiz Gonzaga. Confirma a origem do baião *Paraíba* como

jingle político, e também principia a questão da dubiedade de gênero dos versos *Paraíba masculina/ Muié macho sim sinhô*. Tendo em vista que no calor da campanha eleitoral de 1950, os adversários de Pereira Lira já haviam tirado proveito disto, como vimos anteriormente.

O documento também refere a uma proibição ao astro da *Rádio Nacional* de se apresentar na festa da padroeira de Campina Grande, Nossa Senhora da Conceição, em 1948, porque tinha as músicas *um tanto pesadas*: [Pereira Lira] *desafiando tudo, porque não teme os pedidos dos Padres nem de ninguém, com Luiz Gonzaga e mais a escandalosa sambista Emilinha Borba que todo Brasil já conhece. São componentes da trupe Cutuca por Baixo, pagos com dinheiro da Nação, humilhando a mulher Paraibana com esse samba que é uma vergonha: MULHER MACHO (SYLVESTRE, 1982, p.195).*

O boletim, como vimos, denigre a intérprete da rumba *Escandalosa* que estava fazendo o maior sucesso nesse tempo. Aliás, Emilinha Borba relutara em gravá-la com esse título escandaloso, alegando ser *forte demais*; mas cedeu e o Brasil passou a ouvi-la cantar:

*Um dia
Uma vez lá em Cuba
Dançando uma rumba
Disseram que era escandalosa
Dancei, mas não me incomodei
Pois a rumba é por si maliciosa
(ODEON, 1947).*

A *abominável* Emilinha Borba, convertida ao baionismo, pediu ao amigo Luiz Gonzaga algo do gênero para completar o repertório de um disco 78 rotações no início de 1950. Ele

ofereceu o baião *Paraíba* (feito para o candidato paraibano, conforme já dissemos). A cantora, do mesmo modo que acontecera à rumba, teve pudor, temendo ferir a decência por causa dos versos sobre *muié macho*. O sanfoneiro disse que a gravaria assim mesmo, caso ela desistisse. O que não aconteceu.

Os boletins de José Américo de Almeida, provavelmente, foram escritos pelo jovem líder político e orador, Félix de Souza Araújo, maior animador da sua campanha em Campina Grande. Fora comunista, eleito vereador, foi morto defendendo a lisura na administração pública municipal. Os chavões marxistas, nas entrelinhas dos panfletos incendiários do PSD, inclusive os adversos ao baião *Paraíba*, parecem denunciar a ideologia pretérita do jovem animador das multidões.

O candidato a governador, José Américo, amparado no seu prestígio no meio jornalístico e literário do Rio de Janeiro, trouxe diversas personalidades para o comício inaugural da sua campanha na Paraíba, em Campina Grande. Entre elas, o escritor José Lins do Rêgo, jornalistas e críticos de artes, Rafael Correia, Mário Correia, Mário Pedrosa e Joel Silveira.

Os boletins alardearam o comício do PSD na Praça da Bandeira para o dia 28 de maio de 1950. A cidade paraibana ficou tomada pelas caravanas americistas de toda Paraíba; do litoral ao sertão. Todos de branco, acenando bandeiras, lenços, chapéus, aplaudindo, dando vivas a Zé Américo e aos outros candidatos da coligação, apupando os seguidores argemiristas e o seu candidato a senador (o do baião *Paraíba*). A manifestação cívica entrou para a história da comunicação de massa na cidade Rainha da Borborema. Segundo o historiador Josué Sylvestre: *Pela primeira vez a*

Rádio Borborema irradiava um comício, o que se tornaria praxe daí por diante, com evidente vantagem para os partidos que multiplicavam aos milhares as audiências das concentrações políticas (SYLVESTRE, 1982, p.174).

Semanas depois do comício americista, foi a vez da manifestação da coligação adversária da UDN em 9 de julho de 1950. Naquele dia, como dissemos no início, aconteceram três eventos importantes em Campina Grande: A inauguração do prédio dos Correios e Telégrafos, uma obra do governo federal, o grande comício udenista e as apresentações dos artistas da *Rádio Nacional* (exceto o sanfoneiro Sivuca, da *Rádio Jornal do Commercio* recifense).

Depois da grande manifestação cívica udenista (quando Luiz Gonzaga cantou o tal jingle-baião *Paraíba*), os seguidores de José Américo, embora proibidos de manifestação pública naquele dia, por questão de segurança, saíram às ruas. Havia muita gente na Praça da Bandeira campinense, remanescente do comício. No seu entorno, restaurantes, bares, sorveteria e a difusora *A voz de Campina*. Houve um conflito entre seguidores exaltados da UDN e do PSD.

O acontecimento trágico na Paraíba repercutiu no noticiário radiofônico e na imprensa pelo Brasil. Chegou a mobilizar forças de segurança para Campina Grande. Daí em diante a chacina da Praça da Bandeira dominou a campanha eleitoral paraibana de 1950. O PSD acusando a UDN pela tragédia; os udenistas, por sua vez, incriminando os pessedistas. A batalha de boletins prosseguiu ainda mais virulenta, com ares apocalípticos num verdadeiro duelo do cavaleiro *branco* (José Américo de Almeida) e o *amarelo* (Argemiro de Figueiredo). O discurso da coligação americista definiu a campanha vitoriosa. Os seus principais candidatos venceram a eleição, inclusive, o senador Ruy Carneiro,

adversário de Pereira Lira.

A música do candidato vencedor ninguém mais se lembra. Enquanto o jingle do candidato derrotado, o baião *Paraíba*, se consagrou como um dos maiores sucessos de Luiz Gonzaga. Como já dissemos, lançado originalmente na voz da cantora Emilinha Borba em 1950. Nesse mesmo ano foi gravado pelo conjunto *Quatro Ases e um Coringa*, pelo sanfoneiro Orlando Silveira e pelo instrumentista Edu da Gaita. A versão do Rei do Baião viria a público em 1952.

O dito baião é a obra de arte de inspiração paraibana mais célebre. Apesar da notoriedade dos quadros do pintor Pedro Américo; da fama do livro *Eu*, do poeta Augusto dos Anjos; dos romances de José Lins do Rego; dos forrós e rojões de Jackson do Pandeiro e da visibilidade dos artistas paraibanos, na mídia nacional, nas últimas décadas: Sivuca, Genival Lacerda, Zé Calixto, Geraldo Vandré, Elba Ramalho, Zé Ramalho, Chico César, Ariano Suassuna (o autor do *Auto da Compadecida*, adaptado pela TV Globo). Nada se compara ao sucesso do baião *Paraíba*. A interpretação magnífica de Luiz Gonzaga, o tema, os arranjos. Contudo o refrão tratando de *muié macho* suscita curiosidade e desentendimento até hoje. O sanfoneiro comentou o assunto em uma entrevista ao jornal *Folha de São Paulo* em 26 de março de 1978, confirmando as informações que desenvolvemos sobre o baião espetacular:

Essa música saiu como jingle no governo do general Gaspar Dutra. Então o chefe da Casa Civil [o paraibano José Pereira Lira] muito elegante, simpático, sempre de cachimbo na boca, entrou em contato com o diretor da Rádio Nacional, na época José Caó, pedindo a mim e a Humberto

Teixeira que fizéssemos um jingle. Então nós fizemos essa música invocando Zé Pereira [famoso personagem paraibano de 1930]. Os adversários aproveitaram para dizer que o baião é um achincalhamento à mulher paraibana. Que besteira! Essa música é uma homenagem à Paraíba, que, apesar de pequena, foi valente em 1930. Êita Paraíba muié macho, sim sinhô! Quer dizer, sendo um Estado de nome feminino, então: Muié macho, sim sinhô. Isso em relação à mulher que luta e batalha. Tem muita mulher que é um verdadeiro homem (Trecho reproduzido na coleção Vozes do Brasil LUIZ GONZAGA, pela Editora Martin Claret, s/p).

A estrofe ambígua do baião *Paraíba*, como vimos, não tem nada a ver com a mulher paraibana em si. O que há é o topônimo original Paraíba (substantivo feminino) denominando o Estado (substantivo masculino) da Nação, pequenino e heroico nos acontecimentos da Revolução de 1930.

O famoso refrão arraigou-se de tal maneira no imaginário do brasileiro, a ponto de virar acepção do próprio vocábulo, Paraíba, no *Dicionário Aurélio*, significando “mulher macha”, mulher macho. O *Dicionário Houaiss* repete o mesmo, considerando-o brasileirismo pejorativo e substantivo feminino com sentido de mulher de aspecto masculinizado, lésbica. Os dicionaristas, porém, silenciam a respeito da influência do baião de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira.

Já o paraibano Adalberto Barreto tratou do gênero da Paraíba em um artigo publicado no *Jornal da Paraíba* (2005) a propósito do debate sobre a mudança do nome da capital do seu Estado, João Pessoa, para a denominação primitiva

de cidade da Paraíba. O articulista comenta a ambiguidade de gênero do topônimo reconhecendo a contribuição negativa de Luiz Gonzaga, através do baião *Paraíba*, no qual fala de mulher macho. Em princípio, considera a etimologia indígena do termo que significa *rio mau*, mas que a palavra tinha sido travestida pelo costume levando ao embaraço de todos, conflito de androginia nominal, e, que, seria o caso de investigar a causa de uma transexualidade assumida sem outro exemplo na toponímia local. Prossegue afirmando que o excelente intérprete do baião quisera remediar as coisas, mas só confundira, aumentando a confusão ao colocar barba à face lisa e meiga da paraibana.

Apesar da origem político-eleitoral e da polêmica dos versos tratando de *muié macho*, o baião *Paraíba* se consagraria um dos cinco maiores clássicos do artista. Além de Emilinha Borba e Luiz Gonzaga, muitos outros cantores, cantoras e músicos já interpretaram o referido baião. Eis uma relação resumida deles, pelo menos até o início da década de 1990: *Orlando Silveira & Vagalumes do Luar*, *Quatro Ases e um Coringa*, a japonesa Keiko Ikuta, a Gaita Mágica de Ornar Izar, Orquestra Sinfônica sob regência do maestro Guerra Peixe, Wilson Simonal, The Pops, Quinteto Violado & Patrícia França, A Turma dos Cangaceiros, Carmélia Alves, Maria de Nazareth, Maria Alcina, Canhoto da Paraíba, Luiz Wanderley, Wagner Tiso e César Camargo Mariano, Zé Ramalho, Dominginhos, *Trio Nordestino*, Silvinha, Tânia Alves, Elba Ramalho, Chico César. Caetano Veloso evoca em versos na sua composição *Terra*:

*Mando um abraço
Pra ti pequenina
Como se eu fosse*

*O saudoso poeta
E fostes à Paraíba
(CBD PHONOGRAM,1978).*

O baião *Paraíba* é célebre *sim sinhô*, porém mal informado em livros importantes sobre o Rei do Baião. A biografia *Vida do viajante: A saga de Luiz Gonzaga* de Dominique Dreyfus lançada em 1996, dá a entender que o baião foi composto para o candidato a governador José Américo de Almeida, ao invés do seu adversário de campanha eleitoral, o candidato a senador José Pereira Lira, conforme já expusemos. Afirma ainda que a chacina da Praça da Bandeira, em Campina Grande, na Paraíba, aconteceu no momento da apresentação de Luiz Gonzaga. Na verdade o tiroteio entre civis e militares udenistas e pessedistas aconteceu no início da noite, encerrados os eventos do dia 9 de julho de 1950.

O equívoco a respeito do baião *Paraíba* (DREYFUS, 1996), o atribuindo a Zé Américo seria reproduzido em outro livro, *O Rei e o Baião*, de 2010, organizado por Bené Fonteles no artigo da professora Elba Braga Ramalho no qual cita uma candidatura inexistente do paraibano a presidente do Brasil em 1950. O romancista de *A bagaceira*, e ex-ministro de viação e obras do governo de Getúlio Vargas, foi eleito governador da Paraíba. É verdade que a sua candidatura a presidente foi cotada em 1937, mas antes da decretação do Estado Novo varguista.

COAUTORIAS NÃO GRAVADAS

HÁ DEZENAS DE OBRAS COAUTORAIS DE LUIZ GONZAGA gravadas por muitos intérpretes, as quais jamais foram incluídas na sua discografia de carreira. Antes de expormos estes dados curiosos comentaremos de passagem a própria participação autoral do Rei do Baião em sua grande obra fonográfica no período de 1941 a 1989, da fase do disco 78 rotações por minuto ao período do disco long play.

Participam da sua discografia, cerca de 246 compositores – há diversos pseudônimos. Mais de 120 deles são parceiros do Rei do Baião em mais de 240 composições. Os campeões de músicas gravadas são: João Silva, mais de 80; Zédantas com cerca de 50; Humberto Teixeira com mais de 30. O sanfoneiro de Exu é autor exclusivo de mais de 50 obras instrumentais e vocais.

Já ocorreu de um e outro familiar de compositores reclamar injustamente de que Luiz Gonzaga tivesse posto indevidamente a sua autoria em baiões, toadas e xotes, alegando que as obras teriam chegado *prontas* às suas mãos. Contudo, desconsideram o sanfoneiro e cantor extraordinário e o seu imenso carisma, a sua indumentária real (de chapéu de couro e de gibão). Tais atributos artísticos imprimiam uma marca autoral indelével em tudo que tocasse e cantasse, independentemente de ser o verdadeiro autor da composição ou não. É necessário reconhecer essa magnitude artística, assim como os modos de mercado de música

popular do seu tempo (de fato autores vendiam obras), e sem investigar, com rigor, se de fato houve apropriação. Por causa disto gerou-se o mito de sua incapacidade de compor. O que não é verdade.

Luiz Gonzaga é autor exclusivo, como dissemos, de mais de 50 obras instrumentais: valsa, choro, xamego. Assim como de composições cantadas dos gêneros tradicionais: polca, baião, xote, forró, aboio. Algumas delas são conhecidas do grande público. Os clássicos instrumentais: *Vira e mexe*, *Pagode russo*, *Caxangá*. E os sucessos cantados: *Forró no escuro*, *Tesouro e meio*, *Karolina com K*. De toda maneira, carecia-lhe a capacidade plena do letrista e do melodista, embora a sua figura emblemática pudesse inspirar as obras – como de fato aconteceu –, através dos seus parceiros, sobretudo, os fundamentais, Humberto Teixeira e Zédantas.

Sabemos que Gonzagão teve pouquíssima instrução escolar em sua infância e na adolescência. Aprendeu a ler e a escrever como autodidata e durante os nove anos de vida militar. No Rio de Janeiro se esforçou para ler placas de ruas, notícia de jornal e reportagem de revistas sobre artistas. Aprendeu a ler e até a se expressar pela escrita e passou a escrever cartas ternas para a esposa, sobretudo, para a derradeira mulher, Edelzuita Rabelo.

Desde 1941, o solista de sanfona já tinha lançado obras de sua autoria exclusiva. Quando pensou em se lançar como cantor, lembrou-se dos motes aprendidos na sua infância, pois sentia que aquilo dava composição, mas era incapaz de transformá-los em composição com letra e melodia. Tinha muito nortista no Rio e em São Paulo. Por isso buscou ansiosamente por parceiros.

As composições vocais de autoria exclusiva de Luiz Gonzaga são de enredos simples, de inspiração urbana e rural e

abordam os temas comuns da sua musicografia geral: *Toca uma polquinha, É pra rir ou não é, Aboio apaixonado, Tesouro e meio, Forró no escuro, Vida de vaqueiro, Fole gemedor, Tu qué mingabelá, Forró de Pedro Chaves, Choromingô, Karolina com K.*

Após comentarmos a participação autoral do Rei do Baião na sua discografia de carreira, tratemos da sua musicografia extra com diversos parceiros que jamais foi gravada por ele. Há mais de 50 obras. A nossa base é o livro *Por que o Rei é Imortal*, de Antonio Francisco e José Nobre de Medeiros (2011), que compreende a discografia geral do astro, suas participações em discos de outros artistas, músicas gravadas em sua homenagem, cantores nacionais e estrangeiros que gravaram os seus baiões, toadas, xotes, etc. A obra também dedica um capítulo às composições de coautoria de Luiz Gonzaga que não constam em sua discografia oficial.

A cantora Carmem Costa foi quem primeiro gravou as composições de Gonzaga e Miguel Lima, *Mulher do Lino e Bilu bilu* e o maxixe *Sarapaté*, esta dele e Anselmo Domingos, entre 1944 e 1945. *Sarapaté* elogia a iguaria tradicional brasileira feita do sangue e do miúdo do porco, ou de outro animal temperado com salsa, louro, coentro, cebola, alho, cominho, cravo e farinha:

*Oi!
Quem vai querer
O sarapaté
Comidinha gostosa
Quem será que não quer
Oi!
(VICTOR, 1945).*

O conjunto vocal e instrumental de cordas e percussão *Quatro Ases e um Coringa* era formado por irmãos cearenses conforme já discutimos. Fez sucesso no Rio de Janeiro desde a segunda metade da década de 1940 (o grupo lançou o baião *Baião*), inclusive gravou diversas composições de Luiz Gonzaga com alguns parceiros, as quais também não constam na discografia do cantador da *Asa branca*: *Si quer ver vem cá*, dele e Miguel Lima; *Tudo é baião*, com Zédantas; *Que é?*, dele, Luiz Calazans e Jararaca; *Cariri* com Humberto Teixeira; *O Machucado*, com Zédantas e *Aí! Miquilina*, com o parceiro Guio de Moraes:

Ai! Miquilina
Miquilina, meus amô
Você era meu xodó
Foi-se embora
E me deixou tão só
(...)
Juro por Deus
Que eu agarro o Bastião
Vou furá sua sanfona
Pra não tocá mais baião
(VICTOR, 1952).

Há uma parceria incomum de Luiz Gonzaga mencionada no livro, *Memórias do Café Nice - Subterrâneos da Música Popular e da Vida Boêmia do Rio de Janeiro*, de Nestor de Holanda (1970). No final da década de 1940, o compositor, J. Piedade (José da Rocha Piedade) era um conhecido vendedor de músicas no famoso *Café Nice* no Rio de Janeiro (ponto de encontro de artistas, radialistas e autores). Piedade, sem um tostão no bolso, como de costume, ofereceu

a metade de um samba, *Meu pandeiro*, para Ary Monteiro. Negócio feito, deu o samba para o irmão Ciro Monteiro gravar (HOLANDA, 1970):

*Quando morrer
Quero ficar com a mão de fora
Pra tocar meu pandeiro
Ai, ai!
O meu pandeiro
Cravejado de marfim.*

Alguns dias depois, J. Piedade ofereceu a mesma música a Luiz Gonzaga com o título *Minha sanfona* e com pouquíssimas modificações:

*Quando morrer
Quero ficar com a mão de fora
Pra tocar minha sanfona
Ai, ai!
Minha sanfona
Cravejada de marfim
(HOLANDA, 1970).*

Apenas mudou o gênero da composição. De samba para baião, trocando o pandeiro pela sanfona. Entre 1946 e 1947, Ary Monteiro, Ciro Monteiro e Luiz Gonzaga se encontraram no estúdio da RCA VICTOR para gravar as obras quase idênticas, mas sem nada saberem. Esclarecidos os fatos sobre as origens das composições, eles mesmos decidiram as autorias do samba, *Meu pandeiro* e do baião *Minha sanfona*. Ary Monteiro pergunta: *Você comprou a metade [a J. Piedade], não foi?* Luiz Gonzaga responde: *Foi*. AM

pergunta novamente: *Eu comprei a metade, não foi?* LG afirma: *Foi.* AM conclui: *Portanto, a música é minha e sua. Piedade vendeu as duas metades.* LG confirma: *É isso mesmo* (HOLANDA, 1970).

O autor de *Memórias do Café Nice - Subterrâneos...*, afirma que as composições gêmeas foram gravadas no mesmo dia. Em ambas figurando os autores Ary Monteiro e Luiz Gonzaga. O samba, *Meu pandeiro*, foi gravado por Ciro Monteiro. Já o baião, *Minha sanfona*, a gravadora RCA VICTOR preferiu engavetá-lo. Em 1947, o sanfoneiro e cantador fez sucesso em todo Brasil com o xote *No meu pé de serra* e a toada *Asa branca*, iniciando o seu segmento maravilhoso das obras, baiões, toadas, xotes, etc., tocando e cantando o Nordeste. Portanto, nada de lançar rpm com metáforas de morte.

Na década de 1950, mais músicos e intérpretes gravaram composições de Luiz Gonzaga e parceiros, as quais também não constam na sua discografia de carreira. Edu da Gaita lançou duas obras instrumentais dele com Humberto Teixeira, *Capricho nortista 1* e *Capricho nortista 2*. A cantora Marlene gravou dele com o cearense, *O passo do pinguim* e *Dona Vera tricotando*:

*Dona Vera, quando moça
Foi bonita, foi dengosa, foi catita
Mas não soube aproveitar
Levava a vida em casa
Tricotando, tricotando
Tricotando, tricotando
Sem sair pra namorar
(CONTINENTAL, 1950).*

Marlene gravou mais duas composições de Luiz e Humberto naquele ano de 1950: Os baiões *Qui nem jiló* e *Macapá* (o sanfoneiro as gravaria). Com Zédantas compôs *O Forró de Quelemente* gravado pelo irmão Zé Gonzaga em 1951.

A cantora portuguesa, Ester Abreu, convertida ao baiionismo, gravou o fado-baião *Ai, ai Portugal*, de 1951, de autoria do pernambucano e do cearense. A letra saúda a guitarra da nossa pátria avó e a sanfona do Brasil. Nas estrofes finais, a cantora declara que o seu coração balança entre os gêneros musicais das duas nações, o fado saudoso roendo-lhe o peito e o baião sacudido, gostoso, doendo:

Ai, ai Portugal
Eu peço perdão
Mas aqui no Brasil
Portugal
Eu só traço
Eu só canto
Eu só danço o baião
(CONTINENTAL, 1951).

Na composição de Luiz Gonzaga e Denis Brean (Augusto Duarte Ribeiro), *Mambo não*, lançada em 1951, a cantora Dircinha Batista satiriza a invasão dos ritmos estrangeiros e enaltece os gêneros nacionais, inclusive o baião, e ataca o mambo (música e dança de origem cubana):

Eu não danço mais o mambo
O que é que você acha?
Mambo é bolero
É rumba
É guaracha

*Todo mundo dança o samba
Com bastante animação
Não queremos mambo
A nossa dança é o baião
(ODEON, 1951).*

Em junho de 1952, a cantora paranaense Stelinha Egg (dedicou boa parte da vida a registrar músicas do folclore brasileiro) lançou a rancheira *Toca sanfoneiro* com Luiz Gonzaga e acompanhamento de orquestra:

*Rancheira, rancheira
A dança do meu coração
Rancheira, rancheira
Das lindas noites de São João
Sanfona, zabumba
Fogueira e quentão
(VICTOR, 1952).*

O cantor Francisco Carlos também gravou músicas de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira, as quais também nunca foram gravadas pelo sanfoneiro: *Meu brotinho* e *Me deixe em paz*:

*Mulher me deixe em paz
O que você faz comigo
Francamente não se faz (não, não)
Mulher me deixe em paz
Quem lhe fez assim tão falsa
Não foi Deus
Foi Satanás
(VICTOR, 1950).*

A dupla pernambucano-cearense compôs *Baião no Braz*, gravado por Izaura Garcia, também inédita na discografia de Luiz Gonzaga. Do mesmo modo, *Gauchita* lançada por Ivon Curi e Carmélia Alves; assim como *No mundo do baião 1*, gravado pela Rainha do Baião com acompanhamento de Sivuca. Luiz e Humberto Teixeira compuseram *Sivuca no baião* gravada pelo sanfoneiro e cantor paraibano.

Há seis músicas instrumentais do Rei do Baião lançadas na discografia do irmão Severino Januário, menos famoso, porém, um exímio sanfoneiro: *Cachorro do má*, *Alembrando*, *Cabra macho*, *Canastrinha*, *Serra Talhada*, *Carapina*.

O jornalista e compositor David Nasser com o sanfoneiro e cantador são os autores de *Abraço do baião*, na voz de Caco Velho. O cantor Augusto Calheiros, um ídolo da geração de Luiz Gonzaga, gravou *Dúvida*, deste com Domingos Ramos, jamais inclusa na sua discografia:

*Bem vês que vivo escravizado
E preso ao teu encanto!
Não debes duvidar assim
De quem te adora tanto!
(VICTOR, 1946).*

O cantor José Tobias interpreta duas composições de Gonzagão com dois parceiros: Hervê Cordovil e Giusepe Ghiaroni, respectivamente, *Baião do pescador* e *Criança má*. A letra desta tematiza o fascínio e o padecer do homem maduro pela menina-moça sedutora e irresistível:

*Se você é tão criança
E fica feio eu te amar
Por que é que você anda*

*Com esse jeito de andar
Por que é que você olha
Com esse modo de olhar
Criança, que é isso?
(COPACABANA, s/d).*

Luiz Gonzaga e Zédantas são autores de mais três obras, *Que é que tu qué*, com Heleninha Costa e *Os Cariocas; Pirarucu*, com o cantor Jamelão e a batucada “*Tá*” *legal* com Guio de Moraes, interpretada pelo próprio e a sua *Orquestra Brasilrítmos Carnaval*:

*Oba!
Tristeza acabou
Mamãe tá em casa
Papai já voltou
(CARNAVAL, 1951).*

Carolina Cardoso Meneses gravou o instrumental *Baianando* de Humberto Teixeira com o exuense. O intérprete Ivan Cláudio gravou *Vidas preciosas* de sua autoria com o Rei do Baião. Zé Gonzaga gravou dois solos de sanfona do irmão, *Aperreado* e *Sentimental*.

O compositor João Silva e Luiz Gonzaga são autores de diversas músicas na voz de João e convidados especiais: *Cuidado mulher*, *Do jeito que o Rei mandou* (canta com Maria Alcina), *Arre, égua!* (com Sirano), *Sá Maricota* (com Dominginhos e Luizinho Calixto), *Eu e meu amor* (com Waldonys), *Sá menina*, *Forró bufado* (com Azeitona), *Rosa e Ana*.

O *Trio Siridó* lançou um álbum e incluiu no repertório uma música composta pelo sanfoneiro Djaci Mocó, *O Nordeste brasileiro*, lançada pela gravadora Chantecler.

OLHA PRO CÉU: REPERTÓRIO JUNINO

A MÚSICA DE ESTREIA DO CANTOR LUIZ GONZAGA, A mazurca *Dança Mariquinha*, gravada em 14 de abril de 1945, **já apresenta o ritmo e o caráter de baile popular** (samba, forró), portanto com identidade junina. De outro modo, a primeira música de sucesso da sua fase vocal, após o período (1941-1944) dos solos de sanfona, **é o xamego *Penerô xerém*** com Miguel Lima, no qual exalta o trabalho, a cultura do milho e os derivados, comidas essas tipicamente juninas:

Dona Chiquinha
Bota o milho pra pilar
Pro angu
Pra canjiquinha
Pro xerém
Pro munguzá
(VICTOR, 1945).

Em 1946, o sanfoneiro gravou duas polcas instrumentais juninas: *De Joazeiro a Pirapora*, *Pagode russo*. Duas marchas de carnaval: *Pão duro* e *Eu vou cortando*. No ano seguinte gravou marchas e marcha-frevo: *Pau de sebo*, *Todo homem quer*, *Quer ir mais eu?* (Nesse tempo os artistas costumavam gravar repertórios para os festejos de Momo). Neste

momento, ele gravou um único samba, *Tenho onde morar*. No ano seguinte, foi lançada a famosa toada *Asa branca* contendo versos em alusão à fogueira junina e à seca:

*Quando ôiei a terra ardendo
Quá fogueira de São João
Eu perguntei a Deus do céu
Ai!
Por que tamanha judiação
(VICTOR, 1947).*

Até aqui apresentamos apenas a obra instrumental de Luiz Gonzaga relacionada ao tema junino. Nos referimos a títulos de obras, aos seus sucessos iniciais, como cantor, citando comida junina (na fase pré-compositores nordestinos), a comparação da seca à fogueira joanina – por causa dessa alusão profana ao sagrado, aliás, foi publicado um folheto de cordel arrasador contra Luiz Gonzaga no Nordeste.

Em 1950, começa o seu segmento de obras vocais e instrumentais de inspiração junina ou joanina. A primeira delas, o baião *A dança da moda*, com Zédantas. Foi um dos seus grandes sucessos do ano exaltando a novidade do novo gênero musical dominando a festa junina carioca:

*No Rio tá tudo mudado
Nas noites de São João
Em vez de polca e ranchêra
O povo só dança
Só pede o baião
(VICTOR, 1950).*

Uma marcha-joanina, *Olha pro céu*, com José Fernandes

é um dos maiores clássicos desse segmento. O enredo nostálgico, pitoresco e sentimental das noites de São João, à moda antiga, entoado por gerações de brasileiros:

*Olha pro céu, meu amor
Vê como ele está lindo
Olha pr'aquele balão multicolor
Como no céu vai sumindo
(VICTOR, 1951).*

No ano seguinte, o Rei do Baião lançou mais dois grandes sucessos juninos, o baião *São João do Carneirinho*, em parceria com Guio de Moraes:

*Ai!
São João
São João do Carneirinho
Você é tão bonzinho
Fale lá com São José
Peça pr'ele me ajudá
Peça pro meu mio dá
Vinte espiga em cada pé
(VICTOR, 1952).*

E a marcha *São João na roça com Zédantas*:

*A fogueira está queimando
Em homenagem a São João
O forró já começou
Vamos gente
Rapá pé nesse salão
(VICTOR, 1952).*

Desde 1954, o Brasil inteiro começou a cantar o baião espetacular, *Noites brasileiras*, que é um verdadeiro clássico desse ciclo de composições com Zédantas:

Ai!
Que saudades que eu sinto
Das noites de São João
Das noites tão brasileiras
Nas fogueiras
Sob o luar do sertão
(VICTOR, 1954).

Luiz Gonzaga lançou nesse mesmo ano a polca junina, *Lascando o cano*, do gênio Zédantas, de teor telúrico, satírico e humorístico tematizando o inverno, a fartura e a festança no Nordeste:

Vamo, vamo, Joana
Vamo na carreira
Vamo pra fogueira
Festejá meu São João
Vamo, vamo Joana
Findou-se o inferno
Houve bom inverno
Há fartura no sertão
(VICTOR, 1954).

Já o baião *Lenda de São João*, outra maravilha de Zédantas, não é conhecido do grande público. O seu enredo celebra o nascimento do Santo do Carneirinho, o precursor e anunciador de Jesus:

*Diz que Santa Isabé
Disse à prima Maria:
João vindo ao mundo
Me avise no dia!
Ao ver do meu rancho
Um grande clarão
E uma fogueira:
Nasceu São João!
(VICTOR, 1956).*

O Rei do Baião lançou outras composições de conteúdo junino no final da década de 1950: o baião *São João antigo*, com Zédantas, também não é conhecido dos fãs. A composição apresenta enredo nostálgico evocando a festa joanina de outrora:

*Era festa d'alegria
São João!
Tinha tanta poesia
São João!
Tinha mais animação
Mais amor
Mais devoção
Eu não sei se eu mudei
Ou mudou o São João
(VICTOR, 1957).*

O sanfoneiro canta a marcha *Fogueira de São João* em parceria com Carmelina, recordando antigas festas juninas. Lembra de balões, foguinhos e da família artística Gonzaga:

Seu Januário

*Venha ser o meu parceiro
Não se esqueça da sanfona
Para animar o terreiro
Traz a família
Que nós tem muito prazer
De dançar com as suas fias
Até o dia amanhecer
(VICTOR, 1959).*

No final da fase do álbum 78 rotações por minuto (1941-1963), Luiz Gonzaga lançou outra linda marcha-junina do gênio zé-danteano, *São João no arraiá*, mais uma vez evocando a grande festa popular brasileira à moda antiga com sabor rural:

*Vem ver quanta fogueira
Num terreiro embandeirado
Foguetes e balões
Sobre o céu todo estrelado
Namoro à moda antiga
Com suspiros ao luar
Vem ver coisa bonita
São João no arraiá
(VICTOR, 1960).*

Gonzaga continuou lançando discos com repertórios juninos mesmo na nova fase do disco long play, sempre com doze faixas de músicas nas décadas finais da sua carreira nos anos de 1960, 1970 e 1980. Em 1963, veio a público um álbum notável, o PISA NO PILÃO (FESTA DO MILHO), com duas faixas de inspiração junina. Uma delas, o baião *Pedido a São João*, do paraibano José Marcolino, aparece como um rogo

de nortista (nordestino) saudoso e deseioso de retornar ao sertão natal para convidar dona Chiquinha (o apelido da mãe de Zé Marcolino) para ser a sua madrinha de fogueira. O baião canta a *experiência* de inverno:

*Chegando lá
Desabafo minha mágoa
Encho uma garrafa d'água
Depois enterro no chão
Peço a São João
Que apele pro soberano
Pra saber se para o ano
Chove cedo em meu torrão
(VICTOR, 1963).*

A outra obra junina desse disco, a que o subintitula, *A festa do milho*, do compositor Rosil Cavalcanti (pernambucano radicado em Campina Grande, Paraíba), *é inspirada* em *São João do Carneirinho* de Luiz Gonzaga e Guio de Moraes. Enquanto estes rogam ao santo pedindo por vinte espigas de milho em cada pé, Rosil descreve o ciclo completo da cultura do milho do mês de março a junho, conforme a experiência do sertanejo:

*Em março queima o roçado
A desenove ele planta
A terra já está molhada
Ligeiro o milho levanta
Dá uma limpa em abril
Em maio solta o pendão
Já todo embonecado
Prontinho para São João*

(VICTOR, 1963).

Em 1965, foi lançada uma obra-prima da discografia junina do Rei do Baião, o QUADRILHAS E MARCHINHAS JUNINAS, cuja metade do repertório é de solos de sanfona. É uma sequência instrumental dos seus clássicos juninos, baiões, polcas e marchinhas: *Fim de festa*, *Polca fogueteira*, *Lascando o cano*, *Pagode russo*, *Fogueira de São João*, *Olha pro céu* e *São João na roça*. O repertório se tornou clássico em animação de quadrilha no Brasil. O lado B do disco, cantado, traz duas polquinhas juninas de autoria exclusiva de José Marcolino: *Fogo sem fuzil* e *Quero chá*:

Morena

Eu quero chá

Eu quero chá

Eu quero chá

Morena bela

Eu quero chá

(VICTOR, 1965).

No álbum SÃO JOÃO DO ARARIPE – a modelo da capa, à junina, é Rosinha, filha de Luiz Gonzaga – e traz no repertório a música *Meu Araripe* em homenagem ao centenário da Igreja de São João Batista (1868-1968) fundada pelo Barão de Exu na Fazenda Araripe, berço do Rei do Baião. A composição se refere aos benfeitores da Igreja e da festa junina local. Entre estes benfeitores, estão seu pai, sua mãe e duas tias maternas: Josefa (Nova) e Maria (Baía) entre outros personagens evocados:

Cadê seu Sete

Sinharinha dos Canário
Pra cantar com Januário
São João com alegria
(VICTOR, 1968).

A discografia seguinte, lançada na década de 1970, desponta com mais músicas de caráter junino: *Dia de São João*, *São João nas capitá*, *Forró de Zé Buchudo*, *Só xote*, *Retrato de um forró* e o maravilhoso *O fole roncou*:

O fole roncou no alto da serra
Cabroeira da minha terra
Subiu a ladeira e foi brincar
(ODEON-EMI, 1973).

O Rei do Baião gravou repertório dançante, forrozeiro e junino na década de 1980 com João Silva e contou com as participações especiais de jovens artistas de origem nordestina em ascensão, sobretudo, Fagner e Elba Ramalho. Essas músicas ainda hoje são muito tocadas em toda festa junina pelo Nordeste e pelo Brasil.

Os seus álbuns DANADO DE BOM de 1984 e o SANFONEIRO MACHO de 1985, incluem grandes sucessos juninos, *Pagode russo* (com a letra de João Silva), *Forró no escuro*, *Danado de bom*, *Sanfoninha choradeira*, *Aproveita gente*, *Deixa a tanga voar* e *Forró nº 1*. Luiz Gonzaga e Gal Costa cantam *Forró nº 1* em dueto:

Sanfona velha do fole furado
Só faz fum!
Só faz fum!
Mesmo assim o cavalheiro

Faz um refungado
E o coração da morena
Faz tum! tum!
(RCA, 1984).

Além de Fagner, Elba Ramalho e Gal Costa, diversos outros artistas cantam com Luiz Gonzaga nesses discos: Gonzaguinha, Sivuca e Glorinha Gadelha. Esses álbuns tiveram importantes premiações na década de 1980: *Discos de Ouro* e o *Prêmio Shell da MPB*. Nesse tempo, o astro foi agraciado pelo conjunto da obra com o troféu *Nipper de Ouro* e o Prêmio Internacional da gravadora RCA VICTOR.

Em 1984 saiu o álbum, LUIZ GONZAGA & FAGNER, com repertório clássico de baiões e xotes em ritmo de forró, também, muito executado no período junino no meio juvenil. Fagner produziu e gravou outro disco, o GONZAGÃO & FAGNER 2, lançado em 1988, com ambos cantando em dueto os seus clássicos: *Noites brasileiras*, *Vem morena*, *Derramaro o gai*, e *ABC do sertão*, *Xamego*, *Estrada de Canindé*, *Juazeiro*, *Vozes da seca*, *Amanhã eu vou*.

Os álbuns póstumos de Luiz Gonzaga que foram lançados em 1989 pela Copacabana. O FORROBODÓ CIGANO (INSTRUMENTAL) e o LUIZ GONZAGA E SUA SANFONA VOL. 2, esses discos trazem repertórios genuinamente dançantes e, do mesmo modo, de teor junino. Sobre tudo o primeiro lp, no qual predominam os gêneros forró, quadrilha e xaxado.

DOMINGUINHOS, O SEGUIDOR MAIOR

LUIZ GONZAGA PARTICIPA DE UM DISCO DE DOMINGUINHOS, QUEM ME LEVARÁ SOU EU (1980) cantando em dueto o xote *Quando chega o verão*, precedido de um diálogo do mestre com o discípulo: *Dominguinhos!?* Este responde: *Diga, Lula!* O mestre prossegue: *Você abra do olho que o seu compromisso com o Nordeste é muito sério!* O seguidor confirma: *E eu num sei!* O Rei do Baião finda em tom de elogio: *Você urbanizou o forró, daqui pra frente tem que ser tudo mais mió!!!* Ambos seguem cantando:

*Quando chega o verão
É um desassossego
Por dentro do coração
Quem ama sofre
Quem não ama sofre mais
Sofre a menina
Sofre o rapaz
(RCA, 1980).*

Mais adiante, Gonzaga retoma o diálogo em tom confessional (Ele vivia o auge do romance com Edeluza Rabelo) dizendo sentir uma dor no peito, tanto quanto doía-lhe ouvir o gemido da sanfona de Dominginhos. O mestre

prosegue: *Dominguinhos?* O sanfoneiro: *Diga, seu Lula!* Luiz: *Tou sentindo uma dor dento...* O seguidor indaga: *E tá doendo?* Gonzaga: *Tááá! Tem nada não; quando nós se encronta, a gente se dana nos amô. Ah! mas o que tá doendo mesmo é esse fungado infeliz dessa sanfona. Tu tão perto d'eu; e eu tão longe dela...* Continuam o dueto: *Canário que muda a pena dói/ Amor que muda de penas dói.*

O diálogo, tratando do legado do mestre ao discípulo, é histórico. Luiz trouxe a linguagem musical autêntica do Norte (Nordeste), do meio rural para a cidade; enquanto Dominginhos desenvolveu a técnica avançada na sanfona, introduzindo harmonias modernas que não *amarravam* o gosto do povão simples, mas que tinham dado novo impulso ao forró nos grandes centros urbanos.

A primeira participação autoral da dupla Dominginhos e Anastácia na discografia de Luiz Gonzaga, *Já vou, mãe*, se dá no repertório do álbum, SERTÃO SETENTA, de 1970. O maior sucesso da dupla é *Sanfona sentida* de 1976. Na década de 1980, o sanfoneiro espetacular participou das gravações de estúdio de discos do mestre sob a regência dos maestros Chiquinho do Acordeom e Orlando Silveira. Além de Dominginhos ter realizado turnês memoráveis pelo interior do Brasil servindo ao mestre como músico, motorista, secretário, aprendendo e testemunhando o fenômeno do artista popular.

O Rei do Baião conheceu o menino músico, Zé Domingos ou Nenen (o futuro Dominginhos) no começo da década de 1950, tocando pandeiro em um conjunto com dois irmãos no fole de 8 baixos e no melê. O trio infantil se apresentava na calçada do principal hotel de Garanhuns, Pernambuco, onde o astro costumava se hospedar. Alguém levou os músicos mirins ao seu quarto. Ao ouvi-los, admirado e comovido,

lembrou-se do seu tempo de menino quando tocava sambas com o pai nas quebradas de Exu.

O garoto pandeirista, José Domingos de Moraes (Nenen), nasceu na cidade de Garanhuns em 12 de fevereiro de 1940. É o segundo, dos dez filhos e filhas, do casal Francisco Domingos da Silva (Chicão), pequeno agricultor, músico e afinador de fole, e, de Maria de Farias (Mariinha). Depois que ele ficou famoso, várias cidades do Agreste Pernambucano e uma do estado de Alagoas reivindicaram a sua origem: Bom Conselho, Brejão, Saloá e Palmeira dos Índios se dizem mãe de José Domingos. Só que Dominginhos sempre disse nas entrevistas que nasceu em Garanhuns.

Além de pequeno agricultor, tocador e afinador de fole de 8 baixos, seu Chicão (homenageado pelo Rei do Baião, em *A puxada* de 1985, quando referiu-se aos sanfoneiros patriarcas nordestinos) formou o próprio conjunto. Ele tocando fole; Oto, no banjo; Lula Preto, no melê; Benedito Preto, no pandeiro (este influenciaria o seu filho pandeirista). Noutro momento, também formou um conjunto com os filhos menores, assim constituído: Moraes na sanfona de 8 baixos; Valdomiro no melê e Zé Domingos no pandeiro.

Diferente da mãe de Gonzaga (Que achava sem futuro o marido e o filho se envolverem com fole), a mãe de Dominginhos tanto acreditou que vestiu os filhinhos com as melhores roupinhas, levando-os para se apresentarem em Garanhuns. Isto por pura necessidade de sobrevivência da família que era muito pobre. Uma cena curiosa e comovente viu-se, pela calçada, no centro da cidade pernambucana: O trio infantil tocando pé-de-bode, melê, pandeiro com um prato na frente deles para recolher os donativos que não tardaram. Homens, mulheres e crianças se juntam em torno dos garotos músicos.

Algumas horas depois, dona Mariinha contou o dinheiro recolhido que foi suficiente para fazer uma boa feira. Voltaram felizes para casa, a mãe tangendo os filhos com um jumento carregado de mantimentos. A estreia alvissareira do conjunto só podia animar seu Chicão e companhia. A vida dos Moraes já estava começando a melhorar, porém, algo estava prestes a lhes acontecer, o que selaria para sempre o destino de um deles, o pandeirista mirim Nenen.

Certo dia, os meninos estavam tocando na calçada do *Hotel Tavares Correia* de Garanhuns (que atraía visitantes de todo Brasil que buscavam o clima ameno e as águas termais do Agreste Pernambucano), quando foram levados até Luiz Gonzaga. Nesse tempo, o astro já estava realizando as suas grandes turnês pelo interior do Brasil. Luiz de passagem pelo interior de Pernambuco se hospedou no afamado hotel garanhense, quando lhe trouxeram os tais músicos meninos. O biógrafo de Dominginhos, Antonio Vilela de Souza (2014), assim se refere ao acontecimento:

Os meninos Valdomiro, Moraes e Nenen (Dominginhos) tocavam defronte ao hotel. Por ironia do destino, tiveram a felicidade de serem levados para tocar para o Rei do Baião. Gonzaga se impressiona com a desenvoltura e talento dos meninos, prontifica-se a ajudá-los, dando-lhes o seu endereço no Rio de Janeiro e ficou ao dispor, caso eles precisassem. O rei pasmo com o talento dos garotos deu-lhes a importância de 300 mil reis (SOUZA, 2014, p.21).

Logo depois desse encontro com Luiz Gonzaga, que geraria frutos inimagináveis, uma professora e diretora da

Escola Técnica Comercial de Olinda apareceu em Garanhuns. Conscientizou seu Chicão e dona Mariinha sobre a importância da instrução escolar dos filhos Valdomiro, Moraes e José Domingos e os levou consigo para o seu educandário em regime de internato. Com roupa lavada, alimentação e formação escolar, cívica e religiosa; tudo de graça. Tudo de graça?

A diretora do educandário teria produzido os músicos mirins. Deu nome artístico ao trio: *Os Três Pinguins*, vestiu-os com trajes em preto e branco (As cores da ave do hemisfério austral) e com gravata-borboleta. Algo que lembrasse a origem deles do Agreste Pernambucano. Os meninos se apresentavam em festinhas infantis em Olinda e em Recife. Chegaram a participar de programa de rádio de calouros, ganharam uma sanfoninha de presente (do dono da Rádio Clube de Pernambuco) e conquistaram prestígio.

O biógrafo de Dominginhos, porém, pinta um quadro de horror vivido pelos garotos internos nesse educandário em Olinda. Além da exploração artística, os meninos não mandavam notícia nem dinheiro para os pais e ainda sofriam castigos. O mais velho deles conseguiu fugir, os outros foram expulsos:

No internato a vida deles não era fácil, porque constantemente eram espancados à palmatória. Foi quando o Moraes, cansado de tanto apanhar, resolveu pular o muro, talvez para denunciar os maltratos e espancamentos que eles sofriam. A fuga causou grande confusão, os Moraes foram expulsos e mandados de volta para Garanhuns, sendo confiscados os instrumentos e pertences dos garotos (SOUZA, 2014, p.23)

De volta para casa, os adolescentes músicos continuaram a vida de antes tocando na calçada do *Hotel Tavares*, na feira de Garanhuns, acompanhando seu Chicão nos sambas, mas o trio se desfez. O pai e o primogênito Valdomiro embarcaram num caminhão pau-de-arara com destino ao Rio de Janeiro em busca de trabalho em Nilópolis. Assim, logo que arranjam empregos começaram a mandar dinheiro para casa e já começaram a pensar na mudança do restante da família. O dia da mudança chegou.

Dominguinhos menciona essa viagem em documentário - *O Milagre de Santa Luzia: Uma viagem pelo Brasil que toca sanfona*, do diretor Sérgio Reizenblit (2011), sobre o legado do Rei do Baião -, com a mãe e os irmãos, depois começa a tocar e a cantar *A triste partida*, mas interrompe aos prantos (o flagrante está no documentário). Ao se recompor, continua a toada de Patativa do Assaré – retrato fiel de milhões de migrantes nordestinos do século XX.

A família Moraes se estabeleceu em Nilópolis onde o primogênito já estava trabalhando numa tinturaria. Lá conseguiu emprego de entregador de roupa para o irmão adolescente Nenen (Zé Domingos). Algumas peças eram empilhadas e atadas à garupa da bicicleta e outras eram colocadas, lado a lado, nos guidons.

Veza por outra, aparecia um forró para seu Chicão tocar. Isto somava alguma coisa à renda familiar dos imigrantes nordestinos recém-chegados, mas insuficiente para mantê-los dignamente. Pai, esposa e filhos concluíram que a solução podia estar em Luiz Gonzaga. Ele tinha prometido ajudá-los naquele encontro em Garanhuns.

Em meados da década de 1950, seu Chicão e filhos chegaram num lindo sobrado de dois pavimentos no Bairro de Cachambi, Rio de Janeiro, onde foram muito bem recebidos

pelo Rei do Baião. Como sempre fazia com artistas conterrâneos emergentes que o procuravam. Além da recepção calorosa aos Moraes, deu-lhes uma sanfona de 80 baixos. Retornaram realizados e felizes para Nilópolis. O adolescente Zé Domingos e os irmãos músicos, desde então, passaram a gravitar em torno do grande astro. Nesse tempo, a jovem cantora Marinês, o sanfoneiro Abdias, o percussionista Chiquinho também estavam sendo apadrinhados pelo Rei do Baião.

O primeiro livro sobre Dominginhos, *De Nenem a Dominginhos: Trajetória Discográfica* de Ranilson França de Souza (2006), registra um acontecimento memorável na vida do seu biografado. Em 13 de dezembro de 1956, na festa dos 44 anos de Luiz Gonzaga, o seu sobrado ficou repleto de familiares, amigos, artistas, radialistas e compositores. No meio da festa, o aniversariante pediu a atenção de todos e disse que ia anunciar-lhes algo importante.

Fez entrar na sala um sanfoneiro adolescente com ares de timidez, mas confiante, de chapéu de couro com uma sanfona ao peito. Os presentes prorromperam em aplausos. Silêncio. O protetor posicionou os braços em sua direção (há uma fotografia do momento) fazendo a seguinte declaração sobre a herança do seu legado artístico: *Ouçam bem! Este cabra, o Dominginhos, toca pra daná e canta feito os Gonzaga. Podem tomar nota, ele vai ser meu herdeiro artístico. Digo isso com a maior sinceridade. Estou pronto para apoiar a sua carreira* (SOUZA, 2006, p.22). O garoto aos 15 anos de idade tocou e acompanhou o Rei do Baião e foi novamente bastante aplaudido.

Daí em diante, a dupla de irmãos, Dominginhos e Moraes, passou a se apresentar em rádios e em boates em Nilópolis, no Rio. Nesse tempo, os remanescentes do

conjunto *Luiz Gonzaga e seus Cabras da Peste* (A cantora Marinês, o sanfoneiro Abdias, Zito Borborema, Miudinho) estavam desempregados. A sua mulher, Helena Gonzaga, lembrou do jovem sanfoneiro de Garanhuns. Mandou chamá-lo e com ele formou o *Trio Nordestino*, mas com curta duração (O conjunto se firma com sanfoneiro e o cantor Lindu).

Dominguinhos, aos 18 anos de idade, fez as primeiras gravações no estúdio da RCA VICTOR, do Rio de Janeiro, acompanhando o seu mestre em duas músicas no xote *Moça de feira* e no *Forró no escuro*:

*O candeeiro se apagou
O sanfoneiro cochilou
A sanfona num parou
E o forró continuou
Meu amor não vá s'embora
Fique mais um bocadinho
(VICTOR, 1958).*

Na primeira metade da década de 1960, Dominguinhos trabalhou no conjunto regional de Canhoto. Conviveu com ilustres colegas músicos, a exemplo de Meira, Dino, Orlando Silveira. Acompanhou vários artistas, mas ele próprio custou a lançar o seu primeiro disco. Pedro Sertanejo tinha fundado a Gravadora CANTAGALO, destinada aos artistas nordestinos e através da qual foi lançado o primeiro disco do garanhense, o FIM DE FESTA, em 1964, com repertório dos compositores Zito Borborema, João Silva e Antônio Barros.



Fig. 6 - Luiz Gonzaga e Dominguinhos: mestre e discípulo juntos durante décadas. Fonte: FONTELES, 2010.

Em 1967, o Rei do Baião partiu para mais uma excursão pelo Nordeste, dessa vez levando um casal de colegas artistas, Dominginhos e a cantora e compositora Anastácia. Além de tocar sanfona nas apresentações com o mestre, o seguidor dirigia o carro da caravana e o secretariava.

O trio foi convidado para a festa inaugural do *Estádio de Futebol* de Aracaju, o *Batistão*, em 1969, quando apresentou ao público o hino em homenagem ao moderno equipamento esportivo com a instrução escolar (há o áudio do hino e a foto dessa apresentação). Dominginhos e Anastácia fixaram residência na capital sergipana de onde iam sempre ao Rio de Janeiro cumprir contratos em forrós e gafieiras. Ele se lembra dessa fase memorável na sua biografia escrita por Antonio Vilela de Souza (2014), evocando a imensa popularidade do cantor da *Asa branca*:

Foi uma fase muito bonita em minha vida. Eu pegava o volante do carro de seu Gonzaga, a gente chegava numa cidade era a maior festa; porque o homem era cartaz pra ninguém botar defeito. Aí eu encostava o carro, ia ao hotel tomar banho e mais tarde mandava ver na sanfona. Era um forrobodó que ia até de madrugada (SOUZA, 2014, p.26).

A primeira composição de Dominginhos e Anastácia na voz de Luiz Gonzaga, *Já vou, mãe*, que saiu no disco SERTÃO 70 que narra a despedida do filho de sua mãe, pedindo que ela não chorasse que ele viria buscá-la, que rezasse por ele e aguardasse notícias:

Vou partir

*Mas lembrarei
De escrever uma cartinha
Pois não vou aguentar
Ficar tanto tempo
Sem poder lhe falar
(VICTOR, 1970).*

Em 1972, o exuense apresentou, pela primeira vez na Zona Sul do Rio de Janeiro, no *Teatro Tereza Raquel*, o show *Luiz Gonzaga volta pra curtir*, com as participações de vários músicos, inclusive do sanfoneiro Dominginhos. Um produtor artístico baiano, Guilherme Araújo, estava na plateia do espetáculo que tinha a predominância de jovens, artistas, estudantes e intelectuais. Foi este produtor quem fez a ponte ligando-o aos artistas conterrâneos, Gal Costa e Gilberto Gil. Em 1973, a cantora baiana se apresentou em Cannes, na França, sendo acompanhada pelo jovem sanfoneiro nordestino.

Na década de 1970, Luiz Gonzaga lançou outras composições de Dominginhos e Anastácia. O repertório do seu álbum *CAPIM NOVO* traz o maior sucesso da dupla, *Sanfona sentida* com um acompanhamento da sanfona magistral do garanhuense:

*Vem amor
Vem cantar
Pois meus olhos
Ficam querendo chorar
Deixa a mágoa pra depois
O amor é mais importante a dois
(VICTOR, 1976).*

Em 1977, a dupla galga o primeiro sucesso nacional, *Eu só quero um xodó*, na voz de Gilberto Gil, do álbum REFESTANÇA, com acompanhamento do próprio Dominginhos. O disco de Luiz Gonzaga desse ano, CHÁ CUTUBA, traz no repertório mais uma composição de Anastácia e o marido, *Forró fungado*, mencionando o antigo nome de Exu e exaltando o velho pai Januário:

*Em Novo Exu
Quando tem forró
Começa de noitinha
Vai até nascer o sol
Vem tocador de todo lugar
Mas com Januário
O forró é mais mió
(VICTOR, 1977).*

O álbum, DENGU MAIOR, inclui outra música da dupla parceira, marido e mulher, *Alegria de pé de serra*, cuja letra goza do sanfoneiro inábil, porém, útil à festança:

*Em todo pé de serra tem
Um sanfoneiro tem
Um cantador
Mesmo que seja ruim
Tocando tanto assim
Traz alegria a todo morador
(VICTOR, 1978).*

O álbum, EU E MEU PAI, de tributo ao pai Januário, recém-falecido, inclui outra música de Dominginhos e Anastácia, *Sorriso cativante*, sendo uma das mais tocadas

nas emissoras de rádio, AM e FM. *Orelia* e *A vida do viajante* (regravação com Luiz Gonzaga Júnior) e *Sou do Banco*, também foram muito executadas. O enredo de *Sorriso cativante* celebra o retorno do sertanejo ao aconchego do lar e aos braços da amada:

Quando chego no meu rancho
Vejo a minha moreninha
De sorriso cativante
Eu sacudo a poeira da estrada
E os contratemplos da vida
Deixo em lugar distante
(VICTOR, 1979).

É a derradeira composição da dupla de autores, marido e mulher, em disco gonzagueano. Com a separação do casal, a cantora e compositora prosseguiu carreira solo, assim como o ex-marido Dominginhos. Ele com novos parceiros letristas, Fausto Nilo e João Silva, continuaram gravando com o Rei do Baião. Nesse tempo, o sanfoneiro viveu outro grande momento da sua carreira no exterior participando do espetáculo *Canta Brasil* com a cantora Guadalupe (sua esposa, mãe da cantora Liv Moraes). O show realizado em Roma contou com as participações de outros artistas brasileiros: Toquinho, Papete, Rafael e Luciano Rabelo entre outros.

A canção vitoriosa do Festival da *Rede Tupi de Televisão* de 1979, foi *Quem me levará sou eu*, de Dominginhos e Manduka, defendida pelo cantor Raimundo Fagner, recebeu o prêmio de 1 milhão de cruzeiros (A maior premiação de um festival de MPB até então).

Em sua carreira solo, o sanfoneiro e cantor garanhuense

emplacou com vários sucessos na década de 1980: *Abri a porta*, *Quando chega o verão*, *De volta pro meu aconchego* (Um dos maiores sucessos da cantora Elba Ramalho) e *Isso aqui tá bom demais*, com Chico Buarque (cantam-na em dueto). As duas derradeiras composições foram incluídas na trilha sonora da telenovela *Roque Santeiro* da Rede Globo de Televisão (1985-1986).

A primeira participação de Dominginhos cantando em disco de Luiz Gonzaga foi no lp A FESTA. É uma obra singular da sua discografia, da década de 1980, devido às participações especiais: além do mencionado sanfoneiro, Gonzaguinha, Milton Nascimento, Emilinha Borba, José Marcolino e Nelson Valença. O mestre e o seu maior seguidor entoam um arrasta-pé junino, *Depois da derradeira*, dele e Fausto Nilo, de conteúdo sentimental e amoroso:

Fica na bacia a minha mágoa
Hoje é um novo dia
Um bem querer
São João me iluminou
Arranjei um novo amor
É um riacho de prazer
(VICTOR, 1981).

O DANADO DE BOM, um dos seus álbuns de maior sucesso da década de 1980, do mesmo modo, traz participações especiais dos cantores jovens em evidência: Luiz Gonzaga Júnior, Fagner, Elba Ramalho. Gonzaguinha canta com o pai a toada *Adeus Iracema* de Zédantas (lançada originalmente no lp Ô VEIO MACHO de 1962), regravada em 1984 com o acompanhamento de Dominginhos:

*Navega
Oh!
Jangada nesse mar
Enfeitado de coqueiros
E coberto de luar
(VICTOR, 1984).*

O álbum SANFONEIRO MACHO, de 1985, também traz convidados especiais cantando com o Rei do Baião: além de Gonzaguinha, Elba Ramalho, Sivuca, Glorinha Gadelha. Dominginhos participa desse disco como músico sob a regência do maestro Chiquinho do Acordeom. Assim como no lp seguinte, FORRÓ DE CABO A RABO de 1986. O maestro e o sanfoneiro trabalharam juntos em álbuns posteriores, no DE FIÁ PAVI de 1987 e no AÍ TEM, de 1988.

O biógrafo Ranilson França de Souza considera que a importância de Dominginhos no cenário da Música Popular Brasileira vai além do regionalismo nordestino:

Dominginhos afastou-se um pouco dos xotes, baiões, em busca de outros públicos, provando que um artista nordestino pode romper a barreira do regionalismo sem perder a sua identidade musical (SOUZA, 2006, p.25).

Dominginhos lançou cerca de 60 discos em vinil e cd. Tem centenas de participações em discos de outros artistas, e em festivais nacionais e internacionais acompanhando orquestras. Entre os seus parceiros letristas, além de Anastácia, estão Fausto Nilo, João Silva, Nando Cordel, Orlando Silveira, José Marcolino, Antônio Barros, Cecéu, Genival Lacerda, Marinês, Zito Borborema, Gilberto Gil, Quinteto

Violado, Sivuca, Severino Araújo, Chico Buarque, João do Vale, Nelson Barbalho, Petrúcio Melo, Pedro Sertanejo, Oswaldinho do Acordeom, Jorge de Altinho, Sérgio Reis, Renato Teixeira, Renato Borghetti, Santana Cantador, Waldonys, Xico Bezerra, etc.

Grandes intérpretes da MPB gravaram composições dele e parceiros. Além de Luiz Gonzaga, Gal Costa, Gilberto Gil, também Jackson do Pandeiro, *A Cor do Som*, Maria Bethânia, Nando Cordel, Manduka, Chico Buarque, Fausto Nilo, Abel Silva e Anastácia.

Dominguinhos colaborou em trilhas sonoras de filmes, de especiais de televisão, de comerciais e acompanhou, conforme já discutimos, dezenas de artistas em estúdios de gravação, RCA VICTOR, CANTAGALO, TROPICANA, HARMONY, FONTANA, PHILLIPS, RANCHO, CONTINENTAL, WARNER, VELAS entre outros selos.

Na década de 1990, Dominguinhos ganhou várias premiações importantes da MPB: Prêmios Sharp, como melhor intérprete, arranjador da música regional, composição e melhor cantor regional. O álbum CHEGANDO DE MANSINHO conquistou o Prêmio Grammy Latino, categoria de música regional ou de raízes brasileiras. Em 2005 conquistou o Prêmio Tim com o Cd CADA UM BELISCA UM POUCO, com participações de Sivuca e Oswaldinho. Atuou em vários filmes e documentários: *O Homem que virou suco*, *O Cangaceiro*, *Viva São João*, *Bye bye Brasil*, e no já citado, *O Milagre de Santa Luzia*, etc.

O livro *De Neném a Dominguinhos: trajetória discográfica* contém depoimentos valiosos do biografado a respeito de Orlando Silveira, um dos principais maestros arranjadores nas gravações de Luiz Gonzaga fazendo alusão indireta ao seu disco QUADRILHAS E MARCHINHAS JUNINAS, de

1965, metade instrumental, metade vocal.

A sequência dos solos de sanfona dos clássicos juninos é realizada por três grandes instrumentistas em uníssono: Orlando Silveira, Chiquinho do Acordeom e Domingui-nhos, o qual elogia: *O maestro Orlando Silveira, o único que fazia arranjo com três, quatro sanfonas e a gente ouvia indis-tintamente. Era esse maestro!*

O pernambucano nos brinda com o seguinte depoimento bastante didático tratando da primazia do gênero baião sobre o forró.

Eu costumo dizer que o forró em tudo deve muito ao baião. Antes de falarmos de forró, devemos falar de baião, pois o baião é o pai do forró. O Gonzaga, eu me lembro, ele tocava muito baião, era o que ele fazia muito bem, e de repente ele apareceu tocando duma forma diferente no baixo. Era uma coisa meio sambada, mudando umas coisas... Ele disse: É uma nova jogada! Então ele mudou a batida do baião, passou a fazer a batida do forró, passou a falar em forró (SOUZA, 2006, p.17).

Depois de seis anos lutando contra um câncer de pulmão, Domingui-nhos, foi internado às pressas em 2012 num hos-pital em Recife, Pernambuco. Foi logo encaminhado para o *Hospital Sírio-Libanês* em São Paulo, onde morreu no dia 23 de julho de 2013 aos 72 anos de idade, devido complicações infecciosas e cardíacas da doença.

Antes do seu falecimento, houve desunião entre mem-bros das suas duas famílias. O filho Mauro José da Silva Moraes (da primeira esposa Janete) e a filha Liv Moraes (com a cantora Guadalupe) por disputa patrimonial. O caso

ganhou o noticiário regional e nacional. A morte de Dominginhos acirrou a questão, dessa vez, sobre o destino do seu corpo. A contragosto da primeira família e dos fãs do artista de todo Brasil, foi sepultado no *Cemitério Morada da Paz*, em Paulista, na região metropolitana do Recife, ao invés da inumação em Garanhuns.

O debate permaneceu na mídia e nas redes sociais. Sobre a impropriedade do local do sepultamento do eminente sanfoneiro, cantor e compositor. Com a mídia divulgando abundantemente a causa do traslado dos seus restos mortais para o cemitério da sua terra natal. Uma reivindicação da sua primeira família, com apoio do governo municipal e dos garanhuenses. A campanha pública teve efeito a médio prazo.

Dois meses após sua morte, uma decisão judicial foi favorável ao traslado do corpo de Dominginhos do cemitério de Paulista para o de Garanhuns. O magistrado justificando que assim fora o desejo do artista revelado em família, nas entrevistas, e que também era a vontade dos fãs brasileiros. A população da cidade comemorou o veredicto e aguardou expecta o dia do acontecimento histórico com data prevista: 26 de setembro de 2013. O biógrafo Antonio Vilela de Souza descreve o regozijo dos seus conterrâneos (SOUZA, 2014, p.83): *A expectativa para o traslado do corpo de Dominginhos gerou uma grande esperança em Garanhuns e durante vários dias foi o mote da cidade. Os conterrâneos do Mestre não escondiam a emoção e felicidade do dia D.*

A cidade de Garanhuns, enfim, guarda as relíquias do seu filho mais ilustre. Assim, galgando prestígio, fomento cultural regional, desenvolvimento do turismo, gerando dividendo para o município. Desse modo, aconteceu a Exu, com Luiz Gonzaga, e às cidades de Alagoa Grande e Campina

Grande, na Paraíba, onde estão inumados, respectivamente, os restos mortais do cantor Jackson do Pandeiro e os da cantora Marinês.

Curiosamente aconteceu ao corpo de Dominginhos, o mesmo que se dera aos dos seus mestres, Luiz Gonzaga e Jackson do Pandeiro, que foram trasladados das sepulturas primitivas. Os restos mortais do Rei do Baião, dos seus pais foram levados do cemitério de Exu para o mausoléu da Família Gonzaga no Parque Aza Branca. A esposa Helena Gonzaga seria sepultada diretamente nesse mausoléu; assim como o seu cunhado Severino Januário que morreu no Crato, Ceará. Já o célebre cantor e pandeirista paraibano, morto em Brasília, em 1982, sepultado no Rio de Janeiro, décadas depois, os seus restos mortais foram depositados em uma urna à entrada do *Memorial do Rei do Ritmo* em Alagoa Grande, na Paraíba.

Em 25 de abril de 2014, Garanhuns festejou o primeiro ano da morte do filho mais ilustre com o 1º *Festival Dominginhos* com as participações dos seus familiares, fãs, amigos e artistas nordestinos. Naquela ocasião, foi inaugurado o monumento na praça principal da cidade. A sua estátua em tamanho natural, cantando e tocando sanfona. O logradouro foi rebatizado de *Praça Mestre Dominginhos*. Na ocasião, foi lançado o livro *Dominginhos, o Neném de Garanhuns* de autoria de Antonio Vilela de Souza.

MARINÊS, A LUIZ GONZAGA DE SAIA

NO FINAL DA DÉCADA DE 1960, UM JOVEM CANTOR E COMpositor baiano, Gilberto Gil, disse, a respeito de Luiz Gonzaga, no livro *O Balanço da bossa e outras bossas*, de Augusto de Campos (1990), que o pernambucano tinha sido o fenômeno artístico primordial na sua formação musical. Além de destacar sua alta significação para Música Popular Brasileira: *A primeira coisa significativa do ponto de vista da cultura de massa no Brasil, tendo sua música e sua atuação vinculadas a um trabalho de propaganda, de promoção* (Coleção *Vozes do Brasil*, 1990, p.83).

Dominique Dreyfus destaca o próprio Gonzaga como um grande estrategista da sua carreira: criador da sua indumentária artística peculiar (O chapéu de cangaceiro e o gibão de couro do vaqueiro nordestino). Além de constituir um trio instrumental de acompanhamento (sanfona, triângulo e zabumba) e instituir um reino e uma dinastia na Música Popular Brasileira assim formada: Rei do Baião, ele próprio; a Rainha do Baião, Carmélia Alves; o Príncipe do Baião, Luiz Vieira; a Princesinha do Baião; Claudete Soares; o Barão do Baião, Jair Alves.

A Rainha do Xaxado, Marinês, embora sendo a derradeira a ingressar nessa dinastia, é a maior discípula, consagrando-se a intérprete feminina suprema dos gêneros do seu mestre.

Gravou dezenas de disco com lindos baiões, forrós, marchinhas juninas que são sucessos eternos da MPB de matriz nordestina. Fez história com o seu visual soberbo, trajada de cangaceira, uma verdadeira *Luiz Gonzaga de saia*, conforme os seus colegas artistas afirmavam.

Inês Caetano de Oliveira (Marinês), nasceu na cidade de São Vicente Ferrer, em Pernambuco, na fronteira com a Paraíba. Filha de Manoel Caetano de Oliveira (Artífice de múltiplo talento, mecânico e ferreiro) e Josefa Maria de Oliveira (Donzinha). A família estava passando por dificuldades. Portanto, a mulher convenceu o marido de que eles deviam mudar para Campina Grande. Todos sempre diziam que era um grande centro urbano, com o maior comércio de algodão. Havia muitas indústrias com serviços de toda ordem e muitas oficinas. Não faltaria emprego para seu Manoel. A expectativa de dona Donzinha tinha fundamento.

Desde 1907, a companhia *Great Western* tinha interligado a cidade paraibana à rede ferroviária regional e aos portos marítimos. Com isso, Campina Grande, situada no interior, num intercruzamento de estradas ligando os estados Nordeste, estava perto da região agroprodutora canvieira e mandiocal do Brejo de Areia e era o ponto final dessas levas de tropas de burros que transportavam boa parte da produção de algodão e de pele curtida (bovina e caprina) para a famosa praça comercial da cidade paraibana.

Após a extração do caroço do *ouro branco*, era transformado em ração animal, já a pluma, prensada em fardo, era exportada em vagão de trem. Os tropeiros retornavam para os sertões longínquos com os produtos da feira campinense: selas e arreios de cavalo, alpercatas, faca peixeira, rapadura, farinha, aguardente e fumo. Com isso, se expandia o comércio local, os ofícios tradicionais artesanais e as

economias agrícolas históricas da cana-de-açúcar e da mandioca brejeira.

O fastígio comercial algodoeiro campinense desenvolveu os ofícios (alfaiataria, sapataria, barbearia, etc.), as indústrias (sobretudo, a de tecelagem), os comércios eram de toda ordem. Campina Grande passou a atrair, desde as primeiras décadas do século XX, milhares de migrantes nordestinos, de outros estados e até estrangeiros.

Quando Manoel Caetano, Donzinha e família desembarcaram em Campina Grande, no início da década de 1940, as coisas já tinham melhorado bastante no plano urbano. Um prefeito arrojado acabara de fazer uma reforma urbana radical, demolindo todo centro velho, reconstruindo-o com prédios comerciais e públicos em arquitetura no estilo Decó; o abastecimento de água fora ampliado. Havia prostituição de luxo e o *Cassino Eldorado* que tinha suas atrações com mulheres estrangeiras, músicos profissionais (Jackson do Pandeiro que atuou como músico nesse famoso cabaré de luxo onde cantaria as suas cafetinas Zefa Tributino e Carminha Vilar). A família de pernambucanos se estabeleceu no bairro da Liberdade, morando na periferia como todo imigrante pobre. No centro da cidade, situavam-se as residências dos fazendeiros, comerciantes, funcionários públicos e dezenas de escritórios de exportação de algodão.

A pobreza da menina Inês Caetano e da família, os afastavam do usufruto pleno da vida social e religiosa de Campina Grande. Não tinham dinheiro para comprar tecido para mandar costurar roupa ou providenciar sapato novo. De todo modo, participavam da festa de Nossa Senhora da Guia, no Bairro de São José, vendendo sanduiche de carne e refresco. Assistiam, à distância, o movimento sacro e profano do evento.

Em sua infância, a menina teve vida escolar irregular. Estudou no Instituto São Vicente de Paula, da Congregação das Vicentinas. O primário no *Grupo Escolar Clementino Procópio* e depois foi transferida para o *Grupo Solon de Lucena* e finalmente foi para a *Escola da Casa de Caridade*, onde concluiu os estudos básicos. Os pais fizeram o maior sacrifício para matriculá-la no *Colégio das Damas*, considerado como o melhor da cidade. A mensalidade era insustentável para uma família pobre. Após alguns meses, a menina Inês Caetano teve de abandonar o colégio das freiras sem poder saudar as mensalidades acumuladas.

Assim que a família Caetano de Oliveira chegou para viver em Campina Grande, foi instalada a difusora *A voz da democracia*, no Bairro da Liberdade. Os moradores tomavam as calçadas na Rua Rio de Janeiro para ouvir a programação pelos alto-falantes, as *bocas de ferro*. O programa favorito da maioria dos ouvintes era o *Cartão Sonoro* que era de pedidos musicais para aniversariante, amigo, enamorado, pai, avó ou irmão. O proprietário da difusora, Milton Ramalho, apresentava todo domingo um programa de calouros no qual a garota Inês Caetano se apresentou pela primeira vez cantando *Fascinação*, a valsa de Marchetti cuja versão brasileira estava fazendo sucesso com o cantor Carlos Galhardo:

Os sonhos mais lindos

Sonhei

De quimeras mil

Um castelo ergui

E no teu olhar

Tonto de emoção

Com sofreguidão

Mil venturas previ
(VICTOR, 1943).

No programa daquele domingo, o produtor e apresentador da difusora não teve dúvida em escolher a melhor caloura, a filha de seu Manoel Caetano e de dona Donzinha. A menina ganhou como prêmio um sabonete *Eucalol*. A voz firme e afinada da garota motivou comentários de elogios, inclusive do próprio Milton Ramalho:

Eu comecei a observar que a menina, além de cantar bem, tinha uma intimidade muito grande com o microfone, falava com certa desenvoltura para a sua idade, e era possuidora de uma dicção perfeita, pronunciando as palavras com muita precisão. A modulação dela era magnífica. Aí eu tive a ideia de convidá-la para trabalhar conosco como locutora. Ela aceitou, e a partir do momento em que Marinês passou a fazer parte da nossa equipe, foi um sucesso total. Cantava sem concorrer com ninguém e como locutora era a chama para o público do domingo (Depoimento de Milton Ramalho em artigo de José Moysés, da série Os 45 anos de carreira de Marinês e Sua Gente, no *Diário da Borborema*, edição 27 de outubro de 1996).

Quanto à mudança do seu nome, para Marinês, fala-se que foi para driblar a vigilância paterna. Naquele tempo, não era de bom grado uma adolescente querer ser artista, trabalhar no rádio ou ser cantora. Por isso, Inês Caetano teria pedido ao locutor que antepusesse o prenome Maria ao seu nome próprio. Como era de se esperar, o nome composto,

Maria Inês, pela aglutinação das vogais, virou Marinês que passou a ser seu nome artístico definitivo.

A *voz da democracia*, deduzimos que já tocasse nesse tempo os primeiros sucessos de Luiz Gonzaga, já lançados desde 1945: *Penerô xerém*, *Cortando pano*, *Calango da lacraia*, *No meu pé de serra*, *Asa branca*, *Moda da mula preta*. Marinês assistiu, pela primeira vez seu ídolo em 9 de julho de 1950 quando ele veio a Campina Grande pela segunda vez, em caravana de artistas da Rádio. A garota Marinês, seu pai e irmãos estavam na multidão concentrada na *Praça da Bandeira*, todos encantados assistindo o astro sanfoneiro e cantor sensacional.

Cerca de uma hora após as apresentações dos artistas - além de Luiz Gonzaga, Emilinha Borba, Blackout, Sivuca entre outros - se deu a chamada chacina da *Praça da Bandeira*. Um conflito armado entre os adversários da UDN e do PSD, com mortes de inocentes. Isto ocorreu no mesmo dia em que o astro pernambucano tocou e cantou, pela primeira vez em público, o baião *Paraíba*, composto originalmente para o candidato José Pereira Lira. Felizmente, no momento da chacina, seu Manoel e sua filha Marinês já estavam em casa seguros.

A locutora de *A voz da democracia* chamou a atenção dos locutores Hilton Motta e José Jataí (Futuro compositor de Luiz Gonzaga de *Desse jeito sim* e *Eu vou pro Crato*). Nesse tempo, eram proprietários da difusora *A voz de Campina* que gozava de grande prestígio porque tinha melhores recursos técnicos e estava instalada no centro de Campina Grande. Em 1951, quando passavam pelo Bairro da Liberdade foram surpreendidos por uma voz juvenil ecoando da difusora local. Vão ao estúdio conferir de quem era a locução e conheceram Marinês.

Convidaram-na imediatamente. Uma semana depois ela estava trabalhando na difusora *A voz de Campina*. A visibilidade de Marinês na nova difusora, naturalmente, serviu-lhe de trampolim para a sua estreia como cantora. O jornalista Hermano José escreveu para um espetáculo celebrando os 40 anos da carreira da cantora, realizado no *Teatro Severino Cabral* nos informando seus primeiros passos na radiofonia campinense:

Marinês só começou a contar oficialmente o tempo de carreira quando, pelas mãos do radialista Rosil Cavalcanti e do flautista diretor musical da Rádio Cariri, Arnaldo Leão, assina contrato, em 1951, e passa a integrar o *cast* dessa emissora. E a primeira música que cantou ali, mais uma vez, foi um número romântico: o bolero *Dez Anos* (Prospecto 40 anos de carreira de Marinês de Hermano José, 1996).

O bolero *Dez anos*, cuja autoria é do porto-riquenho, Rafael Hernandez, com versão brasileira de Lourival Faissal, na voz de Emilinha Borba, lançada em 1951, já estava fazendo sucesso. Por isso, Marinês a escolheu para a sua estreia no microfone da *Rádio Cariri*:

Assim se passaram dez anos
Sem eu ver teu rosto
Sem olhar teus olhos

Sem beijar teus lábios assim.

Em 1952, a *Rádio Borborema* de Campina Grande, das *Emissoras Associadas*, do jornalista e magnata Assis

Chateaubriand, estava no auge dos seus programas com radionovela, cantores, instrumentistas, concurso de calouro e peças de humor. Veiculava anúncios, notícias, avisos e atendia pedidos musicais, etc. Os seus diretores logo perceberam o potencial de Marinês, mas cantando no microfone da emissora concorrente, a *Rádio Cariri*. Logo foi convidada para integrar o *cast* da poderosa emissora das Associadas, onde foi impedida de cantar devido ao traje inadequado, “pobríssimo”.

Naquele tempo, os artistas se apresentavam a rigor nos auditórios das rádios: Homens à *summer* ou traje de gala, as mulheres de vestido longo. O amigo fiel e fã da cantora, José Moysés de Medeiros, também seu colega na *Rádio Borborema*, publicou uma série de artigos biográficos sobre Marinês no *Diário da Borborema* entre 1996 e 1997, sobretudo, destacando a fase de ouro da emissora campinense:

Na realidade, a Rádio Borborema foi o grande trampolim para a arrancada gloriosa da cantora Marinês. Nessa época era ouvida em todo Brasil e também no exterior. A direção da casa investia alto na boa qualidade que produzia. Os artistas da emissora ofereciam uma boa qualidade de programação para o público ouvinte, e a rádio, em contrapartida, dava-lhes *status* e nome.

Em abril de 1952, um jovem sanfoneiro paraibano, Abdias, passou a integrar o *cast* da *Rádio Difusora de Maceió*, Alagoas. De passagem por Campina Grande, em viagem ao seu lugar de origem, Taperoá, no interior da Paraíba, foi visitar um diretor amigo na *Rádio Borborema*. Naquela ocasião,

assinou contrato com essa emissora onde conheceu a jovem cantora, Marinês, que estava despontando no meio artístico campinense e regional. O sanfoneiro, Abdias, se uniu à cantora conjugal e artisticamente.

O casal permaneceu uns dois anos nessa cidade. Em abril de 1954, findando o contrato na *Rádio Borborema*, uma semana depois, ambos já estavam trabalhando na *Rádio Difusora* maceioense. Nesse tempo surgiu o nome artístico da dupla, *Marinês e Abdias*, o Casal da Alegria, fazendo o maior sucesso no microfone da emissora. A dupla se apresentou em clubes da capital de Alagoas, no interior e em cidades sergipanas.

O sucesso do casal chegou ao Ceará, em Fortaleza. A *Rádio Iracema* contratou o casal para uma temporada. A fama d'O Casal da Alegria não condizia com a sua renda. Mal cobria um padrão de vida modesto. Em Fortaleza apareceu-lhes um ex-zabumbeiro de Luiz Gonzaga, Cacau, desempregado e buscando trabalho. Foi então que Abdias e Marinês formaram com ele (seria substituído por Chiquinho, primo de Abdias) a *Patrulha de Choque do Rei do Baião* com a intenção de apresentar, pelo interior do Nordeste, o seu repertório clássico com baiões, xotes e toadas por cinemas, armazéns, praças e picadeiros de circos.

O astro começou a ouvir falar do conjunto dos seus seguidores que tocavam e cantavam os seus sucessos. Diziam-lhe haver uma cantora espetacular, mas nada de conhecê-los. Em 1955, o prefeito Pedro Chaves, de Propriá, no Sergipe, homenageou Luiz Gonzaga com seu nome numa praça pública em agradecimento ao grande sucesso do baião homônimo da cidade, *Propriá*, tornando-a famosa em todo Brasil:

Por isso eu vou voltar pra lá

*Não posso mais ficar
Rosinha ficou lá em Propriá
Ai, ai, ui, ui
Eu tenho que voltar
Ai, ai, ui, ui
Minha vida tá todinha em Propriá
(VICTOR, 1951).*

Pedro Chaves se empenhou para a inauguração da *Praça Luiz Gonzaga*. Conseguiu realizar uma grande festa cívica e artística com a participação especial do homenageado. Ele conhecia e admirava a *Patrulha de Choque do Rei do Baião* e convidou Abdias, Marinês e Chiquinho para o evento. A cantora relata, na biografia *Vida do Viajante: A saga de Luiz Gonzaga*, de Dominique Dreyfus, a entrada triunfal do seu ídolo na cidade: *Nós chegamos antes dele. Daqui a pouco, veio o carro de som anunciando: Atenção! Atenção! Acaba de entrar na cidade o grande Luiiz Gonzaga!!!* (DREYFUS, 1996, p.196). Mais tarde, na hora do almoço, os patrulheiros gonzagueanos foram apresentados ao astro, conforme revela a própria Marinês: *Eu fui ao encontro dele. Não sabia nem como me sentar na mesa para almoçar, tão encabulada eu estava. O meu sonho de criança se realizando, eu ao lado de Luiz Gonzaga, olhando pra cara dele!* (DREYFUS, 1996).

O contato breve foi o suficiente para o Rei do Baião apostar no talento da cantora conterrânea e dos seus músicos. Convidou-os ao seu quarto no hotel. Ensinou Marinês a tocar triângulo e a dançar xaxado e sugeriu um novo traje artístico: O chapéu e adereços de couro, revólver, punhal na cintura, cartucheira e alpercata. À noite houve a inauguração da *Praça Luiz Gonzaga* em Propriá com discursos e as apresentações da *Patrulha de Choque*.

Depois da festa, na hora do jantar, Luiz Gonzaga formalizou o convite a Abdias, Marinês e Chiquinho para se mudarem para o Rio de Janeiro. Estava disposto a ajudá-los, inclusive na gravação do primeiro disco da cantora que tinha tudo para fazer sucesso. Tinha talento de sobra, vigor juvenil e o marido sanfoneiro para lhe acompanhar. Na ocasião, elegeu-a *Rainha do Xaxado*.



Fig. 7 - A cantora Marinês e o sanfoneiro Abdias lideraram o trio Patrulha de Choque do Rei do Baião na década de 1950. Fonte: FONTELES, 2010.

No início de 1956, o trio de paraibanos desembarcou no Rio de Janeiro. No começo, enquanto providenciassem residência, ficaram na casa de hóspedes, ao lado do sobrado de Luiz e Helena Gonzaga, no Bairro de Cachambi. Assim que se instalaram, o protetor os levou à *Rádio Mayrink Veiga* onde Marinês foi coroada (com chapéu de couro) *Rainha do Xaxado*. Depois foram levados ao *Programa Kaleidoscópio*, na *Rádio Tupi*, onde o astro costumava se apresentar.

Em fevereiro de 1956, a jovem cantora nordestina entrou no estúdio de gravação da RCA VICTOR para gravar um dueto com Luiz Gonzaga, o baião *Mané e Zabé*, de conteúdo amoroso, sentimental, apaixonado, sensual. O baião envolve brigas e reconciliações de um casal, Mané (Manuel) e Zabé (Isabel). Após a gravação, Marinês e Abdias seguiram direto para um cartório para se casarem no civil (exigência do padrinho artístico). Vejamos a estrofe do baião:

*Ô! Zabé não quero me humilha
Mas o amor depois da briga
É gostoso pra daná
É o mel que cai na boca
De quem comeu saburá
(VICTOR, 1956).*

Três meses após a gravação do baião *Mané e Zabé*, a cantora Marinês voltou de novo ao estúdio da VICTOR para participar em outra faixa de Luiz Gonzaga, no xote *O Chêro de Carolina* de Amorim Roxo e Zé Gonzaga. Foi gravado em maio de 1956. Em cujo final há uma fala, do dono da festa, indagando à personagem Carolina sobre o seu cheiro irresistível que era o motivo de todos quererem fungar em seu cangote.

O cantador introduz a fala: *O dono da casa chegou com a mulesta! Chamou a atenção de dona Carolina e disse: Dona Carolina, venha cá! O povo anda falando aí que a senhora tá cum chêro diferente. É verdade?* Marinês responde com ar de inocência: *É não, seu moço! Sei disso não! É invenção do povo!* O interlocutor prossegue: *Ah! é invenção do povo?* A cantora: *É sim sinhô!* O sanfoneiro finda: *Então dá licença...* [cheira-a] *Hum! hum! Hum! Carolina! hum! hum! hum! Carolina!*

O conjunto dos patrulheiros do baião foi extinto e foi formado novo conjunto: *Luiz Gonzaga e seus Cabras da Peste* com os seguintes componentes: O próprio sanfoneiro e cantador, Marinês, Abdias, Zito Borborema e Miudinho. Todos cantando, tocando sanfona, triângulo e zabumba. No segundo semestre de 1956, o grupo chegou a se apresentar em Minas Gerais, mas teve curta duração e foi desfeito no final daquele ano quando planejavam excursionar pelo Nordeste.

A biógrafa de Luiz Gonzaga, Dreyfus (1996), atribui o fim do conjunto ao ciúme da mulher dele, Helena Gonzaga, da jovem cantora Marinês. Décadas depois, abordada sobre o assunto, Marinês se defendeu em tom de brincadeira dizendo que, embora fosse apaixonada pelo ídolo, nunca chegaram a namorar. Ele foi o padrinho do seu filho, Marcos Farias, e no Nordeste, a tradição dizia que namoro de compadre e comadre dava lobisomem.

Desfeito o conjunto, a cantora, o marido Abdias e Cacau formaram o conjunto *Marinês e Sua Gente* (Sugestão do apresentador Chacrinha). Desde a década de 1950, ela começou a gravar os seus próprios discos e a escrever a sua própria história na Música Popular Brasileira (de matriz nordestina), sendo a primeira mulher a gravar forró no Brasil. Antes dela, não havia tradição do gênero feminino cantar xote e xaxado. Mulher não tinha o hábito de se apresentar trajada

de cangaceira, uma vez que nem as próprias cangaceiras assim se vestiam.

A *Rainha do Xaxado* não tem par no universo das cantoras que são discípulas de Luiz Gonzaga, considerando a magnitude da obra genuinamente nordestina, plasmada no talento da grande intérprete e na sua performance no palco ao cantar, dançar, xaxar e tocar triângulo. Nesse sentido, ela é soberana em relação à própria *Rainha do Baião*, Carmélia Alves (Cantora romântica da zona sul carioca e convertida ao baionismo).

Marinês chegou ao Rio de Janeiro com talento de sobra para ser a maior das cantoras nordestinas dos gêneros imortalizados pelo Rei do Baião. Uma verdadeira madrinha das futuras gerações de intérpretes nordestinas desde Elba Ramalho. A *Rainha do Xaxado* tirou proveito do prestígio do mestre e compadre, mas tinha chegado ao Centro-Sul no começo do declínio do baião, em plena revolução da música jovem mundial e nacional com os adventos Elvis Presley, Bossa Nova, Beatles e Roberto Carlos. Além de outros fatores de ordem econômica, como a pobreza dos brasileiros, sem acesso à vitrola ou radiola, conseqüentemente, sem condições de comprar discos.

A biógrafa Dreyfus (1996) sugere outras razões de ordem política, social e cultural para o declínio do baião: A morte de Getúlio Vargas, o surgir de um ideal de Brasil urbano, a eleição de Juscelino Kubitschek, a inauguração de Brasília, o Cinema Novo, o Concretismo e o crescimento da televisão como veículo de comunicação de massa.

Em 1957, Marinês lançou o primeiro álbum long play da carreira, pela GRAVADORA SINTER, cujo diretor, Luiz Bittencourt, exigiu que todo repertório fosse do compositor maranhense, João do Vale, que foi apresentado à cantora por

Luiz Gonzaga:

João sempre ia a Tupi, só pra ver o Gonzaga. E eu não sabia quem era o moreno, até que Gonzaga me disse: Ah! mas isso aí é um compositor muito bom. Vem cá Sabará! Era assim que ele chamava o João do Vale, e me apresentou ao compositor (DREYFUS, 1996).

Em 1986, 30 anos após a participação de Marinês naquele disco 78 rotações de Luiz Gonzaga, cantando o baião *Mané e Zabé*, ambos gravaram novamente juntos, *Tá virando emprego* no álbum TÔ CHEGANDO de *Marinês e sua gente* com arranjo e regência do maestro Chiquinho do Acordeom. Outros convidados especiais participam desse disco antológico: Gilberto Gil, Dominginhos e Jorge de Altinho. O ponto alto do repertório é o reencontro do Rei do Baião com a *Rainha do Xaxado*, em dueto memorável, enredando um par dançando um forró agarradinho, sentindo um *troço* por dentro. A cantora começa entoando:

Andam dizendo

Que nosso chamego, nêgo

Tá virando emprego, nêgo

Falam pra daná. – Luiz Gonzaga prossegue –

Tem nada não, minha nêga

Se avexe não

Isso é pra quem cantar

Forró, xote e baião

Mais adiante acontece o diálogo entre os dois. Luiz Gonzaga pergunta: *Cumade, tais sentindo o qu'eu tou?* Marinês

responde: *Acho que tou...* ela pergunta: *Tais sentindo o quê?* LG diz: *Uns troços.* M: *Vamos ajuntar?* LG: *Juntar o quê?* M responde: *Os troços, home!* LG: *O quêêê??? Você tá doida?*

Como já dissemos, a cantora Marinês marcou o cenário da MPB desde o final da década de 1950 como a primeira artista nordestina de projeção nacional. O seu conjunto, *Marinês e sua gente*, revelou sucessos eternos, *Peba na pimenta*, *Meu cariri*, *Aquarela nordestina*, *Saudade de Campina Grande*, *Bate coração*, etc., e um maravilhoso repertório de marchinhas juninas. Ela lançou cerca de 40 discos, lp e cd, inclusive o *MARINÊS CANTA A PARAÍBA*, que foi gravado com a *Orquestra Sinfônica da Paraíba*.

Marinês morreu no dia 14 de maio de 2007, aos 72 anos de idade, em um hospital no Recife. O seu corpo trasladado foi velado, a pedido da família, dos amigos e dos fãs, no palco do *Teatro Severino Cabral* em Campina Grande. Foi sepultada no cemitério *Parque da Paz* local. O Governo da Paraíba e a Prefeitura Municipal decretaram luto por três dias.

A equipe de repórteres do *Jornal da Paraíba*, Astier Basílio, Zita Almeida e André Cananéia se esmeraram na edição especial do jornal, citando fontes orais e bibliográficas, inclusive, uma frase do cantor e compositor Gilberto Gil (do texto do livro-cd *MARINÊS CANTA A PARAÍBA*, 2006), enaltecendo-a e afirmando que a história do baião só pode ser contada plenamente com a cantora Marinês.

A sua seguidora mais famosa, a cantora Elba Ramalho, disse em entrevista, por telefone, que elas se admiravam mutuamente e que eram comadres. Elba diz que tinha começado a admirá-la desde os anos 1970, conforme revela ao repórter (*Jornal da Paraíba*, 2007): *Eu ficava maravilhada assistindo aos shows de Marinês no Rio, ela cumpriu tão bem a sua missão aqui na terra.*

A ilustre cantora lembrou da participação dela no seu show *Flor da Paraíba*, no *Canecão*, no Rio de Janeiro, e como ela tinha se empenhado na produção e na gravação de um disco da sua mestra: *Marinês estava muito tempo sem gravar e eu achava aquilo um absurdo. Então eu a chamei para participar do meu show na esperança dela colher algum fruto depois. E ela colheu. Depois do show levei a proposta para minha gravadora (BMG) de gravar um álbum em homenagem aos 50 anos de carreira de Marinês, o MARINÊS E SUA GENTE, com as participações de um monte de gente, como Lenine, Genival Lacerda, Ney Matogrosso, Gilberto Gil* (Jornal da Paraíba, 2007).

O sanfoneiro Dominginhos, um velho amigo da cantora, também foi entrevistado pela imprensa paraibana. Disse que ela tinha sido uma pessoa da sua intimidade com quem se comunicava sempre e que a conheceu em meados da década de 1950, em meio a outros artistas nordestinos que gravitavam em torno do Rei do Baião, no Rio de Janeiro. O sanfoneiro revela (Jornal da Paraíba, 2007): *A conheci por volta de 1955, 1956, na casa de Luiz Gonzaga. Marinês integrava conjunto típico brasileiro [o Luiz Gonzaga e Seus Cabras da Peste], do qual fazia parte Luiz Gonzaga, Zito Borema, e já cantava na Rádio Tupi. Cantava chorinho no estilo de Ademilde [Fonseca]. Para mim Marinês era a maior cantora nordestina de todos os tempos. Era a Luiz Gonzaga de saia. Ambos se encontraram, pela derradeira vez, no final de 2006, quando Dominginhos viajou o Brasil inteiro entrevistando sanfoneiros, acordeonistas, gaiteiros: nordestinos, gaúchos, paulistas, etc., para um documentário, O Milagre de Santa Luzia de Sérgio Reizenblit.*

O cineasta Andrucha Waddington que dirigiu a cantora no documentário *Viva São João* (2002), falou ao repórter

sobre a sua importância artística: *A alma da música brasileira que continuará conosco sempre.*

Os artistas locais, paraibanos, em especial, os campinenses, enalteceram-na com depoimentos comovidos. O sanfoneiro e cantor Amazan expressou a mesma metáfora de Dominginhos, a respeito da genuinidade gonzagueana da cantora: *Ficamos em estado de choque. Eu tinha um relacionamento pessoal com ela e costumava chamá-la de a Luiz Gonzaga de saia. Lembrarei para sempre a mulher alegre e amiga que ela foi* (Jornal da Paraíba, 2007).

O cantor Biliu de Campina recordou que ela tinha homenageado a cidade Rainha da Borborema com *Peba na pimenta, Saudade de Campina Grande*, etc. Finda o seu depoimento selando a imortalidade da grande artista: *Marinês continuará existindo e será eternizada na sua voz* (Jornal da Paraíba, 2007).

ZÉ MARCOLINO NUMA

SALA DE REBOCO

O COMPOSITOR JOSÉ MARCOLINO É O MAIOR DA FASE INTERMEDIÁRIA da carreira de Luiz Gonzaga, na década de 1960, em quantidade e na qualidade da sua participação. É coautor e autor de obras de diversos gêneros, xote, baião, toada que se consagraram na Música Popular Brasileira. Em sua estreia triunfal, no álbum *Ô VÊIO MACHO* em 1962, foram lançadas seis músicas inéditas com o paraibano. Ele nasceu e viveu nos atuais municípios de Monteiro, Sumé e Prata, depois migrou com a família para Pernambuco para morar em Petrolina. Depois radicou-se em Serra Talhada.

A admiração de José Marcolino ao Rei do Baião vinha desde os seus 17 anos de idade quando ouviu os dois primeiros grandes sucessos do astro: *No meu pé de serra* e *Asa branca*. O jovem poeta paraibano (que queria ser cantador de viola), assim como milhões de nordestinos e brasileiros desde o final da década de 1940, também vinha sendo embalado pelo sanfoneiro que entoava e cantava as coisas do Nordeste com os compositores Humberto Teixeira e Zédantas.

Os seus baiões, xotes e toadas impregnaram a sensibilidade, o senso estético e telúrico de milhões de nordestinos, quer estes vivendo na terra natal, quer como imigrantes nos quatro cantos do Brasil. Todos se identificavam plenamente com o intérprete maravilhoso, através do qual os sertanejos

passaram a reviver os seus lugares natais distantes.

Os clássicos matriciais com aqueles parceiros geniais fizeram (e ainda fazem) tanto sucesso que marcariam para sempre as gerações posteriores dos compositores de Luiz Gonzaga, quer sejam conscientes ou inconscientemente. Neste sentido, detectamos essa influência do genial pernambucano, Zédantas, no seu xará José Marcolino: na lavra poético-metafórica, na narrativa da paisagem sertaneja, no drama da seca, na alegria do inverno, na fartura da lavoura, nos tipos populares, nos costumes e nos folguedos.

Em 1961, o Rei do Baião realizou uma turnê pelo interior do Nordeste quando conheceu o poeta na cidade de Sumé, na Paraíba. Tinha mais de 30 anos, era casado, pai de família e vivia na Vila da Prata. Foi apresentado ao astro por uma autoridade local. Apesar da comoção quase incontida diante do ídolo, José Marcolino conteve-se. Respirou fundo, pigarreou e entoou, em voz grave, O xote *No Piancó*, em resposta a um sucesso de Jackson do Pandeiro, *Moxotó*, sobre a bravura do pernambucano. A versão do paraibano exalta as proezas idênticas do conterrâneo, inclusive enfrentando o cangaceiro Lampião:

*Você não pense
Que só é no Moxotó
Que tem cabra extravagante
Ele não está só
Vou lhe provar que
Também no meu Estado
Tem sujeito viciado
Como tem no Piancó
(VICTOR, 1962).*

Luiz Gonzaga ouviu atento o poeta Marcolino e demonstrou vivamente que havia gostado do xote. O fã pressentiu o seu momento, pigarreou de novo, solfejou uma melodia e cantou outro baião, *Carão* (gravado com o título *Pássaro carão*). Ao final das demonstrações, o sanfoneiro abraçou o mais novo parceiro, ambos bastante comovidos. Disse-lhe que sinceramente tinha gostado das composições apresentadas e que certamente as gravaria. O Rei do Baião confessa que havia admirado o seu jeito brejeiro e grave de cantar. Prometeu se empenhar no Rio de Janeiro para que ele também pudesse gravar como cantor.

José Marcolino retornou de Sumé para casa, na Prata, radiante de alegria. Foi chegando e contando à mulher e aos filhos a novidade. Na madrugada daquele dia ele sonhara atirando numa caça e matando duas. De fato, tinha recebido o dinheiro do bicho vendido e trazido aquela boa e espetacular notícia. Depois de algumas horas, a vila toda já sabia que Gonzaga gravaria as músicas de Zé.

Depois da euforia inicial, o esposo e pai de família, bastante apegado aos seus filhos, caiu na real. Começou se lembrar dos preparativos da viagem para a Cidade Maravilhosa para tentar a vida artística. O ídolo adiantou-lhe algum dinheiro para uma arrumação: comprar roupa, mala e para suprir a casa em sua ausência, enquanto as coisas melhorassem. Por certo já pensava em levar todos para o Rio de Janeiro. Ele iria cumprir umas apresentações pelo Nordeste e se encontrariam em uma semana, na cidade de Sertânia, Pernambuco.

Zé Marcolino partiu de casa de madrugada sem despedir-se de ninguém, nem da esposa nem dos filhos, comovido, chorando contido. Em Sertânia integrou-se à comitiva. Trabalhou de porteiro na apresentação de Afogados da

Ingazeira onde o Rei do Baião o surpreendeu cantando o seu baião *Carão*:

*Pássaro carão cantou
Anum chorou também
A chuva vem cair
No meu sertão
(VICTOR, 1962).*

A excursão prosseguiu pelo Nordeste rumo ao Rio de Janeiro. O paraibano viveu momentos inesquecíveis ao testemunhar a imensa popularidade do pernambucano nas cidades, povoados e fazendas. Em Paulo Afonso, na Bahia, o protegido viveu o segundo momento memorável da viagem ao ser chamado ao palco para cantar o seu xote *Sertão de aço*:

*Se você visse
Como é o meu sertão
Aí você diria
Que eu falo com razão
(RCA, 1962).*

José Marcolino foi instalado na casa de hóspedes, ao lado do sobrado de Luiz e Helena Gonzaga, no Bairro Cachambi. Estava exausto da viagem de automóvel e saturado das emoções vividas no trajeto e estava impactado com a metrópole. De repente, foi tomado de saudade da família, da mulher e dos filhos que tinham ficado no interior da Paraíba.

Luiz Gonzaga fez o que pôde para o compositor se adaptar ao Rio de Janeiro. Lançou as mencionadas seis músicas inéditas, no álbum, *Ô VÉIO MACHO*, em 1962, inspiradas no

universo da caatinga, na mata nativa do sertão nordestino, na sua ecologia, na paisagem humana, no drama social da seca, no cotidiano do sertanejo, no domínio do amor, do sentimental, lúdico e telúrico sertanejo.

A renda dos direitos autorais com Luiz Gonzaga, o animava a continuar compondo outros xotes, baiões, toadas, mas a gravação do disco de José Marcolino não aconteceu. Gravaria o primeiro e único álbum em 1983. O intérprete não podia fazer muita coisa pelo compositor, já que estava ausente das emissoras de rádio e de televisão do Centro-Sul. Estava desprestigiado com o advento da música jovem da década de 1960. E a venda dos seus discos não decolavam como deveria, devido à pobreza dos nordestinos que não tinham nem acesso à radiola e ao long play. Contudo, o sanfoneiro e cantador continuava reunindo milhares e milhares de fãs pelo interior do Brasil, cantando ora de graça e ora em lugares públicos com patrocínios.

O paraibano saudoso de casa, sentindo-se desolado na metrópole, compôs um baião dramático, *Matuto aperriado* (sic), cujo narrador é pura desilusão e inadaptação ao burburinho do Rio de Janeiro cujo tráfego medonho de automóveis causava-lhe medo. O compositor por um viés do destino, faleceria de acidente de carro. O baião foi lançado no álbum Ô VÉIO MACHO:

*Fico doido com tanta fala de gente
E a zuada de automóvel a me assustar
Se na rua vou fazer um cruzamento
Tenho medo, eu não posso atravessar
Desse jeito eu sou franco em dizer
Mas um dia eu aqui não posso mais ficar
(VICTOR, 1962).*

O mencionado disco de estreia de José Marcolino é o que tem o conteúdo mais paraibano da discografia do Rei do Baião. São seis obras inéditas do compositor oriundo dessa terra: *Sertão de aço*, *Pássaro carão*, *Matuto aperriado*, *A dança do Nicodemos*, *No Piancó* e *Serrote agudo*, cujos enredos tratam da ecologia e da cultura nordestina em geral, predominando o semiárido do Cariri paraibano do autor. Do mesmo modo, a composição que intitula o disco, *Ô véio macho*, é de Rosil Cavalcanti, compositor pernambucano que é fundamental na obra de Jackson do Pandeiro e de Marinês. A toada, *Adeus Iracema*, de Zédantas, desse mesmo disco, homenageia as famosas praias nordestinas do litoral da Bahia ao litoral do Ceará, incluindo a praia de Tambaú no litoral da Paraíba.

O álbum, PISA NO PILÃO (FESTA DO MILHO), de 1963, traz mais duas composições de José Marcolino. A primeira delas, um lindo baião, *Caboclo Nordestino*, de autoria exclusiva do paraibano que celebra o caboclo sertanejo em geral, e, em particular, o compositor paraibano e o intérprete de Exu:

Caboclo humilde, roceiro
Disposto, trabalhador
No remexer da sanfona
Escuta este cantador
Que no baião fala ao mundo
Teu grandioso valor
(VICTOR, 1963).



Fig. 8 - O compositor paraibano, José Marcolino, autor de *Sala de Reboco* e outros sucessos da década de 1960.
Fonte: MLG-CG.

A segunda participação do paraibano no PISA NO PILÃO, com o baião *Pedido a São João* de conteúdo saudosista invocando a mãe do compositor (dona Chiquinha) para ser a sua madrinha de fogueira:

*Se Deus quiser
Vou mêmora pro sertão
Pois a saudade
Me aconselha o coração
Manda que eu vá
Convidar dona Chiquinha
Para ser minha madrinha
Na fogueira de São João
(VICTOR, 1963).*

O Rei do Baião lançou mais quatro composições de Zé Marcolino, no álbum A TRISTE PARTIDA de 1964: *Cacimba nova*, toada-baião; *Marimbondo*, forró; *Cantiga de vem vem*, baião; *Numa sala de reboco*; xote. A primeira delas tematiza a decadência do ciclo econômico do gado bovino no sertão nordestino:

*Resistente casarão
Em ti as águas rolavam
Onde os vaqueiros brincavam
Em corrida de mourão
(VICTOR, 1964).*

Já o forró *Marimbondo* é do ciclo das obras gonzagueanas que tratam das *experiências* de inverno do sertanejo, descrevendo o cultivo da lavoura e narrando o folgado junino para celebrar a colheita:

*O marimbondo vindo
Peneirando a asa
Pra entrar em nossa casa
Chega chuva no sertão
Nós mata a fome
Da muié e nossos fio
Dança coco e assa mio
Na fogueira de São João
(VICTOR, 1964).*

O baião *Cantiga de vem vem*, de José Marcolino e Panta (Pedro Cruz), é uma das coisas mais lindas de toda a discografia do cantador. Decanta o amor, nesse caso, o amor não correspondido:

*Vivo sempre escutando
A cantiga de vem vem
Quando ouço ele cantando
Penso que é você que vem
Fico de ôio no caminho
Por fim não chega ninguém
Ai! Ai! Ai!
Por fim não chega ninguém
(VICTOR, 1964).*

O maior sucesso do compositor paraibano, na voz do Rei do Baião, é o xote *Numa sala de reboco*. É uma narrativa de samba (baile) que enreda um par de enamorados que dançam se deleitando na intimidade a dois, num canto do salão até o amanhecer do dia:

Todo tempo quanto houver

*Pra mim é pouco
Pra dançar com meu benzinho
Numa sala de reboco
(VICTOR, 1964).*

A gravadora RCA VICTOR lançou um álbum compacto-duplo, CENTENÁRIO DE CAMPINA GRANDE com repertório nas vozes de Luiz Gonzaga e de Marinês, dedicado a essa data magna da cidade paraibana. Ela canta *Campina Grande Centenária*, de Onildo Almeida, e *Saudade de Campina Grande*, de Rosil Cavalcanti. Já o cantador interpreta *Tropeiros da Borborema*, de Rosil Cavalcanti (e Raymundo Asfora) e *Queixas do Norte*, de José Marcolino e Pantaleão (Pedro Cruz), um baião lamentando a tragédia da seca e denunciando a corrupção na assistência governamental aos flagelados sertanejos:

*Ai! doutô
Venha ver o meu Nordeste
Tão perseguido da seca
Atacado pela peste
É o que mais atormenta
Desde o Sertão ao Agreste
(VICTOR, 1964).*

O narrador do baião, que é devoto do padroeiro da lavoura e defensor da plantação e protetor das pragas, São Sebastião, convida o *doutô* (o homem público) a ver a sua choupana *de cortar coração* e o sofrimento do caboclo abandonado sem a ajuda.

O repertório do álbum, QUADRILHAS E MARCHINHAS JUNINAS, inclui mais duas composições do

paraibano no lado B, cantado - o A é instrumental -, as deliciosas polquinhas: *Quero chá e Fogo sem fuzil*:

*Ver os velhotes
Atirar de granadeiro
E a moçada no terreiro
Tirar fogo sem fuzil
(VICTOR, 1965).*

Em 1970, José Marcolino excursionou por diversas capitais nordestinas com o conjunto *Quinteto Violado*. Anos depois os músicos desse conjunto produziram o único álbum do paraibano, SALA DE REBOCO, lançado em 1983. O compositor participa do disco de Luiz Gonzaga, A FESTA, de 1981, cantando a regravação de *Cacimba nova* em dueto com o cantador de Exu.

O disco comemorativo de Luiz Gonzaga, 70 ANOS DE SANFONA E SIMPATIA, sem música alguma de sucesso, traz a composição *Projeto Asa Branca* com o parceiro paraibano. É uma propaganda do Governo de Pernambuco, de Marco Maciel, divulgando a construção de obras públicas: açudes, barragens e estradas:

*Na cidade de Salgueiro
Promoveu o lançamento
Para o engrandecimento
Da terra em sua mensagem
Consagrou esse projeto
Pra salvação da estiagem
(RCA, 1983).*

O disco FORRÓ DE CABO A RABO inclui no seu

repertório as derradeiras composições de José Marcolino, *Boca de caieira* e *Eu e meu fole*, as quais não fizeram sucesso. Os autores da primeira, o paraibano e Zé Mocó (Pedro Cruz), se referem à festança no seu lugar de origem:

Na Prata da Paraíba
O forró começa cedo
E o miolo do forguêdo
É de nove pras dez
(RCA, 1986).

Eu e meu fole, composição exclusiva de Zé Marcolino, expressa a primazia do sanfoneiro com o seu instrumento que tocante à alma festiva do povo nordestino, com o instrumentista atravessando gerações com a sua presença animando cavalhadas, vaquejadas, festa de ano e noite de São João:

O fole é a vida deste cantador
E pro lugar que eu vou, meu fole vai
Esta puxada que eu faço nele
Vem das pegadas do meu velho pai
(RCA, 1986).

José Marcolino Alves nasceu no dia 28 de junho de 1930, no Sítio Várzea, do Major Napoleão Bezerra Santa Cruz, em Monteiro, Paraíba. O local fica hoje no município de Sumé. Em sua juventude, se mudou para a Vila da Prata, com 16 anos de idade (antiga Mugiqui), da qual dizia ser a área sentimental e poética desenhada no seu pensamento e *na Geografia Ilustrada, demarcada pelo teodolito da saudade*.

O poeta e cantador de viola não fez profissão, mas que

conviveu com grandes nomes da poesia popular nordestina do século XX, como Pinto do Monteiro e os irmãos Batista (Lourival, Otacílio e Dimas). Transferiu-se com a família de Prata para a cidade de Petrolina, Pernambuco. Depois fixou-se definitivamente na cidade de Serra Talhada. Morreu em acidente de automóvel, no dia 20 de setembro de 1987, dois anos antes da morte de Luiz Gonzaga. Deixou viúva, dona Maria, com sete filhos e filhas: Maria de Fátima, José Anastácio, Maria Lúcia, José Ubirajara, José Walter, José Paulo e José e uma legião de admiradores que só se expande no século XXI.

Em 1986 foi publicado o livro *Zé Marcolino, Vida, Versos e Viola* tratando das suas origens de cantadores, de prosas sertanejas e outras conversas, além do cancionero e o anedotário do compositor paraibano. A segunda edição da obra veio a público em 1990 sob o patrocínio do Governo de Pernambuco e da Fundação Casa de Cultura de Serra Talhada.

PATATIVA E GONZAGA: EMBATES

ANTÔNIO GONÇALVES DA SILVA, O PATATIVA DO ASSARÉ, nasceu em sítio no Município de Assaré, no Ceará. Morreu aos 93 anos de idade, coberto de glórias e celebrado como o derradeiro grande poeta popular brasileiro do século XX. É o autor da célebre toada, *A triste partida*, uma obra-prima da discografia de Luiz Gonzaga lançada em 1964.

Foi um personagem destacado em inúmeras reportagens de jornais, revistas, rádios, televisão, internet, biografias, estudos acadêmicos: trabalhos de conclusão de curso, dissertações de mestrado e teses de doutorado. A mídia brasileira cobriu condignamente o falecimento do ilustre cearense, assim como a imprensa paraibana onde um jornalista e crítico musical, Ricardo Anísio, o elevou ao patamar dos imortais da Literatura Brasileira ao lado de Euclides da Cunha, João Cabral de Melo Neto e Guimarães Rosa em artigo publicado no jornal *O Norte* (2002).

A gravadora RCA VICTOR lançou um álbum do Rei do Baião em 1964, *A TRISTE PARTIDA*, trazendo a toada homônima de Patativa do Assaré. Antes conhecida em âmbito regional no círculo dos cantadores de viola do Nordeste. O autor ficou famoso em todo Brasil na interpretação magnífica do cantador, logo se consagrando como um dos maiores sucessos dele, ao lado dos clássicos com Humberto Teixeira e Zédantas. Tanto é assim que sempre anunciava o nome do cearense quando cantava em público.

A toada do poeta cearense aborda a tragédia da seca no semiárido do Nordeste brasileiro e o drama secular dos retirantes, o que inspirou os enredos dos romances de José Américo de Almeida, Graciliano Ramos, Rachel de Queiroz, etc., cujos personagens fogem a pé ou em animal de montaria em busca de refrigério. Debandavam para as cidades-portos do litoral, o brejo do Ceará, o Brejo de Areia da Paraíba e outros lugares menos afetados. Na narrativa de Patativa do Assaré, inspirada na seca de 1958, os retirantes viajam em caminhão pau-de-arara sentados em duros assentos de madeira sob cobertura de lona.

A triste partida é composta de 19 estrofes, 132 versos, com quase 9 minutos de gravação. De tão extensa, era preterida dos programadores de rádio e nos shows de Luiz Gonzaga, embora não faltassem pedidos. O enredo começa descrevendo as *experiências* fracassadas do nortista (nordestino): As pedras de sal úmidas na manhã do dia de santa Luzia, o amanhecer do dia de Natal sem barra de nuvem, o dia de São José sem chuva.

O sertanejo sem mais esperança alguma, vende tudo que lhe resta, a qualquer preço, partindo com a mulher e os filhos em caminhão pau-de-arara rumo a São Paulo em longo e sofrido percurso. Todos saudosos e desamparados. Enfim chegaram à metrópole: *De gente de cara estranha/ Diferente do caro torrão*. O pai acanhado procura patrão. E pelos anos afora vai viver escravo do seu trabalho, tomado de nostalgia do seu torrão natal, endividado e desesperançado de um dia lá voltar.

Patativa do Assaré assim como milhões de brasileiros, sobretudo nordestinos, estavam maravilhados com a interpretação do cantador, mas o autor do poema não aprovou uma alteração do intérprete na estrofe final d'*A triste*

partida, de lamento do nortista forte e bravo vivendo como escravo no Norte e no Sul. Originalmente, como veremos, o nordestino é cativo apenas das terras do Sul: *Eu não disse que o nortista era escravo na sua própria terra, no Norte*, afirmava o poeta (em entrevista a Xico Nóbrega, 1991). Em 1993, o poeta cearense disse a um jornalista paraibano do jornal *O Norte* que o astro tinha alterado a estrofe para agradar aos sulistas.

A propósito dessa revelação importante a respeito da célebre toada, na Paraíba, informamos que esta terra também serviu de trampolim para a gravação d' *A triste partida*.

Em 1963, Luiz Gonzaga, em turnê pelo interior do Nordeste, passou por Campina Grande, situada sobre o planalto da Cordilheira da Borborema. Uma verdadeira capital do sertão nordestino em pujança econômica, comercial. A cidade sediava nesse tempo, a poderosa *Rádio Borborema*, da rede de *Emissoras Associadas*, fundada pelo jornalista e magnata Assis Chateaubriand. A emissora campinense era sintonizada em todo Nordeste e em parte do Norte. Portanto, era um veículo procurado por qualquer artista que almejasse promoção regional.

O astro exuense sabia que a Rainha da Borborema era o berço da formação artística de vários colegas, intérpretes e instrumentistas importantes: Jackson do Pandeiro, Marinês, Genival Lacerda, os irmãos Calixto, Geraldo Correia. Nesta cidade, vivia um pernambucano compositor e radialista famoso, Rosil Cavalcanti, que é um autor fundamental de Jackson do Pandeiro e de Marinês, de quem o Rei do Baião emplacou grandes sucessos na década de 1960, inclusive a marchinha, *Faz força Zé*, na qual dá um viva sonoro ao *Forró de Zé Lagoa* que era o programa apresentado por Rosil na Borborema, com enorme audiência regional misturando

notícias, humor e artes.

Em 1962 ou 1963, o Rei do Baião vinha chegando de automóvel em Campina Grande, e sintonizado com a *Rádio Borborema* no rádio do carro, foi surpreendido por um cantador de viola apresentando uma toada longa, dolente tratando da seca, do retirante e da vida saudosa em São Paulo. Seguiu direto para o estúdio da emissora onde conheceu o violeiro cearense, José Gonçalves, radicado na cidade. Foi ele quem cantou a peça. Segundo o repentista, a toada já era do conhecimento dos violeiros.

Patativa do Assaré confirma-nos esses fatos: *Aquilo ali, eu cantava era ao som da viola, não só eu, os outros cantadores também cantavam A triste partida. Todos os lugares que a gente ia a uma cantoria, o auditório, a assistência pedia logo, ôi, canta a Triste Partida! Luiz Gonzaga disse que indo a Campina Grande lá na Paraíba, ele ligou o rádio no carro, e ouviu alguém cantando um poema sobre uma retirada de nordestinos para São Paulo em um caminhão* (CARVALHO, 2010, p.82).

Assim que chegou ao estúdio da Borborema, que foi apresentado a Zé Gonçalves, Luiz Gonzaga foi logo perguntando: *Me diga uma coisa poeta, de quem é aquele trabalho que você acabou de cantar? Eu fiquei maravilhado quando a ouvi, vindo no meu carro* (CARVALHO, 2010, p.83). O violeiro disse que era autoria de um conterrâneo, Patativa do Assaré, e em seguida o orientou a procurá-lo na cidade do Crato, no Ceará. Disse-lhe que bastava mandar um aviso no programa de rádio de Pedro Bandeira, de grande audiência, que por certo o poeta viria ao seu encontro. Assim foi feito. Uma semana depois, após cumprir apresentações pelo interior do Ceará, o Rei do Baião retornou pela cidade, quando finalmente conheceu o senhor Antônio Gonçalves da Silva

com 54 anos.

Dominique Dreyfus (1996) revela-nos que, num primeiro momento, o sanfoneiro e cantador quis comprar a parceria d' *A triste partida*. A proposta foi recusada pelo poeta cearense com sinceridade, sabedoria e puro apego à sua criação: *Não, Luiz! O meu mundo eu posso dizer que é a minha poesia e a minha família. Ai, eu num vendo direito autoral por preço nenhum! Aquilo que eu compus com muito carinho e com muito cuidado*. O cantador que não era tolo, disse-lhe que gravaria a toada de qualquer maneira: *Então, Patativa, vamos fazer outro negócio. Vamos fazer parceria, você assim não está vendendo. Você me dá as ordens, eu levo pra RCA, e nós vamos gravar A triste partida. No livro constará você como autor e eu como cantor* (DREYFUS, 1996, p.235).

O álbum, *A TRISTE PARTIDA*, de 1964, trouxe a toada homônima que consagrar-se-ia uma das maravilhas da discografia do artista dessa década. Como se não bastasse a obra grandiosa de Patativa do Assaré, o repertório ainda incluía grandes sucessos de José Marcolino: *Cacimba nova*, *Numa sala de reboco*, *Cantiga de vem vem* e o seu maior clássico do segmento religioso popular, *Ave-Maria sertaneja* de Júlio Ricardo e O. de Oliveira. O filho Gonzaguinha estreia nesse disco, aos 19 anos de idade, com a valsa *Lembrança de primavera*.

A triste partida logo se consagrou como o maior sucesso do disco. O violeiro João Alexandre que, já tinha se apresentado com Patativa do Assaré, reivindicou a coautoria da toada. O poeta cearense chegou a admitir que ele tinha dado uma contribuição na melodia. Em entrevista a Gilmar de Carvalho (CARVALHO, 2010), o verdadeiro autor da toada nos esclarece sobre as mudanças do intérprete no andamento da sua obra e o acréscimo das súplicas entre as

estrofes: *Ai! ai! ai! ai!* e *Meu Deus! meu Deus! meu Deus!* mas que não tinha aprovado uma alteração de Luiz Gonzaga ao poema original.

Na verdade o astro fizera duas modificações. A primeira delas justificável no sentido da universalização regional do drama da seca e do retirante. Os versos originais eram assim: *De longe inda acena/ Adeus, meu Ceará!* O intérprete preferiu: *De longe 'inda acena/ Adeus, meu lugá!* Em relação à segunda alteração do intérprete, Patativa do Assaré discordava:

*Faz pena o nortista
Tão forte e tão bravo
Vivê como escravo
No Norte e no Sul
(VICTOR, 1964).*

Originalmente, conforme já discutimos, decanta-se o nortista forte e bravo, porém vivendo como escravo apenas *nas terras do Sul*. Por isso, o autor chegou a revelar em entrevistas que o Rei do Baião fizera a modificação para agradar aos sulistas. Quem tem razão? A rigor, o sertanejo era mais escravo no Norte, vivendo na pobreza, muitos na miséria, morando em terra alheia, não raro submetido à prepotência do fazendeiro. Portanto, mais vulnerável aos danos da seca. De modo geral, o nordestino melhorava de vida no Sul, onde havia mais emprego, acesso aos bens de consumo, melhor qualidade de vida e bem estar.

O próprio Luiz Gonzaga demonstra essa condição de melhoria de vida do nortista, no Centro-Sul, em prosa na primeira regravação do baião *Respeita Januário* (1952), de autogozação da sua famosa fuga de casa ao contar que tinha

saído amarelado, de pernas tortas e *feio pa peste*. E que tinha voltado, dezesseis anos depois, gordo, rico com uma *gasimira de lascar*. *Gasimira* é cachemira, um tecido importado da Cachemira, na Índia, artigo de luxo do vestuário desse tempo.

A triste partida é quase a única obra do poeta cearense na discografia do Rei do Baião. Por certo, não foi pelo motivo dele ter desejado comprar a parceria da toada, nem por causa das alterações ao poema original. O intérprete, ainda teve em mãos, uma composição de Patativa do Assaré, *Vaca Estrela, Boi Fubá*, que nunca gravou. Creio que devido à caducidade do tema. De modo que o autor escreveu-lhe gentilmente (1977) pedindo que devolvesse a procuração da obra, já que o *Trio Nordestino*, de Lindu, tinha se interessado em gravar *algumas besteiras* dele. Finalmente o cantor Fagner gravou a referida canção e fez relativo sucesso. A composição terminou inclusa no repertório do álbum LUIZ GONZAGA & FAGNER de 1984.

ZÉ CLEMENTINO E A SÁTIRA À JOVEM GUARDA

Cabra do cabelo grande
Cinturinha de pilão
Calça justa bem cintada
Costeleta bem fechada
Salto alto fivelão

O *XOTE DOS CABELUDOS*, DE JOSÉ CLEMENTINO E LUIZ GONZAGA (VICTOR, 1967) é um dos sucessos máximos da discografia do sanfoneiro e cantador da década de 1960. Sem dúvida satiriza, da cabeça aos pés, a moda da *Jovem Guarda*, o movimento musical-cultural liderado pelo cantor Roberto Carlos.

Nas décadas seguintes, por causa desse xote, criou-se o mito, nos círculos dos fãs dos dois grandes intérpretes da Música Popular Brasileira, de que o Rei do Baião e o Rei da Juventude não se davam bem. E que, devido à ofensa do xote, Roberto Carlos nunca gravou uma música de Luiz Gonzaga. Exceto um trequinho da *Asa branca* em um especial de televisão. O sanfoneiro incluiu a música da discografia do cantor, *Meu pequeno Cachoeiro*, apenas com um solo de sanfona no álbum *AQUILO BOM!* de 1972. Curiosamente, a letra de Raul Sampaio é reproduzida na contracapa do disco com todas as outras do repertório, embora somente com o registro instrumental da obra.

Quando o *Xote dos cabeludos* veio a público, no álbum *ÓIA EU AQUI DE NOVO*, em 1967, Roberto Carlos já tinha

lançado o quinto disco da carreira, o JOVEM GUARDA, trazendo uma faixa que logo se consagrou fenômeno de popularidade, *Quero que vá tudo pro inferno*, contagiando a juventude dos quatro cantos do Brasil. Além da explosão nacional, o cantor apresentava o *Programa Jovem Guarda* com Erasmo Carlos e Wanderleia nas tardes de domingo pela *TV Record* de São Paulo. O videoteipe foi visto em todo país.

O sensacional Roberto Carlos invadiu o Brasil e o Nordeste urbano e rural pelo rádio e pela televisão. O refrão da música, *Eu quero você me aqueça nesse inverno/ E que tudo mais vá pro inferno*, com os solos de guitarra que fascinavam os jovens, motivaram comentários de insatisfação em famílias, nas igrejas, nas conversas de calçadas, nas feiras, chegando a inspirar os cantadores de viola e os poetas corde-listas. Estes colocaram o jovem artista blasfemo no inferno, enfrentando o demônio, conforme já haviam feito ao canga-ceiro Lampião. A partir desse sucesso e dos muitos outros que o seguiram, e com o advento da televisão, deu-se uma fase crítica à geração dos artistas revelados na era de ouro do rádio, entre eles, Luiz Gonzaga, que estava fora da grade das programações das emissoras.

A música *Quero que vá tudo pro inferno* tem toda consi-deração do biógrafo de Roberto Carlos, Paulo César Araújo, que destaca a importância mundial de Roberto Carlos em termos de representação de música jovem popular brasileira.

Pode-se dizer que, naquele ano de 1965, o rock and roll ganhou três grandes temas: *Help!*, dos Beatles, *Satisfaction*, dos Rolling Stones e... *Quero Que Vá Tudo Pro Inferno*, de Roberto Carlos – que só não alcançou a mesma visibilidade das outras duas porque foi composta em português (ARAÚJO,

No ano do lançamento do álbum, *ÓIA EU AQUI DE NOVO*, que trouxe o tal *Xote dos cabeludos* (1967), o Brasil foi sacudido por outro disco espetacular, ROBERTO CARLOS EM RITMO DE AVENTURA. Com a trilha sonora do filme homônimo quase todo o seu repertório se consagrou grandes sucessos: *Eu sou terrível*, *Como é grande o meu amor por você*, *Por isso corro demais*, *De que vale tudo isso* e *Quando*.

Apesar da avalanche da *Jovem Guarda*, Luiz Gonzaga estava estourando em todo Brasil com o xote satírico fazendo gracejo da moda unissex. Enxotando o rapaz cabeludo de calça justa, cintada, costeleta fechada, sapato alto, fivelão, de pulseira e medalhão no pescoço. Que *cabra* com tal *jeitinho* não tinha vez no sertão tradicional dos bons costumes e das bênçãos de Padre Cícero e de Frei Damião, tidos como santos populares do povo nordestino. Nesta época, um estava morto e o outro ainda vivo.

O verbete *cabra*, do *Dicionário do Folclore Brasileiro*, de Luís da Câmara Cascudo (2012), associado a negro e a mulato, apresenta várias derivações: *cabrocha*, *cabriola* e *cabroeira*, significando reunião ao mal e ao roubo, mas, também, sujeito petulante, capanga e destemido. É com este sentido que o compositor José Clementino o emprega no *Xote dos cabeludos*:

*No sertão de cabra macho
Que brigou com Lampião
Brigou com Antônio Silvino
Que enfrenta um batalhão
Amansa burro brabo
Pega cobra com a mão*

*No sertão de gente assim
Cabeludo tem vez não
(VICTOR, 1967).*

É interessante observar Luiz Gonzaga cantando um xote de desprezo aos jovens cabeludos no sertão, quando o seu próprio ícone de destemor, o cangaceiro Lampião, invocado no *Xote dos cabeludos*, e todo o seu bando eram todos cabeludos. Aliás, o tema já figura no título do primeiro romance que trata do cangaço, *O Cabeleira* (1876), do escritor cearense Franklin Távora no qual narra a saga de um herói do mal, José Gomes, cujas atrocidades aterrorizavam a Província de Pernambuco no século XVIII.

O xote satírico do, ÓIA EU AQUI DE NOVO, trata do sertanejo reagindo à revolução musical e comportamental da década de 1960. Isto na esteira do rock de Elvis Presley, Beatles e Roberto Carlos. Nesse tempo, o Rei do Baião pensou em findar a carreira, por estar ofuscado pelos novos astros brasileiros e estar fora das emissoras de rádio e de televisão das metrópoles, em plena era dos festivais. Mesmo assim, o sanfoneiro e cantor continuava reinando no interior do Brasil. Para piorar, a venda dos seus discos não decolavam devido à pobreza do povo. O jornalista e historiador, Jurani Clementino, autor do livro *Zé Clementino: O “matuto” que devolveu o trono ao Rei*, registra o encontro de Luiz Gonzaga com o autor do *Xote dos cabeludos*, *O Jumento é nosso irmão* entre outros sucessos.

Apesar de esquecido, na grade da programação das emissoras de rádio e do noticiário da imprensa das metrópoles do Sudeste, do Rio de Janeiro e de São Paulo, na década de 1960, o Rei do Baião continuou fazendo sucesso pelo interior do Brasil, principalmente no Nordeste onde tocava e cantava

em praças, na rua, em cima de caminhão, nos mercados e em clubes. Sempre patrocinado por empresas comerciais, prefeituras e políticos. Conforme a sua mulher, Helena Gonzaga, revela à biógrafa do marido:

Disseram que Luiz Gonzaga esteve no ostracismo, mas não foi bem o caso. Ostracismo foi só nas capitais. Ele parou de tocar nos rádios, mas no interior ele sempre continuou levando 5 a 10 mil pessoas nas praças. Agora a imprensa não divulgou mais nada sobre o Gonzaga (DREYFUS, 1996, p.208).

Depois das participações fundamentais dos compositores Humberto Teixeira e Zédantas, Luiz Gonzaga buscou novos parceiros, do final da década de 1950 e nos anos de 1960. Acabou por encontrar excelentes parceiros. Sem dúvida todos estavam impregnados pelos baiões, toadas e xotes imortais dos parceiros primordiais: Onildo Almeida, Antônio Barros, Rosil Cavalcanti, Zé Marcolino, João do Vale, Patativa do Assaré, Luiz Guimarães, Severino Ramos e José Clementino.

Em 1965 ele conheceu José Clementino, na cidade vizinha do Crato, onde ele trabalhava na agência dos Correios e Telégrafos local. O jovem poeta e boêmio, assim como milhões de nordestinos, encantava-se ouvindo os baiões, as toadas e os xotes do ídolo. Já tinha começado a fazer as suas próprias composições, alimentando mínima esperança de ouvi-las na voz de Luiz Gonzaga e a oportunidade finalmente chegou.

Alguém lhe apresentou ao Rei do Baião. Houve um diálogo memorável do fã emocionado e abismado diante da lenda viva. Reclamava das emissoras de rádio que só davam espaço para a música jovem com guitarra, baixo, órgão e bateria. Gonzaga

até pensou, na ocasião, em aderir à onda com Dominginhos. Mesmo assim Zé Clementino disse que tinha umas *coisas* para lhe apresentar. O astro não o iludiu. Aconselhou-o a não perder tempo com ele porque a sua fase gloriosa do baião tinha passado, estava na reta final da carreira.

O jovem cearense insistiu. Disse que o ídolo ainda tinha muito o que tocar, cantar, encantar e ensinar às novas gerações que as suas músicas contavam a história do Nordeste e que o povo necessitava da sua alegria de sempre. O sanfoneiro então se voltou para o poeta e o desafiou: *Muito bem, já que você diz ser compositor, eu vou lhe propor um desafio. Traga-me uma música falando dessa moda dos homens de cabelo grande, esses cabras cabeludos que vêm tomando conta do sertão* (CLEMENTINO, 2013, p.232).

Uma semana depois desse encontro no Crato, Zé Clementino apresentou ao Rei do Baião o *Xote dos cabeludos* em Lavras de Mangabeira, no Ceará. Foi lançado no disco *ÓIA EU AQUI DE NOVO*, de 1967, com mais duas parcerias: *Xeêm* e *Contrastes de Várzea Alegre*. Esta composição tematiza a prosa de personagens e coisas inusitadas do lugar natal do compositor que foi devidamente explicadas no livro de Jurani Clementino:

*Eu sou da terra
Que de mastruz se faz café
Meu amigo eu sou da terra
De Zé Filipe afamado
Onde um bode era marchante
E Jesus foi intimado
(VICTOR, 1967).*



Fig. 9 - Luiz Gonzaga e o seu compositor cearense, José Clementino, que satirizou o iê-iê-iê de Roberto Carlos e exaltou o jumento. Fonte: BMVA

O segundo maior sucesso da dupla Luiz Gonzaga e Zé Clementino é a toada, *O Jumento é nosso irmão*, lançada no álbum O SANFONEIRO DO POVO DE DEUS, de 1967, cujo repertório é todo de teor religioso popular, com músicas dedicadas à Nossa Senhora: *Ave Maria sertaneja*, *Baião da Penha*, *Rainha do mundo*, *Padroeira do Brasil*. Ao papa: *Louvação a João XXIII*. Ao sacerdote: *Padre sertanejo*. A Padre Cícero, *Beata Mocinha* e outras faixas em louvor ao Rei do Baião: *Viva o Rei*. À mãe: *Bença mãe*, etc.

A toada *O jumento é nosso irmão* é inspirada no livro de título homônimo, *O Jumento, Nosso Irmão*, de autoria do padre cearense, Antônio Vieira, lançado em 1964. É uma obra singular da bibliografia asinina (do jumento) brasileira e mundial. Dividida em oito partes tratando da presença do animal na humanidade: englobando estudos de História, Religião, Economia, Folclore e Literatura, etc.

Luiz Gonzaga homenageia o sacerdote nordestino que é autor do livro e que traz sua abnegada defesa do animal. Esclarecemos que este Vieira não tem nada a ver com o célebre orador jesuíta, Padre Antônio Vieira do século XVII, autor dos *Sermões*, que é considerado um dos monumentos da Literatura universal.

É ao cearense que ela canta:

*É verdade meu senhor
Essa história do sertão
Padre Vieira falou
Ô! Ô!
Que o jumento é nosso irmão
A vida desse animal
Padre Vieira escreveu
Mas na pia batismal*

Ninguém sabe o nome seu
(VICTOR, 1967).

Em seguida, refere aos apelidos do jumento: Bagre, Polodoro, Jegue, Babau, Brechó, Lopeu, Andaluz, Marca Hora, Breguedé, Azulão, Alicate, Berimbau e Inspetor de Quarteirão. Brinca com o folclore do relincho do animal, considerado como *anunciador* das horas sertanejas e menciona o jegue como sendo caridoso, servidor, detentor de tantas virtudes, inclusive conduzindo o velhinho a mendigar de porta em porta. Assim como menciona o animal na condução da Família Sagrada em fuga para o Egito: *O jeguinho foi o transporte/ Que levou Nosso Senhor*. Luiz Gonzaga também enaltece o animal de carga e montaria como um grande civilizador do Nordeste convidando os patriotas a terem gratidão pelo heroico jegue.

Quem é o padre Antônio Vieira? É conterrâneo do compositor José Clementino de Várzea Alegre. Fez os estudos eclesiásticos no Crato e em Fortaleza se tornando conhecido em todo Brasil por causa da sua defesa dos flagelados da seca de 1958 quando denunciou a corrupção nos recursos públicos destinados aos serviços de emergência dos sertanejos. O sacerdote foi solidário às populações atingidas pelo arrombamento do açude de Orós, no Ceará, em 1960, como vigário da Paróquia de Icó onde permaneceu muitos anos. Fundou uma entidade nacional protetora do jumento.

A ideia de escrever o livro *O Jumento, Nosso Irmão* surgiu depois da leitura de uma reportagem no jornal *O Povo*, de Fortaleza, em 1954, sobre a matança de mil jumentos por mês no Ceará:

Ao fim da leitura, eu crepitava de

indignação. Porejava revolta em todo o meu ser. A leitura acendera em mim o estopim que arrebetava todos os meus nervos. Sentei-me incontinente à minha banca para escrever um protesto. Risquei longas tiras de papel. Era uma barafunda horrível. Mas havia coisa digna, dos manés de Cícero a Demóstenes. Ordenei aquilo tudo em série e enviei ao jornal, pedindo que publicassem como matéria paga (VIEIRA, 1964, p.296).

Para a felicidade de padre Vieira - e de todos nós -, a adaptação do seu livro sobre o animal querido, feita pelo conterrâneo, na voz do Rei do Baião, teve impacto civilizador ao bom trato do animal de carga e de montaria. O jumento é o verdadeiro herói do sertão nordestino por trabalhar de sol a chuva, dia a dia, prestando todo tipo de serviço. Depois, na velhice, solto nos tabuleiros, é vendido para matadouros de jumento no Nordeste virando carne de exportação. Conta-se do fechamento de um desses estabelecimentos em Belo Jardim-PE, devido à comoção popular causada pela toada gonzagueana.

O astro lançou mais composições do varzealegrense. A que intitula o álbum, SERTÃO 70, de 1970, que exalta o progresso tecnológico e comportamental chegando ao Nordeste, pós-cangaço, com o advento da televisão que tornou o sertanejo mais bem informado sobre os acontecimentos do mundo: A chegada do homem à lua, o conflito no Oriente Médio, etc.:

*O nordestino hoje
É homem diferente
Dos velhos tempos*

*Do cangaço Lampião
Deixou de lado
A mania de valente
Pois o progresso
Mudou tudo, meu irmão
(VICTOR, 1970).*

Luiz Gonzaga continua cantando, em *Sertão setenta*, destacando personagens e apresentadores da televisão brasileira: Chacrinha, Blota Júnior e Jota Silvestre e prenunciando o tricampeonato mundial de futebol da seleção brasileira:

*Afirmam todos
Que o Brasil vence no México
E que a taça vem
Com Pelé e Tostão
(VICTOR, 1970).*

A letra ainda evoca o hábito da mocinha de janela de antigamente vendo o mundo passar à sua frente. Agora, a mocinha é leitora de revista em quadrinho, assiste novela e sonha com Beto Rockfeller, Cláudio Marzo e Nino, o italianinho:

*Meu sertão lendário de tristeza
Hoje é certeza de progresso e alegria
Só se ver a rapaziada ouvindo
A tal de Antônio Maria
(VICTOR, 1970).*

Mais um grande sucesso de Luiz Gonzaga com Zé Clementino, da década de 1970, o xote *Capim novo*, deu título

ao disco de 1976, o da linda faixa *Sanfona sentida*. O cantador inicia a música com uma fala: *Capim novo, o apelido dos coroas. Ahh! Ahhai!* Depois começa a cantar a música fazendo referência a um sucesso dele anterior, *Ovo de codorna*, que satiriza a virilidade do homem maduro:

*Nem ovo de codorna
Catuaba ou tiborna
Não tem jeito não
Não tem jeito não
Amigo velho
Pra você tem jeito não
(...)
Certo mermo
É o ditado do povo
Pra cavalo velho
O remédio é capim novo
(RCA, 1976).*

A música *Capim novo* foi incluída na trilha sonora de uma telenovela, *Saramandaia*, da *Rede Globo de Televisão* de 1976. (Quem seria o personagem da música?). Escrita por Dias Gomes, sob direção de Walter Avancini, com enredo envolvendo coronéis, tradicionalistas, mundancistas, prefeito, um popular criando asas, outro soltando formigas pelas narinas, a outra explodindo de gorda (na famosa cena com a atriz Wilza Carla) e um elenco memorável de atores e atrizes: Juca de Oliveira, Antônio Fagundes, Yoná Magalhães, Sônia Braga, Dina Sfat, Ary Fontoura, Eloísa Mafalda, etc.

O compositor cearense ainda participa em outra parceria no álbum *CAPIM NOVO: A narrativa Apologia ao*

Jumento (O Jumento é nosso irmão). É uma continuidade de *O Jumento é nosso irmão*, também, com Zé Clementino, mas o tema original no enredo ainda louvando e defendendo o animal herói do sertão, enxotado, espancado, injuriado. O artista faz graça com o jegue chamando-o de astronauta, professor, advogado das bestas e aproveitador de roçado de milho, com toda astúcia se livrando das armadilhas.

Mais na frente, no álbum *EU E MEU PAI*, de tributo a Januário, Luiz Gonzaga canta outra composição de José Clementino e Hildelito Parente, *Sou do banco*. É uma campanha governamental tratando de empréstimo bancário do *Banco do Brasil* e dos Bancos estaduais nordestinos, ao fomento do pequeno bovinocultor. A composição graceja do alarido do vaqueiro tangendo uma boiada pequenina, mas imaginando um grande rebanho:

Eu sou do banco
(...)
Do Banco do Brasil
Do Banco do Nordeste
Cabra da peste
No Ceará
Eu sou do BEC
Mas em Pernambuco
Sou do Bandepe
(RCA, 1979).

Quanto à musicografia geral de José Clementino, além de Luiz Gonzaga, vários outros intérpretes gravaram as suas composições. Entre eles, *Trio Nordestino*, Domingui-nhos, Genival Lacerda, Messias Holanda, Luiz Caldas, Targino Gondim, Sirano e Sirino, Waldonys, etc. Estes jamais

lograram o êxito do grandioso intérprete, exceto, o *Trio nordestino* com uma única música: *O Chinelo de Rosinha*, mas nada comparável ao *Xote dos cabeludos*, *O Jumento é nosso irmão* e *Capim novo*.

LUIZ E JACKSON: ANDROGINIA E TRANSEXUALIDADE

A OBRA POÉTICA, MELÓDICA E RÍTMICA DO SANFONEIRO E cantador Luiz Gonzaga e seus compositores, principalmente, Humberto Teixeira e Zédantas, é uma verdadeira enciclopédia do Nordeste do Brasil. Sua obra narra os ciclos ecológicos da caatinga, a mata nativa do semiárido, os seus períodos de inverno (de chuva), de verão (o período de estio) e as secas ocasionais motivadoras dos fluxos migratórios dos nordestinos nos últimos decênios do século XIX. Primeiro para a Amazônia, depois para o Centro-Sul e o Centro-Oeste.

O sanfoneiro e cantador immortaliza a paisagem humana, cultural, religiosa, sentimental e telúrica do sertão nordestino, o cotidiano da família, as alegrias do inverno, as tristezas da seca, os sambas (forrós), as culturas agrícolas históricas da mandioca (farinha, beiju), da cana-de-açúcar (mascavo, rapadura, aguardente) na zona da Mata de Pernambuco e outros estados; e o importante ciclo do criatório bovino no sertão nordestino. Daí a abundância de músicas de Gonzaga sobre seca, retirante, chuva, fartura, morena bonita, samba, vaqueiro, cavalo, boi, etc.

O Rei do Baião também desponta com um repertório singular abordando comportamentos: A virilidade do idoso, as modas juvenis de rapaz e de moça, inclusive satirizando

o cabeludo e a moda unissex, bem como depreciando o homossexual afeminado. Algumas dessas músicas desde-nham o gay, as quais, diríamos hoje, poderiam ser consideradas de teor homofóbico. Neste sentido, comparamos Gonzaga a Jackson do Pandeiro que decanta em tom de elogio um homem transexual em *A mulher que virou homem*, conforme veremos.

Já o refrão famoso do baião *Paraíba, Paraíba masculina/ Muié macho sim sinhô!*, com Humberto Teixeira (gravado por Emilinha Borba e pelo próprio Luiz Gonzaga) que ainda hoje motiva curiosidade a respeito da paraibana, embora não tenha sido composto para homenageá-la, mas como jingle de campanha política enaltecendo a Paraíba, que mesmo tão pequenino foi tão heroico nos eventos da Revolução de 1930 (liderada pelo Rio Grande do Sul e Minas Gerais) e que mudaram a História do Brasil com a ascensão de Getúlio Vargas).

Curiosamente, a Paraíba é um dos raros estados do Brasil de toponímia feminina. Daí a confusão gerada pelo mencionado jingle-baião em louvação ao estado (substantivo masculino) do candidato a senador (José Pereira Lira). O enorme sucesso popular de *Paraíba* influenciou a acepção do termo *paraíba* nos dicionários.

A polêmica do baião vem desde a campanha eleitoral de 1950, conforme já discorremos anteriormente. Na época, os adversários, da coligação do PSD, tiraram proveito da ambiguidade do refrão de *Paraíba*.

O sanfoneiro e cantador passou o resto da vida afirmando que o baião *Paraíba* tinha sido composto para o tal fim da campanha eleitoral, evocando o destemor e os feitos dos paraibanos nos eventos de 1930. Todavia, numa regravação posterior, ele canta *Muié macho sim sinhô! E assim*

se expressou com veemência a uma personagem real: *Sai pra lá, peste!* Seria um desprezo à mulher dominadora? À mulher homossexual?

Em 1956, Luiz Gonzaga gravou o coco *Siri jogando bola* gracejando de homem afeminado. É uma composição, de Zédantas, inspirada no poema *A bicharia*, de Luiz Dantas Quezado, de São João do Rio do Peixe, Paraíba. Mudou-se para Fortaleza, no Ceará, onde publicou o seu livro *Glosas Sertanejas* no início do século XX, incluindo o citado poema-fábula sobre mamíferos, répteis e insetos realizando os ofícios humanos diversos tais como escritor, bordadeira, tecelã, leitor, marceneiro, sapateiro, tocador de búzio, alfaiate, lavrador, vendedor, agiota. Apenas três animais do poema original, o porco, o peba e o veado, são aproveitados no coco. O veado sapateiro virou dançarino se exibindo à espanhola, se requebrando e tocando castanholas. Era, explicitamente, um gay:

*Vi um veado
Com dois par de castanhola
Vestindinho d'espanhola
Requebrando pra daná
(VICTOR, 1956).*

Uma marchinha, *Faz força Zé*, de Rosil Cavalcanti, do disco, PISA NO PILÃO (FESTA DO MILHO), de 1963, contém uma estrofe de pura ofensa ao homossexual. A letra deprecia o homem preguiçoso, de vida folgada, que vive sem trabalhar querendo moça rica para se casar, que sonha com botija, metendo a mão em bolso alheio, *Tipo perigoso até no falar*. Em seguida vem a estrofe desprezível do gay afeminado:

*Homem que tem a mão fina
Troce o rosto no falar
Pinta a unha e faz de ponta
E capricha no andar
Cuidado nele
Porque dá azar
(RCA, 1961).*

O Rei do Baião lançou o famoso *Xote dos cabeludos*, no álbum *ÓIA EU AQUI DE NOVO*, de 1967, no qual ironiza o comportamento e a moda juvenil unissex do iê-iê-iê que era um movimento musical e cultural liderado por Roberto Carlos. O intérprete avisa no início do xote: *Atenção, senhores cabeludos! Aqui vai o desabafo de um quadradão!* Depois canta troçando dos trajes e modas tão comuns ao rei Roberto Carlos. O Rei do baião conclui que sujeito com tal *jeitinho* não tinha vez no sertão dos valentes combatentes de Lampião e Antônio Silvino e nem eram merecedores das bênçãos de Padre Cícero e de Frei Damião.

O álbum, *CANAÃ*, de 1968, da segunda fase do compositor Humberto Teixeira na discografia gonzagueana (anunciando nova estética), traz no seu repertório o *Baião polinário* satirizando os falsos baiões. Eram tocados em ternário e até quaternário: *pilantras, xibungos e sem cor*. Xibungo é um termo chulo do Nordeste brasileiro, de obscura origem indigenista, dicionarizado no *Aurélio* e no *Houaiss* como sinônimo pejorativo de pederasta e homossexual passivo.

Luiz Gonzaga grava mais uma música sobre comportamento. O álbum *SERTÃO 70* traz o *Xote do saiote*, de Onildo Almeida, cujo narrador tolera qualquer novidade. Unha pintada, traje de calça justa, camisa de estampadão, bermuda, menos homem de saia:

Saiote, não
Saiote, não
Home de saiote
Meu amigo
Essa não
(VICTOR, 1970).

Em *Coronel Pedro do Norte*, de Nelson Valença, do álbum SÃO JOÃO QUENTE, o cantor zomba de um coronel valentão e perseguidor de rapaz transviado e de cabeludo:

Coroné tava danado
Aperreado com a nova geração
Dizia ele, meto bala
Mato tudo, não deixo um cabeludo
E acabou-se a questão
(RCA, 1971).

Certo dia o bravo coronel foi à estação ferroviária com os familiares e autoridades locais: delegado, padre, sacristão, com a finalidade de aguardar o desembarque da filha querida. É surpreendido, porém, ao ver a sua graciosa mocinha descendo do vagão do trem de braços com um cabeludo.

Luiz Gonzaga participa especialmente da música *Cordel* (*Ou de Como uma “Mulesta” tomou conta do sertão*), no álbum LOUVADO SEJA, de Antônio Carlos & Jocaí, de 1977, deplorando um personagem moleque desaforado, chamado *Maria*, vindo da cidade grande rebolando e fazendo trejeitos igual a pião, petulante, mandando o sanfoneiro parar o xote para dar vez ao rock com guitarra e distorção e pondo-se *pra riba d’eu* (o sanfoneiro), que avisa: *Esse gênero não faz meu gosto não, meu fio*, afastando o insolente:

*Seu sanfoneiro, por favor
Pare esse xote
Se não esse molecote
Vai levar um bofetão
O assanhado foi lá na cidade grande
E aprendeu não sei adonde
A rebolar que nem pinhão
Vige!*

Cordel alerta para a ameaça da doença da androginia no sertão dos valentes cangaceiros, dizendo que é pior que cata-pora, a ponto de deixar o cabra de *olhos cabreiros* e voz de *travesseiro* se chamando de Maria:

*Me chegou com uns trejeitos
Quem não tem explicação
Já imaginaro se essa doença pega
Vai haver epidemia
Com os jagunços do sertão
(VICTOR, 1977).*

Enfim, o personagem homossexual, da composição de Antônio Carlos & Jofafi, é humilhado e ameaçado de bofetão. É obrigado a trabalhar forçado, como por exemplo, despejar cuba (tina) de dejetos à beira do rio. *Pra ele aprender a respeitar as tradições do sertão*, finaliza Luiz Gonzaga.

O Rei do Baião aborda essa questão dos gêneros, mesmo que de passagem, em *Viola de Penedo*, do álbum DENGO MAIOR. É uma narrativa bastante movimentada, com lances contagiantes e hilariantes, ao *lingo, lingo e bongo, bongo* da viola e do zabumba na noite de coco de roda, de Zeca Tomé de Porto Calvo, em Penedo, Alagoas. Os pares dançando e

dando umbigada, como que convidando para o próximo entrar na roda. Numa estrofe dessa composição, de Luiz Bandeira, o narrador diz preferir ser preso e passar fome, a tolerar a dança de homem com homem porque as mulheres os mantinham acesos no coco, dando-lhes umbigada:

*Morro dizendo que não quero
Não aceito e não tolero
Dança de homem com homem
Rodaê, rodá
(RCA, 1978).*

Enquanto na música *Deixa a tanga voar*, um dos maiores sucessos do álbum, SANFONEIRO MACHO, o protagonista Zé Matuto após um passeio a uma praia, voltou de juízo avariado de ver tanta *rabichola* nas *mulhé*. A *rabichola* é parte da sela ou da cangalha ligando a frente à traseira do animal de montaria ou de carga. É uma indumentária que passa por baixo do rabo do bicho:

*Zé Matuto foi à praia
Só pra ver como é que é
Mais voltou ruim da bola
De ver tanta rabichola
Nas cadeiras das mulé
(RCA, 1985).*

O sertanejo matutou, refletindo sobre as cenas curiosas das moças seminuas na praia. Tanto é que acabou escrevendo para o famoso estilista e apresentador de programa de televisão, Clodovil, gay assumido, pedindo o seu parecer. O interlocutor liberal respondeu à carta de Zé Matuto atacando

a moral e os bons costumes e defendendo que as mulheres se livrassem mesmo de suas tangas:

Ora pomba!
Ora bola!
Jogue fora a rabichola
E deixe a tanga voar
(RCA, 1985).

Distinto do Rei do Baião que gravou músicas de teor, hoje diríamos, homofóbico, o Rei do Ritmo, Jackson, canta um forró, *A mulher que virou homem* do repertório do disco RITMO... MELODIA... E A PERSONALIDADE DE JACKSON DO PANDEIRO, de 1961, no qual trata uma transexual, de certo modo, positivamente. O narrador desabafa aconselhando o filho a não se casar cedo para não passar o vexame que o tinha desmoralizado.

A sua mulher, Joana, apesar de saudável, tinha ido a Hollywood, nos Estados Unidos, para fazer uma operação de mudança de sexo. Tinha retornado para o Brasil, *com ar de nova bossa*, falando grosso como um *trovão*, e se chamando de *João*, ordenando não mais confundirem o seu nome. *Ele* agora falaria de homem para homem ao ex-companheiro que pagaria tudo o que lhe fizera. Por isso a sina triste dele vivendo encabulado, magoado e ouvindo em cada esquina: *Aquele é o marido da mulher que virou homem*.

A cantora Gal Costa gravou o maior sucesso do genial paraibano, o coco *Sebastiana*, no seu primeiro álbum (1969). Em 1984 incluiu mais um sucesso do Rei do Ritmo, *Tem pouca diferença*, no seu disco VACA PROFANA, cantando em dueto com Luiz Gonzaga. A composição foi lançada originalmente no disco JACKSON DO PANDEIRO É

QUE É FORRÓ de 1981. Este foi o derradeiro do cantor e instrumentista, falecido em 1982. A baiana e o Rei do Baião cantam comparando as semelhanças e distinções, físicas e intelectuais dos dois gêneros, masculino e feminino:

*Mulher tem duas pernas
Tem dois braços
E duas coxas
Um nariz e uma boca
E tem muito inteligência
O bicho homem
Também tem mesmo jeito
Se for reparar direito
Tem pouquinha diferença.*

No final do forró há uma fala de Gal Costa dizendo que a diferença entre o homem e a mulher estava no sapato. Luiz Gonzaga, rebate, fazendo um trocadilho com a deixa da cantora aludindo ao calçado feminino (cujo aumentativo, sapatão, é sinônimo pejorativo de mulher lésbica), defendendo a heterodoxia dos gêneros: *Sapato? Dessa fruta aí, minha fia, eu faço o doce e lambo o tacho. Mulher pra mim tem que ser fême, e home tem que ser macho!*

PERNAMBUCO MINHA VIDA, NOVO-EXU MINHA RAZÃO

PERNAMBUCO, BERÇO DE LUIZ GONZAGA E DE MUITOS DOS seus compositores mais importantes, óbvio, é onipresente em dezenas dos seus baiões, toadas, xotes, rancheiras, forrós, etc. Pernambuco está presente através dos seus lugares, cidades, povoados, sítios, personagens, costumes, religiosidade, folguedos e outras particularidades. São pernambucanas as três principais mulheres da sua vida: a mãe, (Santana), a primeira esposa, Helena Gonzaga e o derradeiro amor, Edelzuita Rabelo, com quem viveu um grande romance.

Também são pernambucanos três dos seus quatro maiores compositores em número de músicas gravadas: João Silva, Zédantas e Onildo Almeida, os quais somam cerca de 160 obras, em parceria e exclusivas, na discografia gonzagueana. Outros mais de quarenta coautores e autores nasceram no Leão do Norte, e do mesmo modo, revelaram grandes sucessos. São eles, além dos três mencionados, Fernando Lobo, Guio de Moraes, Nelson Barbalho, Rosil Cavalcanti, Luiz Queiroga, Rui de Moraes e Silva, Aguinaldo Batista, Nelson Valença e Luiz Bandeira.

Luiz Gonzaga conheceu a capital de Pernambuco, Recife, em 1947 em sua primeira temporada na cidade. Nesse tempo, solista de sanfona, já havia lançado dezenas de discos 78

rotações com repertório de vários gêneros, principalmente, valsa, choro, polca, xamego que foram gravados com conjunto, do tipo regional carioca, de cordas e percussão. Nessa primeira viagem recifense, havia dois anos ele já tinha se lançado como cantor, já despontado com os primeiros sucessos como *Penerô xerém*, *Cortando pano*, *Calango da lacraia*, *No meu pé de serra* e *Asa branca*.

A capital pernambucana, embora historicamente, fosse a metrópole da Região Nordeste, em âmbito eclesiástico, político, administrativo, acadêmico e cultural, curiosamente, não teve nenhuma influência na formação artística primordial do futuro Rei do Baião. Esta formação musical foi adquirida no ambiente familiar com seu pai ou tocando nos sambas na região do Exu, na fronteira do Ceará. Por isso, as suas cidades, maiores referências, seriam cearenses. Foi ao Crato mais de uma vez, inclusive de passagem, na fuga de casa, rumo à capital Fortaleza.

Em compensação o astro da *Rádio Nacional*, prestes a ser consagrado o Rei do Baião, conheceu um jovem poeta, estudante de medicina, José de Souza Dantas Filho. As duas primeiras músicas de Luiz Gonzaga se referindo a personagens pernambucanos, é o xamego *Januário* e a mazurca *Santana*, as quais homenageiam seus pais, em um disco 78 rotações (1942), em sua fase exclusiva (1941-1944) lançando somente música instrumental.

A primeira música da sua nova fase de cantor citando Pernambuco é o choro *É pra rir ou não é*, com o paraense Carlos Barroso, de 1946, satirizando de modo bem humorado o nortista (nordestino) desambientado e atrapalhado com as coisas e os costumes cariocas onde jerimum era abóbora; macaxeira, aipim e a fidelidade dos casais, em perigo, metaforizada no doce produto dos engenhos pernambucanos:

*Não traga mulher pro Rio
Você vai ficar maluco
Pois é mesmo que levar...
O quê?
Melado pra Pernambuco
(VICTOR, 1946).*

No ano de 1947, quando lançou a toada *Asa branca*, saiu um disco 78 rotações trazendo um calango, *Balanço do calango*, com Jeová Portella, onde convidou o irmão sanfoneiro José (Zé Gonzaga), a dar prova de sua competência. Este é o segundo pernambucano mencionado depois do seu pai:

*Vou chamar José, meu mano
Pra tirar prova dos nove
Mete o dedo na sanfona
Quero ver baixo falar
(VICTOR, 1947).*

No xamego *Quase maluco*, com o fluminense, Victor Simon, o cantador evoca saudoso as belezas e coisas recifenses: frutas, bebidas, sabores nativos, bairros, rios, pontes, engenhos, mocambo, cana caiana, garapa, jambo, mangaba, manga, pinha, pitanga, caju, a aguardente *Chica Boa* e a magia da pernambucana dançando o frevo e o maracatu:

*Tou quase maluco
Pra ver meu Pernambuco
Também ver os engenhos
E as belezas que tem lá
(VICTOR, 1949).*

O xamego contém uma narrativa chorosa do Rei do Baião citando bairros e outros lugares recifenses, além de comidas e personagens como o maestro Nelson Ferreira e o compositor Zédantas (VICTOR, 1949): *Ô que saudade maluca do meu pernambuquim, meu irmão. Tegipió, Casa Amarela, peixada no Pina, água de coco em Boa Viagem! Goiamum com coco! Ôxente! Goiamum com coco? Isso é negócio de Nelson Ferreira e Zédantas.*

Luiz Gonzaga continua cantando e citando personagens de Pernambuco. O seu pai Januário é homenageado mais uma vez em *Siridó*, gênero de ritmo novo, de 1949, com Humberto Teixeira, no qual cita sua irmã, Chiquinha Gonzaga, a primeira mulher no Brasil a gravar tocando sanfona de 8 baixos.

Em 1950, há uma série histórica dos seus grandes sucessos com Humberto Teixeira e Zédantas: *A dança da moda, Assum preto, Cintura fina, Xanduzinha, A volta da asa branca, Cintura fina, Estrada de Canindé, Qui nem jiló* (sic) e *Respeita Januário*, a maior homenagem ao genitor inesquecível. Vários lugares pernambucanos são citados no baião, Granito, Taboca, Rancharia, Salgueiro e Bodocó, aos quais chegava a fama do exímio tocador de fole de 8 baixos:

*Luí, tu pode ser famoso
Mas teu pai é mais tihoso
E com ele ninguém vai, Luí
(RCA, 1950).*

Em outro baião de 1950, *A volta da asa branca*, do gênio zé-danteano, o cantador lamenta o drama da seca, mas se regozija com o inverno e com o esplendor da natureza. Os rios correndo, as cachoeiras zoando, terra molhada, o povo

alegre, a asa-branca cantando e a presença da bela Rosinha, de origem pernambucana, com quem iria se casar:

*Sentindo a chuva
Me arrescordero de Rosinha
A linda frô
Do meu sertão pernambucano
E se a safra
Num atrapaiá meus pranos
Quê que ai, ô seu vigário
Vô casá no fim do ano
(VICTOR, 1950).*

Vejamos a presença de mais uma personalidade pernambucana. A sua mulher, Helena Gonzaga, nascida em Gravata, foi homenageada no baião, *Madame Baião*, repleto de pura ternura, de gratidão e de declaração de afeto à esposa e ao instrumento inseparável do ganha pão:

*Helena traz a sanfona
Depressa, meu coração
Quero mostrar pr'esses cabras
Como se toca o baião
(VICTOR, 1951).*

A cidade pernambucana, Bodocó, aparece novamente, mas dessa vez no maracatu *Pau de arara*, em uma parceria com o recifense, Guio de Moraes:

*Quando eu vim do sertão
Seu moço
Do meu Bodocó*

*A malota era um saco
E o cadeado era o nó
(VICTOR, 1952).*

Em 1952 foi lançado o baião, *Adeus Pernambuco*, do mineiro Hervê Cordovil e do pernambucano, Manezinho Araújo, nascido em Cabo de Santo Agostinho. O narrador expressa pura nostalgia da amada conterrânea, a qual tinha deixado na porta da choupana de olhos vermelhos e em pranto:

*Adeus, Pernambuco
A saudade é de matar
Adeus, Pernambuco
Tou maluco pra voltar
(VICTOR, 1952).*

O *Xaxado*, com Hervê Cordovil, é inspirado na dança dos cangaceiros de Lampião, um dos pernambucanos mais célebres de todos os tempos. O *xaxado* trata da origem da coreografia contagiante que é prima do baião:

*Quando eu entro no xaxado
Ai, meu Deus
Eu não paro, não
Xaxado é dança macho
Primo do baião
(VICTOR, 1952).*

O baião *Saudade de Pernambuco*, dos autores Sebastião Rosendo, nascido em São Lourenço da Mata-PE e do português Salvador Miceli, traz referências a aspectos, lugares

e personagens recifenses, bem como rios, bairros, praias, bebidas e comidas típicas como sarapatel, charque no feijão, peixada, lagosta, siri, camarão, caju, abacaxi, Capibaribe, Iputinga, Arruda, Encruzilhada, Torre, Dois Irmãos, Rio Doce, *Pitu*, *Chica Boa*, Sivuca, Sherlock, Turinho, Duda Peixe, Haroldo Praça:

*A saudade tá danada
Não resisto, não
Se me aperta mais o peito
Pego o avião
(VICTOR, 1953).*

O pernambucano José de Souza Dantas, o coronel Zeca, o pai do compositor Zédantas, é citado em uma rancheira, *O casamento de Rosa*, alusiva à festa de formatura em medicina do seu filho – o próprio autor da rancheira – que por discricção achou por bem narrar um casamento fictício de Rosa, a musa do baião. Descreve a festa com os Gonzaga e a fartura na *Fazenda Brejinho* paterna:

*Coroné Zeca
Com muita alegria
Hoje casa a fia
E pra festejá
Tá convidando
Toda vizinhança
Pra encher a pança
Bebê e dançá
(VICTOR, 1953).*

O couator Zédantas participa da rancheira dialogando

com Luiz Gonzaga no papel de um simpático coronel, líder da comitiva de viagem, dando ordens ao criado (o intérprete). Todos estavam prestes a iniciarem a longa jornada, a cavalo, para o casamento de Rosa após alertados para os perigos do trajeto: escuridão, chuva, mutuca, urtiga e buraco de peba para não acidentar o animal.

Mais uma personalidade pernambucana aparece na discografia gonzagueana: É Iolanda Dantas, a musa inspiradora do baião *A Letra I* que era a então namorada do compositor Zédantas, próximo a se casarem. O teor é sentimental e saudosista:

*Vai cartinha fechada
Num deixa ninguém te abrir
Pra'quela casa caiada
Donde mora a letra I
(VICTOR, 1953).*

Mais uma vez o célebre cangaceiro Lampião figura em música cantada pelo exuense. No baião-xaxado, *Olha a pisada*, no qual trata da dança dos cangaceiros (o xaxado) nos forrós do sertão. Também se refere aos estados do Nordeste onde Virgulino Ferreira nasceu (Pernambuco) e onde morreu (Sergipe):

*Assim era que cantava
Os cabras de Lampião
Dançando e xaxando
Nos forró do sertão
(VICTOR, 1954).*

Na polca “*Cana*” só de Pernambuco, com o parceiro

fluminense, Victor Simon, Luiz Gonzaga decanta as cachaças do Nordeste e do Sudeste, dando ênfase, inclusive, a uma aguardente pernambucana:

*Mas eu confesso
Não é por ser de lá
Cana pernambucana
É a maior, meu irmão
Oxente!
(VICTOR, 1954).*

Já no baião *Velho Novo-Exu*, com Sylvio Moacir de Araújo, evoca a paisagem humana e sentimental do seu sítio Araripe, no Município de Exu, onde viveu, parte de sua vida na década de 1920. O título do baião se refere ao antigo nome do lugar que perdurou do início do século XX da década de 1940. A composição cita personagens reais:

*Já! Já!
Futuca seu Felipe
Vamo pro Araripe
Que os Gonzaga vão chegar
Já! Já!
Te apêia Mané Bento
Amarra teu jumento
Pega Zefa pra dançar
(VICTOR, 1954).*

O xote *O balaio de Veremundo* traz mais uma figura pernambucana, o coronel Veremundo, de Salgueiro, que seria o recriador da dança do balaio, ao seu modo, desengonçado e estrambótico. Mesmo assim, membros de ilustres famílias

de Pernambuco e do Ceará, os Dantas, Gonzaga, Carvalho, Alencar, Romão e Sampaio, famílias estas amigas e até inimigas que iam ver de perto o coronel com a sua novidade coreográfica:

*Pra você dança balaio
Tem que ficar balançando
Jogando o corpo pa trás
Cuma quem vai se deitando
Depois embica pra frente
E fica gineteando
(VICTOR, 1954).*

Há uma participação especial do couator do xote, Zédantas, com voz enviesada, galhofando da dança esquisita do famoso salgueirense: *Home, eu ouvi dizê que o coroné Veremundo dançava muito; eu vim espíá. Home, ele dança, viu? Mais dança ruim como o diabo!*

Há um famoso homem público de origem pernambucana, Apolônio Sales, citado pelo Rei do Baião em *Paulo Afonso*, de exaltação da engenharia nacional e dos personagens mentores e realizadores da grande obra de construção da Cachoeira de Paulo Afonso no Rio São Francisco. O baião menciona, inclusive, o cearense Delmiro Gouveia, idealizador da usina (fez história como empresário em Pernambuco) e era o legítimo nativo desta terra, o mencionado acima, ministro do presidente Getúlio Vargas, o qual assinou conjuntamente o decreto para a construção da hidroelétrica iniciada pelo presidente Gaspar Dutra:

*Delmiro deu a ideia
Apolônio aproveitou*

*Getúlio fez o decreto
E Dutra realizou
(VICTOR, 1955).*

O pai do Rei do Baião e mais alguns topônimos pernambucanos são citados no xote, *Januário vai tocar*, de teor saudosista, por lembrar dos sambas (forrós) animados pelo pai querido em Taboca, Baixio (Timorante) e Granito. O sanfoneiro acabava feira, fechava mesa de jogo, fechava tudo porque todos eram atraídos pela sanfona mágica de Januário. Dizem que até o mais carrancudo caia na dança:

*Ai! Ai!
Sanfona de 8 baixo
Do tempo que eu tocava
Na beira do riacho
(VICTOR, 1955).*

Luiz Gonzaga dialoga com o paraibano Zito Borborema, nesse xote, se referindo ao rock. É possível que esta seja a primeira referência ao novo gênero musical, na Música Popular Brasileira, prestes a explodir pelo mundo. Começa elogiando o sanfoneiro Januário: *Ehhh! baixo abençoado, imagine se meu pai tivesse quato dedo, em? Zito: Fazia até rock!* O intérprete o rebate: *Rock? Você é besta sujeito! Lá no sertão tem rock? Lá tem é serrote!* E continua cantando e consagrando o genitor imbatível no pé de bode.

Já no maracatu, *Braia dengosa*, com Zédantas, o cantador inventaria a origem do seu gênero mais famoso, o baião, fazendo uma síntese do batuque do negro e do fado português justamente em Pernambuco:

*Só sei é que foi Pernambuco
Quem fez essa braia dengosa
Que nos deu o baião
Que é dança faceira e gostosa
(VICTOR, 1956).*

A feira livre mais famosa do Brasil e um dos ícones da Cultura Nordestina é homenageada com um baião, *A feira de Caruaru*, de Onildo Almeida, uma rica composição de elementos da cultura regional. Neste baião cita produtos agrícolas, animais domésticos e silvestres, utensílios, vestuários, mobiliários e os bonecos de barro do artesão Vitalino, conhecidos *inté no Su*:

*A feira de Caruaru
Faz gosto a gente vê
De tudo que há no mundo
Nela tem pra vendê
Na feira de Caruaru
(VICTOR, 1957).*

Já o baião *Capital do agreste (Caruaru)* do mesmo disco 78 rpm d' *A feira de Caruaru* dos autores Onildo Almeida e Nelson Barbalho é um tributo ao 1º Centenário da Capital do Agreste Pernambucano. O baião aborda a evolução dos topônimos históricos e cita os fundadores da Fazenda Cururu, Caruaru de Bonito, João Vieira de Melo, o major Dandinho, Neco Porto, João Guilherme e Vigarinho:

*Quem conhece
O meu Nordeste
Certamente há de saber*

*Que Caruaru do Bonito
Há cem anos veio nascer
(VICTOR, 1957).*

A toada saudosista *Meu Pajeú* (sic) de 1957, com o parceiro cearense Raimundo Granjeiro, homenageia o centenário da cidade de Floresta-PE, situada na bacia do Rio Pajeú, e evoca a tradicional seresta do lugar e o novenário do padroeiro Bom Jesus da *Fuloresta*:

*Já faz um ano e tanto
Que eu deixei meu Pajeú
Com tanta felicidade
Vim penar aqui no Sul
(VICTOR, 1957).*



Fig. 10 - O pernambucano, Onildo Almeida, autor de *A Feira de Caruaru*, é um dos compositores mais importantes da fase intermediária da carreira de Luiz Gonzaga. Fonte: FONTELES, 2010.

Em 1958, saiu o seu primeiro disco long play da carreira, XAMEGO, com 12 faixas de músicas (o disco 78 rotações só comportava duas) quase todas são regravações do parceiro primitivo, Miguel Lima, de origem fluminense, era dos gêneros: mazurca, baião, calango, frevo, rancheira, maxixe, xaxado, valsa. Em *Cortando pano*, em ritmo de rancheira, o narrador, um alfaiate neófito, cortando peça de tecido e errando, impacienta-se com um cliente inoportuno, um baiano, esbravejando-o e apresentando a sua credencial pernambucana de bravura:

*Não faço roupa
Pra qualquer fulano
Também não corto
Pra você baiano
Eu sou valente
Sou pernambucano
Quando eu me zango
Bato a mão no cano
Aperto o dedo
Sai logo o tutano
(VICTOR, 1958).*

A discografia do Rei do Baião prossegue na década de 1960, lançando mais músicas citando coisas e personagens de Pernambuco. O narrador saudosista da valsa *Creuza morena*, composta com um mineiro, Lourival Passos, do disco LUIZ “LUA” GONZAGA é situado em Ingazeira do Norte-PE:

*Vou mêmora desta terra
Pra melhorar minha sorte*

*Um dia eu voltarei
À Ingazeira do Norte
(VICTOR, 1961).*

No final da fase do disco 78 rotações, Luiz Gonzaga lançou um forró, *Sanfoneiro Zé Tatu*, em homenagem ao colega e amigo e cicerone em Caruaru. Canta outros lugares pernambucanos onde animou tantos forrós. Além da cidade natal, São Caetano, Arcoverde e Novo Exu:

*Anima minha gente
Que chegou o sanfoneiro
É bom é verdadeiro
Veio de Caruaru
(VICTOR, 1962).*

Há outra referência ao Leão do Norte, no álbum Ô VEIO MACHO, de 1962, na toada *Adeus Iracema*, com Zédantas, de conteúdo telúrico e saudosista das famosas praias do litoral nordestino. Inclusive cita a praia de Boa Viagem, em Recife, já conhecida no Brasil e no mundo inteiro.

O álbum PISA NO PILÃO (FESTA DO MILHO) conforme já abordado, contém a toada sensacional, *A morte do vaqueiro*, o clássico do cantor na década de 1960, composta com Nelson Barbalho. Nesta toada, lamenta e denuncia a morte impune de Raimundo Jacó, um exímio vaqueiro e aboiador:

*Numa tarde bem tristonha
Gado muge sem parar
Lamentando seu vaqueiro
Que não vem mais aboiar*

(VICTOR, 1963).

Em 1971, o padre católico João Câncio, adepto da Teologia da Libertação, também corredor de vaquejada, fascinado pela toada do amigo artista, se juntaram e fundaram a *Missa do vaqueiro* no local onde aconteceu a tragédia, no Município de Serrita-PE. Hoje, é uma das principais efemérides culturais do interior de Pernambuco.

As microrregiões pernambucanas do Rio Pajeú e do Rio Brígida, figuram em um lindo baião, *Caboclo nordestino*, de José Marcolino, no disco PISA NO PILÃO que exalta o sertanejo humilde, lavrador e feliz na palhoça com a família, ainda fazendo louvação de si e do Rei do Baião:

*Aqui nesta vida humana
Ninguém é melhor que tu
Escuta esta homenagem
De um cabra do Pajeú
E outro do Rio Brígida
Dos carrascais do Exu
(VICTOR, 1963).*

Em 1962 morreu José de Souza Dantas Filho (Zédantas), aos 42 anos, natural de Carnaíba-PE. No ano seguinte, a gravadora RCA VICTOR prestou-lhe tributo lançando um disco compacto, HOMENAGEM A ZÉ DANTAS, com Luiz Gonzaga cantando comovido dois baiões cheios de ternura e de louvação ao parceiro imortal: *Homenagem a Zé Dantas* de Antônio Barros e *Zédantas*, de Onildo Almeida, no qual reconhece o seu alto valor artístico para os brasileiros e nordestinos:

*O seu nome na história vai ficar
Sertanejo não esquece um filho seu
Foi Zédantas
Quem deu nome ao matuto
Que agora está de luto
Porque o poeta morreu
(VICTOR, 1963).*

Prosseguem as citações de Pernambuco em Luiz Gonzaga. Em 1964 saiu o xaxado *Nêga Zefa* de Severino Ramos e de Noel Silva, no álbum, SANFONA DO POVO. A protagonista é uma negra sedutora, uma dançarina espetacular chamando a atenção no salão. Todos estavam curiosos a respeito da sua origem, se era mineira, baiana ou pernambucana, *mas a negra é paraibana!*

O xote *Fole gemedor*, do repertório desse mesmo disco, com letra e melodia do exuense, menciona lugares pernambucanos: Novo Exu, Serra Branca, Chapada do Imbu, Arari-pina, Poço Verde e Bodocó.

*Meu fole veio gemedor
Me faz lembrar um véio amor
Meu fole veio gemedor
O teu gemido
Aumenta mais a minha dor
(VICTOR, 1964).*

O mesmo disco traz uma música, *Padre sertanejo* do cearense Pantaleão (Pedro Cruz) com a pernambucana Helena Gonzaga se referindo a Brejo da Madre de Deus-PE:

Seu vigário chegou muito alegre

*Veio de Brejo da Madre de Deus
Deus lhe pague, seu vigário
Estão alegres os filhos seus
(VICTOR, 1964).*

Januário é mais uma vez exaltado. Dessa vez num disco antológico, QUADRILHAS E MARCHINHAS JUNINAS, metade de solos de sanfona, metade cantado, incluindo uma composição, *O maior tocador*, de Luiz Guimarães, ao querido pai Januário:

*Seu Januário
Tome um gole de quentão
Solta foguete
Quero ver animação
Puxe esse fole
De 8 baixos verdadeiro
Bota gás no candeeiro
E chame as moças pro salão
(VICTOR, 1965).*

O xote *Ou casa ou morre*, de Elias Soares, nascido em Jupi-PE, do disco ÓIA EU AQUI DE NOVO, de 1967, continua tratando de cidades e personagens pernambucanas: Ludugero, o filho do Lotero, o tenente Juca, promotor, o juiz e o vigário da matriz de Gravatá de Bezerros-PE.

Vitória de Santo Antão é mais uma cidade dessa terra do Rei do Baião. A composição, *Vitória de Santo Antão*, de Elias Soares e Pilombêta (ambos pernambucanos), do disco SÃO JOÃO DO ARARIPE, saúda aos visitantes recifenses, e de outros lugares presentes na festa do padroeiro local, saboreando as comidas típicas e brincando no parque de diversões:

*Lá na torda do Lotero
Tem tudo que a gente quer
Chá de burro, sarrabuio
Torresmo, sarapaté
Tem tapioca de coco
Rosário de catolé
Aprendi até as musgas
Dos toque de carrocé
(VICTOR, 1968).*

Em outra obra do álbum, SÃO JOÃO DO ARARIPE, *Meu Araripe*, com o pernambucano João Silva, celebra o centenário da Igreja de São João Batista, da Fazenda Araripe. A música celebra o fundador do templo particular, o Barão de Exu, em 1868, e os benfeitores responsáveis (da família Alencar) pela retomada do novenário do Santo do Carneirinho (lindamente cantado em baiões). Além dos seus pais, duas tias maternas: Nova (Josefa) e Baía (Maria), a madrinha Nenen, dona Danona, seu (Cincinato de Alencar) Sete e Sinharinha dos Canário são personagens de origem pernambucana:

*Meu Araripe
Meu relicário
Eu vim aqui
Rever meu pé de serra
Beijar a minha terra
Festejar seu centenário
(VICTOR, 1968).*

Em *Saudades de Helena*, de Antônio Barros, do álbum CANAÃ, novamente a sua mulher pernambucana, Helena

Gonzaga, a Madame Baião, é homenageada:

*Saudade tá me matando
Helena vem me buscar
Eu passo as noites sonhando
E os dias vivo a chorar
(VICTOR, 1968).*

Luiz Gonzaga conheceu Edelzuita Rabelo, nascida em São José do Egito-PE, em plena folia junina em Caruaru em 1968. A noiva matuta da quadrilha teve a honra de dançar com o astro. Após sete anos, reencontraram-se numa viagem aérea quando começou o namoro. Ele sexagenário e ela na casa dos 30 anos. Foi o derradeiro grande amor da vida do sanfoneiro. Embora a esposa legítima lhe tenha negado o divórcio. Edelzuita influenciou a sua musicografia, inspirou títulos de capas de discos e até composições apaixonadas.

Em outra faixa do mesmo disco, *Nordeste pra frente*, com Luiz Queiroga do Recife-PE, o cantador exalta o progresso tecnológico, econômico, comportamental, chegando ao sertão nordestino: minissaia, gravata italiana, rádio de pilha japonês, guitarra americana, a riqueza petrolífera, a expansão industrial e acadêmica em cidades pernambucanas: a fábrica de jeepe de Jaboatão dos Guararapes e a universidade de Caruaru:

*Sinhô reporte
Já que tá me entrevistando
Vá anotando
Pra botar no seu jornal
Que o meu Nordeste tá mudado
Publique isso*

Pra ficar documentado
(VICTOR, 1968).

A década de 1970 revelaria um considerável repertório de Luiz Gonzaga ainda se referindo a Pernambuco com seus personagens e costumes. A começar por *Motivação nordestina*, de Cesar Rousseau e o paraense Carlos Cardoso, do álbum SERTÃO 70, se referindo aos gêneros musicais nativos da região Nordeste ou tratando da religiosidade popular, das usinas hidroelétricas e de personagens nordestinos, a exemplo do cangaceiro Lampião:

Terra de nascer,
Terra de colher,
Terra promessa
Ai! Nordeste guerreiro
De luar e procissão
(VICTOR, 1970).

A letra de Humberto Teixeira *Bicho, eu vou voltar*, do disco, O CANTO JOVEM DE LUIZ GONZAGA, aborda vários artistas brasileiros, incluindo dois pernambucanos, o próprio Rei do Baião e o colega compositor Zédantas.

Caruaru-PE é o lugar do Brasil mais presente na sua discografia. A cidade é um centro regional econômico e cultural. É o berço de pelo menos seis dos seus compositores, Onildo Almeida, Nelson Barbalho, Rildo Hora, Carlos Fernando, Luiz Vieira, Coronel Ludugero. O compositor nordestino-rio-grandense, Janduhy Finizola, radicado caruaruense, com Onildo Almeida são os autores de *Cidadão de Caruaru*, uma homenagem afetuosa do cantor ao *Título de Cidania* recebido na Capital do Agreste:

Caruaru
Obrigado Caruaru
Se tou no Norte
Se tou no Sul
Nunca me esqueço de Caruaru
(VICTOR, 1973).

O pernambucano Januário figura outra vez na discografia do filho famoso, em *O vovô do baião*, de João Silva e do nor-
te-rio-grandense Severino Ramos, do repertório do disco
DAQUELE JEITO... A música enaltece a equipe médica que
tinha realizado cirurgia bem sucedida no pai, quase nonage-
nário, num hospital na cidade do Crato, no Ceará:

Seu Januário
Com bem 90 anos
Tinha nos seus planos
Fazer uma operação
Sua família estava toda reunida
Rezando pela vida
Do Vovô do Baião
(ODEON, 1974).

Já no *álbum* CAPIM NOVO aparece outra cidade per-
nambucana, Bodocó, na música *Nos cafundó de Bodocó* de
Jurandy da Feira em alusão a Lampião:

Nos cafundó de Bodocó!
(...)
Se esconde a sorte cega
Não se ver e nem se pega
Por acaso ou precisão

*Mas eu sei que ela existe
Pois foi velha companheira
Do famoso Lampião
(VICTOR, 1976).*

Noutra faixa desse disco, *Quero ver*, o exuense canta nostálgico e ansioso para rever o torrão natal:

*Fiz os meus sonhos
Pra ver meu pedacinho de chão
Pernambuco minha vida
Novo Exu minha razão
(VICTOR, 1976).*

Benito di Paula se refere a Luiz Gonzaga e a outros personagens em sua música *Charlie Brown* de 1974. No ano seguinte, a homenagem na canção *Sanfona branca* destaca o lendário pai do sanfoneiro. Em agradecimento ao cantor, pianista e compositor fluminense, o exuense dedicou-lhe uma música, *Chapéu de couro e gratidão*, com o parceiro Aguinaldo Batista, natural de Palmares-PE. A obra do lp, CHÁ CUTUBA finaliza com uma benção e considerações dos pernambucanos ao pianista:

*De Januário a benção
E no meu chapéu de couro
Nada mais que gratidão
Como é bonito Benito
(VICTOR, 1977).*

Não é só a Paraíba que tem Zé, do mesmo lp, é uma resposta a um sucesso de Jackson do Pandeiro esconjurando os

Josés (Zé) muitos da Paraíba. A *resposta* gonzagueana enaltece os pernambucanos e destaca inclusive um certo José de uma importante família de homens públicos:

*Pernambuco tem um
Zé Chico de Moura Cavalcanti
Cabra Zé de Moura é da Mata
Da terra do goiamum
(VICTOR,1977).*

Em 1977, Luiz Gonzaga e Carmélia Alves se apresentaram juntos no *Projeto Seis e Meia*, no Rio de Janeiro, e apresentaram *Reis do Baião* tendo o recifense Luiz Bandeira como parceriro. A música composta para o espetáculo se refere a duas realezas pernambucanas, o próprio Rei do Baião e o Rei do Cangaço (Lampião).

O álbum, DENGO MAIOR traz música fazendo referência ao Leão do Norte: *Engenho Massangana*, de Capiba, nascido em Surubim-PE, citando Cabo de Santo Agostinho-PE e a casa-grande de Joaquim Nabuco, um dos mais célebres nativos desta terra:

*Inda me lembro
Quando eu ia ao Cabo
Da casa grande
De seu Joaquim Nabuco
Homem direito de leitura e saber
Que sempre honrou
Com seu valor, Pernambuco
(RCA, 1978).*

Esse disco traz no seu repertório uma homenagem a

Garanhuns-PE, *Onde o Nordeste garoa*, de Onildo Almeida, a Suíça Brasileira, linda brejeira, serrana, cidade das flores:

Garanhuns é uma cidade
Linda e tão brejeira
Garanhuns cidade serrana
Garanhuns cidade jardim
(RCA, 1978).

Na composição *Sou do banco*, de José Clementino e Hildelito Parente, do lp EU E MEU PAI, de 1979, o grande intérprete prosa sobre o pequeno criador de gado sertanejo financiado pelo *Banco do Brasil*, *Banco do Nordeste* e os bancos dos estados, inclusive o *Banco de Desenvolvimento de Pernambuco*, BANDEPE.

Em *Rio Brígida*, com Luiz Gonzaga Jr., do mesmo disco, cita os lugares pernambucanos banhados pelo rio da terra natal do Rei do Baião, Novo Exu, São João do Araripe, Monte Belo, São Raimundo, Tamarina, Barriguda, Baraúnas, Granito, Parnamirim, Terra Nova e Orocó; a letra ainda conclama a paz na região:

Vendo gente se matando
Briga de irmão com irmão
Tem jeito não
Que isso é coisa de cacique
(VICTOR, 1979).

O álbum EU E MEU PAI traz no repertório um tributo póstumo ao seu genitor querido, *Adeus a Januário*, de João Silva e Pedro Maranguape (Pedro Cruz), recém-falecido:

*Ai, que saudade
Que dor que eu sinto até agora
De um velho e grande amigo
Que do mundo foi embora
(VICTOR, 1979).*

A presença de Pernambuco na discografia de Luiz Gonzaga prossegue da década de 1980. O disco *A FESTA*, de 1981, inclui *Pesqueira centenária*, de Nelson Valença, nascido nessa cidade, inventariando lugares, personagens e tradições em sua data magna. O aboio de vaqueiro, a dança dos índios xucurus, o Poço do Pesqueiro, a fazenda do capitão-mor, a padroeira, o Cruzeiro, Sinhá Dina, Emília doceira, Carlos Maria, assim como literatos, artistas e poetas pesqueirenses.

Lançou uma música nesse mesmo lp sobre o cangaço, *Lampião falou*, de Venâncio, nascido em Recife-PE e do paulista Aparício Nascimento, de puro libelo dos crimes cometidos pelo pernambucano Virgulino Ferreira. Ao mesmo tempo denuncia o cangaço de hoje de gravata e jaquetão:

*Eu não sei por que cheguei
Mas sei tudo quanto fiz
Maltratei fui maltratado
Não fui bom, não fui feliz
Não fiz tudo quanto falam
Não sou o que o povo diz
(VICTOR, 1981).*

Já em *Prece por Exu Novo*, letra e melodia de Gonzaguinha, lançada no lp *ETERNO CANTADOR*, o neto invoca o avô, Januário, ao mesmo tempo que roga por paz entre as famílias sertanejas:

*São tantos ódios à solta
São tantas vezes a cruz
São tantos corpos tombados
São tantas vidas sem luz
(VICTOR, 1982).*

O velho pernambucano do baião *Respeita Januário* é novamente exaltado pelo filho em *A Peleja de Gonzagão x Téo Azevedo*, do disco 70 ANOS DE SANFONA E SIMPATIA, um duelo entre um pernambucano e um mineiro confrontando valores e riquezas regionais. O Rei do Baião defende a primazia das coisas nordestinas, comidas, gêneros musicais e os ritmos e ainda faz louvação ao pai Januário:

*Tocador de 8 baixo
Sertanejo até a tampa
Êita velho que era macho!
O poeta da sanfona
Que nunca caiu do cacho
(VICTOR, 1983).*

O álbum, 70 ANOS DE SANFONA E SIMPATIA, traz uma música, *Projeto Asa Branca* com José Marcolino. Este disco cita o governador pernambucano, Marco Antônio Maciel, criador do *Projeto Asa Branca*, o qual trata sobre a construção de açudes, barragens e estradas. O projeto foi lançado na cidade de Salgueiro-PE:

*Dia 11 de dezembro
Do ano 1979
Vem à tona e se promove
Uma ideia rica e franca*

Marco Antônio Maciel
Criou o Projeto Asa Branca
(VICTOR, 1983).

Esse disco tem duas faixas se referindo a coisas, personagem e lugares pernambucanos, *Lampião (era besta não)* com uma compositora piauiense, Solange Veras, citando o célebre cangaceiro fazendo estripulias e sendo perseguido em Vila Bela, Baixa Verde, Pajeú, Serra de Tacaratu, Novo Exu, Nazaré, Bom Nome e São José.

Já o *Forró de Ouricuri* com o parceiro João Silva, trata da formosura da pernambucana ouricuriense e menciona figuras locais, Chico Sanfoneiro, João do Pife e Antônio Dedé.

O forró vai ser bom
Ninguém vai sair daqui
Tá chegando um caminhão
De mulher de Ouricuri
(VICTOR, 1983).

Regresso do Rei com Onildo Almeida, do lp DANADO DE BOM, trata do seu retorno ao Exu-PE, levando consigo o matulão e o sentimento do dever cumprido como artista do povo:

Por onde andei cantei
O sofrer de um Nordeste esquecido
De um país adormecido
Que acordou com os gritos do baião
(RCA, 1984).

Mais uma vez, o pernambucano Januário e outros patriarcas de famílias de sanfoneiros de 8 baixos do Nordeste são honrados em *A puxada*, em parceria com João Silva, do disco SANFONEIRO MACHO. Além do pai do Rei do Baião, seu Dedeus, o pai da família artística Calixto, Zé, Bastinho, João, Luizinho, e outros; seu Chicão, pai de Dominginhos e o sanfoneiro Zé Tatu de Caruaru:

*Já dizia o velho pai
É puxando neste fole
Que o povo todo se bole
Tô puxando e vamos lá
(RCA, 1985).*

O lp FORRÓ DE CABO A RABO traz mais uma faixa com teor de propaganda governamental, *Rodovia Asa Branca*, sobre a obra de infraestrutura viária realizada por dois governadores: o de Pernambuco e o do Ceará, os quais haviam cumprido a promessa de interligar as duas unidades da federação:

*Eu vi um dia dois homens
Fazer um trato
De ligar Exu ao Crato
Pernambuco ao Ceará
(RCA, 1986).*

Já na música *Toca pai*, com João Silva, do álbum, DE FIÁ PAVI, Gonzaga evoca mais uma vez o genitor e a sua iniciação artística (do filho) nos sambas (forrós) na região do Exu-PE na década de 1920:

*Que alegria qu'eu sentia
Quando eu via pai tocar
Nas festanças na fazenda
Nos forrós do arraiá
(RCA, 1987).*

O derradeiro disco do Rei do Baião (lançado em vida), VOU TE MATAR DE CHEIRO, inclui a faixa *Arcoverde meu*, narrativa da viagem de trem por diversas estações ferroviárias pernambucanas: Vitória, Serra de Russas, Bezerros, Gravatá, Caruaru, São Caetano, Pesqueira, Mimoso e Belo Jardim até chegar à Estação de Arcoverde citando as riquezas agrícolas desses lugares.

*Alô, Vitória!
Terra da caninha boa
Serra das Russas
Mas que doce abacaxi
(COPACABANA, 1989).*

CANTANDO O CEARÁ

AS DUAS MISSÕES DOS FRADES CAPUCHINHOS (UM DOS ramos dos seguidores de S. Francisco de Assis) do Brejo do Exu, na Província de Pernambuco, e do Brejo da Aldeia, na Província do Ceará, foram núcleos das cidades de Exu e Crato. Distantes 65 km uma da outra, mas separadas pela majestosa Chapada do Araripe de impressionante planura. Os fazendeiros do lado de lá, atraídos pela fertilidade das terras pernambucanas, se fizeram senhores de engenho em Exu. Por isso, exuenses e cratenses desenvolveram relações muito estreitas: econômicas, culturais e consanguíneas. Um dos troncos da família de Luiz Gonzaga, pelo lado materno, uma bisavó e uma avó, são cearenses.

Em 1862, Januária e Efigênia, mãe e filha, da região de Missão Velha, na Província do Ceará, foram afugentadas pela epidemia de cólera morbos que vinha dizimando as populações pelo Nordeste. Partiram de casa, traspassaram a Serra do Araripe e desceram do outro lado. Fixaram-se nas terras de Guálter Martiniano de Alencar Araripe, mais tarde Barão de Exu, na Fazenda Araripe, na Província de Pernambuco.

Guálter Martiniano tinha rezado com muita fé pedindo a Deus para livrar o seu povo da cólera. Pagou a promessa construindo a Igreja dedicada a São João Batista, no Araripe, inaugurada em 1868. As imagens dos santos para adornar o templo particular, vieram da França. Essa construção é

contemporânea da chegada dessas duas cearenses antepassadas de Luiz Gonzaga.

Posteriormente, José Moreira Franca de Alencar, um parente do Barão de Exu, de estatura alta, tez branca, boêmio, amigo da moda de violão, talvez da bebida, se enamorou de Efigênia, filha de Januária, mulata e pobre moradeira. Não sabemos se houve o casamento religioso deles e se o homem fez vida com a mãe das quatro filhas: Maria (Baía), Vicência, Josefa (Nova) e a caçula Ana Batista, conhecida como Santana, a mãe de Luiz Gonzaga.

Sabemos por certo do casamento de Januário José dos Santos e Ana Batista (Santana), em 1909. Os nove filhos e filhas nasceram no período de 1910 a 1934. Quase todos batizados com o sobrenome Januário dos Santos: João (Joca), Luiz Gonzaga do Nascimento, Maria Efigênia (Geni), Severino, José (Zé Gonzaga), Maria (Muniz, mãe de Joquinha Gonzaga), Francisca (Chiquinha Gonzaga), Maria do Socorro, Aloísio.

Por causa dessa ancestralidade e pelos motivos ordem sócio-geográfica e sócio-econômica, o menino futuro Rei do Baião desde cedo se familiarizou com o Ceará vizinho e Cariri cearense por trás da Serra do Araripe. Lá havia muitos engenhos de cana de açúcar fabricando rapadura, açúcar preto (mascavo), alfenim e aguardente. Os produtos carirzeiros eram vendidos na feira do Crato e exportados para todo Nordeste em tropas de burros, antes do advento das rodovias e do automóvel.

Ele tinha dois anos de idade, a sua família ainda morava em uma casa de taipa, na Fazenda Caiçara (dos herdeiros de um irmão do Barão de Exu), quando estourou a Sedição de Juazeiro em 1914. O prefeito Padre Cícero foi deposto, em represália, os seus seguidores formaram um batalhão de

afilhados, romeiros e coronéis simpatizantes e romperam o cerco do governador Franco Rabelo, invadiram o Crato e outras cidades cearenses chegando até Fortaleza e depuseram o governo inimigo e colocaram em seu lugar, Pinto Nogueira Acciolly, aliado do Patriarca de Juazeiro.

O primeiro amor da vida de Gonzaga é uma jovem cearense. Ele tinha 16 anos de idade, era charmoso, falante, músico profissional e dono de uma sanfona de 8 baixos. Conheceu a cabocla Felícia num samba (forró) que tinha ido tocar com o pai. O jovem apaixonou-se perdidamente pela moça e retornou para casa com ela na cabeça.

Por sorte sabia do seu endereço no Crato. Arranjou uma desculpa para os de casa, dizendo que iria a uma farinhada e se mandou. Para a sua decepção, aquela cabocla incrível do samba, toda arrumadinha, de batom, ruge, penteada, cheirosa, era simples empregada doméstica. Reencontrou-a maltratada, vestida de chita, usando chinelo de dedo, cabelo descuidado, carregando os pacotes da patroa. Essa paixão primitiva, frustrada, rendeu-lhe, décadas depois, um baião maravilhoso de pura sensualidade, *Vem Morena*, com Zédantas:

*Esse teu suó sargado
É cheiroso e tem sabô
Pois o teu corpo suado
Com esse chêro de fulô
Tem um gosto temperado
Do tempero do amo!
(VICTOR, 1949).*

Um grupo de estudantes do Ceará, vivendo no Rio de Janeiro, mudou o destino de Luiz Gonzaga no início da sua

carreira. Nesse tempo, ele tocava os gêneros estrangeiros, tango, valsa e outros, atendendo aos pedidos musicais. Em 1940, o sanfoneiro pernambucano atuava em um dos cabarés no Bairro Cidade Nova na zona portuária. O ambiente era bastante frequentado, conforme já aludimos, por marinhos nacionais e estrangeiros, boêmios, malandros, todos clientes das prostitutas. Havia um grupo de estudantes que era liderado pelo jovem Armando Falcão que se tornou homem público com papel relevante no governo militar do Brasil (1964-1985).

Os jovens enfasiados do repertório apresentado pelo conterrâneo nortista (descobriram a sua origem pernambucana exuense, fronteira com o Ceará deles), e o desafiaram a tocar algo do *pé de serra*. Caso contrário, não lhe dariam mais gorjetas. Na semana seguinte, Luiz Gonzaga apresentou-lhes dois xamegos, espécies de choros à moda nordestina: *Vira e mexe* e *Pé de serra*. O primeiro incendiou de euforia o bar e chamou atenção até dos que passavam pela calçada.

Aquele momento inesquecível, estimulado pelos cearenses, deu-lhe um novo rumo artístico. *Vira e mexe* (consagrar-se-ia a sua obra instrumental mais famosa) foi apresentado no temido *Programa de Calouros* de Ary Barroso, na *Rádio Tupi*, conquistando a nota máxima. Os estudantes despertaram nele um rumo de identidade artística às suas origens nordestinas como bem cultural, sentimental e telúrico.

O cearense Lauro Maia, era pianista, arranjador, compositor, recriador do balanceio e da ligeira, do remelexo que não fizeram sucesso na Cidade Maravilhosa. Certo dia, ele foi abordado por um sanfoneiro nortista, de origem pernambucana, que já tinha lançado dezenas de discos 78 rotações com instrumentais de valsas, choros, polcas e obras de

outros gêneros e que acabara de lançar o primeiro disco 78 rotações como cantor, com a mazurca *Dança Mariquinha*, com o parceiro fluminense Miguel Lima. Procurava por um poeta nordestino que fosse capaz de colocar letras nos motes e motivações vocais e instrumentais aprendidos na infância com seu pai nos sambas (forrós) na região de Exu. O cearense, foi sincero e disse a Gonzaga que só sabia fazer letra e melodia juntas, mas indicou-lhe um cunhado conterrâneo, chamado Humberto Teixeira, muito talentoso, advogado e que vinha se destacando no meio artístico carioca desde 1932 como autor de música popular.

Em agosto de 1945, ele procurou Humberto em seu escritório de advocacia. A partir daí surgiu então uma das duplas de autores mais celebradas da Música Popular Brasileira. No primeiro encontro, conforme já afirmamos, que prolongou-se a noite toda, compuseram um xote *No meu pé de serra* e fizeram a base do baião *Baião*.

Como o exuense ainda não tinha se afirmado como cantor, *Baião* foi lançado em 1946 pelo *Quatro Ases e um Coringa*, conjunto vocal e instrumental formado por irmãos cearenses. A versão definitiva da obra-manifesto do novo gênero, na voz do Rei do Baião, veio a público em 1949. Naquele ano saiu uma série de discos 78 rotações históricos com os parceiros Humberto Teixeira e Zédantas, inclusive o de *Juazeiro e Baião*.

Em sua primeira apresentação no Ceará em 1949, havia oito anos, ele já tinha lançado dezenas de disco 78 rotações com instrumentais de diversos gêneros: valsa, choro, marcha, mazurca, xamego, entre outros, gravados com conjuntos, típico regional carioca, sobretudo, o de Benedito Lacerda. Havia quatro anos, Luiz Gonzaga tinha sido contratado pela *Rádio Nacional*. Destacando com grandes êxitos

como cantor em: *Penerô xerém*, *Cortando pano*, *Calango da lacraia*, principalmente com *No meu pé de serra* e a sensacional toada *Asa branca*. Naquele ano, quando se apresentou no Ceará, pela primeira vez, gravou verdadeiros clássicos do cearense Humberto Teixeira: *Juazeiro* e *Baião*, *Lorota boa*, *Mangaratiba*, *Siridó*, *Legua tirana*.

O astro recém-casado, com Helena Cavalcanti, decidiu viajar de férias ao sítio Araripe, no Município de Exu, Pernambuco, para apresentar a esposa ao pai Januário (A mãe já tinha ido ao Rio de Janeiro) rever as irmãs e o caçula Aloísio. Viajou de avião para a cidade do Recife onde alugou um automóvel. A viagem, porém, esbarrou em Salgueiro onde o casal foi informado do conflito sangrento de Exu, no dia 10 de abril de 1949, num Domingo de Ramos quando foram assassinados os dois chefes políticos locais: Romão Sampaio Filho e Cincinato de Alencar Sete. Já Francisco Ayres de Alencar, filho de seu Sete, foi baleado e ficou paraplégico.

Luiz Gonzaga, neto de um Alencar, ficou sabendo que o caos tinha tomado de conta da sua cidade e acirrado os espíritos de vingança entre as famílias enlutadas, respingando na redondeza. Tinha havido depredações, ameaças e tiros no sítio Araripe. Seu pai ficou detido por algumas horas para depor. A insegurança, portanto, rondava toda a sua família, a sua mãe, as irmãs e o irmão caçula, Aloísio de 15 anos. Por isso o casal foi aconselhado a desviar a viagem para a cidade do Crato, no Ceará.



Fig. 11 - Padre Cícero Romão é o cearense mais presente nas músicas de Luiz Gonzaga.

Fonte: MLG-CG.

Assim foi feito. De lá, mandou buscar a sua família no Araripe. E acertou a mudança de todos para o Rio de Janeiro. Na ocasião, Luiz Gonzaga fez uma apresentação beneficente, a primeira no Ceará, em prol da conclusão do Hospital São Francisco, conforme menciona na sua autobiografia, *O Sanfoneiro do Riacho da Brígida...*, que foi ditada a Sinval Sá (1978):

Havia um hospital em construção a necessitar de recursos e, certo dia, lá me procuraram os amigos Manuelito Alencar e Pedro Norões para que me exibisse em benefício do hospital. As obras estavam paralisadas por falta de recursos, pois as verbas governamentais estavam retidas e seria uma boa ajuda um show com minha presença. Não podia negar-me. Espontânea e gratuitamente ofereci-lhes minha contribuição. E o povo correspondeu, pois até os mais humildes prestigiaram a iniciativa de Norões e Manuelito, duas grandes amizades que ainda hoje conservo (SÁ,1978, p.142).

Houve outro personagem cearense marcante na vida do Rei do Baião. O radialista César de Alencar, famoso locutor da *Rádio Nacional* do Rio de Janeiro, o qual tinha um modo peculiar de convidar o fenomenal sanfoneiro ao auditório da emissora ao bradar um bordão inspirado na *Moda da mula preta*: *Com vocês, montado na mula preta, Luuuuizzz Gonzagaaa!!!*

A primeira personalidade cearense homenageada na sua musicografia é Padre Cícero Romão Batista, na valsa-toada *Légua tirana*, feita com Humberto Teixeira em 1949, inaugurando o seu rico segmento dedicado ao Patriarca

de Juazeiro. O narrador, romeiro castigado pela seca, vara léguas e mais léguas tiranas até Juazeiro para pedir a bênção e a intercessão do Padrinho por chuva no sertão. Voltando para casa com a graça do inverno e trazendo presentes para os entes queridos.

Em 1950 foi lançada uma porção de sucessos dos gêneros baião, toada e xote com o cearense Humberto Teixeira e o pernambucano Zédantas, consagrados pelo povo e imortalizados na Música Popular Brasileira: *A dança da moda, Assum preto, Cintura fina, Chofér de praça, Xanduzinha, A volta da asa branca, Estrada de Canindé, Qui nem jiló* (sic), *Respeita Januário*.

O baião mais famoso de inspiração cearense é *No Ceará não tem disso não*, também lançado naquele ano, é uma composição de Guio de Moraes. Narra a dramática desolação vivida pelo imigrante cearense inadaptado aos costumes da metrópole, apavorado com enchentes e escandalizado com moça vestida de cobra (a própria vedete e dançarina, Luz Del Fuego, que se apresentava em palco enlaçada com uma cobra) e amedrontado com tubarão (espertalhão, ladrão). Por tudo isso, o nortista vivia um desejo incontido de pegar o primeiro caminhão e voltar para o Ceará querido. Eis a primeira estrofe do baião:

*Tenho visto tanta coisa
Nesse mundo de meu Deus
Coisas que pro cearense
Não existe expricação
Qualquer pinguinho de chuva
Fazer uma inundação
Moça se vestir de cobra
E dizer que é distração*

(VICTOR, 1950).

Em 1950 saiu a toada-baião, *Estrada de Canindé*, com Humberto Teixeira, evocando a paisagem de inverno no sertão, o passeio com a cabocla, o orvalho beijando flores, ambos ouvindo o canto dos pássaros e molhando os pés no riacho. Canindé é um famoso topônimo nordestino, étimo indígena tapuia. Dá nome ao rio que banha a cidade homônima no Ceará, onde há um famoso santuário dedicado a São Francisco das Chagas do Canindé, considerado como o segundo maior centro de peregrinação franciscana do mundo. É plausível que a toada-baião tenha a ver com a mística desse templo cearense:

Ai! Ai!
Que bom que bom
Que bom que é
Uma estrada e a lua branca
No sertão de Canindé
(VICTOR, 1950).

Luiz cita diretamente o cearense no *Baião na garoa*, do segmento das suas obras que tratam de seca, retirante, inverno, volta para casa, lavoura e folguedos para celebrar a fartura. O baião, que é originalmente solo de sanfona do exuense, de 1951, ganhou a letra do mineiro, Hervê Cordovil, de lamento de retirantes da seca: cearenses, paraibanos e alagoanos:

Uma vez choveu na terra seca
Sabiá então cantou
Houve lá tanta fartura

Que o retirante voltou
(VICTOR, 1952).

Em 1952 é lançada a segunda música se referindo a Padre Cícero. A valsa-romeira *Beata Mocinha*, autores Manezinho Araújo e Zé Renato, é uma louvação-saudação à famosa governanta do Patriarca de Juazeiro, dona Joana Tertuliana de Jesus (beata Mocinha) que era uma tesoureira, zeladora das associações religiosas, das espórtulas das missas e depositária das esmolas dos romeiros e anfitriã de visitantes ilustres, a exemplo de presidente (governador) do Ceará, deputados, oficiais e militares, isto para não falar dos milhares de afilhados ciceristas.

Convém esclarecer. A beata Mocinha não tem nada a ver com a beata Maria Araújo, a célebre protagonista dos milagres de Juazeiro (das hóstias miraculosas transformadas em sangue na boca dela) envolvendo Padre Cícero. É possível que os compositores da valsa-romeira tenham confundido as duas personagens, ou seja, consagrado santidade de Mocinha ao invés da santidade de Maria:

Minha santa
Beata Mocinha
Eu vim aqui
Vim ver meu Padrim
Meu Padrim
Fez uma viagem
Oi!
Deixou Juazeiro sozim
(VICTOR, 1952).

Em 1954, Luiz Gonzaga lançou uma polca, “*Cana*” só de

Pernambuco, com Victor Simon, enaltecendo e prosando sobre as cachaças dos estados do Nordeste e do Sudeste, inclusive a aguardente cearense: *A cachaça do Ceará é amarela/ Mas eu gosto dela*. No ano seguinte, o compositor cearense, Raymundo Granjeiro, nascido em Abaiara-CE, estreou na sua discografia com um bumbá *Padroeira do Brasil* louvando Nossa Senhora Aparecida:

Senhora d'Aparecida
Com o seu manto de anil
Cubra de graças meu povo
Padroeira do Brasil
(VICTOR, 1955).

Naquele mesmo ano da polca sobre cachaças, o Rei do Baião realizou ensaios fotográficos no famoso estúdio ABA (As iniciais são do proprietário: Ademar Bezerra de Albuquerque), em Fortaleza, Ceará. Tudo indica que foi para produzir material promocional. Por certo, o astro sabia da ligação desse estúdio com o cangaço. O ABA forneceu todo material para os únicos registros de fotografias e filmes de Lampião, Maria Bonita e do bando deles em plena caatinga, encenando combate, dançando e rezando. Os registros foram realizados em meados da década de 1930 pelo sírio-libanês, Benjamim Abrahão Botto, protegido de Padre Cícero. Os rolos de filmes foram apreendidos pelo Estado Novo de Vargas.

Um desses ensaios fotográficos no ABA é justamente o astro posando de cangaceiro em vários ângulos todo apetrechado: de chapéu de cangaceiro, cartucheira, punhal e com as expressões faciais graves. O outro ensaio, é com o traje do vaqueiro nordestino, do chapéu de couro, peitoral, gibão,

perneira, chicote e com o olhar alegre e vivaz. A sua indumentária artística definitiva é uma mistura dos trajes dessas personalidades que são ícones da Civilização Nordestina: o chapéu do cangaceiro Lampião e o gibão do cowboy sertanejo. Já as outras peças deste foram dispensadas por questão de mobilidade no palco.

Sigamos com a presença do Ceará em Luiz Gonzaga. O cearense Delmiro Gouveia se projetou em Pernambuco e em Alagoas como empresário industrial e comercial. É o idealizador da hidroelétrica de Paulo Afonso no Rio São Francisco conforme já discutimos. Por isso foi homenageado no baião *Paulo Afonso*. Além de Delmiro, o ministro Apolônio Sales e o presidente Getúlio Vargas assinaram o decreto para a construção. O presidente Dutra iniciou a obra de engenharia e o presidente Café Filho a inaugurou. A seguinte estrofe do baião é de exaltação patriótica:

*Olhando pra Paulo Afonso
Eu louvo o nosso engenheiro
Louvo o nosso cassaco
Caboclo bom verdadeiro
Pois vejo o Nordeste
Erguendo a bandeira
De ordem e progresso
À nação brasileira
(VICTOR, 1955).*

O baião *Mané e Zabé*, feito com Zédantas, é um dueto de Luiz Gonzaga e a jovem cantora Marinês. Ela e o marido Abdias eram recém-chegados ao Rio de Janeiro. O enredo trata de um casal apaixonado entre brigas e reconciliações. A estrofe seguinte cita o inverno no Ceará:

*Ô! Zabé não quero me humilhar
Mas o amor depois da briga
É gostoso pra danar
É o mel que cai na boca
De quem comeu saburá
É chuva depois das secas
Nas terras do Ceará
(VICTOR, 1956).*

Francisco Anísio (Chico Anysio), cearense de Maranguape, o maior humorista do Brasil de todos os tempos, é o parceiro de um baião na voz do Rei do Baião, *Dia dos Pais*, cujo narrador implora a Deus para não haver esta data no sertão nordestino porque os filhos de lá nascem *feito mato pelo chão*, já que é o pai que compra o seu próprio presente. Ele ainda louva a alegria dos filhos ao lado dos pais vivos e lamenta a tristeza dos órfãos.

*Peço a Deus que não inventem
Dia dos pais no sertão
Aqui o pai tem um fio
Quem tem dois tem uma porção
No sertão dar-se uma encrenca
Isso lá não presta não
(VICTOR, 1959).*

Em 1960 saiu mais um disco 78 rotações dele citando o Ceará com a marcha-junina *São João no arraiá* de Zédantas. O narrador convida Iaiá a ver as coisas bonitas da festa: fogueira, terreiro embandeirado, foguetes, balões, céu todo estrelado e namoro à moda antiga com suspiros ao luar. No final da composição, há a referência ao artesanato e às

bebidas típicas do Nordeste, do Norte e do Sudeste, inclusive, com a abordagem da famosa renda de bilro cearense:

Cachaça em Pernambuco

Renda só no Ceará

Café só em São Paulo

Açaí só no Pará

(VICTOR, 1960).

O álbum Ô VEIO MACHO, de 1962, traz uma toada, *Adeus Iracema*, de Zédantas, de teor telúrico e nostálgico das belas praias do litoral do Nordeste com jangadas, mar e coqueiros ao luar. Cita, inclusive, a famosa praia de Iracema, em Fortaleza, Ceará. No ano seguinte, outro compositor cearense, José Jataí, nascido em Fortaleza, estreia em disco gonzagueano no lp PISA NO PILÃO (FESTA DO MILHO), participando com dois xotes: *Eu vou pro Crato* e *Desse jeito sim* enredando o cavalheiro dançando *afigurado com malinação*:

Desse jeito sim

Desse outro jeito não

Aperta na cintura

Mas cuidado com essa mão

(VICTOR, 1963).

Em *Eu vou pro Crato*, o narrador saudosista sonha rever os seus lugares pitorescos, beber aguardente, comer os pratos típicos, saborear os frutos nativos, pequi, buriti e reencontrar uma personalidade do lugar, Pedro Felício, benfeitor cratense. Luiz Gonzaga insere um comentário no final do xote orientando o visitante em tom de gracejo:

Um diz que vai pra casa de Alencar... Ah!
Ah! Outro diz que vai pra casa de um
Parente. Outro diz que vai pra casa de seu
Pedro... É! Mas num gosto muito não disso!
Só se fizerem como eu, né? Eu quando vou
me hospedar na casa de um parente, eu levo
um saco de farinha, levo um bode seco,
uma dúzia de abacaxi, um capãozinho,
um saco de pequi, uma cachacinha boa...
(VICTOR, 1963).

O álbum SANFONA DO POVO traz mais uma faixa de
inspiração cearense. A toada, *Nordeste sangrento*, do per-
nambucano Elias Soares, é um lamento do romeiro de Padre
Cícero ante a ausência do verdadeiro amor nos corações dos
homens cujas preces se perdem no ar.

A composição teria a ver com a famosa Sedição de Juazeiro em 1914?

Sou devoto
Sou romeiro
Devoto do meu Padrim
De repente o Juazeiro
Não lutaré sozinho
(VICTOR, 1964).

As primeiras edições da autobiografia *O Sanfoneiro do Riacho da Brígida...*, de Sinval Sá, foram realizadas na capital do Ceará, Fortaleza. O lançamento do livro foi na *Praça do Ferreira* dessa cidade em 1966. Nesse ano, Luiz conheceu o jovem cearense, José Clementino Sobrinho, agente dos *Correios e Telégrafos* da cidade do Crato. O astro estava passando um momento crítico da sua carreira por estar afastado das

programações das emissoras de rádio e de televisão das metrópoles que só tinham os olhos para o fenômeno da música jovem do cantor Roberto Carlos.

Luiz Gonzaga desencantado com a vida artística, desafiou José Clementino a compor algo sobre a onda de cabeludos conforme já aludimos anteriormente. O disco ÓIA EU AQUI DE NOVO de 1967, traz o *Xote dos cabeludos*. A obra motivou um mito a respeito da relação litigiosa (inexistente) do Rei do Baião e do Rei da Juventude.

Neste mesmo ano de 1967 saiu o disco O SANFONEIRO DO POVO DE DEUS com outra composição desse cearense, a toada *O Jumento é nosso irmão* baseada no livro *O Jumento, Nosso Irmão*, do padre Antônio Vieira conterrâneo de Zé Clementino.

Padre Cícero e a cidade de Juazeiro, Ceará, figuram mais uma vez na discografia gonzagueana, em *De Juazeiro a Crato*, com Julinho, do disco SÃO JOÃO DO ARARIPE:

*Ô Maria pegue o jegue
Bota a cangaia ligeiro
Bote os trem no caçua
E vamo pro Juazeiro
(VICTOR, 1968).*

Lauro Maia, um cearense, teve alguma influência na formação artística do futuro Rei do Baião, no Rio de Janeiro. Foi ele quem o apresentou a Humberto Teixeira. É citado em *Motivação nordestina*, de Cesar Rousseau e Carlos Cardoso, do repertório do disco SERTÃO 70, no qual exalta as singularidades do Nordeste, as paisagens, hidroelétricas e alguns personagens nordestinos importantes, inclusive esse cearense:

Chove no sertão
Trago boiadeiro
Santo e cangaceiro
Forte foi Lampião
Terra de História
Que a Lauro Maia deu glória
(VICTOR, 1970).

A jangada cearense aparece mais uma vez em música de Luiz Gonzaga, em *Samarica parteira*, de Zédantas, uma narrativa grandiosa em todos os sentidos, lançada em disco compacto de 1973. O enredo trata do ritual do parto no sertão antigo, envolvendo alguns personagens: o dono da casa, a parturiente, o portador em busca da mãe-de-pegção (parteira), as expectativas e etapas do parto e o anúncio se o nascido é macho ou fêmea.

O narrador, Lula, monta em égua *miada* (bem alimentada a milho), partindo disparado em busca de Samarica passando em cancelas, sobre lajedos, esbarrando em lagoa. É nesse momento que alude ao Ceará mencionando a sua famosa embarcação: *Na velocidade que eu vinha, essa égua deu uma freada tão danada na beirada dessa lagoa, minha cabeça foi junto com a dela, que o sapo gritou lá de dentro d'água, oi! oi! oi! ele agora quage cai! Sapequei a espora no suvaco do vazio dessa égua, ela se jogou n'água que parecia uma jangada cearense* (ODEON, 1973-1974).

O sanfoneiro Januário foi submetido a uma cirurgia bem sucedida no *Hospital São Francisco*, no Crato, Ceará, em 1974, para o qual o filho famoso tinha feito uma apresentação beneficente, em 1949, para a conclusão das suas instalações. Décadas depois, uma equipe médica desse mesmo hospital é homenageada em *O vovô do baião*, de João Silva e Severino

Ramos, do repertório do álbum DAQUELE JEITO..., se referindo ao profissional cearense que comandou a operação:

*Humberto Macário
Famoso cirurgião
Fez aquela operação
Que abalou o Cariri
E o povo do Crato
Ficou todo admirado
Quando viu seu Januário
Inteirinho sair
(ODEON, 1974).*

O lp CAPIM NOVO, de 1976, é o primeiro após o seu retorno à antiga gravadora RCA VICTOR. Traz mais um sucesso do cearense José Clementino, *Capim novo* do segmento de obras em que o cantor graceja da virilidade do homem maduro *passando da flor da idade* e das panaceias afrodisíacas. Além destas, tem também o *Xote do veio*, *Ovo de codorna*, *Chá catuba* e outras. A segunda participação do compositor nesse mesmo disco é na narrativa *Apologia ao jumento (O jumento é nosso irmão)* elevando o asinino ao patamar de herói da civilização sertaneja.

O álbum CHÁ CUTUBA, de 1977, inclui mais obras com o célebre parceiro cearense, Humberto Teixeira. A que intitula o lp, *Chá cutuba e Baião de dois e Menestrel do sol*. A composição *São Francisco de Canindé*, dos compositores Julinho e Luiz Bandeira, também desse disco, é inspirada na religiosidade popular nordestina. Na composição rogam ao Santo de Assis, padroeiro da cidade do Canindé, no Ceará, pela graça da chuva no sertão esturricado:

*Dê um jeito meu São Francisco
Foi assim que pedi com fé
De repente choveu bonito
O rio encheu de fazer maré
(RCA, 1977).*

O álbum EU E MEU PAI inclui três composições mencionando coisas cearenses. Isto ocorre em *Mangangá* de Luiz Ramalho:

*Arseno Coro
Que era cabra destemido
Matou dezesseis pintadas
Em Paraíba e Ceará
(VICTOR, 1979).
Súplica cearense de Gordurinha e Nelinho:
Desculpe
Eu pedi pra acabar
Com o inferno
Que sempre queimou
O meu Ceará
(VICTOR, 1979).*

E em *Sou do banco*, dos cearenses José Clementino e Hildelito Parente, que trata dos bancos oficiais nordestinos (extintos), inclusive o Banco do Estado do Ceará, BANDECE.

O derradeiro grande sucesso de Luiz Gonzaga com Humberto Teixeira, *Orelia*, saiu no lp O HOMEM DA TERRA, cujo narrador, caminheiro sem destino, vive em paz consigo, conquistando um chamego aqui, um denço acolá e o pó das estradas se encarregando de apagar esses amores. *Orelia* (Aurélia?) surgiu na sua vida para tirar-lhe o sossego:

*Só de olhar teu olhar magnéto
Vi logo o meu fim
Que paixão
Foi um choque da peste
Meu corpo tremeu
Que nem curumim
(VICTOR, 1980).*

O compositor cearense fundamental, morto em 1979, é homenageado nesse disco em *O adeus da asa branca (Tributo a Humberto Teixeira)* de Dalton Vogeler. O intérprete roga a Padre Cícero Romão Batista pela proteção ao parceiro, amigo e compadre. Os primeiros versos parodiam a *Asa branca*:

*Quando o verde dos teus óio
Se espaiá na plantação
Uma lágrima doída vai
Moiá todo o sertão
(VICTOR, 1980).*

Na primeira visita de João Paulo II ao Brasil, o Rei do Baião fez uma apresentação especial ao Santo Padre e para a multidão de católicos que lotaram o *Estádio de Futebol Castelão*, de Fortaleza. Na ocasião, ele cantou duas músicas: *Obrigado, João Paulo* e *Asa branca*. A primeira feita com o padre cearense, Gothardo Lemos, de Quixadá-CE, composta especialmente para a ocasião, saudando o ilustre visitante e citando o Ceará:

*De longe viestes
Pra estar no Nordeste*

*No meu Ceará
Teu gesto tão nobre
No rico e no pobre
Não se apagará
(VICTOR, 1980).*

O álbum O HOMEM DA TERRA traz a mais linda homenagem a um nativo do do Ceará: *Cego Aderaldo*, composição de João Silva e P. Maranguape (pseudônimo do cearense Pedro Cruz), em homenagem ao primeiro centenário de nascimento do célebre poeta e cantador, Aderaldo Ferreira de Araújo (Cego Aderaldo), nascido na cidade do Crato:

*Oh!
Violeiros do mundo
Deem-me atenção de um segundo
Pra meu lamento profundo
Que hoje decanto e retrato
Um grande vulto do mato
Mato de onde não fujo
Aderaldo Ferreira de Araújo
O Cego Aderaldo do Crato
(VICTOR, 1980).*

Em *A ligeira*, de Guio de Moraes e Haroldo Barbosa, do repertório do disco A FESTA, Luiz Gonzaga canta se referindo novamente ao Ceará, lembrando, nas entrelinhas, outra vez, o pianista, arranjador e compositor Lauro Maia que foi o cearense responsável pela divulgação da ligeira, ritmo nordestino, no Rio de Janeiro:

Eu dancei uma ligeira

*Num forró no Ceará
De culote e de perneira
Porque eu era militar
(VICTOR, 1981).*

O calango *A peleja de Gonzagão x Téo Azevedo*, de Téo Azevedo, do disco 70 ANOS DE SANFONA E SIMPATIA, é um desafio entre um nordestino e um mineiro. Luiz Gonzaga invoca novamente a fé no Patriarca Cearense:

*Eu sou o cheiro da terra
Sou o rio e tabuleiro
Sou a fé no Padre Ciço
O santo do Juazeiro
Calango vem
Calango vai
(VICTOR, 1983).*

O LUIZ GONZAGA & FAGNER, de 1984, é o primeiro álbum com o cantor cearense. Foi muito tocado nas emissoras de rádio AM e FM, com isso, popularizando os seus clássicos no meio juvenil. O lp seguinte FORRÓ DE CABO A RABO inclui três músicas aludindo a cearenses: *Viva meu padim* (Padre Cícero), *Quadrilha chorona* (com a participação de Chico Anyasio), *Rodovia Asa Branca* celebrando dois governadores: Roberto Magalhães (Pernambuco) e Gonzaga Motta (Ceará). Ambos inauguraram a *Rodovia Asa Branca*, asfaltada e interligando os dois estados do Nordeste fronteiriços. A composição parodia o mais famoso poeta popular cearense, Patativa do Assaré:

Os dois homens

*De manga de camisa
Abraçados em cima da divisa
Pernambuco e Ceará
Naquela data tão festiva
Pareciam imitar o Patativa
Você canta lá
Que eu canto cá
(RCA, 1986).*

Humberto Teixeira, recém-falecido, recebe tributo no álbum DE FIÁ PAVI, *Doutor do Baião*, no qual o cantador cita o lugar de origem do compositor e compadre, Iguatu, no Ceará, e também menciona dois clássicos da dupla, *Asa branca* e *Assum preto*:

*Inda pedem pr'a eu cantar
Pros cantos que eu vou
Asa Branca, Assun Preto
Irmão Doutor do Baião
(RCA, 1987).*

O álbum FORRÓ DE CABO A RABO traz uma música tratando de eventos e cidades cearense: *Festa de Santo Antônio*. Os autores são os irmãos Alcymar Monteiro e João Paulo Júnior, nascidos no Município de Barbalha-CE. A música narra os atrativos da festa religiosa e profana dedicada ao célebre santo português e avisa aos protestantes que os barbalhenses já se encontravam evangelizados:

*A festa de Santo Antônio
Em Barbalha é de primeira
A cidade toda corre*

Pra ver o pau da bandeira
Olha quanta alegria
Que beleza
(RCA, 1987).

A derradeira revelação do Ceará, em disco, é um adolescente sanfoneiro de apenas 15 anos de idade, Waldonys, acompanhante do ídolo na faixa *Fruta madura* do lp, AÍ TEM de 1988. Este foi o último lançado pela gravadora RCA. Waldonys, apresentado ao astro por Dominginhos, deixou Luiz Gonzaga tão impressionado com o seu talento que Luiz passou a chamá-lo de *garoto atrevido* (do mesmo modo tratou o jovem cantor Alcymar Monteiro), a ponto de convidá-lo para participar do seu disco com gravação sob a regência do maestro Chiquinho do Acordeom.

Em 1988 saiu o álbum GONZAGÃO & FAGNER 2, repleto de sucessos, o qual também fez muito sucesso junto aos jovens desde a década de 1980.

Além de Humberto Teixeira, o Ceará deu-lhe mais de vinte compositores em sua discografia: Audízio Brizenho, do Crato; Francisco Anísio, Maranguape; Alcymar Monteiro, Ingazeira; Catulo de Paula, São Benedito; Edgar Nunes; Fausto Nilo, Quixeramobim; Hildelito Parente, Crato; José Jataí, Fortaleza; José Clementino, Várzea Alegre; J. B. de Aquino; João Paulo Jr., Barbalha; Monsenhor Mourão, Jaguaribe; Nertan Macedo, Crato; Patativa do Assaré, Assaré; Pedro Cruz (pseudônimos: Panta, Pantaleão, Pedro Maranguape, Maranguape e Zé Mocó), de Maranguape; Raimundo Granjeiro, Abaiara; Rangel; Tânia, Fortaleza, Valdemar Gomes, e outros.

Por fim, uma deferência especial de Gonzaga ao Ceará. Ele queria que o seu corpo fosse velado em Juazeiro do Norte

no santuário de Padre Cícero. O pedido foi realizado em parte. Havendo somente a passagem do cortejo, em carro de bombeiros, pelas ruas do Crato, depois prosseguindo pela *Rodovia Asa Branca* com destino a Exu, Pernambuco, onde o corpo foi velado na Igreja local, do Bom Jesus dos Aflitos e sepultado no dia seguinte no cemitério local ao entardecer do dia 4 de agosto de 1989.

PARAÍBA, UM ABRAÇO

PRA TI PEQUENINA

LUIZ GONZAGA VEIO AO ESTADO DA PARAÍBA, PELA PRIMEIRA VEZ, em agosto de 1930, como soldado do 23º Batalhão de Caçadores do Exército Brasileiro sediado em Fortaleza, no Ceará. A companhia aquartelou em Sousa, logo após o assassinato do presidente (governador) João Pessoa, o chamado estopim da Revolução de 1930, permanecendo na cidade paraibana durante quase um mês. Na ocasião, o seu comandante, o coronel Pedro Ângelo, foi morto ao reagir aos seus oficiais insubordinados e revolucionários.

O soldado Nascimento (Luiz Gonzaga), nº 728, recrutado havia um mês e meio, não tinha patente, nem compreensão dos fatos políticos que estavam mudando a história do Brasil, para se envolver no complô dos oficiais e no cerco fatídico ao posto do comandante do 23º BC em Sousa. Contudo, não sabemos se o soldado chegou a perceber o movimento anormal da tropa ou ouviu o tiroteio dos combates. Também não sabemos se participou da cerimônia de sepultamento dos corpos do comandante e do cabo, no cemitério da cidade paraibana, com honras militares.

A sua Companhia realizou missões militares pelo interior do Nordeste e do Norte. Além da Paraíba, Ceará, Belém do Pará e Piauí, guarnecendo fronteiras, desarmando coronéis, apaziguando os quartéis e polícias rebeladas em plena

Revolução de 1930. O soldado Nascimento cumpriria boa parte dos quase dez anos de vida militar, em Minas Gerais, sobretudo no quartel de Juiz de Fora.

A sua iniciação em sanfona de 80 baixos se deu em terra mineira. Nesse tempo, quando havia oportunidade, não perdia o programa do ídolo paraibano, Zé do Norte (Alfredo Ricardo do Nascimento, nascido em Cajazeiras, Paraíba), na *Rádio Tupi*, do Rio de Janeiro, apresentando repertórios de emboladas, cocos, toadas, ditos e causos sertanejos. Em 1940, Luiz Gonzaga se apresentou em emissora de rádio pela primeira vez, no programa *A Hora Sertaneja*, na *Rádio Transmissora* (a futura Rádio Globo) graças ao empenho do paraibano.

O segundo paraibano, de Itabaiana, marcante na vida do Rei do Baião, em amizade e admiração mútua é o sanfoneiro Sivuca (Severino Dias de Oliveira). O astro o conheceu em sua primeira temporada na cidade do Recife, em Pernambuco, em 1947. Na ocasião, foi saudado pelos colegas artistas locais, radialistas, músicos, admiradores: Guerra Peixe, Nelson Ferreira, Capiba, Zédantas, e outros, inclusive um jovem paraibano, albino de 17 anos de idade que havia dois anos chegado para tentar a vida artística na Veneza Brasileira. Ele seria o primeiro de terra paraibana a ser mencionado em obra de Luiz Gonzaga, no baião, *Saudade de Pernambuco*, de 1953. Porém, identificado como personagem recifense.

Aliás, o ilustre sanfoneiro paraibano tem a ver com a conversão da cantora Carmélia Alves ao Reino do Baião. Filha de cearense, revelada artista em casa de espetáculo da elite da Zona Sul carioca, ela veio realizar uma temporada recifense quando Sivuca a acompanhou numa sequência de sucessos de Luiz Gonzaga levando o público recifense ao delírio. A

cantora levou o sanfoneiro espetacular consigo para outra temporada no Rio de Janeiro onde foi coroada Rainha do Baião pelo próprio Rei do Baião.

A primeira obra se referindo diretamente à Paraíba é o baião *Paraíba* com o parceiro Humberto Teixeira. A composição não foi feita para a paraibana em si, conforme já discutimos. O refrão dúbio tratando de mulher macho foi escandalizado na campanha eleitoral de 1950, para a qual o baião foi composto como jingle.

A segunda obra citando a Paraíba é o *Baião na garoa* que é originalmente um solo de sanfona de Luiz Gonzaga, relançado com a letra de Hervê Cordovil na qual dramatiza os retirantes de seca de alguns estados do Nordeste:

Na Paraíba, Ceará, nas Alagoa
Retirantes que passam
Vão cantando o seu rojão
(VICTOR, 1952).

O primeiro paraibano mencionado em disco de Luiz Gonzaga, conforme já introduzimos, é o sanfoneiro Sivuca, no baião *Saudade de Pernambuco*, de Sebastião Rosendo e Salvador Miceli. O narrador nostálgico evoca personagens e lugares pitorescos recifenses: bairros, comidas típicas, rios e personagens, inclusive, evoca também, a saudade do exímio instrumentista paraibano:

Da sanfona do Sivuca
Do Sherlock a conversar
Do Turinho, Duda Peixe
Haroldo Praça a gaguejar
(VICTOR, 1953).

Em 1954, saiu uma polca, “*Cana*” só de Pernambuco, cantando e prosando sobre as cachaças dos estados do Nordeste e do Sudeste, inclusive a aguardente da Paraíba parodiando o famoso refrão do baião *Paraíba: Essa é de cabeça, cana macho sim sinhô!*

O paraibano Zito Borborema (Manoel Valdevino de Souza), nascido em Taperoá, apadrinhado artisticamente pelo Rei do Baião, chegou a participar da gravação de discos do astro como músico percussionista. É o autor da voz de alerta, *Atenção pessoal! Januário vai tocar!* no início do xote, *Januário vai tocar*. O disco QUADRILHAS E MARCHINHAS JUNINAS, de 1965, cujo lado A é uma sequência de solos de sanfonas dos seus clássicos juninos, é iniciado com a polca *Fim de festa* do paraibano.

Antônio Barros é o primeiro compositor de origem paraibana, nascido em Queimadas, a participar da sua discografia, é coautor de *Estrela de ouro* com José Batista, celebrando a universalidade do cantador da *Asa branca*:

*Percorri o mundo inteiro
Pra ver se encontrava
Um estilo melhor
Mas até no estrangeiro
Este bom brasileiro
É também o maior
(VICTOR, 1959).*

No entanto, o seu maior compositor paraibano, em quantidade e qualidade, revelado na década de 1960, é José Marcolino. Coautor e autor de sucessos imortais: *Numa sala de reboco*, *Cantiga de vem vem*, *Cacimba nova*, *Caboclo nordestino*, *Fogo sem fuzil*, *Quero chá* e outros. Os seus baiões,

xotes, toadas, polcas são impregnadas de motivações paraibanas: paisagens, lugares, personagens, tipos populares, humores, superstições.

O pernambucano Rosil Cavalcanti (compositor fundamental de Jackson do Pandeiro e da cantora Marinês), radicado em Campina Grande, Paraíba, tem muito a ver com Luiz Gonzaga. Apresentador de um programa, o *Forró de Zé Lagoa*, na *Rádio Borborema* com grande audiência regional. Participa tardiamente da sua discografia com baiões, xotes, toadas: *Ôveio macho*, *A festa do milho*, *Amigo velho*, *Faz força Zé*, *Tropeiros da Borborema* (letra de Raymundo Asfora), dedicada ao centenário da cidade Rainha da Borborema e *Aquarela nordestina*.

O sanfoneiro e cantor dá um sonoro viva ao famoso programa de Rosil Cavalcanti no início da marchinha *Faz força Zé: Viva o forró de Zé Lagoa!* No final, quase inaudível, o ouvimos exaltar Campina Grande *afamada* e saudar a serra da Borborema. A musicografia do compositor pernambucano descreve a paisagem, os folguedos, os tipos populares, humores e costumes paraibanos.

Já o compositor Severino Ramos (também gravou com Jackson do Pandeiro), de origem norte-rio-grandense, participa com doze composições na discografia do Rei do Baião, nove delas com parceiros: *A cheia de 24*, *Raparam tudo*, *Ovo de codorna*, *Forró de Zé Buchudo* e *O vovô do baião*. Ele morou em Campina Grande onde foi registrado, por isso a confusão sobre a sua naturalidade. Depois migrou da Paraíba para o Rio de Janeiro, fixando-se na cidade de Caxias.

O cantor da *Asa branca* continua se referindo à personagem paraibana no disco SANFONA DO POVO, de 1964. O xaxado *Nêga Zefa* do citado Severino Ramos e Noel Silva

enreda uma negra dançarina espetacular causando curiosidade geral a respeito da origem dela, se mineira, baiana ou pernambucana: *Vige! que a nêga é paraibana!*

O paraibano Geraldo Vandré, nascido em João Pessoa, cantor, músico e compositor, incluiu a toada *Asa branca* no repertório do seu disco, *HORA DE LUTAR*, de 1965. O homenageado, em gratidão, gravou, três anos depois, a composição dele mais famosa: *Pra não dizer que não falei das flores (Caminhando e cantando)*, lançada em disco compacto simples em 1968.

O compositor de origem paraibana, José Amâncio e o pernambucano Zé Gonzaga são os autores da primeira homenagem ao Rei do Baião. O baião *Viva o Rei*, foi lançado na voz do próprio Zé Gonzaga em 1951. Naquele ano, o irmão famoso e os seus músicos haviam se envolvido em grave acidente de carro, causando grande consternação nacional. O lp, *O SANFONEIRO DO POVO DE DEUS*, de 1967, incluiu essa homenagem, seguida da regravação do *Baião da Penha*. Eis uma estrofe de *Viva o Rei*:

*Luiz Gonzaga não morreu
Nem a sanfona dele desapareceu
Seu automóvel na virada se quebrou
Seu zabumba se amassou
Mas o Gonzaga não morreu
(VICTOR, 1967).*

O compositor paraibano, Antônio Barros, coautor de *Estrela de ouro*, lançou mais uma obra de exaltação ao Rei do Baião, o xaxado que intitula o álbum *ÓIA EU AQUI DE NOVO*, sinalizando o seu retorno ao novo cenário da Música Popular Brasileira:

Óia eu aqui de novo cantando
Óia eu aqui de novo xaxando
Óia eu aqui de novo mostrando
Como se deve xaxar
(VICTOR, 1967).

Em 1968, veio a público o lp CANAÃ, trazendo *Nordeste pra frente*, com o parceiro Luiz Queiroga exaltando o progresso em geral chegado à região Nordeste. Progresso comportamental, tecnológico, econômico, acadêmico, inclusive anunciando a existência de um canal de televisão, a *TV Borborema*, em Campina Grande, Paraíba: *Campina Grande tem até televisão!*

Três anos depois da gravação de *Pra não dizer que não falei das flores*, ele incluiu mais uma composição de Geraldo Vandré, *Fica mal com Deus*, no disco O CANTO JOVEM DE LUIZ GONZAGA, com repertório da nova geração de compositores da Música Popular Brasileira:

Fica mal com Deus
Quem não sabe dar
Fica mal comigo
Quem não sabe amar
(VICTOR, 1971).

Em *Forró do Zé Buchudo*, com Severino Ramos, do álbum AQUILO BOM! de 1972, o cavalheiro assedia Anita para dançar, mas ela resiste às investidas alegando que estar a esperar o Zé Buchudo. A Paraíba é citada mais uma vez no enredo do forró.

Não adianta dizer que não vem

*Porque eu não considero
Zé Buchudo como alguém
(...)
Na Paraíba todo mundo vai saber
Que você dançou comigo
E botou ele pra roer
(RCA, 1972).*

O álbum LUIZ GONZAGA, o primeiro lançado pela gravadora ODEON cuja contracapa traz um texto do folclorista Luís da Câmara Cascudo. O disco apresenta no seu repertório mais uma obra de paraibano, *Fogo-pagou*, de Rivaldo Serrano de Andrade. É uma composição tocante em defesa da fauna silvestre:

*Teve pena da rolinha
Que o menino matou
A depois que torrou a bichinha
E comeu com farinha, gostou
(ODEON, 1973).*

No mesmo disco tem música de outro parceiro nativo da Paraíba, *Facilita*, do autor Luiz Ramalho, nascido em Bonito de Santa Fé. É uma galhofa ao uso da minissaia no sertão nordestino que tanto incomodava a mãe e o namorado da moça porque a saia terminava muito cedo e a blusa começava muito tarde. A moça defende *a peça do vestuário alegando* uma série de facilidades, inclusive, subir em carroceria de caminhão (Será?).

Luiz Ramalho participa com duas composições no lp do xará no ano seguinte, o DAQUELE JEITO..., que dá título ao disco:

*Eu não sabia
Que a Maria me amava
Eu nunca notei
Eu nunca notei
(ODEON, 1974).
E o maravilhoso Retrato de um forró:
Madrugada entrando
E o fole gemendo
Poeira subindo
E o suor descendo
(ODEON, 1974).*

Em 1979, o *álbum*, EU E MEU PAI. de tributo ao genitor querido, recém-falecido, traz uma composição exclusiva de Luiz Ramalho, *O Mangangá*, mencionando a Paraíba:

*Arseno Coro
Que era cabra destemido
Matou dezesseis pintadas
Em Paraíba e Ceará
(VICTOR, 1979).*

Mais um paraibano e uma paraibana figuram na sua discografia. O sanfoneiro Sivuca e a cantora Glorinha Gadelha, nascida em Sousa. Marido e mulher são os autores de *Serena no mar* e *Nunca mais eu vi esperança*, lançadas no disco DENGO MAIOR. A última obra evoca personagens e coisas de inspiração paraibana. A pega de boi no marmeleiro, o forró, a quadra de pai Mandú, o rojão de Zé do Ó, a viola de Azulão e Henriqueta pilando:

Nunca mais eu vi

*Fazer adivinhação
Nunca mais eu vi
O meu time de botão
(RCA, 1978).*

O casal Sivuca e Glorinha Gadelha ainda tem uma participação especial em outro lp, o SANFONEIRO MACHO, de 1985, em *A mulher do sanfoneiro*. Outros convidados especiais cantam com o Rei do Baião nesse mesmo lp: Gal Costa, Gonzaguinha e Elba Ramalho.

A cantora paraibana, Elba Ramalho, participa, desde a segunda metade da década de 1980, de três músicas em dueto com o mestre exuense: *Farinhada*, no lp ETERNO CANTADOR, de 1982; *Sanfoninha choradeira*, no DANADO DE BOM, de 1984; *Qui nem jiló*, no SANFONEIRO MACHO, em 1985:

*Se a gente lembra só por lembrar
Do amor que a gente um dia perdeu
Saudade inté que assim é bom
Pro cabra se convencer
Que é feliz sem saber
Pois não sofreu
(RCA, 1985).*

O Rei do Baião cantando *Sanfoninha choradeira* com Elba Ramalho menciona o sanfoneiro paraibano Severo, que participa dessa gravação, e cita também os topônimos Piancó e Mãe d'Água:

*Chora sanfoninha
Chora, chora*

*Chora sanfoninha, minha dor
Minha sanfoninha me deserta
Tu chorando, tu desperta
O coração do meu amor
(RCA, 1985).*

Mais uma mulher paraibana figura em disco do sanfoneiro e cantador. O maior sucesso do lp SANFONEIRO MACHO, *Forró nº 1*, é de autoria exclusiva de uma compositora dessa terra, Cecéu de Campina Grande (esposa e parceira de Antônio Barros):

*Sanfona velha do fole furado
Só faz fum, só faz fum
Mesmo assim o cavalheiro
Faz um refungado
E o coração da morena
Faz tum, tum
(RCA, 1985).*

Outra música do disco, *A puxada*, com João Silva, celebra os tocadores de sanfona de 8 baixos patriarcais do Nordeste: Zé Tatu, Pedro Sertanejo (pai do sanfoneiro Oswaldinho), Januário (pai de Luiz Gonzaga), Chicão (pai de Dominginhos) e dois puxadores de fole paraibanos renomados: seu Dedeus (pai de Zé e de Luizinho Calixto e de outros instrumentistas) e Sivucão:

*Foi puxando nessa vida
Que achei uma saída
Foi no topo da subida
Que cheguei à conclusão*

*No mundo quem não puxou
Não se deu, não se arrumou
Não foi bom puxador
Não foi um bom cristão
(RCA, 1985).*

Mais músicas de paraibano e de paraibana na sua discografia. O *Forró da miadeira*, de Antônio Barros, no álbum FORRÓ DE CABO A RABO. Já Cecéu e a recifense, Bella Maria, assinam *Engabelando nesse lp*:

*Quem é que num se engabela
Nos botões de uma sanfona
Nos botões de uma sanfona
Por isso eu gosto dela
Arrepiado por ela
Pra todo canto que eu vou
Ela também vai de carona
(RCA, 1986).*

A compositora Cecéu ainda participa do álbum do ano seguinte, DE FIÁ A PAVI, com *Zé Budega*, mas sem sucesso algum:

*Eu vou dar um pulo
Na casa do Zé Budega
Pr´aquele fio de uma égua
Me dar minha concertina
(RCA, 1987).*

Antônio Barros está novamente no álbum do astro, AÍ TEM, com *Vamos ajuntar os troços*, nas vozes de Luiz

Gonzaga e de Carmélia Alves. A sua esposa, Cecéu, tem outras duas composições nesse mesmo lp, *Cajueiro velho*, dela própria, e *Moela e coração* com Zé Mocê (Pedro Cruz).

*A vida é assim
Todos têm razão
Uns pedem pra chover
Outros não! Não! Não!
Um tem amor no peito
Outros ingratição
Um tem uma moela
E outro coração
(RCA, 1988).*

O último álbum de Luiz Gonzaga lançado em vida, *VOU TE MATAR DE CHEIRO*, traz mais três músicas da parai-bana Cecéu, *Coração molim*:

*Meu coração é
Feito de manteiga
Ou de pudim
Molim! molim! molim! molim!
Já falei com esse sujeito
Pra não me deixar assim
(COPACABANA, 1989).
A composição *Lagoa do amor*:
Onde a morena se banha
É na lagoa do amor
Tira a roupa e não se acanha
É na lagoa do amor
Onde o homem se assanha
É na lagoa do amor*

(COPACABANA, 1989).

E *Baião agrário*, dela e Maranguape (Pedro Cruz), em defesa do homem que não tinha terra para trabalhar e que morava numa casinha de taipa, com enxada na mão, pronto para derramar o suor pelo pão de cada dia:

*Essa pele morena
Que o sol queimou
É a identidade de um bom cidadão
Que está querendo
Um pedaço de terra
Pra ganhar o pão
(COPACABANA, 1989).*

PIAUÍ, TERRA ONDE O SOL BRILHA MAIS

EM MEADOS DA DÉCADA DE 1920, O MENINO GONZAGA quase conheceu o Piauí, não fosse um episódio de agressão a uma criança durante a viagem. Este foi o motivo da sua fuga de volta para casa. O caso é narrado em *Desventuras de um aprendiz de tangerino*, da sua autobiografia *O Sanfoneiro do Riacho da Brígida...*, (SÁ, 1978).

O filho de Januário e Santana era um garoto esperto, prestativo e inteligente. O povo lamentava o fato dele não frequentar escola. Se assim fosse, iria longe nos estudos. Entre os que simpatizaram com ele, havia um seleiro da região de Exu, artesão de sela, de arreios, gibão de couro, perneira, alpercata e acessórios básicos do vaqueiro nordestino.

O artesão botou na cabeça de ir ao Piauí vender a sua produção. Foi quando se lembrou do garoto para servir-lhe de companhia. A jornada seria longa e o menino o entreteria e ajudaria a cuidar dos animais: o cavalo de montaria e os jumentos. Por isso foi bater no Araripe para pedir autorização aos pais de Luiz que consentiram a viagem. Em seguida, partiram, o seleiro e o menino, provavelmente, na garupa do cavalo do homem, ou talvez, escanchado em algum jumento de carga.

No primeiro pouso de água, pasto e descanso da animalia, Luiz deixou um jumento se desgarrar. O seleiro mal

recebeu a notícia, avançou para cima do garoto, ríspido e atirando-o ao chão: *Cadê o jumento, moleque?* Segura-o pelo braço, o atira ao chão. O triste episódio abortou o que seria a primeira viagem do futuro Rei do Baião à terra piauiense. O garoto agredido e apavorado demonstrou submissão e disse que iria procurar o tal jegue sumido. O que fez foi pegar a estrada de volta para casa, no Araripe.

Luiz Gonzaga conheceu o Piauí em 1931, aos 29 anos de idade. Era o soldado de nº 78 do 25º Batalhão de Caçadores do Exército Brasileiro com sede em Teresina. Transferido da 2ª Companhia do 23º Batalhão de Caçadores de Fortaleza, no Ceará, onde tinha participado de diligências militares, inclusive na Paraíba, em Sousa, conforme já abordamos. Depois realizou diligências pelo interior do Ceará, desarmando coronéis coiteiros de capangas. Isto em pleno vigor da Revolução de 1930, marco da História do Brasil.

A estadia do soldado Gonzaga no Piauí é mencionada em sua primeira biografia, *Luiz Gonzaga e Outras Poesias*, de 1952, escrita em verso matuto pelo poeta popular e declamador norte-rio-grandense José Praxedes (Zépraxédi), versando sobre os principais fatos da vida do artista. O autor menciona a transferência do soldado para o 25º BC, assim como cita o sobrenome do capitão-comandante numa estrofe que trata dos acontecimentos após a tragédia em Sousa, na Paraíba:

*Vortenmo pra Furtaleza
E fumos pru Pioí
O nosso bom comandante
Era o capitão Landi
(ZÉPRAXEDI, 1952, p.21).*

No burburinho dos acontecimentos da Revolução de 1930, um militar de baixa patente se fizera interventor no Piauí, continua Zé Praxedes:

*Pruquê na terra do gado
Um tal de cabo Amador
Se fez lá daquêlê Istado
Puderôso interventor
(IDEM).*

A 2ª companhia do 23º BC agiu de imediato e colocou no comando do estado do Piauí, o seu capitão, Landri Sales, de acordo com o poeta norte-rio-grandense:

*Tirenmo o cabo do pudê
Numienmo o conmandante
Lá meu capitão Landi
Fêz um gunvêrno importante
Inda hoje no Pioí
O seu nome é cintilante.
(IDEM).*

O livro de Zé Praxedes registra, no Piauí, o engajamento do soldado Nascimento (Luiz Gonzaga) depois do tempo de serviço militar obrigatório. E aborda a sua transferência para o Sudeste.

*No ano de trinta e um
Pur órde do prsidente
Do Istado do Pioí,
Vim pru Rii im contingente
(IDEM).*

A sua autobiografia, *O Sanfoneiro do Riacho da Brígida...*, trata, no item *Rumo ao Sul*, dos mencionados acontecimentos envolvendo o soldado Luiz Gonzaga em terra piauiense: *Em Teresina houvera um levante, chefiado por um cabo, que sublevara o quartel, tomara conta da cidade, depusera o governo e se proclamara dono da situação. Era o cabo Amador. Aprestaram-se caminhões e, sob o comando do capitão Landri Sales, lá fomos nós pra Teresina* (SÁ, 1978, p.78).

A 2ª companhia do 23º BC, com sede em Fortaleza, no Ceará, sob o comando do capitão Landri Sales, recebera ordens e instruções para ocupar o 25º Batalhão de Caçadores em Teresina, dominado por rebeldes, embora ainda houvesse oficiais leais. Assim que o batalhão aquartelou, o capitão Landri foi empossado interventor militar no Piauí sem resistência alguma. O soldado pernambucano, Nascimento, finda o seu tempo de serviço militar obrigatório e teve uma boa notícia:

Por aqueles dias, veio ordem para nos aceitar, como engajados, com uma alternativa: ou ficar em Teresina ou embarcar para o Sul. Era uma oportunidade de ouro que me surgia, já que ardia de vontade de conhecer o Rio, São Paulo e o Rio Grande. O contingente viajou de trem pra São Luís, onde pegou o navio (SÁ, 1978, p.83).

O seu futuro xote, *De Teresina a São Luiz*, com João do Vale, do álbum, Ô VÉIO MACHO, de 1962, decanta o mesmo percurso de trem que o soldado Gonzaga fez em 1931, passando na ponte do Rio Parnaíba, depois pelas estações ferroviárias de Caxias, Codó, Coroatá, chegando a São Luís onde

embarcou no porto marítimo para o Rio de Janeiro.

Luiz Gonzaga desejava fazer carreira nas forças armadas e conhecer outras paragens no Centro-Sul. A viagem de navio, porém, se tornou um inferno. Ele enjoou a viagem e como se bastasse começou a padecer dos sintomas da gonorréia adquirida em um cabaré de Teresina: *Na realidade, por aqueles dias eu intensificara as visitas ao Barro Vermelho, em Teresina, e comecei a sentir certa moleza no corpo. Logo notei que estava com doença do mundo. E no navio, por azar, não havia tratamento. Era uma recordação triste do Piauí, talvez das caboclas do outro lado do rio, que é Maranhão* (SÁ, 1978, p.83).

O livro *Luiz Gonzaga no Exército Brasileiro*, de Marcelo Leal (2017), nos traz novas informações sobre a presença do soldado Nascimento no 25º Batalhão de Caçadores, em Teresina, registrada nas Folhas de Alterações. Ele, na condição de agregado da 1ª Companhia de Fuzileiros (1ª Cia Fzo) de nº 708. De acordo com o Boletim interno do 25º BC, desde 1º de setembro de 1931, o soldado inicia a fase de aprendiz de corneteiro. O Boletim do dia 8 de outubro registra o soldado cumprindo a escala de corneteiro sem prejudicar o serviço da Companhia.

Luiz Gonzaga permaneceu menos de um ano no quartel de Teresina. Em outro Boletim interno, de 16 de novembro daquele mesmo ano, registra o seu licenciamento do serviço ativo do Exército Brasileiro, passando a ser reservista de 1ª Categoria. O fato deixou o pesquisador intrigado (LEAL, 2017, p.31): *Como, então, Luiz Gonzaga continuou servindo ao Exército Brasileiro, a partir do 25º BC, em quatro cidades mineiras: Belo Horizonte, Juiz de Fora, São João del Rei, e, Ouro Fino, se ele deu baixa (se havia sido excluído do serviço ativo) recebendo seu Certificado de Reservista do EB?*

O autor concluiu que pode ter havido uma nova resolução do Exército reengajando os soldados reservistas de 1ª Categoria, inclusive Nascimento. O que é plausível, considerando que ele foi transferido para Minas Gerais onde havia quartéis rebelados e desfalcados. Por isso necessitavam completar os seus contingentes.

Depois desse estudo geral sobre os primórdios da presença do futuro Rei do Baião em Teresina como militar, vejamos o repertório dele tratando do Piauí. A sua primeira música se referindo a essa terra é justamente o toada-baião, *Piauí*, do carioca Sylvio Moacyr de Araújo, do disco 78 rotações do baião *Baião na garoa* de 1952.

Sylvio Moacyr de Araújo foi poeta, escritor radiofônico, produtor de muitas radionovelas. Jornalista militante, ingressou na *Rádio Educadora*, do Rio de Janeiro, em 1932. Como compositor e advogado pertenceu ao departamento legal da *Associação Brasileira de Rádio*. Foi um incansável defensor dos interesses dos radialistas e teve programa exclusivo na *Rádio Mauá*.

Respondendo à coluna *Falando das coisas sérias*, da *Revista do Rádio* (nos anos 1950), o autor de *Piauí* revela-se otimista com o progresso do Brasil, lamenta a deturpação da filosofia marxista, aprova a retomada das relações comerciais com a União Soviética (Rússia) e cita as suas preferências artísticas, a exemplo de Chopin, um mestre no mais elevado gênero de música erudita; a música mais triste, *Canções que minha mãe me ensinou* de Dvorak; a mais alegre, *Vira e mexe* do sanfoneiro Luiz Gonzaga.

O narrador da toada-baião *Piauí*, ausente da terra onde o sol brilha mais, com o seu cabelo prateando, não esquece as coisas queridas do lugar de origem: a beleza da piauiense, o encanto dos seus poetas que dizem coisas de enternecer, o

vaqueiro de Campo Maior, o centro pecuário bovino histórico piauiense, com o seu aboio inigualável:

Ai! A! Ai! Ai!

Que saudade do Piauí

Ai! A! Ai! Ai!

Qualquer dia estarei por aí

(VICTOR, 1952).

O Rei do Baião lançou obras de diversos gêneros com Sylvio Moacyr de Araújo, baião, toada, xaxado, lançadas no período de 1952 a 1955: Além de *Piauí*, *Moreninha tentação*, *Paraxaxá*, *Velho Novo-Exu*, *Baião dos namorados*.

Em 1954, o astro lançou mais uma música fazendo alusão ao Piauí. A polca *Lascando o cano*, com Zédantas, do seu ciclo junino ou joanino. O narrador convida Joana à fogueira de São João para celebrar o fim do inferno (da seca) e comemorar o inverno e a fartura, de pamonha e milho assado, para matar de bucho inchado os descrentes no sertão. O compositor atua na polca no papel de um simpático coronel pedindo uma *riuna* (reiuna, arma antiga) dando tiros ao alto para louvar a boa safra do ano, a ponto de lascar o cano da arma. É quando Luiz Gonzaga compara o estrondo ao trovão do Piauí.

Novamente o Piauí figura na obra do Rei do Baião. O *álbum* QUADRILHAS E MARCHINHAS JUNINAS inclui no seu repertório uma música, *Boi bumbá*, baseada em motivo popular, adaptação de Luiz Gonzaga e Gonzaga Jr., citando lugares e personagens nacionais, anônimos e famosos e saudando os folguedos do bumba-meu-boi de vários estados do Brasil, inclusive o do Piauí:

Ê boi! ê boi! ê boi! do Piauí
Quem não dançá esse boi
Não pode sair daqui
(VICTOR, 1965).

O álbum de Luiz Gonzaga AQUILO BOM! inclui uma faixa de título em inglês, *From United States of Piauí*, fazendo graça da invasão cultural dos Estados Unidos no sertão do Nordeste do Brasil, inclusive revolucionando o comportamento juvenil do piauiense com a chegada da televisão, da *Coca-Cola*, da calça *Lee* e de outras novidades:

A minha prima escreveu pra mim
E não fala venha cá
Só fala come here
Vou mandar minha resposta breve
Pra United States of Piauí
(VICTOR, 1972).

O álbum 70 ANOS DE SANFONA E SIMPATIA, de 1983, revelou a compositora Solange Veras, nascida em Teresina, no Piauí. Ela vivia no Rio de Janeiro quando Luiz Gonzaga solicitou uma composição sobre Lampião, porém, distinto de tudo que ele já tivesse gravado sobre o célebre cangaceiro. Saiu *Lampião (era besta não)*, caçoando da sua bravura, que não era tanto assim, pois o valentão tinha levado uma carreira mossoroenses que lascara o seu mocotó. De fato houve uma reação histórica do povo dessa cidade ao temido bando, com um saldo muito pior, que foi a morte do cangaceiro Jararaca.

A letra de Solange Veras menciona lugares e personagens históricos do cangaço, lembrando que Lampião pegava

macaco (policial, volante) e o sentenciava a punhal, mas que a sua mulher, Maria Bonita, o enrolava no gogó. Cita vários sítios históricos por onde o bando teria passado fazendo estripulias e dançando o xaxado, mas que debandava pelas veredas da caatinga quando chegava a volante:

*Quando chegou Mané Neto
Cabroeira deu no pé
Se esconderam no serrote
Em Bom Nome, São José
(VICTOR, 1983).*

ALAGOAS, TODA GENTE DEIXA O CORAÇÃO EM MACEIÓ

ALAGOAS É MUITO PRESENTE NA DISCOGRAFIA GONZAGUEANA através da sua paisagem, lugares, comidas, folguedos e personagens. Inclusive vários dos seus compositores são de origem alagoana.

O radialista Paulo Gracindo (ator de televisão famoso por causa do personagem Odorico Paraguaçu, na TV Globo), embora nascido no Rio de Janeiro, viveu até os 20 anos em Maceió onde o pai foi político influente. É como alagoano naturalizado que nos referimos a ele em nosso estudo. Como o criador de uma expressão célebre aplicada ao exuense, *Luiz Lua Gonzaga*, em alusão ao seu rosto arredondado, iluminado pela simpatia e pelo imenso carisma.

Pelópidas (Paulo Gracindo) fez os estudos preparatórios para a Faculdade de Direito em Recife, Pernambuco. Depois ingressou no Exército Brasileiro e, participou, como soldado dos acontecimentos da Revolução de 1930 (igualmente Luiz Gonzaga). Com a morte do pai, que interditara sua carreira de ator, foi viver na Cidade Maravilhosa onde abraçou a profissão dos sonhos.

A autobiografia *O Sanfoneiro do Riacho da Brígida...*, confirma a origem dos apelidos e bordões, do radialista e apresentador Paulo Gracindo, da *Rádio Nacional do Rio de Janeiro*, do Rio de Janeiro. Luiz Gonzaga aprovou os referidos

apelidos e os adotou justificando: *Aí, com sua sanfona e sua simpatia, Luiz Lua Gonzaga! Eu tinha mesmo a cara de lua cheia. O apelido pegou* (SÁ, 1978, p.121).

Falando da sua grande admiração pelo intérprete da *Asa branca*, em um Programa Especial, na TV Globo, em 1976, o mencionado veterano animador de programas de rádio afirmou que no seu tempo havia dois astros que davam audiências sem parselhas: Luiz Gonzaga e o cantor Mário Reis.

De fato, os apelidos colocados pelo alagoano naturalizado passaram ao domínio público e foram incorporados ao marketing do sanfoneiro cantador, nomeando o terceiro álbum long play, LUIZ “LUA” GONZAGA, de 1961. Assim como as expressões cognomes deram títulos ao lp coletânea, LUIZ GONZAGA SUA SANFONA E SUA SIMPATIA, de 1966, e a um disco de carreira, 70 ANOS DE SANFONA E SIMPATIA, de 1983.

O primeiro compositor alagoano a participar de disco do Rei do Baião é José Fernandes, o Peterpan. Desde cedo dedicou-se ao desenho e à pintura em Maceió. Migrou para o Rio de Janeiro onde arranjou emprego na Litográfica Mineira que era confeccionadora de anúncios para bondes ou encomendas de artistas. O jovem alagoano fez amizade com um destes, da *Casa de Caboclo*, que o convidou para trabalhar no ambiente de espetáculos pintando cartazes e cenários.

O convívio de José Fernandes, na *Casa de Caboclo*, o transformou em músico e cantor. Fundador de um conjunto regional, com Haroldo Barbosa e o bandolinista Jacó. Foram contratados pela *Rádio Guanabara* onde conheceu a futura esposa, Nena Robledo, irmã da cantora Emilinha Borba.

José Fernandes jamais tinha feito composição. Pelo menos até o dia em que, resfriado, sem poder cantar, decidiu

criar. Uma das suas obras mais populares é *Se queres saber* que foi o cartão de visita da dita cunhada cantora na *Rádio Nacional*. As suas composições com Ari Monteiro foram gravadas por Araci de Almeida, Gilberto Milfont, *Quatro Ases e um Coringa*, Orlando Silva e outros.

Em 1945, no ano da sua estreia como cantor, Luiz Gonzaga lançou discos 78 rotações com solos de sanfona e obras cantadas, inclusive o do choro *Provocando as cordas* de autoria de Coruja (José Miranda Pinto) e a versão instrumental da valsa *Última inspiração* do alagoano Peterpan. Lançada originalmente na voz de João Petra de Barros e regravada por Carlos Galhardo.

No ano da toada *Asa branca*, em 1947, lançou outro disco 78 rotações com uma marcha-frevo, *Todo homem quer*, de Peterpan e José Baptista, cujo narrador almeja ser qualquer coisa na vida: deputado, senador, magistrado ou vereador para conquistar os seus três desejos: *Eu quero ser um troço qualquer/ Para mais fácil arranjar/ Dinheiro, saúde e mulher* (VICTOR, 1947).

Mais adiante, o alagoano venceu o concurso de Melhor Compositor de 1953 promovido pela *Revista do Rádio* em disputa com Humberto Teixeira.

O povo de Alagoas figura na discografia do cantador e sanfoneiro pela primeira vez no *Baião na garoa*. Originalmente instrumental, ganhou a letra do mineiro Hervê Cordovil. O enredo é de lamento da calamidade da seca se referindo a retirantes nordestinos: paraibanos, cearenses e alagoanos:

Na Paraíba, Ceará
Nas Alagoa
Retirantes que passam

Vão cantando o seu rojão
(VICTOR, 1952).

Em 1952, o alagoano José Renato, nascido em Maceió, estreia na discografia de Gonzaga com a valsa-romeira, *Beata Mocinha*, com o parceiro Manezinho Araújo, homenageando Padre Cícero através da governanta beata Mocinha (Joana Tertuliana de Jesus).

Em 1954, foi lançada outra música se referindo ao universo alagoano na polca “*Cana*” só de Pernambuco, uma parceria com Victor Simon, na qual Luiz Gonzaga se vangloria de ser conhecedor das boas cachaças do Nordeste e do Sudeste, inclusive de Alagoas: *A cachaça das Alagoas, inté que é da boa*.

O xote *Riacho do Navio*, que é um clássico com Zédanças, alude indiretamente a Alagoas ao narrar o percurso do Riacho do Navio ao Rio Pajeú. Desaguando no Rio São Francisco que desemboca no Oceano Atlântico. A foz do velho Chico entre o litoral de Alagoas e Sergipe:

Riacho do Navio
Corre pro Pajeú
O rio Pajeú
Vai despejar no São Francisco
O rio São Francisco
Vai bater no meio do mar
(VICTOR, 1955).

Depois de José Fernandes (Peterpan) e José Renato, o Rei do Baião gravou mais uma música de compositor alagoano. Gerson Filho, sanfoneiro de 8 baixos, nascido em Penedo, coautor do baião, *Três e trezentos*, com Miguel Lima, no lp

XAMEGO, universalizando o gênero brasileiro:

*Quem é que puxa no fole
Quanto mais puxa mais dá
Quem é que dá um gritinho
Quando começa a cantar
Oi!
Quem foi que fez o baião
Pro mundo inteiro dançar
(VICTOR, 1958).*

A *Marcha da Petrobras*, de Luiz Gonzaga com Nelson Barbalho e Joaquim Augusto, também exalta a riqueza petrolífera em subsolo alagoano?

*Assim Mataripe e Cubatão
O óleo do Brasil destilarão
Candeias, Maceió e Nova Olinda
Os campos de nossa riqueza infinda
Terão de dar produção para o Brasil
E a nossa terra não será só ouro anil
(VICTOR, 1959).*

A primeira homenagem a Maceió, capital de Alagoas, é na toada *Maceió*, de Lourival Passos, de origem mineira, cujo narrador nostálgico decanta as belezas naturais alagoanas: *Jóias raras que nossos olhos não se fartavam de ver*. A praia de Pajuçara ao luar, o mar sob o céu adormecido, a brisa rezando prece entre as folhas dos coqueirais, os costumes e lugares pitorescos maceioenses, noitadas nas Ostras, Bica da Pedra e banhos no Catolé:

*Recordando essas coisas tão boas
Sou feliz não me sinto tão só
Toda gente que sai de Alagoas
O coração deixa em Maceió
(VICTOR, 1960).*

O sanfoneiro homenageia novamente, as belas praias do litoral de Alagoas em *Adeus Iracema*, no álbum Ô VEIO MACHO, de 1962, quando evoca as famosas praias nordestinas em geral, citando as alagoanas, Gogó da Ema e Pontal. Dois anos depois veio a público o disco A TRISTE PARTIDA trazendo mais uma participação do alagoano, Júlio Ricardo, de Santana do Ipanema. É o parceiro de Oscar de Oliveira da toada, *Ave-Maria sertaneja*, do segmento religioso popular gonzagueano:

*Quando batem as seis horas
De joelho sobre o chão
O sertanejo reza
A sua oração
(VICTOR, 1964).*

Nordeste pra frente de Luiz Queiroga, do álbum CANAÃ, exalta o progresso acadêmico, tecnológico, econômico, comportamental e intelectual do Nordeste do Brasil, inclusive aborda o rico petróleo jorrando do subsolo de Alagoas:

*Lá em Sergipe
O petróleo tá jorrando
Em Alagoas
Se cavar vai jorrar
Publique isso*

*Que estou lhe afirmando
Que o meu Nordeste
Dessa vez vai disparar
(VICTOR, 1968).*

Há outra alusão a Maceió em *De Juazeiro a Crato*, do álbum, SÃO JOÃO DO ARARIPE, do intérprete com o compositor Julinho, que pertence ao ciclo das obras sobre Padre Cícero, tratando dos romeiros vindos de Alagoas e de Pernambuco em busca da *meca* dos nordestinos:

*De Salgueiro a Cabrobó
É romeiro só
De Arcoverde a Maceió
É romeiro só
(VICTOR, 1968).*

O álbum CAPIM NOVO traz outra alusão a Maceió. A música *Carapeba*, de Luiz Bandeira e Julinho, menciona uma típica bandinha *Esquenta Muié*. A letra é repleta de referências alagoanas:

*Êh! Êh! Êh!
Lá vem esquenta muié
É som é gente
É vida é pó
Êh! lá vem esquenta muié
Do meu Maceió
(VICTOR, 1976).*

Luiz Gonzaga continua louvando a bandinha com os seus músicos tocando pife, pratos, tarol e zabumba. O povo

segue atrás acompanhando a folia, imortalizando o nome do regente da irresistível *Esquenta Muié*:

Bonifácio, major do povo
Velhinho novo a comandar
Carapeba
Por onde passa
Faz som de graça
Pra se brincar
(VICTOR, 1976).

O compositor pernambucano, Luiz Bandeira (que em sua infância viveu em Maceió), participou do lp do xará, DENGO MAIOR, da música *Viola de Penedo*, uma narrativa da dança do coco de roda alagoana ao toque do ponteadado e zabumba, na noite de Zeca Tomé de Porto Calvo. O narrador graceja da umbigada na roda de coco e faz alerta ao conquistador inveterado:

Cabra enxerido eu dou cachaça
Rodaê, rodá
E finjo que bebo com ele
Rodaê, rodá
Se ele fica bebo e dorme
Não tem talvez nem conforme
Corro e ataco a mulher dele
(VICTOR, 1978).

O álbum, EU E MEU PAI, de tributo a Januário, apresenta mais uma composição de alagoano. Marcondes Costa, da cidade de Viçosa, é autor de *Acordo às quatro* com louvação do modo de vida familiar rural cuidando do pequeno

criatório, da lavoura e da natureza:

*Acordo às quatro
Tomo meu café
Dou um cheiro na muié
E nas crianças também
Vou pro trabaio
Com o céu ainda escuro
Respirando esse ar puro
Que só minha terra tem
(VICTOR, 1979).*

O narrador segue pela estrada levando os instrumentos de trabalho: a foice e a enxada, ouvindo o cantar dos passarinhos, pensando em Deus, na miunça: carneiro, porco e galinha, na vaquinha que a mulher cuidava, nos filhos e na instrução escolar deles. É quando cita a cidade alagoana:

*E os meninos
Digo sempre a Iracema
Em Santana de Ipanema
Todos três vai estudar
(VICTOR, 1979).*

A penúltima participação de alagoano em álbum de Luiz Gonzaga, no 70 ANOS DE SANFONA E SIMPATIA, é do mais famoso de todos os seus compositores dessa terra, Hekel Tavares, nascido em Satuba, que era compositor, regente, arranjador, pianista e folclorista. Participa com a trágica *Casa de Caboclo*, dele e Luiz Peixoto, um antigo sucesso do gênero caipira, já lançado, originalmente, em 1928, pelo cantor Gastão Formenti:

*Vancê tá vendo essa casa simplesinha
Toda branca de sapê
Diz que ele véve no abandono
Não tem dono
E se tem ninguém vê
(VICTOR, 1983).*

Enfim, a derradeira menção ao estado de Alagoas na voz do Rei do Baião, *Pedaço de Alagoas*, do caruaruense, Edu Maia, do repertório do álbum VOU TE MATAR DE CHEIRO. É um disco de pura louvação das belezas naturais e dos sabores maceioenses. As suas praias ensolaradas, o passeio de barco ou de jangada e outros pontos turísticos como a Lagoa de Mundaú, a Bica da Pérola, a Praia do Francês, a Barra de São Miguel:

*Ai, que saudade
Qualquer dia desse eu volto lá
Quem é que não gosta de carinho
Quem é que não gosta de um xodó
Quem é que não sente saudade
De um dia de sol em Maceió
(COPACABANA, 1989).*

RIO GRANDE DO NORTE: DO PRIMEIRO BIÓGRAFO A CASCUDO

O PRIMEIRO COMPOSITOR DE ORIGEM NORTE-RIO-GRAN-
dense a participar de álbum de Luiz Gonzaga é o violonista
Henrique Brito. Ele é o coautor da valsa, *Queixumes*, com
Noel Rosa, lançada em 78 rotações, de 1945. Nas décadas
seguintes gravaria com mais quatro potiguares: F. Marce-
lino, Severino Ramos, Janduhy Finizola, Francisco Elion.

A gravação original de *Meu sofrer (Queixumes)*, na voz
do cantor, Gastão Formenti, é de 1930. Trata de desilusão
amorosa dilacerante, o motivo do trovador viver penando e
cantando. A versão solo de sanfona do exuense é em ritmo
de valsa com acompanhamento de conjunto regional típico
carioca. A outra música do disco, a polca, *Zinha*, é de autoria
de Carneiro Filho.

Henrique Brito é mencionado no livro *No tempo de Noel
Rosa – O nascimento do samba e a era de ouro da música bra-
sileira*, de Almirante (Henrique Fóreis Domingues), lançado
em 1977. O norte-rio-grandense ocupa um capítulo inteiro
da obra intitulado *Queixumes*. Em 1920, o menino violonista
prodígio abismou a plateia do *Teatro Carlos Gomes (Teatro
Alberto Maranhão)*, em Natal, tocando numa corda só do
violão, as peças mais difíceis, em razão disso ganhou uma
bolsa de estudo para estudar no Rio de Janeiro.

O adolescente exímio músico, porém, fracassou nos

estudos no *Colégio Batista* carioca. Os colegas o apelidavam de *Violão*, de tanto vê-lo agarrado ao instrumento. Ainda envolveu-se em uma tragédia. Nesse tempo, numa excursão escolar, nos arredores da cidade, matou um colega estudante, involuntariamente, com uma arma de fogo enferrujada que tinha encontrado em acampamento abandonado.

Almirante conta que o norte-rio-grandense participou da comitiva brasileira dos Jogos Olímpicos de 1932, nos EUA, onde permaneceu um ano clandestino. Retornou para o Rio de Janeiro com o primeiro violão elétrico do Brasil. A invenção foi noticiada no jornal *O Globo*. A ampliação do volume do instrumento fora aperfeiçoada em São Francisco na Califórnia.

Quando Luiz Gonzaga chegou em 1939 para iniciar a vida artística no Rio de Janeiro, os compositores de *Queixumes*, Noel Rosa e Henrique Brito, eram recém-falecidos na casa dos 20 anos. Em 1945, como dissemos, o sanfoneiro gravou a referida composição em ritmo de valsa.

Os norte-rio-grandenses têm a ver com a publicação da primeira biografia do exuense, *Luiz Gonzaga e Outras Poesias*, escrita em 1952 por Zépraxédi. É escrita em verso matuto por um poeta popular e declamador, José Praxedes Barreto, o Poeta Vaqueiro, nascido no Município de Currais Novos-RN. A obra foi patrocinada pelo então vice-presidente da República, João Café Filho e pela bancada de deputados federais potiguares.

O livro é prefaciado pelo célebre norte-rio-grandense, Luís da Câmara Cascudo, professor, folclorista, historiador, biógrafo, antropólogo, etnógrafo e jornalista, referência no meio acadêmico nacional e mundial, autor de dezenas de livros. Câmara é louvado pela grandeza do conhecido *Dicionário do Folclore Brasileiro*.

A primeira referência ao Rio Grande do Norte, em música de Luiz Gonzaga, é na polca, “*Cana*” só de Pernambuco, com Victor Simon, na qual exalta e fala das cachaças do Nordeste, do Sudeste, inclusive da terra potiguar: *Cachaça do Rio Grande do Norte é boa, mas é forte*.

Já o primeiro potiguar citado em música do artista é João Café Filho, então presidente do Brasil, sucessor de Getúlio Vargas. Ele é homenageado no baião *Paulo Afonso* com outros ilustres brasileiros, a propósito da construção da usina hidroelétrica de Paulo Afonso no Rio São Francisco, inaugurada pelo presidente:

*Delmiro deu a ideia
Apolônio aproveitou
Getúlio fez o decreto
E Dutra realizou
O presidente Café
Agora inaugurou
E graças a esse feito
De homens que têm valor
Meu Paulo Afonso
Foi sonho que já se concretizou
(VICTOR, 1955).*

O segundo compositor dessa terra a grava com Gonzaga é um frade capuchinho, F. Marcelino (Francisco Muniz de Medeiros), nascido em Santana do Matos-RN, na microrregião Serra de Santana. Ingressou na *Ordem dos Frades Menores Capuchinhos* (é um dos três ramos das ordens religiosas derivadas da espiritualidade de São Francisco de Assis). Posteriormente, deixou o hábito para se casar e exercer a vida pública. Formou-se em direito agrário, autoral e penal

e em jornalismo. Como deputado estadual pela Paraíba teve uma atuação marcante junto aos movimentos sociais.

F. Marcelino é autor do baião, *Meu Padrim*, lançado no disco 78 rotações da guarânia, *Amor da minha vida*, de Raul Sampaio e Benil Santos. O referido baião reflete e lamenta da desgraça da seca de 1958. Denuncia a corrupção dos recursos públicos destinados aos flagelados e suplica bênçãos do seu famoso confrade capuchinho:

Ai! Meu Padrim
Meu Padrim Frei Damião
Ai! Meu Padrim
Me dê sua benção
Ai! Meu Padrim
Meu Padrim Frei Damião
(VICTOR, 1960).

Luiz Gonzaga continua cantando, em *Meu Padrim*, o drama da seca no Nordeste que afeta pobres e ricos, mas que com a feliz chegada do inverno, o sertanejo deixa tudo para ir à Missão de Frei Damião. No final do baião há referência à mortalidade infantil e ao desvio do dinheiro público destinado aos necessitados:

Meu Padrim como é triste
Ver morrer tantos anjinhos
Ai, comendo o xique-xique
Não aguentaram
Os pobrezinhos
Enquanto os nordestinos
Comem fogo que nem sapo
O dinheiro da emergência

Muita gente enche o papo
(VICTOR, 1960).

O Rio Grande do Norte é mais uma vez mencionado. Dessa vez na toada, *Adeus Iracema*, com Zédantas, lançada no álbum, Ô VÉIO MACHO, de 1962. É uma canção de teor saudosista das famosas praias nordestinas: Iracema, Itapuã, Boa Viagem, Pontal, Gogó da Ema, Atalaia e Areia Preta, em Natal-RN.

Há mais um compositor norte-rio-grandense: Severino Ramos, nascido no município de Caicó, mas registrado em Campina Grande, Paraíba. Daí a confusão sobre a sua origem. Mudou-se para o Rio de Janeiro fixando-se na cidade de Caxias. Jackson do Pandeiro gravou diversas obras desse compositor com vários parceiros: Elino Julião, José Guimarães, J. C. Souza, Jacy Santos, Elias Soares, Assis Barros e Zé Turquinho, Antônio Rodrigues e com o próprio Rei do Ritmo.

Luiz Gonzaga gravou significativo repertório de Severino Ramos com Noel Silva, Jacy Santos, João Silva e com o próprio cantador lançado entre 1964 e 1973: *Nêga Zefa*, *Forró de Zé do baile*, *A cheia de 24*, *Coco xeêm*, *Anita do Cipó*, *Aquilo bom (Garotas do Leblon)*, *Se não fosse esse meu fole*, *Raparam tudo*, *Ovo de codorna*, *Indiferente*, *O vovô do baião*.

A mais conhecida delas é *Ovo de codorna* do álbum SÃO JOÃO QUENTE. O ovo de codorna foi popularizado como afrodisíaco para o homem velho que já havia passado *da flor da idade*:

Eu quero um ovo de codorna
Pra comer
O meu problema

Ele tem que resolver
(VICTOR, 1971).

A terra potiguar é citada, mais uma vez, em *Nordeste pra frente*, do álbum CANAÃ de 1968. A composição saúda o progresso universitário, tecnológico, econômico e comportamental chegado ao Nordeste, inclusive cita a Barreira do Inferno, que é a base de lançamento de foguetes nos arredores de Natal-RN:

Lá de Natá já tá subindo foguetão
Publique isso que estou lhe afirmando
Que o meu Nordeste
Dessa vez vai disparar
(VICTOR, 1968).

Câmara Cascudo registra o termo baião no seu *Dicionário do Folclore Brasileiro*, tratando-o como dança popular conhecida no Nordeste desde o século XIX, como sendo sinônimo de baiano, de rojão e pequeno trecho musical do cantador de viola. Termo que o cantador de Exu tinha divulgado e propagado pelas estações de rádio do Rio de Janeiro, modificando-o com a influência local dos sambas e das congas cubanas, embora conservasse células rítmicas e melódicas visíveis dos cocos.

O Rei do Baião conheceu o xará, eminente folclorista nacional, em seu sobrado na Rua Junqueira Aires, no Bairro da Ribeira, em Natal. O astro, por certo, autografou a parede da sala de Cascudo. Era uma exigência do anfitrião a qualquer visitante. Políticos, militares, artistas, acadêmicos, professores e estudantes.

Em 1973, o sanfoneiro telegrafou para o folclorista

pedindo um texto para a contracapa do novo álbum. O primeiro pela gravadora ODEON. O LUIZ GONZAGA traria um perfil magistral do folclorista conceituando a genuinidade do intérprete da *Asa branca*. Leiamos um trecho desse valioso comentário:

Luiz Gonzaga é uma legitimidade do sertão tradicional. Sua inspiração mantém as características do ambiente poderoso e simples, bravo e natural, onde viveu. Não imita. Não repete. Não pisa rastro de nome aclamado. É ele o mesmo, sozinho, inteiro, solitário, povoando os arranha-céus com as figuras imortais do Nordeste, ardente e sedutor, fazendo florir cardeiros e mandacarus, levantando os mormãos dos tabuleiros. Luiz Gonzaga é um documento da Cultura Popular. Autoridade da lembrança e idoneidade da convivência. A paisagem pernambucana, águas, matos, caminho, silêncio, gente viva e morta. Tempos idos nas povoações sentimentais voltam a viver, cantar e sofrer quando ele põe os dedos no teclado da sanfona de feitiço e de recordação. Não posso compará-lo a ninguém. Luiz Gonzaga é uma coordenada humana que as ventanias urbanas fazem vibrar sem modificações. Ele próprio é a fonte, cabeceira e nascente de suas criações (ODEON, 1973).

Depois de Henrique Brito, F. Marcelino, Severino Ramos, a terra potiguar deu-lhe mais um grande compositor. Jan-duhy Finizola, nascido no município de Jardim do Seridó-RN. Em sua adolescência queria ser padre, estudou em seminário menor, mas terminou se formando em medicina.

Foi viver e trabalhar na cidade de Caruaru em Pernambuco. Ele é o norte-rio-grandense com o maior número de obras na voz do imortal cantador. Quase todas com parceiros: *Cavalo crioulo*, *Cidadão de Caruaru*, *A Nova Jerusalém*, *Jesus sertanejo*, *O caçador*, *Os bacamarteiros* e *Frei Damião*.

A composição mais conhecida com Janduhy Finizola, *Frei Damião*, celebra o frade capuchinho pregador em todo Nordeste. Isto desde a década de 1930 despertando os seus fiéis de madrugada, em procissão, rezando, tocando campá, alertando para o final dos tempos, confessando e perdoando os seus pecados:

*Esta mesma gente
Está nas Missões
Quer saber do inverno
Quer fugir do inferno
Quem tem devoção
Com Frei Damião
Não tem provação
(ODEON, 1973-1974).*

Na década de 1970, Celso da Silveira, natural da cidade do Assu-RN, vivendo na cidade capital, viajou ao interior da Paraíba, como assessor de imprensa da Prefeitura de Natal, destinado a resolver um problema na repetidora da *TV Tupi* situada na Serra de Bananeiras. Antes de retornar, soube que o ídolo Luiz Gonzaga ia se apresentar em Mari. Tomou umas doses de cachaça e dirigiu-se para lá chegando no início da noite.

A cidade estava bastante movimentada com as presenças de prefeitos, vereadores e bancários. Haveria a inauguração de uma agência do *Banorte*. Mas todos estavam

ali, sobretudo, por causa da presença do Rei do Baião. Ele ia receber títulos de cidadania de três cidades paraibanas: Mari, Sapé e Guarabira, e, claro, ia tocar, cantar e encantar a todos os presentes.

Depois da fala do prefeito de Mari, o norte-rio-grandense discursou de improviso exaltando a grandeza artística do sanfoneiro e cantador de Exu. Isto em oração curta, arrebatada, concluindo-a hilário, o que foi motivo de um trovão de risadas no palanque e na plateia, segundo A. Kydelmir Dantas:

Meus senhores, Luiz Gonzaga não é somente cidadão de Mari, Sapé e Guarabira. Ele é cidadão do Nordeste. Mais que isso, é cidadão do Brasil inteiro. E agora com as suas músicas executadas em Londres, ele é também cidadão do mundo. Mais que isso, amigos, Luiz Gonzaga é cidadão da gota serena! (DANTAS, 2012, p.37).

Jornalista, professor universitário, poeta, historiador, memorialista, Celso da Silveira, é autor da música *Renascença* gravada por Gonzaga fora da discografia de carreira. Curiosamente, o nome do potiguar não consta na edição do fonograma, no volume da coleção LUIZ GONZAGA da Editora Revivendo. No tal registro consta apenas o nome do autor da melodia, Onildo Almeida.

A composição de *Renascença* é prolixa e dramática, contrapondo a calamidade da seca à alegria do inverno, referindo ao trabalho, à queima do roçado, à chuva, ao enverdecer da caatinga, aos rios correndo, aos vaqueiros nas brenhas, à ordenha da vaca, ao soar do chocalho:

*Eu vi mulher no pilão pilando milho
Arrodeada de filhos, todos eles a cantar
Eu vi o homem do baixio até a serra
Removendo a sua terra
Eu vi lavoura chegar
(REVIVENDO, s/d).*

O derradeiro compositor do Rio Grande do Norte a gravar com Luiz Gonzaga é Francisco Elion Silveira, também nascido na cidade do Assu-RN. Chico Elion é autor de *Ranchinho de paia* do repertório do álbum A FESTA. Narra a vida singela do pescador marinho com a sua amada, com o abrigo da casinha de chão batido e coberta de palha e a lua espiando pelas frestas o deleite do casal:

*Mas pouca gente
É feliz como nós
Um canta pro outro
E do vento
Escutamos a voz
(VICTOR, 1981).*

O primeiro trabalho acadêmico sobre a musicografia de Gonzaga, defendido na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), é a dissertação de mestrado da professora potiguar Mundicarmo Maria Rocha Ferretti que resultou em livro: *Baião dos dois: A Música de Zédantas e Luiz Gonzaga no seu contexto de produção e sua atualização na década de 70*, lançado em 1988.

A pesquisa de Mundicarmo Ferretti trata da novidade do interesse das emissoras de rádio e das casas de forró, das principais cidades brasileiras, pelos ritmos nordestinos como

parte da indústria fonográfica e dos meios de comunicação de massa na esteira do sucesso dos artistas do Nordeste: Caetano Veloso, Gilberto Gil, Alceu Valença, Fagner, Elba Ramalho. A autora concluiu que as casas de forró criadas para divertimento da juventude de classe média, já saturada pela discoteca de fato aumentou o mercado de trabalho para os artistas nordestinos.

A última referência a esse estado na discografia gonzagueana evoca o famoso ataque do bando de Lampião a Mossoró-RN em 1927, mencionado na música, *Lampião era besta não*, em parceria com a piauiense Solange Veras, do repertório do lp, 70 ANOS DE SANFONA E SIMPATIA, de 1983, conforme já discutimos no presente livro.

O jornalista potiguar, Gildson de Oliveira, fez carreira na imprensa recifense no *Diário de Pernambuco*. Ele realizou a última entrevista com o Rei do Baião revelando o estado físico e emocional e deplorável do artista devido ao agravamento do câncer de próstata que o vitimaria. Após a sua morte, o jornalista lançou o livro *Luiz Gonzaga o Matuto que Conquistou o Mundo* em 1991, no qual traz o conteúdo dessa entrevista histórica. É a primeira obra lançada pós-falecimento do imortal intérprete da *Asa branca*.

SERGIPE, MINHA VIDA TÁ TODINHA EM PROPRIÁ

SERGIPE É BEM PRESENTE NA DISCOGRAFIA DE LUIZ GONZAGA através dos compositores sergipanos, José Roy, Amâncio Cardoso e Paulo Dantas, os quais citam em suas obras personagens e lugares sergipanos.

Em 1951, a gravadora RCA VICTOR lançou seis discos 78 rotações do cantador Luiz Gonzaga com obras de diversos gêneros: baião, rancheira, valsa marcha-junina. Várias delas se consagraram grandes sucessos: *Sabiá*, *Baião da Penha*, *Cigarro de paia*, *Amanhã eu vou*, *Madame Baião*, *Conversa de barbeiro*, *Olha pro céu* e *Propriá*.

O derradeiro baião citado, como vimos, é homônimo de Propriá de Sergipe. Este o motivo da cidade tornar-se imediatamente conhecida em todo Brasil na voz do Rei do Baião. O prefeito local, Pedro Chaves, agradecido, homenageou o intérprete sensacional com o nome de uma praça pública. O astro veio pessoalmente abrilhantar o evento inaugural do logradouro, conforme veremos.

O Município de Propriá, A Princesa do São Francisco, situa-se no centro geográfico regional do grande rio brasileiro. A economia histórica local baseou-se na rizicultura (arroz) e na indústria têxtil. O enredo do baião, citando a cidade, é singelo, sentimental e telúrico. O narrador imigrante é pura nostalgia do lugar, do roçado de feijão, dos parentes, dos pais e irmãos, e, principalmente, da amada Rosinha:

*Por isso eu vou voltar pra lá
Não posso mais ficar
Rosinha ficou lá em Propriá
Ai! ai! ui! ui!
Eu tenho que voltar
Ai! ai! ui! ui!
Minha vida
Tá todinha em Propriá
(VICTOR, 1951).*

A sua autobiografia, *O Sanfoneiro do Riacho da Brígida...*, (SÁ, 1978), revela o caso da prostituta propriaense, Rosinha, que ficou conhecida na cidade ao dizer que era a própria personagem do baião *Propriá*. O boato se espalhou pela cidade, mas poucos acreditavam e muitos zombavam. Certo dia, quando anunciaram a vinda do cantador a Sergipe, com passagem por Propriá, a mulher tomou rumo ignorado, talvez temendo a revelação da farsa.

O homenageado conheceu em Propriá, nessa festa inaugural da Praça Luiz Gonzaga, um conjunto singular de seguidores, o *Patrulha de Choque do Rei do Baião* formado por Marinês, Abdias e Chiquinho. O Rei do Baião logo os apadrinou e convidou o conjunto para seguir carreira no Rio de Janeiro onde a cantora ingressou na dinastia do baião, sendo eleita a Rainha do Xaxado.

Sergipe aparece pela segunda vez em baião-xaxado, *Olha a pisada*, com Zédantas. A obra, de 1954, faz parte do segmento que trata de Lampião e do cangaço. Dessa vez tematizando a dança exclusiva dos cangaceiros entrando e saindo das cidades e dos povoados xaxando, ritmando com a arma ao chão e cantando a música da mulher rendeira. As estrofes finais evocam Pernambuco onde o célebre bandoleiro veio

ao mundo e Sergipe onde o seu bando foi trucidado em 1938:

*Em Pernambuco ele nasceu
Lá no Sergipe ele morreu
O seu reinado
A ninguém deu
Mas o xaxado
Tem que ser meu, tem
Olha a pisada
Tum! tum! tum!
Olha a pisada de Lampião
(VICTOR, 1954).*

Ainda em 1954, Luiz Gonzaga lançou outra música citando coisa sergipana. A polca “Cana” só de Pernambuco, com Victor Simon, enaltecendo o Sudeste, inclusive, prosando sobre o potencial terapêutico da aguardente de Sergipe:

*Cachaça das Alagoas
Inté que é da boa
Mas cachaça de Sergipe
Cura inté gripe
(VICTOR, 1954).*

O primeiro compositor natural de Sergipe a participar da sua discografia é José Roy, nascido em Aracaju-SE, parceiro de Sérgio Falcão do baião, *Relógio baião*, lançado no disco 78 rotações da polca “Cana” só de Pernambuco. O narrador metaforiza o tic-tac do relógio de parede, comparando-o ao ritmo binário do baião que não o deixava dormir fazendo-o se levantar para dançar o gênero contagiante:

*Não posso mais sossegar com esse tal tic-tac
Começo a me remexer no meio da escuridão
E sem querer, sem querer
Levanto dessa cama e vou dançar baião
Esse tal tic-tac, morena, pisa no meu coração
(VICTOR, 1954).*

Em 1955, o Rei do Baião lançou um repertório de baiões, xotes, forrós e obras de outros gêneros. Apenas três delas se consagraram grandes sucessos: *Riacho do navio*, *Baião granfino* e *Paulo Afonso*. Este baião, feito com Zédantas, tem a ver com o inventário de Luiz Gonzaga e Sergipe por mencionar o Rio São Francisco que banha esse estado em cuja margem surgiram importantes cidades sergipanas. O Velho Chico desemboca no Oceano Atlântico entre os estado de Sergipe e Alagoas.

O segundo compositor possivelmente sergipano, Amâncio Cardoso, é o coautor do baião *Malhada dos Bois*. A cidade de Malhada dos Bois-SE é situada a 82 km da capital Aracaju. O topônimo malhada é muito comum no sertão do Nordeste. Advém da economia histórica da pecuária bovina. Significa o local onde o gado descansa, no horário do meio dia, ruminando o pasto ingerido na manhã, deitado à sombra de oiticica, juazeiro e pereiro. O narrador do baião convida a amada para fugir e viver um grande amor:

*Vamo casá e ter filhinhos depois
Vamo fugir, meu bem
Para a Malhada dos Bois
(VICTOR, 1957).*

Sabemos que o coautor Luiz Gonzaga começou a esboçar

Malhada dos Bois na Fazenda Cabo Verde de propriedade do amigo Pedro Chaves. A composição foi findada por Amâncio Cardoso e depois lançada em lp compacto (raríssimo) sem jamais ser regravada.

O terceiro e derradeiro sergipano a integrar o seletivo grupo dos compositores do Rei do Baião, é Paulo Dantas, nascido em Simão Dias-SE, que viveu um período de sua vida na Bahia e depois migrou para o Rio de Janeiro onde ingressou na editora *Civilização Brasileira*. Posteriormente se mudou para São Paulo.

É o autor de vários estudos sobre Euclides da Cunha, de Monteiro Lobato e Guimarães Rosa. Dentre os seus títulos publicados estão: *Sertão Desaparecido* sobre o cangaço. *O lobo do Planalto* que trata das experiências em Brasília, *Purgatório*, *O livro de Daniel*, *O Capitão Jagunço* entre outras obras

Paulo Dantas e Barbosa Lessa compuseram um baião homônimo do romance, *Capitão Jagunço*, lançado no álbum, LUIZ “LUA” GONZAGA, de 1961. O narrador do baião é um sobrevivente da guerra de Canudos que se arvora da patente de capitão, mas reconhece que só Deus é o salvador.

O álbum, Ô VEIO MACHO, de 1962, inclui no seu repertório a toada *Adeus Iracema*, de Zédantas, citando as praias nordestinas famosas, inclusive a de Atalaia de Aracaju. Durante o século XX, essa praia sergipana atraiu muitos veranistas substituindo os banhos ribeirinhos, principalmente, depois da construção da primeira ponte no Rio Poxim, em 1937, ligando a capital ao povoado de pescadores. Desde então, a comunidade de pescadores de casas de palhas entre os coqueirais e construídas sobre as areias alvas, deu lugar às residências dos veranistas aracajuenses.

Em 1967, o Rei do Baião homenageou o amigo sergipano,

Pedro Chaves, de Propriá-SE, no lp, *ÓIA EU AQUI DE NOVO*, com o *Forró de Pedro Chaves* saudando a grande festa popular em sua casa com muita dança e comida. Tudo de graça:

*Quando há festa na casa do Pedro
O comércio fecha em Propriá
Tem zabumba, esquentando muié
E a gente dança sem pagar
(VICTOR, 1967).*

Mais uma alusão ao estado de Sergipe, em *Nordeste pra frente*, do repertório do álbum, *CANAÃ*, destacando o progresso chegando à grande região do Brasil com a indústria, universidade, tecnologias, modas e a riqueza petrolífera no subsolo sergipano:

*Lá em Sergipe
O petróleo tá jorrando
(VICTOR, 1968).*

A história do futebol de Sergipe tem a ver com o Rei do Baião. Ele, Dominginhos e Anastácia, foram as atrações da inauguração do *Estádio Estadual Governador Lourival Batista, O Batistão*, em 9 de julho de 1969. Lá o astro cantou e tocou os seus sucessos. O trio apresentou o hino da nova praça esportiva nordestina, composição de Hugo Costa. Depois aconteceu o jogo inaugural entre as seleções do Brasil (prestes a se consagrar tricampeã mundial) e a de Sergipe que levou uma goleada de 8 a 2.



Fig. 13 - Luiz Gonzaga, Anastácia e Dominginhos na festa inaugural do estádio Batistão, em Aracaju-SE, em 1969. Fonte: OLIVEIRA, 1991.

Há uma fotografia dos artistas participando do evento e o áudio deles cantando o hino do *Batistão* num convite aos estádios brasileiros decanos: *Maracanã*, *Mineirão* e *Pacaembu* a virem para a festa inaugural do caçula como uma grande novidade. Enquanto os craques chutavam a bola no campo, a meninada assistia aulas em dez salas existentes sob as arquibancadas que tinham capacidade para 1.200 alunos nos três turnos. Assim Luiz Gonzaga, Dominginhos e Anastácia cantam a derradeira estrofe do hino (1969):

*O estádio de Sergipe
É o mais completo da nação
Ao povo futebol
E à infância educação
A! e! i! o! u!
Viva Aracaju!
Batistão
Gol do campeão
Gooolll!!!*

Outra vez Sergipe figura em obra gonzagueana, em *Lampião falou*, dos autores Venâncio e Aparício Nascimento do lp A FESTA. O narrador, o próprio cangaceiro, pede clemência pelos seus atos insanos, denunciando os *Lamphões* modernos de gravata e jaquetão, se referindo ao dia 28 de julho de 1938 quando o seu bando foi trucidado em território sergipano:

*Sergipe, fazenda Angico
Meus crimes se terminaram
O criminoso era eu
E os santinhos me mataram*

*Um Lampião se apagou
Outros Lampiões ficaram*
(RCA, 1981).

Um homônimo do parceiro de *Malhada dos Bois*, Amâncio Cardoso Neto, publicou o artigo, *Luiz Gonzaga canta Sergipe* na revista *Magazine Aracaju* em 2010, no qual afirma que a música, *São Francisco de Canindé*, lançada no álbum, *CHÁ CUTUBA*, de 1977, é uma homenagem à cidade sergipana homônima distante 200 km da capital Aracaju.

A composição não é dedicada a lugar nenhum. Faz parte dos ciclos religioso e popular do sanfoneiro e cantador inspirado na devoção dos sertanejos aos santos católicos populares: São José, São Sebastião, São Francisco das Chagas do Canindé, Padre Cícero, Frei Damião.

LER E CONHECER LUIZ GONZAGA

A GRANDE OBRA POÉTICA, MELÓDICA E RÍTMICA DE LUIZ Gonzaga e os seus compositores, verdadeira literatura cantada, é uma seara aberta ao cultivo dos saberes: Literatura Brasileira, História da Música Popular, Sociologia da Arte, Linguística Aplicada, Geografia Regional, Folclore Nacional entre outros.

Gonzaga já inspirou a publicação de dezenas de livros, de biografias, autobiografias, teses e dissertações acadêmicas e folhetos de cordel. A seguir, resenharemos alguns livros básicos. Mais da metade dos títulos são contemporâneos de Luiz Gonzaga. Os textos contêm estrofes e citações relacionadas à vida e obra do Rei do Baião. Em alguns casos, detectamos e corrigimos alguns erros desses livros.

Livros publicados em vida: A biografia pioneira, *Luiz Gonzaga e Outras Poesias*, de 1952 de Zépraxédi (José Praxedes); a autobiografia, *O Sanfoneiro do Riacho da Brígida...*, que foi ditada a Sinval Sá, de 1966; *Luiz Gonzaga, o Rei do Baião: Sua vida, seus amigos, suas canções*, de José de Jesus Ferreira, de 1986; e a dissertação de mestrado *Baião dos dois: Zédantas e Luiz Gonzaga* da autora Mundicarmo Ferretti, de 1988.

Após a sua morte (1989) assistimos a uma enxurrada de obras publicadas. A meu ver, há três livros fundamentais dessa fase: *Luiz Gonzaga: O Matuto que Conquistou o Mundo* do jornalista Gildson de Oliveira de 1991. Considero

as melhores biografias, *Vida do Viajante: A Saga de Luiz Gonzaga*, da francesa Dominique Dreyfus, de 1996 e *O Rei e o Baião* que teve como organizador Bené Fonteles. O livro é uma enciclopédia de textos de autores especialistas na obra do cantador da *Asa branca*, contendo rica iconografia do artista em forma de retratos, cartazes, capas de discos e outros documentos.

A primeira biografia, *Luiz Gonzaga e Outras Poesias*, do poeta matuto e declamador, norte-rio-grandense, José Praxedes Barreto, o Poeta-Vaqueiro, foi lançada em 1952. É escrita em poesia matuta e tem como prefaciador o famoso folclorista conterrâneo, Luís da Câmara Cascudo. Em sua folha de rosto, a foto do declamador trajado ao modo do vaqueiro nordestino, chapéu de couro e peitoral, de braço erguido e dedo em riste se apresentando:

*Seu moço, eu sou do sertão
Vaqueiro dérna menino!
Caboco acrimatisado
Cus capricho do destino
(ZÉPRAXÉDI, 1952).*

O citado prefácio de Câmara Cascudo não é propriamente sobre a biografia do artista. É a utilização de um artigo dele publicado no *Diário de Natal* na sua coluna *Acta Diurna* em 1948, comparando o Folclorista (Cascudo) ao Folclore (Zépraxédi), conforme leremos. Na estrofe inicial do livro, há a exaltação às duas personalidades responsáveis pela existência da obra: o vice-presidente do Brasil, João Café Filho, também norte-rio-grandense e o pernambucano espetacular recém-consagrado Rei do Baião:

*Duas boas arturidade
Me truveram do sertão
A sigunda do país
E a prenmera do baião.
(ZÉPRAXÉDI, 1952, p.13).*

Os temas fundamentais da vida do artista são abordados no livro *Luiz Gonzaga e Outras Poesias*, os quais seriam ampliados nos livros posteriores. Há abordagens sobre as origens, a iniciação na música, a vida militar, a carreira artística, o casamento e a consagração. O pai de Gonzaga, seu Januário, é homenageado em várias estrofes:

*Foi piqueno, hôle é grande!
Tá vistido e nasceu nú!
Jannuáro, sanfôneiro
Das terras do Nôvo Exu.
(ZÉPRAXÉDI, 1952, p.41).*

José Praxedes continua exaltando a figura do pai de Gonzaga como um exímio tocador do fole de 8 baixos, como um verdadeiro patriarca dos sanfoneiros nordestinos e compara Januário, em envergadura artística, à altaneira carnaubeira (*Coperniccia prunifera*), a palmeira nativa das várzeas dos grandes rios do Nordeste do Rio Grande do Norte ao Piauí (a sua cera tinha largo uso industrial, inclusive, na confecção do disco de música):

*Tá lhi quá a Carnauba
Qui nasce no tabuleiro
Pra dá lucho e figarguia
Lá pru pôvo do istrangêro!*

*Aqui nasceu Jannuário
O pai dos sanfôneros!*
(ZÉPRAXÉDI, 1952, p.41).

A noitada do lançamento do *Luiz Gonzaga e Outras Poesias*, no *Teatro Copacabana*, foi noticiada pelo *Diário Carioca* em 1952. O jovem repórter, Sábato Magaldi, com 25 anos, cobriu o evento. Tornar-se-ia eminente crítico teatral, teatrólogo, professor, ensaísta e historiador brasileiro. Ele comenta os versos simples e espontâneos do poeta José Praxedes, inspirados na vida sertaneja como fontes de estudos da psicologia regional por tratar da conduta dos políticos, do amor, da família, da luta no sertão e da escassez dos recursos de sobrevivência. No intervalo, da primeira à segunda parte do recital, houve a esperada apresentação do Rei do Baião acompanhado por seu zabumbeiro Zequinha dançando passos do frevo e arrancando entusiásticos aplausos do público.

O prefácio de Câmara Cascudo situa o poeta José Praxedes no panorama do folk lore (saber do povo) em cujo universo os folcloristas mergulham: *Na escuridão às origens das variantes dos processos de transmissão e circulação dos assuntos, filiando-se a outros estudos universais, multiplicando as formas da inteligência anônima popular* (ZÉPRAXÉDI apud CASCUDO, 1952, p.4).

O célebre folclorista norte-rio-grandense identifica em José Praxedes a cadência simples, sugestiva e doce dos seus versos que o povo otimista lhe entregara: *Como um velho vaqueiro confia ao filho afoito, o orgulho de montar o cavalo glorioso das vaquejadas, a dirigir a boiada na melopeia envolvedora do aboio* (ZÉPRAXÉDI apud CASCUDO, 1952, p.4-5), produto do meio natural, espontâneo, trazendo em si a

essência universal da primazia do lúdico na vida humana, semelhando-o aos produtos agrícolas e industriais típicos do Rio Grande do Norte: o algodão, o sal e o *ouro macio* extraído das palmas da carnaubeira. Uma *flor do humorismo vinda dos troncos de bronze das velhas oitocicas seculares*, vencendo as alagações e estiagens, derrubando todos os fantasmas da tristeza e do mau humor.

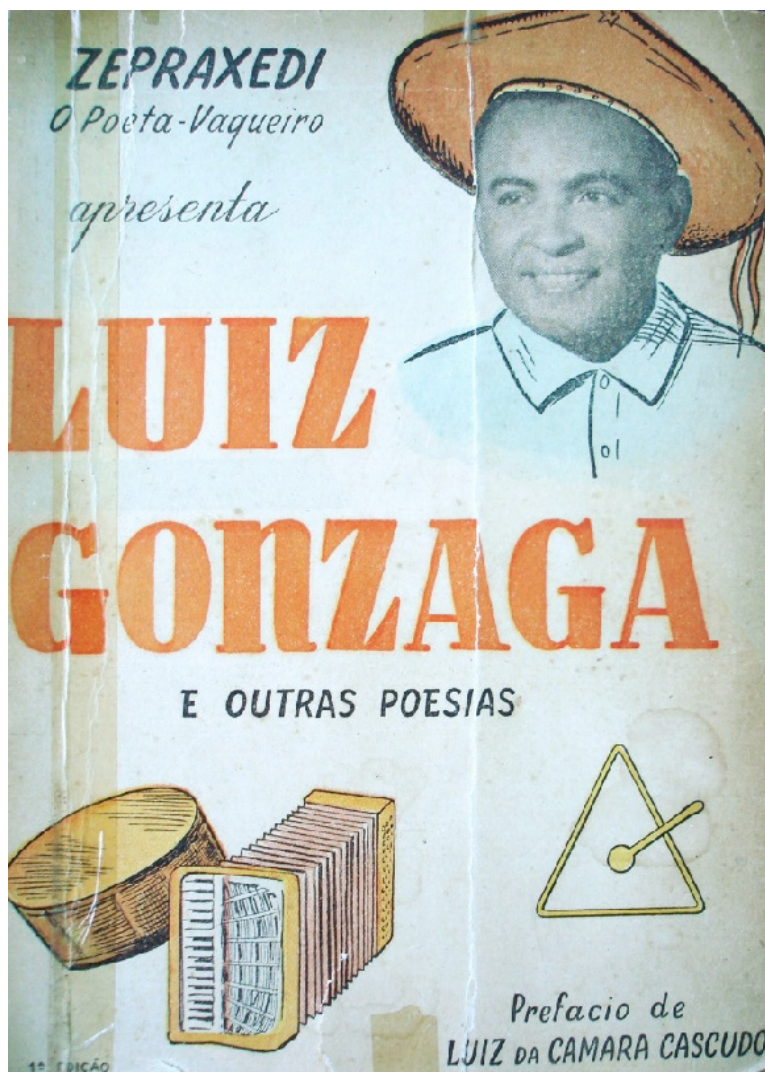


Fig. 14 - Capa da primeira biografia de Luiz Gonzaga, de 1952. Fonte: MLG-CG

Luiz Gonzaga e Outras Poesias é composto de 118 estrofes de dois, quatro e seis versos. As primeiras evocam a origem humilde do filho de Januário e Santana, em terra de cangaceiro, de vaqueiro, lembrando dos fatos marcantes da sua meninice no sertão trabalhando na lavoura, e, lamentavelmente, sem instrução escolar:

*Cum os sete anos de idade
Im vez da carta de ABC
Me déro uma inxadinha
Pr'eu cumprí o meu devê;
É o istudo do fi do póbi
No lugar que fui nascê
(ZÉPRAXÉDI, 1952, p.18).*

Aos 9 anos já tocava com Januário nos sambas, bailes ou forrós até o nascer do sol para ganharem de quinze a vinte mil réis:

*Cum mais um ano, seu moço,
Im trabaiá de fazê dó!
Eu já hia mais meu pai
Pra lhí ajudá nus forró.
E nós dois junto tocava
Té vê o nascê do só
(IDEM).*

O povo da região de Exu vinha para ouvir e admirar a proeza do menino tocador de fole de 8 baixos:

*E munta gente hia a festa
Mêrmo sem sabê dansá.*

Só pra vê o Muléquim
De Jannuáro tocá
(ZÉPRAXÉDI, 1952).

Zé Praxedes silencia a respeito da famosa surra da mãe Santana no filho rebelde que tinha afrontado o pai da namorada, Nazinha, que preterira o namoro com a sua enteada. Além disso, Luiz foi depreciado ao ser tratado de *sanfonerozinho sem futuro*. Nessa biografia pioneira, o motivo da fuga de casa é a conquista da maioridade:

Mas é lês de minha terra
O fi de casa só sai
Cum idade de vinte e um ano
Quando é macho como pai
(ZÉPRAXÉDI, 1952, p.19).

Sua mãe, Santana, aparece nessa biografia primitiva, não como disciplinadora, conforme sua imagem tão propalada nas músicas e nos livros posteriores, mas apenas como a reminiscência filial afetiva da genitora querida distante no Araripe:

Só umà coisa me prindia
Nas terras pernambucana
Era deixá a véinha
Minha mãe, dona Santana
(ZÉPRAXÉDI, 1952, p.19).

O autor de *Luiz Gonzaga e Outras Poesias*, porém, engana-se ao citar o ano da partida de casa do seu biografado. Registra 1929 ao invés de 1930:

*Nós assim fumo vivendo
Como bons pernanbucano,
Mas, um dia, eu vi muito longe
Se nas conta num me igano
Im Dézembro de vinte e nove
Cum meus dizéceti ano.
(ZÉPRAXÉDI, 1952, p.19).*

Na cidade do Crato, no Ceará, Luiz Gonzaga vendeu o seu fole de 8 baixos e embarcou num trem cargueiro para a capital Fortaleza. Lá ingressou no 23º Batalhão de Caçadores do Exército Brasileiro (23º BC), pouco antes do assassinato do presidente (governador) da Paraíba, João Pessoa. O soldado, portanto, foi protagonista desses acontecimentos que mudaram a história do Brasil. Várias estrofes de Zé Praxedes exaltam a bravura da 2ª Companhia do 23º BC realizando diligências em alguns estados da Região Nordeste e Norte: Paraíba, Ceará, Pará e Piauí, guarnecendo as fronteiras.

Na década de 1930, o Padre Cícero, para um soldado do Exército qualquer, só podia ser um inimigo da ordem pública. Era tido como um protetor de capangas (malfeitores, pistoleiros). O autor do livro, põe na boca do soldado Luiz Gonzaga, uma estrofe engrandecendo os seus feitos nesse burburinho revolucionário, inclusive combatendo o Patriarca de Juazeiro e os seus seguidores. O futuro cantador dedicar-lhe-ia lindos baiões e toadas. Mas em 1930 o seu ânimo era outro:

*No Istado do Ciará
Rebentou a rivulução
Pra desermá os capangas
De pade Ciço Rumão.*

(...)
Inté canhão nos tumemos
Do grupo de cangaceiro
Tava armado direitim
O proutetô dus rumeiro;
Aquétamo o pade Ciço
Denmo paz ao Juazeiro
(ZÉPRAXÉDI, 1952, p.20).

Se o 23º BC de fato combateu diretamente os *capangas de pade Ciço Rumão* em sua meca (Juazeiro), os livros posteriores não revelam o fato. Embora a sua autobiografia, *O Sanfoneiro do Riacho da Brígida...*, considere o seu aquartelamento na cidade do Crato, pertinho de Juazeiro, com a missão de garantir as fronteiras e desarmar os coronéis coiteiros de pistoleiros, os quais, eventualmente, seriam afilhados do Padre Cícero e estariam envolvidos com a Sedição de Juazeiro de 1914.

Semanas antes do batalhão do soldado Gonzaga se aquartelar no Cariri cearense, a sua 2ª Companhia tinha vivido momentos dramáticos e trágicos na cidade de Sousa, conforme já relatamos. O livro de Zé Praxedes registra esse episódio em território paraibano quando o seu batalhão pôs lenço encarnado, ou seja, aderiu ao movimento revolucionário dos liberais de Getúlio Vargas. O 23º BC voltou para Fortaleza. De lá partiu para novas diligências pelo interior do Ceará, depois embarcando para o Norte:

Nosso vinte e três virou
Quando viu a coisa feia,
Mas pérdenmo o conmandante
O Pêdo Anjo Correia.

(...)
Foi im Souza na Paraíba
O movimento danado
Quando nosso comandante
Foi na luta d rrotado
Ah  suspendenmo o fogo
Butenmo lenço incarnado
(...)
Vortenmo a Furtal za,
Daí funmo pru Pará
Intreg  ao maj  Barata
Os movimentos de l 
Pois na terra do Assaí
Os home de posição
Num quiriam se dobr 
Perante a rivul  o
(ZÉPRAXÉDI, 1952).

Em 1931, Gonzaga foi transferido para o 25  Batalhão de Caadores do Exército Brasileiro, em Teresina, Pia . Depois foi transferido para Minas Gerais onde ficou a maior parte nos quartéis de Juiz de Fora, São Jo  del Rei e Ouro Fino. Nesse tempo foi reprovado em um teste de sanfona. O militar-maestro se destaca nessa cena:

Arritirando da caixa
Desibanhon a bich na
E gritou pra nós sordado!
- Quem sabe toca sanfôna?
(ZÉPRAXÉDI, 1952, p.23)

O filho de Januário estava ansioso e foi o primeiro a

levantar a mão:

*- Eu! Gritei cum munto medo
Qui outo se apresentasse
O conmandante chanmou-me
E mandou qui eu tocasse
Eu fui tocando um baião
Êle mandou que eu parasse
(ZÉPRAXÉDI, 1952).*

Silêncio. O comandante interpela o soldado músico:

*-O senhor não toca tango,
Rumba, valsa vienense,
O fox-trote, maguado
No ritmo canadense?
(...)
-Nunca toquei, inhôr não!
Êle ordena pru sargento;
- Êste home não sabe de nada
Pode guardá o instrumento
(ZÉPRAXÉDI, 1952).*

A reprovação no teste de sanfona não abalou o ânimo do pernambucano. Ele conheceu um sanfoneiro em Juiz de Fora, soldado de polícia, chamado Domingos Ambrósio. Daí em diante, o exuense passou a acompanhá-lo levando a sua sanfona. Tocava em festas na periferia e nos arredores da cidade. Por intermédio desse soldado, o músico exuense comprou o seu primeiro acordeom de 80 baixos.

Em São João del Rei, o soldado foi denunciado por tocar música civil ao invés de música militar. Luiz Gonzaga faz

uma tocante defesa da sua alma de artista:

*Um dia eu toquei cornêta
Dum'a maneira tão tocante
Qui o ofiçιά de dia
Deu parte pru conmandante.
Pur Deus quí num era mais
Doutô Nirton Cavarcante.
-Soldado, estou informado
Que faz da sua cornêta
De objeto militar
Instrumento de retreta?
Coroné, praquê eu sinto
Um'a arma de artista...
E, mêrmo na minha infância
Fui sanfôneiro nortista.
(ZÉPRAXÉDI, 1952, p.25).*

O poeta potiguar se refere ao comandante do soldado como sensibilizado da *arma* (alma) de artista do jovem soldado, dando ordens que lhe entregassem a sanfona:

*Me acredite, seu môço
Que senti prazê na vida
Quando puzéram im meus braço
Esta sanfôna quirida
(ZÉPRAXÉDI, 1952, p.25).*

O livro *Luiz Gonzaga e Outras Poesias* dá conta de um conjunto regional, liderado pelo soldado pernambucano no quartel de Ouro Fino-MG. Esse fato não consta em nenhum outro livro escrito sobre o artista:

*Como tava mais distante
Dus lucho das capitá,
Eu e os outo sordado
Formamo um regioná.
(ZÉPRAXÉDI, 1952, p.25).*

Em 1939, dispensado do *culégio de f'i de pob* (o Exército Brasileiro), o filho de Januário e Santana começou a vida artística na zona portuária do Rio de Janeiro, um reduto de cabarés e de clientes das prostitutas.

O sanfoneiro começou tocando em calçada, depois nos cabarés, nos cafés, salões de dança. Em 1940 já estava concorrendo no programa mais prestigiado da época: o *Calouros em Desfile*, apresentado pelo temido Ary Barroso, na *Rádio Tupi*, onde já estivera tocando gêneros estrangeiros, tango e outros, mas sem sucesso. Nesse dia, apresentou um xamego, *Vira e mexe*, que já tinha feito o maior sucesso junto a uns estudantes cearenses. A execução do sanfoneiro extasiou o jurado e a plateia. Veio a consagração da nota máxima, 5! O livro de Zé Praxedes recria o diálogo do músico pernambucano com o apresentador e compositor do samba-exaltação *Aquarela do Brasil*:

- *Bôas noite, seu Barrôso!*
- *Rapaz, procure um imprêgo!*
- *Seu Arí, me dê licença,
Pra eu tocá um chanmêgo?*
- *Chamego?... O qui é isso
No ról da coisa mundana?*
- *O chanmego, seu Barrôso,
É musga pernambucana
(ZÉPRAXÉDI, 1952).*

A apresentação no *Calouros em Desfile* deu-lhe, além da nota máxima, uma guinada na carreira de sanfoneiro:

*Nota cinco. Nesse dia
Dêxei a musga instrangeira,
Passei de muso sufrive
A bom musgo, de prenmêra!
E pude vê quí no Rio
Tinha gente brasileira
(ZÉPRAXÉDI, 1952).*

Logo depois foi contratado pela gravadora RCA, para gravar, exclusivamente, solos de sanfona dos gêneros em moda na época: valsa, marcha, polca, choro, mazurca e outros. A biografia primitiva narra um episódio lamentável envolvendo um diretor artístico da *Rádio Nacional*, Fernando Lobo (o pai de Edu Lobo) que tinha proibido Gonzaga de cantar no microfone da emissora:

*O sinhô Fernano Lôbo
Chegava a reconmendá
Cun munta violênça
Ao seu corpo oxiliá
Qui de maneira ninnhum'a
Me cunsentisse cantá
(ZÉPRAXÉDI, 1952, p.32).*

Também são citados em *Luiz Gonzaga e Outras Poesias*, os irmãos sanfoneiros do astro Zé Gonzaga e Severino Januário. O pai deles, Januário, é muitas vezes mencionado no livro, conforme já introduzimos. Um quase septuagenário, cabra macho no fole de 8 baixos sem que ninguém lhe

pusesse a cangalha:

*O grande Luiz Gonzaga
No Brazi, Rei do Baião!
É fio de Jannuário
Puxou a sua benção;
Zé Gonzaga, sanfoneiro,
Sivirino o seu irmão...
(ZÉPRAXÉDI, 1952, p.4).*

A obra continua narrando o seu famoso genitor, Januário, com faca na cintura, chapéu de couro, rosário, breviário na mão e um retrato de Padre Cícero à parede. Casado com Santana, sertaneja forte feito umburana, mãe de nove filhos.

Uma estrofe trata da mudança da família para o Rio de Janeiro em 1949. Januário foi a contragosto e exigiu viajar por terra de caminhão, ao invés de navio ou de avião:

*Eu não nascí nesse mundo
Nem peixe, nem gavião,
Pra hí vuando nus are
Ou furá esse masão
Se você quisé q'eu vá
Me arranje um caminhão
(ZÉPRAXÉDI, 1952, p.42).*

Algumas estrofes dessa biografia primitiva evocam o instrumento magistral do Rei do Baião, a sua sanfona e a paisagem do sertão nordestino, de mata de caatinga que tanto serve de pano de fundo aos seus baiões e toadas imortais:

Gonzaga tua sanfôna

*Me traz aréscordação
Das festas de minha terra
No Natá e no San João!
Pôs quando tú arrémeche
Nas tréca desse instrumento
A gente sente pur dento
Côçeirás no coração.
(...)
Tú visse nas madrugada
De minha terra natá
Os bizerro inscranmuçando
Na purteira dus currá!
Andasse de pé discarço
Uvisse tom de chocaio
Quí fica nus bamburrá!
(ZÉPRAXÉDI, 1952, p.55).*

O poeta popular dedica estrofes encantadoras aos dois compositores fundamentais de Luiz Gonzaga, o cearense e o pernambucano:

*E foi assim seu moço
Que eu e Humberto Teixeira
Transportemos para a cera
Polca, baião e rancheira
Inchendo de musca alegre
Essa terra brasileira
(...)
Com esse doutô Zédantas
Eu puz o Brasil em guerra
Fiz gente cá da cidade
Morá na serra*

*Coloquemos os brasileiro
Cada quá em sua terra
(ZÉPRAXÉDI, 1952, p.37).*

O poeta potiguar consagra o Rei do Baião com a seguinte metáfora grandiosa:

*Quando tú tóca Gonzaga
Nessa terrive sanfona,
Inté o rii Amazôna
Fica parado pra uví!
(ZÉPRAXÉDI, 1952, p.37).*

A referida biografia menciona o apelido de “Lua” dado pelo radialista Paulo Gracindo ao cantador Gonzaga. O cognome marcou para sempre a sua carreira. Influenciou nomes de discos e até de sítio eletrônico. O biógrafo matuto constrói uma linda estrofe em cima do tal apelido:

*Se tú sái im serenata
Tocando prus violão
Inté o só no Japão
Garanto que ele deseija
Nessa noite sertanêja
Sê o Lua do Brasí
(ZÉPRAXÉDI, 1952, p.56).*

A obra finda evocando a paisagem ecológica, telúrica e sentimental da meninice de Luiz Gonzaga andando pelos tabuleiros, atirando de bodoque e mexendo em ninhos de passarinhos. Os últimos versos celebram a sua imortalidade:

*Tú és a bandeira viva
Desse sertão brasileiro
Tem gosto de mato virge
A tua voz de vaqueiro!
És um cantô afanmado!
És um cabôco de suco!
Ao Brasí deu Pernambuco
O maió dos sanfoneiro!
(ZÉPRAXÉDI, 1952, p.56).*

Após a biografia, *Luiz Gonzaga e Outras Poesias*, de Zé Praxedes, de 1952, nada mais se publicou sobre ele durante dezesseis anos. Exceto notícias, notas, títulos e algumas letras no ranking dos sucessos do mês. Isto na segunda metade da década de 1950, sobretudo na *Revista do Rádio* e outras publicações do gênero. As reportagens abordam vários assuntos: a sua ascensão artística, o acidente de carro, a fortuna, a mudança de emissora, a vida familiar, a sua opinião sobre algum assunto relevante e a desavença com Zé Gonzaga a respeito da sua pertinência de usar o sobrenome do irmão famoso.

Em 1966 foi publicada a autobiografia *O Sanfoneiro do Riacho da Brígida...*, que fora ditada ao escritor paraibano, Sinval Sá, radicado em Fortaleza, no Ceará. A obra foi lançada em um período crítico da sua carreira artística com a invasão do rock de Elvis Presley, dos Beatles e a versão brasileira de Roberto Carlos.

Luiz Gonzaga estava fora das programações das emissoras de rádio e de televisão das metrópoles, Rio de Janeiro e São Paulo, que só davam atenção aos novos astros. O Rei do Baião teve de se virar pelo interior do Brasil, sobretudo, no Nordeste onde continuava reunindo milhares de pessoas que

o assistiam gratuitamente através de seus patrocinadores.

As populações do Nordeste o adoravam. Contudo, de tão pobres, não tinham acesso à vitrola e ao long play. Por isso não significavam nada para alavancar a venda dos seus discos maravilhosos na década de 1960. A sua renda familiar caiu, se comparada aos tempos áureos da década de 1950. Talvez, pressentindo o seu declínio e desejando perpetuar a sua gloriosa carreira, mesmo pensando numa alternativa de renda, Gonzaga contratou um homem de Literatura para contar a sua história.

O escritor paraibano Sinval Sá, nasceu em Conceição do Piancó, terra de Elba Ramalho e de Pinto do Acordeom. Já tinha publicado livros de romance e de poesia quando escreveu a autobiografia *O Sanfoneiro do Riacho da Brígida...*, em 1966, lançada na *Praça do Ferreira* em Fortaleza, Ceará.

O livro compreende os fatos e os personagens marcantes da vida e da obra de Gonzaga. A sua origem no Município de Novo Exu em Pernambuco. Os pais. A iniciação artística. O músico mirim formidável. As primeiras namoradas. A surra da mãe e a fuga de casa. O ingresso no Exército Brasileiro. As missões militares pelo Nordeste. A transferência para Minas Gerais. O período de formação intermediária do sanfoneiro. As alterações do soldado no quartel. A estreia em palco na cidade de Ouro Fino-MG. Sua dispensa do Exército. A nova sanfona. Os compositores fundamentais. A ascensão artística no Rio de Janeiro e os percalços da carreira.

Depois desta autobiografia demorou mais de vinte anos para ser publicado o terceiro livro, *Luiz Gonzaga, o Rei do Baião: Sua vida, seus amigos, suas canções*, de José de Jesus Ferreira, de 1986, três anos antes de Gonzaga falecer. Assim como as obras anteriores, de Zé Praxedes e de Sinval Sá, este

livro também engloba os momentos marcantes da vida e da carreira do sanfoneiro de Exu.

Vejamos o sumário: A influência primordial do pai, Januário. A iniciação artística. A paixão amorosa. A famosa surra da mãe e a fuga de casa. O período no Exército. O início da vida artística no Rio. O programa de calouros. A estreia no rádio. Os primeiros discos 78 rotações do solista de sanfona. Os encontros fundamentais com os compositores Humberto Teixeira, Zédantas e José Marcolino. A morte do primo vaqueiro, Raimundo Jacó, que inspirou a toada, *A morte do vaqueiro*, o maior sucesso do álbum, PISA NO PILÃO, (FESTA DO MILHO), de 1963.

José de Jesus comenta no item *Lorota boa*, o caso do apresentador de programa de televisão, Carlos Imperial, que divulgou na imprensa carioca, o boato da gravação da *Asa branca* pela famosa banda inglesa *The Beatles*. Talvez, apenas desejasse fazer uma brincadeira com a *Black bird* (pássaro preto) do repertório do disco duplo. De qualquer modo, a novidade rendeu a Gonzaga a abertura de novos espaços. Algo que ele precisava naquele momento. *Dali em diante, voltou o grande Lua a ser alvo de constantes atenções, tanto no rádio quanto na televisão* (FERREIRA, 1986).

Finalmente o livro traz resumos biográficos de várias personalidades do meio radiofônico e artístico que marcaram, direta ou indiretamente, a vida do cantador: Amyrton Vallin, Pedro Raimundo, Renato Murce, César de Alencar, Àtila Nunes, Ary Barroso, Manezinho Araújo, Almirante, Paulo Gracindo, Chacrinha e os citados Humberto Teixeira e Zédantas.

Depois do livro de José de Jesus Ferreira, *Luiz Gonzaga o Rei do Baião...*, passaram-se somente dois anos para ser publicada a quarta obra sobre o artista, *Baião dos dois: A*

música de Zédantas e Luiz Gonzaga no *seu contexto de produção e sua atualização na década de 70*.

Também houve a escrita e a defesa da dissertação de mestrado da professora norte-rio-grandense, Mundicarmo Maria Rocha Ferretti, pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. A dissertação trata da volta dos ritmos nordestinos nas programações das emissoras de rádio e nas casas de forró das grandes cidades brasileiras. O trabalho acadêmico foi adaptado para livro em 1988, conforme o seguinte trecho:

A música de Luiz Gonzaga e Zédantas, navegando em águas regionalistas, pode ser vista, em última análise, como uma luta de conquista de espaço para a cultura popular e pelo reconhecimento, pela classe dominante do Sul, da música do povo do sertão nordestino, como ‘música popular brasileira’. E apesar da origem burguesa de Zédantas, daquela parceria surgiram obras de profunda identificação com as camadas mais exploradas da população, onde os nordestinos ocupam espaço considerável. *Acauã, Vozes da seca, Profecia*, esta produzida dez anos depois, foram no seu tempo um ‘um grito de alerta’ tão oportuno como o de Gonzaguinha, ressoando no meio universitário nos anos 70 (FERRETTI, 1988, p.86).

Mundicarmo Ferretti faz uma estonteante revelação, embora, como ela própria reconhece, sem comprovação documental. Algumas pessoas íntimas do pernambucano Zédantas, já falecidas, não tinham dúvidas a respeito da sua autoria da toada *Asa branca* e do baião *Juazeiro*, dois grandes

clássicos gonzagueanos com Humberto Teixeira.

O livro *Luiz Gonzaga o Matuto que Conquistou o Mundo* é do jornalista norte-rio-grandense, Gildson de Oliveira, de 1991. Ele atuou por décadas na imprensa pernambucana no *Diário de Pernambuco*. A sua obra é a primeira lançada após a morte do Rei do Baião.

Do mesmo modo que as biografias e autobiografias anteriores, o livro traz as informações básicas da vida pessoal e artística de Luiz Gonzaga e introduz uma novidade que inexistia nas outras biografias, a profecia de uma cigana prevendo que o filho de Januário e Santana seria do mundo. A obra traz o depoimento do ex-ministro Armando Falcão, que, na juventude, liderava os estudantes cearenses que estimularam o sanfoneiro a tocar algo do *pé de serra*.

Para Gildson de Oliveira, inspirado em Luís da Câmara Cascudo, a base cultural da Civilização do Nordeste é assentada na seguinte trindade já eternizada pelo povo: Lampião matando; Padre Cícero rezando e Luiz Gonzaga cantando. A sua obra também trata das grandes mulheres da vida do artista: Odaleia, a mãe de Gonzaguinha; a primeira esposa, Helena Cavalcanti e a segunda, Edelzuíta Rabelo.

O livro *Luiz Gonzaga: O Matuto que Conquistou...*, traz ainda a derradeira entrevista do artista concedida à imprensa, ao jornalista norte-rio-grandense, expondo aos prantos, a sua dramática situação física e emocional e lamentando o *mal*, a metástase do câncer de próstata que o consumia sem que ele pudesse fazer mais nada.

O autor descreve os últimos momentos de vida do cantor quando esteve internado na UTI do *Hospital Santa Joana*, Recife-PE. Não raro aboiando, ao invés de gemer de dor. A notícia da sua morte, no início da manhã de 2 de agosto de 1989, correu o Brasil pelo rádio, pela televisão e

pela imprensa causando grande tristeza no meio popular e no meio artístico.

O corpo do Rei do Baião foi velado em Recife na *Assembleia Legislativa de Pernambuco* e atraiu milhares de fãs. No dia seguinte foi trasladado de avião para Exu. O cortejo seguiu em Corpo de Bombeiros e passou pelas ruas da cidade do Crato, no Ceará, depois seguiu pela *Rodovia Asa Branca* com destino ao lugar natal onde foi velado, na igreja matriz do Bom Jesus dos Aflitos e sepultado na tarde do dia seguinte, 4 de agosto.

Lamentavelmente o livro de Gildson de Oliveira finda com a morte de Luiz Gonzaga Júnior em acidente de carro no Paraná em 1991, dois anos após a morte do pai.

O livro *Vida do Viajante: A saga de Luiz Gonzaga*, de autoria da francesa Dominique Dreyfus (cuja família morou anos no Brasil em Garanhuns, Pernambuco), foi publicado em 1996. A obra é considerada a melhor biografia do artista. Vários assuntos das obras anteriores foram retomados, porém, analisados e enriquecidos com novos dados.

A iniciação artística. As presepadas do menino. O convívio com a família de Manuel Ayres de Alencar, homem público exuense muito conhecido. O ingresso no escotismo. A compra da primeira sanfona e os primeiros bailes. O episódio do namoro e da surra da mãe (dizem que foi somente uns bofetões). O começo da carreira, no Rio de Janeiro tocando em calçadas, nos cabarés e em programas de rádio. Finalmente gravando os primeiros discos 78 rotações como solista de sanfona. Enfim o sanfoneiro realiza o seu sonho de gravar cantando e é consagrado o Rei do Baião.

O livro de Dominique Dreyfus destaca ainda os compositores fundamentais, Humberto Teixeira e Zédantas, assim como o empenho de Luiz Gonzaga para trazer do Araripe

para o Rio de Janeiro, os seus pais, as irmãs e o caçula. A explosão do baião. A fortuna, a vida confortável. As desavenças em família. O grave acidente de carro com o artista e os seus músicos. A formação do conjunto *Os Sete Gonzaga* (o pai, irmãos e irmãs). A adoção da indumentária artística inspirada no chapéu de Lampião e no traje de couro do vaqueiro nordestino. A formação do trio com sanfona, triângulo e zabumba. A crise do seu casamento.

O *Vida do Viajante*, narra as suas excursões pelo interior do Brasil, aborda a primeira geração dos seguidores nordestinos: Dominginhos, Marinês e *Trio Nordestino* e a invasão do baião em todas as camadas sociais superando os ritmos norte-americanos, conforme a biógrafa: *O baião atingiu todos os públicos: povinho, povão, classe média, classe alta. Os cassinos, que na época estavam abertos, Net King Cole, Cole Porter e, de repente, um baião, com violino e tudo, e o público dançava: grã-fina nas boates, e o pé de chinelo nas gafieiras* (DREYFUS, 1996, p.171).

A autora assim define a importância da parceria genial de Luiz Gonzaga com Zédantas:

É notável que a músicas da dupla Luiz Gonzaga e Zédantas, raramente utilizavam a primeira pessoa do singular (eu). Como dois geniais repórteres, relatavam com agudo senso de observação e com imenso amor, todos os aspectos da vida no Nordeste (...). Os temas, variadíssimos, tanto podiam ser graves, quando tratavam dos problemas da seca ou da condição do sertanejo, por exemplo, como podiam ser leves, humorísticos pragmáticos, quando tratavam dos detalhes do dia-a-dia. Esses relatos impessoais na aparência, eram, no

entanto, profundamente autobiográficos (DREYFUS, 1996, p.149).

Dominique Dreyfus, infelizmente, desinforma sobre a origem de um dos quatro maiores sucessos do seu biografado com Humberto Teixeira, o baião *Paraíba*, dando a entender que a música foi composta como jingle político para o candidato a governador José Américo de Almeida em 1950, quando na verdade foi composto para seu adversário, o candidato a senador José Pereira Lira. O equívoco sobre o baião clássico se repetiu em livros posteriores.

Dreyfus (1996) analisa o período de declínio do astro fora das programações das emissoras, embora o Rei do Baião continuasse soberano no interior do Brasil. O seu legado junto às novas gerações de artistas brasileiros se deu a partir da década de 1960, com Geraldo Vandré, Gilberto Gil, Caetano Veloso e outros.

Nas décadas de 1970 a 1980, a autora aborda a criação da *Missa do vaqueiro*, a fase do artista na gravadora ODEON, a formação da dupla Gonzagão e Gonzaguinha, as participações de Fagner, Elba Ramalho e outros artistas na sua discografia, a retomada da carreira do Rei do Baião, os shows, os discos finais e seus sucessos de público. Aborda as premiações, a viagem à França (quando Dominique Dreyfus idealizou escrever sua biografia). Também revela a esterilidade de Gonzaga. Finalmente, a doença e a morte. O livro encerra com material iconográfico, apêndices, discografia e musicografia incompletas.

Outros livros foram publicadas depois do de Dominique Dreyfus. De modo geral reproduzindo os conteúdos da sua autobiografia que é basilar. De todo modo, a bibliografia posterior traz conteúdos novos da vida e da obra do

cantador da *Asa branca*. São memórias de lugares, de fãs, análise da musicografia ou estudos acadêmicos em geral. Findemos esta série de pequenas resenhas com apenas um desses livros.

O Rei e o Baião, de 2010, organizado por Bené Fonteles, pesquisador, cantor e compositor. A sua obra, em formato e conteúdo de enciclopédia, reúne ensaios de especialistas gonzagueanos em vários campos: Professores universitários, pesquisadores, autores, xilógrafos, escultores e fotógrafos, e a melhor iconografia reunida do artista.

Em razão da amplitude da pesquisa, Bené se empenhou para reunir o material para compor a grande obra. Viajou pelo Brasil, sobretudo, pelo Nordeste. Manteve contatos por telefone e por mensagem eletrônica. Recolheu textos, imagens, esculturas, xilogravuras, fotografias, tudo no âmbito cultural da influência do sanfoneiro de Exu.

Os textos d' *O Rei e o Baião* são dos seguintes autores: Antônio Risério, Elba Braga Ramalho, Gilmar de Carvalho, Hermano Vianna e Sulamita Vieira. Os ensaios de xilogravuras são de autoria de João Pedro do Juazeiro, José Lourenço, Francorli, Carmem, Arievaldo Viana, Elias Santos e a participação do fotógrafo Gustavo Moura. A seguir, um trecho do artigo de Fonteles sobre o gênero mais famoso de Luiz Gonzaga:

O baião tem origem na marcação rítmica advinda do maracatu africano, transcrito nas danças populares do Nordeste, como nau catarineta, congos, bumba meu boi. Tem raízes no fado português e na batida modal da viola de cantadores e repentista. Então, tudo que ainda se ouve de música no Brasil deve-se ao que Luiz Gonzaga

assimilou e estimulou, por sua atuação musical e seu poder de arquétipo (...) através da sua refinada crônica musical e existencial (FONTELES, 2010, p.31).

Já o ensaio de Gilmar de Carvalho coloca o artista no patamar dos grandes autores nordestinos da literatura brasileira, folcloristas e romancistas: Rodrigues de Carvalho, Luís da Câmara Cascudo, José Américo de Almeida, Graciliano Ramos e Raquel de Queiroz. O ensaísta assim explicita o seu pensamento:

Era [o romance social de 1930] uma literatura de denúncia, incômoda, que falava de temas nada digestivos e evidenciava o papel militante desses escritores, comprometidos com uma dicção social e com o engajamento estético e também político. (...) O sertão 'gonzagueano' está sendo gerado sob várias influências e vem se constituindo como contexto de onde brotará uma das obras mais consistentes e valiosas do cancionero nacional (FONTELES, 2010, p.176).

Infelizmente, o trabalho da professora Elba Braga Ramalho, se referindo ao baião *Paraíba*, reproduz o erro de Dominique Dreyfus ao afirmar que o baião foi composto jingle para um dado candidato ao invés de outro. A autora cearense trata da candidatura inexistente de José Américo para presidente do Brasil em 1950, quando na verdade o ex-ministro da Viação e Obras de Getúlio Vargas, o já tão conhecido romancista de *A bagaceira*, foi candidato a governador da Paraíba, eleito. Ele tinha sido candidato a

presidente sim, mas antes do advento do Estado Novo varguista em 1937.

O livro *O Rei e o Baião* reúne valiosa iconografia de Luiz Gonzaga, sem rigor cronológico, compreendendo desde a sua juventude como soldado do Exército até ao esplendor do baião. A obra traz um apanhado de retratos de estúdio, em palcos, ao lado dos familiares, com os seus músicos, com os compositores Humberto Teixeira e Zédantas, com os fãs e uma série de reproduções de cartazes do astro fazendo propagandas de produtos, bebidas, bicicletas, fumos e cadernetas de poupanças.

Além disso, reúne ensaios de xilogravura e de escultura tematizando os episódios marcantes da vida do astro e da paisagem e cultura nordestina. Há xilos de Luiz Gonzaga com Dominginhos, Sivuca, Fagner e Elba Ramalho, de cenas de feiras livres, festas de padroeiros, lavouras, colheitas, criações, cantorias de violas, bailes e vaquejadas.

O fotógrafo paraibano Gustavo Moura colabora com ensaio em preto e branco registrando a paisagem humana e ecológica da caatinga sertaneja. O universo do gado e do vaqueiro nordestino, e demais tipos populares que tanto inspiraram os baiões, as toadas, os xotes e as músicas de outros gêneros de Gonzagão.

A iconografia reúne um apanhado incompleto das capas de discos e dos livros sobre o artista, incluindo discos dos seus seguidores interpretando os seus clássicos: *Quinteto Violado*, Dominginhos, Zé Ramalho, Sivuca e Elba Ramalho. Há uma série de capas de folhetos, apenas uma demonstração mínima da vasta produção de Literatura de Cordel dedicada ao filho de Januário.

REFERÊNCIAS

ALBIM, Ricardo Cravo (Org.). *Cancioneiro Humberto Teixeira. Biografia – Biografy*. Rio de Janeiro: Jobim Music, Good Ju-Ju, 2006.

ALENCAR, Thereza Oldam de. *Exu: Três Séculos de História*. Recife-PE, 2011.

ALENCAR, Thereza Oldam de. *Igreja de São João Batista do Araripe – Exu-PE – Sesquicentenário (1868-2018)*. Salvador-BA: Tear Editora, 2018.

ALMEIDA, Fenelon. *Vozes da Seca*. Fortaleza, 1978.

ALMIRANTE. *No Tempo de Noel Rosa*. 2.ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

ANSELMO, Otacílio. *A Revolução de 30 no Ceará*. Fortaleza: Imprensa Universitária da Universidade Federal do Ceará, 1970.

ARAÚJO, Paulo César de. *Roberto Carlos em detalhes*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil Ltda, 2006.

AUGUSTO, Sérgio. *Este mundo é um pandeiro - a chanchada*

- de Getúlio a JK*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- CARVALHO, Gilmar de. *Cem Patativa*. Fortaleza: OMNI Editora Associados, 2010.
- CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. 12.ed. São Paulo: Global Editora, 2012.
- CLEMENTINO, Jurani. *Zé Clementino: O “matuto” que devolveu o trono ao Rei*. Campina Grande: EDUEPB-Latus, 2013.
- COSTA, Antônio Francisco; MEDEIROS, José Nobre de. *Por que o Rei é Imortal!*. Salvador: Paginae e Editora, 2011.
- DANTAS, Kydelmir. *Luiz Gonzaga e o Rio Grande do Norte*. 2.ed. Mossoró: Queima-Bucha, 2012.
- DREYFUS, Dominique. *Vida do Viajante: A Saga de Luiz Gonzaga*. 2.ed. São Paulo: Editora 34, 1996.
- FERNANDES, Ismael. *Telenovela Brasileira Memória*. 3.ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.
- FERREIRA, José de Jesus. *Luiz Gonzaga, o Rei do Baião: Sua vida, seus amigos, suas canções*. São Paulo: Editora Ática, 1986.
- FERRETTI, Mundicarmo Maria Rocha. *Baião dos dois: A música de Zédantas e Luiz Gonzaga no seu Contexto de Produção e sua Atualização na Década de 70*. Recife: Editora Massangana, 1988.

FONTELES, Bené (Org.). *O Rei e o Baião*. Brasília: Fundação Athos Bulcão; MinC. 2010.

HOLLANDA Nestor de. *Memórias do Café Nice: Subterrâneos da Música Popular e da Vida Boêmia do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, 1970.

JUREMA, Abelardo. *Presença da Paraíba no Brasil*. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 1985.

LEAL, Marcelo. *Luiz Gonzaga no Exército Brasileiro*. Fortaleza, 2017.

LIMA, Arievaldo Viana. *Acorda Cordel na sala de aula: A Literatura Popular como ferramenta auxiliar na Educação*. Fortaleza: Tupynanquim Editora, 2006.

MARCOLINO, José. *Zé Marcolino, Vida, Versos e Viola*. Recife: Secretária de Educação e Cultura de Pernambuco-Fundarpe, Fundação da Casa de Cultura de Serra Talhada, 1999.

NETO, Lira. *Padre Cícero: Poder, fé e guerra no sertão*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

Ó, Alcides Albuquerque do. *Campina Grande - História e Política 1945-1955*. Campina Grande: Edições Caravela, 1999.

OLIVEIRA, Amália Xavier de. *O Padre Cícero que eu conheci (Verdadeira História de Juazeiro)*. Fortaleza: Editora Henriqueta Galeno. 1974.

OLIVEIRA, Gildson de. *Luiz Gonzaga; o matuto que conquistou o mundo*. Recife: Comunicarte, 1991.

RENÓ, Carlos; CHAGAS, Luiz; BRUNO, J. (orgs.). *Luiz Gonzaga. Vozes do Brasil*. Edição Ilustrada. São Paulo: Martin Claret, 1990.

SÁ, Sinval. *O Sanfoneiro do Riacho da Brígida: Vida e andanças de Luiz Gonzaga – O Rei do Baião*. 5.ed. Brasília: Thesaurus, 1978.

SANTOS, José Farias dos. *Luiz Gonzaga: A música como expressão do Nordeste*. São Paulo: IBRASA, 2004.

SOBRINHO, José Alves; ALMEIDA, Átila de. *Dicionário Bio-Bibliográfico de Repentistas e Poetas de Bancada*. v.1. João Pessoa-PB: Editora Universitária UFPB/Centro de Ciências e Tecnologia/Campina Grande, 1978.

SOUZA, Antônio Vilela de. *Dominguinhos, o Neném de Garanhuns*. Garanhuns: Patrocínio da Prefeitura Municipal Impresso, 2014.

SOUZA, Ranilson França de. *De Neném a Dominguinhos: Tajetória Discográfica*. Edição do Autor, 2006.

SYLVESTRE, Josué. *Lutas de Vida e de Morte: Fatos e Personagens da História de Campina Grande (1945-1953)*. Brasília: Gráfica do Senado Federal, 1.ed., 1982.

VIEIRA, Padre Antônio. *O Jumento, Nosso Irmão. O Jumento na História, Religião, Economia, Folclore, Literatura*. Rio de

Janeiro-São Paulo: Livraria Freitas Bastos, 1964.

ZÉPRAXÉDI (O Poeta-Vaqueiro). *Luiz Gonzaga e Outras Poesias*. São Paulo: Continental Artes Gráficas, 1952.

ZÉPRAXÉDI (O Poeta-Vaqueiro). *Meu Siridó*. 2.ed. Natal-RN: Edições Clima, 1979.

JORNAIS

Jornal da Paraíba, Campina Grande-PB, 2005/2007: Artigo: O nome da capital. Autor: Adalberto Barreto; A Morte da Cantora Marinês, repórteres: Astier Basílio, Zita Almeida e André Cananéia.

O Norte, João Pessoa, PB, 1993. Entrevista: Patativa do Assaré. Repórter: Ricardo Anísio.

Diário da Borborema, Campina Grande-PB, 13 de outubro de 1996 a 15 de junho de 1997. Série de 36 artigos Marinês e Sua Gente 45 de Carreira. Autor: José Moysés.

REVISTAS

Revista do Rádio, Rio de Janeiro, RJ: nº 181, 24-2-1953. Texto: Max Gold; nº 189, 24-4-1953. Buraco de Fechadura; nº 201, 14-7-1953. Pelo Telefone.

Revista Magazine, Aracaju, SE, 2010.

Revista de História da Biblioteca Nacional, nº 73, outubro de 2011. Do pântano ao asfalto. Repórter: Alice Melo.

BOLETIM

Humberto Teixeira. Boletim da União Brasileira de Compositores, UBC, 1949.

PLAQUETAS

Humberto Teixeira - Voz e Pensamento – Museu Cearense da Comunicação de Nirez, Banco do Nordeste, Fortaleza, CE, 2006.

Zédantas Segundo a letra I, Arquivo Vivo nº 1 - Prefeitura Municipal/Fundação de Cultura do Recife, 2010.

PROSPECTO

Programa: Texto do Espetáculo 40 anos da carreira artística de Marinês, no *Teatro Municipal de Campina Grande-PB*, 1996: Hermano José.

CORDEL

O Exemplo da Aza Branca Profetizado por Frei Damião. Vicente Vitorino Melo, 1948, Caruaru-PE.

ENTREVISTAS

Patativa do Assaré. Repórter: Francisco A. V. da Nóbrega, 1996, Exu-PE.

José Batista Alves. Repórter: Francisco A. V. da Nóbrega, 2000 e 2005, Campina Grande- PB.

José Manoel. Repórter: Francisco A. V. da Nóbrega, 2006, Campina Grande-PB.

ÁUDIO

Luiz Gonzaga e *Os Sete Gonzaga* no Programa *Mundo do Baião*, na Rádio *Tamoio & Tupi*, Rio de Janeiro, agosto de 1952.

DOCUMENTÁRIOS DE VÍDEOS

O Homem Que Engarrafava Nuvens. Direção: *Lívio Ferreira*, 2009.

O Milagre de Santa Luzia: Uma viagem pelo Brasil que toca sanfona. BNDES, Banco BMG e Miração Filmes. Direção: Sergio Reizenblit.

SITE

www.fortalezanobre.com.br - Consultado: 10.02.2019

DISCOS 78 RPM - RCA VICTOR - LUIZ GONZAGA

1945: *Penerô xerem*, Luiz Gonzaga - Miguel Lima, 80-0306-A.

1946: *É pra rir ou não é*, Luiz Gonzaga - Carlos Barroso, 80-0401-A; *Não bate nele*, Zé Fechado - Lourenço Pereira, 80-0423-A; *Calango da lacraia*, Luiz Gonzaga - J. Portela, 80-0423-B; *No meu pé de serra*, Luiz Gonzaga - Humberto-Teixeira, 80-0495-A.

1947: *Asa Branca*, Luiz Gonzaga – Humberto Teixeira, 80-0510-B; *Balanço do calango*, Luiz Gonzaga – J. Portella, 80-0527-A.

1949: *Juazeiro*, Luiz Gonzaga – Humberto Teixeira, 80-0605-A; *Siridó*, Luiz Gonzaga – Humberto Teixeira, 80-0606-A; *Légua tirana*, Humberto Teixeira - Luiz Gonzaga, 80-0606-B; *Vem morena*, Zédantas – Luiz Gonzaga, 80-0643-A; *Quase maluco*, Luiz Gonzaga – Victor Simon, 80-0643-B.

1950: *A dança da moda*, Luiz Gonzaga – Zédantas, 80-0658-A; *Respeita Januário*, Luiz Gonzaga – Humberto Teixeira, 80-0658-B; *No Ceará não tem disso não*, Guio de Moraes, 80-0695-B; *A volta da Asa Branca*, Zédantas – Luiz Gonzaga, 80-0699-B; *Estrada de Canindé*, Luiz Gonzaga – Humberto Teixeira, 80-0744-B.

1951: *Baião da Penha*, Guio de Moraes – David Nasser, 80-0827-B; *Madame Baião*, Luiz Gonzaga – David Nasser, 80-0819-A; *Propriá*, Guio de Moraes – Luiz Gonzaga, 80-0773-A; *Olha pro céu*, José Fernandes – Luiz Gonzaga, 80-0773-B.

1952: *Paraíba*, Luiz Gonzaga – Humberto Teixeira, 80-0510-A; *São João do Carneirinho*, Luiz Gonzaga – Guio de Moraes, 80-0894-A; *São João na roça*, Zédantas – Luiz Gonzaga, 80-0895-A; *Adeus Pernambuco*, Hervê Cordovil – Manezinho Araújo, 80-0961-B; *Baião na garoa*, Luiz Gonzaga - Hervê Cordovil, 80-0962-A; *Piauí*, Sylvio Moacyr de Araújo, 80-0962-B; *Xaxado*, Luiz Gonzaga - Hervê Cordovil, 80-0977-B.

1953: *Saudade de Pernambuco*, Sebastião Rosendo - Salvador Miceli, 80-1104-B; *O casamento de Rosa*, 80-1126-B, Zédantas - Luiz Gonzaga; *A Letra I*, Zédantas - Luiz Gonzaga, 80-1145-A.

1954: *Velho Novo-Exu*, 80-1274-B, Luiz Gonzaga - Sylvio Moacir de Araújo; *Vou casá já*, Zédantas - Luiz Gonzaga, 80-1277-B; *Noites Brasileiras*, Zédantas - Luiz Gonzaga, 80-1307-A; *Lascando o cano*, Zédantas - Luiz Gonzaga, 80-1307-B; *Olha a pisada*, Zédantas - Luiz Gonzaga, 80-1277-A; *O balaio de Veremundo*, Zédantas - Luiz Gonzaga, 80-1322-A; “*Cana*” só de Pernambuco, Victor Simon - Luiz Gonzaga, 80-1333-A.

1955: *Paulo Afonso*, Luiz Gonzaga - Zédantas, 80-1441-A; *Riacho do navio*, Zédantas - Luiz Gonzaga, 80-1518-B; *Januário vai tocar*, Januário, 80-1489-A.

1956: *Lenda de São João*, Zédantas - Luiz Gonzaga, 80-1590-B; *Braia dengosa*, 80-1689-A; *Siri jogando bola*, Luiz Gonzaga - Zédantas, 80-1740-A.

1957: *A feira de Caruaru*, Onildo Almeida, 80-1793-A; *São João antigo*, Zédantas - Luiz Gonzaga, 80-1795-B; *Malhada dos Bois*, Luiz Gonzaga - Amâncio Cardoso, 80-1827-B; *Meu Pageú*, Luiz Gonzaga - Raimundo Granjeiro, 80-1877-A; *Comício no mato*, Joaquim Augusto - Nelson Barbalho, 80-1877-B.

1958: *Forró no escuro*, Luiz Gonzaga, 80-1938-A; *Xote das moças*, Nelson Barbalho - Joaquim Augusto, 80-1952-B, 1958; *Gibão de couro*, Luiz Gonzaga, 80-2012-B.

1959: *Marcha da Petrobrás*, Nelson Barbalho – Joaquim Augusto – Luiz Gonzaga, 80-2056-B; *Fogueira de São João*, Luiz Gonzaga – Carmelina, 80-2065-A; *Dia dos pais*, Luiz Gonzaga – Francisco Anísio, 80-2093-A; *Estrela de ouro*, Antônio Barros – José Baptista, 80-2093-B; *Xote do véio*, Nelson Barbalho - Joaquim Augusto, 80-2118-B.

1960: *São João no arraiá*, Zédantas, 80-2220-A; *Meu Padrim*, F. Marcelino, 80-2194-B; *Maceió*, Lourival Passos, 80-2259-B.

1961: *Faz força Zé*, Rosil Cavalcanti, 80-2330-A.

1962: *Sanfoneiro Zé Tatu*, Onildo Almeida, 80-2459-A.

DISCOS 78 RPM RCA VICTOR/OUTROS INTÉRPRETES

1941: *A viagem do Genésio*, Genésio Arruda – Januário França. Intérprete: Genésio Arruda – Januário França, 34741-A.

1945: *Sarapaté*, Luiz Gonzaga – Anselmo Domingos. Intérprete: Carmen Costa, 80-0265-A.

1946: *Dúvida*, Luiz Gonzaga – Domingos Ramos. Intérprete: Augusto Calheiros, 80-0416-B.

1951: *Me deixe em paz*, Luiz Gonzaga – Humberto Teixeira. Intérprete: Francisco Carlos 80-0627-B; *Ai! Miquilina*, Guio de Moraes – Luiz Gonzaga, 80-0897-B.

Criança má, Luiz Gonzaga – Ghiaroni. Intérprete: José

Tobias, 5276-A.

DISCOS 78 RPM CONTINENTAL/OUTROS INTÉRPRETES

1950: *Dona Vera tricotando*, Luiz Gonzaga – Humberto Teixeira. Intérprete: Marlene, 16-186-A.

1951: *Ai ai Portugal*, Humberto Teixeira - Luiz Gonzaga. Intérprete: Ester Abreu, 16-403-A.

DISCOS 78 RPM ODEON/OUTROS INTÉRPRETES

1951: *Mambo não*, Denis Brean – Luiz Gonzaga. Intérprete: Dircinha Batista, 13-162-B.

DISCO CARNAVAL

“*Tá*” *legal*, Luiz Gonzaga – Zédantas. Intérprete: Guio de Moraes e Orquestra Brasilritmos Carnaval, 004-B, 1951.

DISCOS LONG-PLAYING - LP

XAMEGO, RCA VICTOR, BBL 1015, 1958: *Cortando pano*, L. Gonzaga, M. Lima, J. Portella; *Três e trezentos*, Miguel Lima - Gerson Filho.

LUIZ “LUA” GONZAGA, RCA VICTOR BBL – 1115, 1961: *Rosinha*, Nelson Barbalho – Joaquim Augusto; *Creuza morena*, Luiz Gonzaga - Lourival Passos.

Ô VÉIO MACHO, RCA VICTOR BBL - 1175, 1962: *Ô veio*

macho, Rosil Cavalcanti; *Sertão de aço*, José Marcolino – Luiz Gonzaga; *De Teresina a São Luiz*, João do Vale – Helena Gonzaga; *Pássaro carão*, José Marcolino – Luiz Gonzaga; *Matuto aperrado*, José Marcolino – Luiz Gonzaga; *No Piancó*, José Marcolino – Luiz Gonzaga; *Adeus Iracema*, Zédantas – Luiz Gonzaga.

PISA NO PILÃO (FESTA DO MILHO), RCA VICTOR BBL 1175–1239, 1963: *A festa do milho*, Rosil Cavalcanti; *Pedido a São João*, José Marcolino; *Desse jeito sim*, José Jataí – Luiz Gonzaga; *A Morte do Vaqueiro*, Nelson Barbalho – Luiz Gonzaga; *Eu vou pro Crato*, José Jataí – Luiz Gonzaga; *Caboclo nordestino*, José Marcolino.

HOMENAGEM A ZÉDANTAS – RCA VICTOR - COMPACTO DUPLO – LCD 1092, 1963: *Zédantas*, Onildo Almeida.

A TRISTE PARTIDA, RCA VICTOR BBL - 1320, 1964: *A Triste Partida*, Patativa do Assaré; *Toque de rancho*, Luiz Gonzaga – Jota Ferreira; *Cacimba nova*, José Marcolino; *Marimbondo*, José Marcolino – Luiz Gonzaga; *Ave-Maria sertaneja*, Júlio Ricardo – O. de Oliveira; *Numa Sala de reboco*, José Marcolino – Luiz Gonzaga; *Cantiga de vem vem*, José Marcolino – Panta.

SANFONA DO POVO, RCA VICTOR BBL – 1278, 1964: *Nordeste sangrento*, Elias Soares; *Fole gemedor*, Luiz Gonzaga; *Padre sertanejo*, Pantaleão – Helena Gonzaga.

CENTENÁRIO DE CAMPINA GRANDE – COMPACTO DUPLO, RCA VICTOR LCD-1095, 1964: *Queixas do Norte*,

José Marcolino e Pantaleão.

QUADRILHAS E MARCHINHAS JUNINAS, RCA VICTOR BBL – 1342, 1965: *Fogo sem fuzil*, Luiz Gonzaga – José Marcolino; *Quero chá*, José Marcolino – Luiz Gonzaga; *Boi bumbá*, Luiz Gonzaga – Gonzaga Jr.; *O maior tocador*, Luiz Guimarães.

O SANFONEIRO DO POVO DE DEUS, RCA VICTOR BBL – 1416, 1967: *O Jumento é nosso irmão*, Luiz Gonzaga – José Clementino.

ÓIA EU AQUI DE NOVO, RCA VICTOR BBL – 1397, 1967: *Contrastes de Várzea Alegre*, José Clementino – Luiz Gonzaga; *Xote dos cabeludos*, José Clementino – Luiz Gonzaga; *Forró de Pedro Chaves*, Luiz Gonzaga; *Viva o Rei*, Zé Gonzaga – Zé Amâncio.

SÃO JOÃO DO ARARIPE, RCA VICTOR BBL – 1419, 1968: *Vitória de Santo Antônio*, Elias Soares – Pilombêta; *De Juazeiro a Crato*, Luiz Gonzaga – Julinho; *Meu Araripe*, João Silva – Luiz Gonzaga.

CANAÃ, RCA VICTOR BBL-1434, 1968: *Canaã*, Humberto Teixeira; *Pobreza por pobreza*, Gonzaga Junior; *Nordeste pra frente*, Luiz Queiroga – Luiz Gonzaga; *Saudades de Helena*, Antônio Barros; *Canto sem protesto*, Luiz Queiroga – Luiz Gonzaga. Contracapa: Texto de Humberto Teixeira.

SERTÃO 70, RCA VICTOR BBL-1522, 1970: *Já vou, mãe*, Dominginhos – Anastácia; *Xote do saio*, Onildo Almeida; *Sertão setenta*, Zé Clementino; *Motivação nordestina*, Cesar

Rousseau – Carlos Cardoso.

O CANTO JOVEM DE LUIZ GONZAGA, RCA VICTOR BBL-1556, 1971: *Bicho, eu vou voltar*, Humberto Teixeira.

SÃO JOÃO QUENTE, RCA CASB 5333, 1971: *Ovo de codorna*, Severino Ramos, 1971; *Coronel Pedro do Norte*, Nelson Valença.

AQUILO BOM!, RCA CAMDEN, 107.0116, 1972: *From United States of Piauí*, Luiz Gonzaga Jr.; *Forró de Zé Buchudo*, Severino Ramos – Helena Gonzaga; *Ana Rosa*, Humberto Teixeira.

LUIZ GONZAGA, ODEON SMOFB - 3756, 1973: *O Fole roncou*, Nelson Valença – Luiz Gonzaga; *Fogo-pagou*, Rivaldo Serrano de Oliveira; *Cidadão de Caruaru*, Jandhuy Finizola – Onildo Almeida; *Baião de São Sebastião*, Humberto Teixeira; *Facilita*, Luiz Ramalho; *Baião de São Sebastião*, Humberto Teixeira. Texto da Contracapa: Luís da Câmara Cascudo.

SAMARICA PARTEIRA, EMI-ODEON - Compacto simples 33 rpm, n° lc-6754, de 1973: *Samarica parteira*, Zédantas.

DAQUELE JEITO..., ODEON-EMI – 7003, 1974: *O Vovô do Baião*, João Silva – Severino Ramos.

CAPIM NOVO, RCA CAMDEN - 107.0240, 1976: *Capim novo*, Luiz Gonzaga – José Clementino; *Carapeba*, Luiz Bandeira – Julinho; *Sanfona sentida*, Dominginhos – Anas-tácia; *Nos Cafundó de Bodocó*, Jurandy da Feira; *Apologia*

ao Jumento (O Jumento é nosso irmão), Luiz Gonzaga – José Clementino

CHÁ CUTUBA, RCA CAMDEN - 107.0265, 1977: *Menestrel do Sol*, Humberto Teixeira; *Chapéu de couro e Gratidão*, Luiz Gonzaga - Aguinaldo Batista; *Forró fungado*, Dominginhos – Anastácia; *São Francisco do Canindé*, Julinho – Luiz Bandeira; *Não é só a Paraíba que tem Zé*, Luiz Gonzaga; *Karolina com K*, Luiz Gonzaga.

DENGO MAIOR, RCA CAMDEN - 107.0290, 1978: *Alegria de pé serra*, Anastácia – Dominginhos; *Engenho Massangana*, Capiba; *Viola de Penedo*, Luiz Bandeira; *Onde o Nordeste garoa*, Onildo Almeida; *Dengo maior*, Humberto Teixeira – Julinho.

EU E MEU PAI, RCA VICTOR - 103.0297, 1979: *Orelia*, Humberto Teixeira; *O Mangangá*, Luiz Ramalho; *Súplica cearense*, Gordurinha – Nelinho; *Acordo às quatro*, Marccondes Costa; *Sou do Banco*, José Clementino – Hildelito Parente; *Rio Brígida*, Gonzaguinha; *Adeus a Januário*, de João Silva - Pedro Maranguape. Texto da Contracapa: Luís Manoel Paes Siqueira.

O HOMEM DA TERRA, RCA VICTOR – 103. 0349, 1980: *O Adeus da Asa Branca (Tributo a Humberto Teixeira)*, Dalton Vogeler; *Cego Aderaldo*, João Silva e P. Maranguape.

LUIZ GONZAGA – COMPACTO SIMPLES ESPECIAL, 10107.35, 1980: *Obrigado, João Paulo*, Pe. Gothardo Lemos – Luiz Gonzaga.

A FESTA – 103. 0404, 1981: *Lampião falou*, Venâncio e Aparício Nascimento; *Depois da derradeira*, Dominginhos – Fausto Nilo; *Ranchinho da paia*, Francisco Elion; *A Ligeira*, Guio de Moraes - Haroldo Barbosa.

ETERNO CANTADOR, RCA - 103.0525, 1982: *Prece por Exu Novo*, Gonzaguinha; *Dança do Capilé*, Rildo Hora - Humberto Teixeira.

70 ANOS DE SANFONA E SIMPATIA, RCA VICTOR -103.0593, 1983: *Projeto Asa Branca*, José Marcolino – Luiz Gonzaga; *A Peleja de Gonzagão x Téo Azevedo*, Téo Azevedo; *Lampião (era besta não)*, Solange Veras – Luiz Gonzaga; *Xengo*, Rildo Hora - Humberto Teixeira; *Forró de Ouricuri*, Luiz Gonzaga – João Silva.

DANADO DE BOM, RCA CAMDEN, 107.0435, 1984: *Danado de bom*, Luiz Gonzaga – João Silva; *Retorno do Rei*, Luiz Gonzaga – Onildo Almeida; *Lula, meu filho*, Luiz Gonzaga – Agnaldo Batista.

SANFONEIRO MACHO, RCA CAMDEN – 107.0463, 1985: *Rodovia Asa Branca*, Luiz Gonzaga – João Silva; *A puxada*, João Silva.

FORRÓ DE CABO A RABO, RCA CAMDEN - 107 0463, 1986: *Boca de caieira*, Zé Marcolino – Zé Mocó; *Engabelando*, Cecéu – Bella Maria; *Eu e meu fole*, Zé Marcolino.

DE FIÁ PAVI, RCA VIK – 109.0159, 1987: *Mariana*, Gonzaguinha – Gonzagão; *Toca Pai*, Luiz Gonzaga – João Silva.

AÍ TEM, RCA-BMG-ARIOLA, 103. 0730, 1988: *Moela e coração*, Cecéu – Zé Mocó; *Dá licença pra mais um*, João Silva – Raymundo Evangelista.

VOU TE MATAR DE CHEIRO, COPACABANA – 603.007, 1989: *Arcoverde meu*, João Silva – Luiz Gonzaga; *Pedaço de Alagoas*, Edu Maia

REVIVENDO MÚSICAS COMÉRCIO DE DISCOS-BMG, LUIZ GONZAGA, SEU CANTO, SUA SANFONA E SEUS AMIGOS, RVCD-252, VOL. 4, *Renascença*, Onildo Almeida – Sem o Ano da Edição.

MUITO (DENTRO DA ESTRELA AZULADA) CBD Phonogram, 1978: *Terra*, Caetano Veloso.

QUEM ME LEVARÁ SOU EU, RCA, 1980: *Quando chega o verão*, Dominginhos.

FONTES DAS IMAGENS

Fig. 1 - MLG-CG - Acervo Discográfico: Museu Fonográfico Luiz Gonzaga, Campina Grande, Paraíba.

Fig. 2 – FONTELES, 2010 - Seção de Iconografia em FONTELES, Bené (Org.). *O Rei e o Baião*. Brasília: Fundação Athos Bulcão; MinC, 2010.

Fig. 3 - FONTELES, 2010 - Seção de Iconografia em FONTELES, Bené (Org.). *O Rei e o Baião*. Brasília: Fundação Athos Bulcão; MinC, 2010.

Fig. 4 - FONTELES, 2010 - Seção de Iconografia em FONTELES, Bené (Org.). *O Rei e o Baião*. Brasília: Fundação Athos Bulcão; MinC, 2010.

Fig. 5 - CAKD - Coleção de Literatura de Cordel A. Kydelmir Dantas, Nova Floresta, Paraíba.

Fig. 6 - FONTELES, 2010 - - Seção de Iconografia em FONTELES, Bené (Org.). *O Rei e o Baião*. Brasília: Fundação Athos Bulcão; MinC, 2010.

Fig. 7 - FONTELES, 2010 - - Seção de Iconografia em FONTELES, Bené (Org.). *O Rei e o Baião*. Brasília: Fundação Athos Bulcão; MinC, 1.ed. 2010.

Fig. 8 - MLG-CG - Acervo Iconográfico: Museu Fonográfico Luiz Gonzaga, Campina Grande, Paraíba.

Fig. 9 - BMVA - Blog: memoriavarzealegrense - Várzea Alegre-CE.

Fig. 10 - FONTELES, 2010 - Seção de Iconografia em FONTELES, Bené (Org.). *O Rei e o Baião*. Brasília: Fundação Athos Bulcão; MinC, 2010.

Fig. 11 - MLG-CG - Acervo Iconográfico: Museu Fonográfico Luiz Gonzaga, Campina Grande-Paraíba.

Fig. 12 - SPHMJ-RJ - Serviço de Pesquisas Históricas do Museu da Justiça - RJ.

Fig. 13 - OLIVEIRA, Gildson de. *Luiz Gonzaga - O matuto*

que conquistou o mundo. Recife: Comunicarte, 1991.

Fig. 14 - MLG-CG - Acervo Bibliográfico: Museu Fonográfico Luiz Gonzaga, Campina Grande-Paraíba.

Sobre o livro

Projeto gráfico e capa	Erick Ferreira Cabral
Correção e normalização	Antônio de Brito Freire
Impressão	Gráfica Universitária da UEPB
Formato	15 x 21 cm
Mancha Gráfica	10 x 15 cm
Tipologia utilizada	Chaparral Pro 11/13 pt
Papel	Pólen 75g/m ² (miolo) e Cartão Supremo 250g/m ² (capa)

O livro “Reino do Baião”, cujo autor é um dos maiores pesquisadores brasileiros no assunto, contém dezenas de artigos temáticos abordando a longa vida artística de Luiz Gonzaga, a sua obra instrumental desconhecida, as suas homenagens aos familiares, principalmente, ao pai Januário, os seus principais parceiros e seguidores, alguns baiões clássicos historiados, a relação conflituosa do artista com a *Jovem Guarda*, a presença dos Estados do Nordeste, dentre outros temas curiosos da obra gonzaguena.



ISBN: 978-85-7879-713-3



9 788578 797133